

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Jade Luiza De Salis da Maia

Assim falou Meta von Salis-Marschlins:
trajetória, propostas e lutas de uma intelectual suíça (1884-1897)

SÃO PAULO
2024

Jade Luiza De Salis da Maia

Assim falou Meta von Salis-Marschlins:
trajetória, propostas e lutas de uma intelectual suíça (1884-1897)

Dissertação apresentada à banca examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em História Social, sob a orientação da
Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

SÃO PAULO
2024

BANCA EXAMINADORA

Àquele que, escolhendo o Brasil, conservou seus laços com a Suíça.
Àquele de quem me restam poucas lembranças, mas grandes saudades: meu Opa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – 88887.662163/2022-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – 88887.662163/2022-00

AGRADECIMENTOS

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e à PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), pelo financiamento e pela possibilidade de realizar a presente pesquisa.

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora Maria Izilda Santos de Matos, por ter aceitado me acompanhar nessa trajetória, compartilhar seu conhecimento e instruir com paciência e compreensão. Uma honra ter sido acolhida por uma profissional tão dedicada à pesquisa.

À banca de qualificação, composta pelas professoras Heloisa de Faria Cruz e Tânia Soares da Silva, que enriqueceram a pesquisa com suas contribuições, além de impulsionarem o trabalho na reta final.

Aos professores que ministraram disciplinas no programa. Agradeço a todos, em especial, às professoras Yvone Dias Avelino pelas discussões em sala, Denise Sant'Anna pelo direcionamento da pesquisa, Heloisa de Faria Cruz pelas provocações e Vera Lúcia Vieira pelas sugestões de escrita; e aos professores Luiz Alberto Schneider e Amílcar Torrão Filho pelas indicações bibliográficas.

Ao NEM PUC-SP (Núcleo de Estudos das Mulheres) pelo espaço de discussões e compartilhamentos, sob coordenação da professora Izilda e da querida doutoranda Marilene Rodrigues Quintino, sempre com ótimas indicações e disposta a responder aos meus questionamentos.

Agradeço aos funcionários do Arquivo e da Biblioteca do Estado de Grisões (Chur, Suíça) pela gentileza e pelos serviços prestados. Também à recepção na Casa-Nietzsche em Sils-Maria (Suíça) e sua biblioteca. Estendo os agradecimentos aos funcionários da Biblioteca da Universidade da Basileia (Suíça), pela recepção atenciosa e pela preocupação ante o limitado tempo de consulta à documentação.

Às bibliotecas da PUC-SP e da FCL-UNESP Assis.

Agradeço profundamente ao meu paciente e dedicado professor de alemão Gerhard Brodt, que auxiliou no esclarecimento da leitura de parte da documentação. Seu acompanhamento foi fundamental. Vielen Dank!

À professora Scarlett Marton pelo incentivo e pelas indicações de leitura, além da relevância de seus estudos sobre Nietzsche e as mulheres para esta pesquisa. Um encontro feliz e inspirador possibilitado pelas constantes viagens a São Paulo.

Aproveito para agradecer diversas contribuições recebidas na participação de outros eventos, principalmente quando apresentei aspectos do trabalho em simpósios temáticos.

À equipe de revisão da editora e-Manuscrito, aos cuidados do Gustavo.

Agradeço a todos os meus colegas da pós-graduação, mestrandos e doutorandos. Um convívio permeado de discussões teórico-metodológicas e do compartilhamento de experiências de vida, seja em sala de aula, seja na mesa do bar. Uma alegria conhecer tantas pesquisas diferentes e pessoas dedicadas. Em especial, àqueles com que mantive mais contato ao longo desses dois anos, como a Renata, por tantas conversas, conselhos e incentivos; e o Breno Freire, que, além de ser um exemplo de disciplina, foi um contato com a biblioteca quando estive longe. Também ao grupo de conversas e dúvidas com Máyra, Luna, Camila, Isis, Leonice, Larissa, Juliana e Nathalya.

Aos queridos Caio Abade Nascimento e Henrique Roberto Figueiredo, parceiros de grupo de estudos e de angústias da vida. Compartilhar esse processo com vocês foi uma alegria. Agradeço pelas inúmeras provocações e contribuições à minha formação como pesquisadora, seja de conteúdo, metodologia ou escrita, foram leitores essenciais do meu trabalho. Assim como a querida Máyra Larissa Anjos, que acompanhou a reta final com uma leitura atenta e questionadora.

Agradeço pela companhia de anos da amada Ekram Nasser Safa Ahmad, que sempre me apoiou nas mais diversas áreas da vida, seja me ouvindo de modo compreensivo falar muito da pesquisa e me acompanhando aos arquivos, seja me buscando na rodoviária de madrugada e cuidando de casa. Muito obrigada por tudo!

A toda a minha família, pelo apoio incondicional. Sempre comigo, Nana e vovó. À Charlotte, Catarina (*in memoriam*), Taís, José e Edson. Aos que contribuíram diretamente, como Angelina, por me hospedar em São Paulo; Larissa e Suzana, pela transcrição e tradução de um documento do francês junto da minha mãe; Gubert, pelo incentivo e ajuda com o Abstract.

Agradecimentos especiais a Andy e Fri, assim como todos os parentes na Suíça, pelo incentivo e toda a ajuda com hospedagem, acesso e aquisição de fontes, além da companhia em passeios pela região. Sempre acolhedores e compreensivos. *Danke vielmals!*

Os agradecimentos dinásticos ao maior incentivador e comentador, André Ulysses, tio e historiador, acompanhado de Carmem, tia e historiadora. Desde as ideias de projeto até a finalização da dissertação, mantiveram-se ao meu lado e deram muito suporte.

Agradeço por tudo na vida aos meus amados pais, Suzana e Abel. Vale mencionar os esforços incansáveis da minha mãe, uma pesquisadora que admiro, para transcrever

documentos manuscritos, e as conversas sobre todos os aspectos do trabalho. Também os cuidados de meu pai para trazer conforto durante períodos de maior estresse.

À Meta von Salis-Marschlins, por se destacar entre tantos homens von Salis, por sua atuação pelo reconhecimento da intelectualidade e da emancipação feminina e por organizar parte de seus arquivos, que possibilitaram o estudo de sua trajetória, propostas e lutas.

“Alles ist miteinander verbunden.”

“Tudo está conectado.”

(Dark – série Netflix, 2017)

RESUMO

SALIS MAIA, Jade Luiza. **Assim falou Meta von Salis-Marschlins**: trajetória, propostas e lutas de uma intelectual suíça (1884-1897). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Esta investigação objetiva rastrear a trajetória, as propostas e as lutas de Meta von Salis-Marschlins (1855-1929). Costuma-se restringir essa intelectual suíça a uma amiga e correspondente de Friedrich Nietzsche, embora esse aspecto se destaque em sua trajetória, encobre o seu protagonismo enquanto intelectual atuante em várias questões, como em relação às mulheres e ao aristocratismo. Ao considerá-la para além de sua amizade com Nietzsche, o presente estudo se propõe a caracterizar essa protagonista enquanto uma intelectual, apresentando aspectos centrais do seu pensamento, ideias que propagou e estratégias empreendidas para atuar em áreas geralmente sob domínio masculino, como a universidade e a imprensa. A dissertação incorpora uma ampla documentação, coletada por meio de pesquisa em arquivos suíços e com certo ineditismo no Brasil, o que possibilita contribuir na articulação dos aspectos centrais de sua obra, bem como na recuperação e análise de sua formação universitária, da fase mais atuante no movimento das mulheres e das redes de sociabilidades de von Salis. Privilegiam-se os escritos do período entre 1884 e 1897, uma delimitação da própria intelectual em seu livro de maior alcance, “Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche”, de 1897. Oriunda de uma família aristocrata e participante da luta pelos direitos civis e políticos das mulheres, atuando na Associação Suíça de Mulheres, Meta von Salis escreveu em diversos periódicos, manifestando seus posicionamentos na Suíça e no exterior. Escreveu poemas, aforismos, contribuições biográficas e um romance, além de se ocupar com traduções e textos. Foi uma pioneira ao reivindicar os direitos femininos e ao estudar na Universidade de Zurique (1883-1887), sendo uma das primeiras mulheres com título de *Philosophiae doctor* (PhD) pela Faculdade de Filosofia e, por isso, considerada a “primeira historiadora do país”. No sentido de contribuir para preencher lacunas historiográficas, este estudo se dedica à obra textual de Meta von Salis, destacando seu pensamento, marcado pelos eixos norteadores “ser mulher” e “ser aristocrata”, e reconhecendo que diversas mulheres intelectuais compartilhavam os mesmos espaços dos considerados “grandes homens”.

Palavras-chave: Meta von Salis; Friedrich Nietzsche; intelectual; aristocrata; movimento das mulheres; Suíça; Associação Suíça de Mulheres.

ABSTRACT

SALIS MAIA, Jade Luiza. **Thus spoke Meta von Salis-Marschlins**: trajectory, proposals und struggles of a Swiss intellectual (1884-1897). Dissertation (History Master's degree) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

The objective of this investigation is to track the trajectory, proposals and struggles of Meta von Salis-Marschlins (1855-1929). Usually this Swiss intellectual is reduced to Nietzsche's friend and correspondent, although it stands out in her trajectory, this aspect covers her protagonism as an active intellectual in various topics such as the ones related to women and the aristocracy. Putting her friendship with Nietzsche behind, this thesis proposes the characterization of this protagonist as an intellectual, showcasing the main aspects of her ideas, ideas that she spread along with strategies used to actuate on Male dominated areas, like colleges and press. This dissertation embodies plenty of documentation, collected through search on Swiss archives, with certain originality on Brazil, it allows the articulation of key aspects of her work as well as the recovery and analysis of her college formation, phase where she was more active on the Women movement and the von Salis' sociability network. Emphasis is given to the writings between 1884 and 1897, period delimited by the intellectual herself in her most famous book, "Philosopher and nobleman: a contribution to characterize Friedrich Nietzsche" from 1897. Born into an aristocratic family and active member on the fight for political and civil rights of women, acting on Swiss Women Association, Meta von Salis wrote several papers, manifesting her stance on Switzerland and abroad. She wrote poems, aphorisms, biographical contributions and a novel, alongside translations and other texts. Was a pioneer when claiming the women rights and by studying on University of Zurich (1883-1887), being one of the first women with a Philosophiae doctor (PhD) title by the University of Philosophy and, by that, being considered the "first female historian in the country". On the context of filling historical gaps, this dissertation focus on the writing work of Meta von Salis, highlighting her ideals, marked by the guiding lights of "being a woman" and "being aristocrat", and recognizing that a lot of women intellectuals shared the same space as the considered "great man".

Key-words: Meta von Salis; Friedrich Nietzsche; intelectual; aristocrat; women movement; Switzerland; Swiss Women Association.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Retrato de Meta von Salis-Marschlins, por Christian Wilhelm Allers, 1899	28
Figura 2 -	Meta von Salis-Marschlins e Hedwig Kym-Feigenwinter, fotografadas em Capri, entre 1904 e 1910	84
Figura 3 -	Hedwig Kym com Meta von Salis. Fotografia tirada em Basel, em 1915 (Universitätsbibliothek Basel)	136
Figura 4 -	Mapa do Estado Livre das Três Ligas (atual Grisões - Suíça)	143
Figura 5 -	Mapa da Antiga Confederação (Suíça) - 1536-1798	144
Figura 6 -	Castelo Marschlins, Igis-Landquart, Grisões (Suíça)	147

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	14
1	META VON SALIS, A ÚLTIMA DOS MARSCHLINS (1855-1929)	27
1.1	Uma contribuição para caracterizar.....	29
1.2	Atuação intelectual feminina na Europa.....	45
1.3	Formação universitária como possibilidade.....	65
2	QUESTÃO DAS MULHERES: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS.....	83
2.1	Elevação intelectual e funções sociais.....	85
2.2	Aspectos da moral: problema em seu tempo.....	101
2.3	Enfrentamentos públicos: direitos e justiça.....	115
3	ARISTOCRATISMO COMO SÍNTESE DO PENSAMENTO.....	135
3.1	Lar suíço: origens familiares.....	137
3.2	Entre Nietzsche e von Salis: a nobreza.....	156
3.3	Uma intelectual da aristocracia.....	173
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
	REFERÊNCIAS.....	191

APRESENTAÇÃO

“Em um dos meus cadernos da época da universidade está a anotação: ‘Zurique, dia 14 de julho de 1884, manhã 08h30 às 10h30, visita de Friedrich Nietzsche’.” No dia anterior, Meta von Salis-Marschlins havia recebido uma carta assinada pelo “Prof. Dr. Nietzsche”, informando que estaria alguns dias na cidade e gostaria de conhecê-la pessoalmente. Assim que recebeu a carta, não sabendo quanto tempo ele permaneceria em Zurique, pegou uma charrete de aluguel rumo ao Hotel Habis, no qual ele estava hospedado. E, em suas palavras, continua o relato: “Da ponte da estação ferroviária eu avistei a senhorita v. Sch. [von Schirnhofen] em conversa com um desconhecido que caminhava em minha direção. Como ela havia passado a primavera com Nietzsche em Nice, eu pude ter certeza, de quem ele era.”

Esse primeiro encontro, realizado em um dia muito quente e que rendeu duas horas de conversa, está descrito na introdução de um dos principais livros de Meta von Salis-Marschlins: “Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche”¹, publicado na Alemanha em 1897. Com uma narrativa pessoal e descritiva, o livro se adequou bem ao mercado editorial em língua alemã, no qual diversas biografias circulavam ao longo do século XIX. Algumas pessoas possuem diversas biografias, escritas em diversos períodos e com projetos biográficos distintos. Esse é o caso de Friedrich Nietzsche (1844-1900). O filósofo, por vezes, foi considerado um “marco” do pensamento ocidental, e os variados estudos sobre sua vida e obra enquadraram sua memória de “grande homem”. Em seu entorno, identificam-se outras personalidades, algumas mulheres, normalmente com um parágrafo descritivo, alguma menção à correspondência trocada, algum encontro ou algum acontecimento. Esse é o caso de Barbara Margaretha “Meta” von Salis-Marschlins (1855-1929), amiga e correspondente do filósofo, além de ser escritora, historiadora e participante do movimento das mulheres na Suíça.

Ao direcionar o olhar a essa personagem, percebe-se uma protagonista que, assim como outras mulheres, tornou-se “coadjuvante” perto de um “grande homem”, tendo sido recuperada por alguns estudos mais recentemente, no contexto de movimentos feministas e mobilizações por Histórias das Mulheres e de Gênero. Participando do cenário “cultural cosmopolita” na Europa entre o final do século XIX e o início do século XX – o mesmo cenário

¹ Tradução do título original em alemão. Salvo indicação em contrário, é de minha responsabilidade a tradução dos textos aqui citados. SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Philosoph und Edelmensch**: Ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. [Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche]. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 5.

de tantos intelectuais considerados ilustres e referências em diversas áreas acadêmicas –, von Salis e seu pensamento, expresso em escritos variados, despertam a curiosidade de conhecer uma perspectiva e uma experiência intelectual feminina desse período.

Barbara Margaretha “Meta” von Salis-Marschlins nasceu no Castelo Marschlins, Igis-Landquart, Suíça, em 1º de março 1855, em uma família da baixa nobreza. O apelido “Meta” parece ter se originado de uma associação ao nome de sua mãe, Ursula Margareta, que era chamada de “Deta”². Foi com o nome de Meta von Salis-Marschlins que assinou seus trabalhos e era conhecida. Recebendo uma formação escolar condizente com sua condição social, ampliou seus conhecimentos ao estudar na Universidade de Zurique entre 1883 e 1887, sendo uma das primeiras mulheres com título de *Philosophiae doctor* (PhD), pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Zurique, Suíça, e por isso considerada a “primeira historiadora do país”. Entretanto, ficou mais conhecida por sua atuação no movimento das mulheres, principalmente pela defesa do direito ao voto, manifestada em 1887. Viveu em outros países da Europa, mas principalmente em seu país de origem, onde faleceu em 15 de março de 1929, na cidade da Basileia.

Oriunda de uma família aristocrata e participante da luta pelos direitos políticos das mulheres, Meta von Salis atuou em diversos periódicos manifestando seus posicionamentos na Suíça e em contribuições mais pontuais no exterior. Em sua terra natal, publicou em jornais de grande circulação, como no *Jornal da Turgóvia* (Frauenfeld, 1798 - atual) e no *Correio de Zurique* (1879-1936)³, e em periódico próprio da Associação Suíça de Mulheres, chamado *A filantropa: Órgão da Associação Suíça de Mulheres*⁴ (1890-1894). Também escreveu diversos poemas, aforismos, contribuições biográficas e um romance em dois volumes, além de se ocupar com traduções e textos historiográficos.

A época de participação mais ativa pela questão das mulheres se encerrou após sua condenação e prisão, em 1895, no processo por crime contra a honra. O processo surgiu como decorrência da publicação, assinada por von Salis, de um manifesto contrário à prisão de duas amigas e integrantes da Associação, que alegava injustiças cometidas e interesses particulares do juiz do caso. O acontecimento teria sido marcante na trajetória de von Salis, assim como a

² MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005.

³ Do original, *Thurgauer Zeitung e Züricher Post*. Turgóvia e Zurique são cantões da Suíça.

⁴ *A filantropa: Órgão da Associação Suíça de Mulheres* (1890-1894), do original *Die Philanthropin: Organ des Schweizer-Frauenverbandes*, foi um periódico mensal da Associação Suíça de Mulheres, com Comitê de Redação em Zurique. O número-teste foi lançado em junho de 1890 e as colaboradoras eram voluntárias. ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008. Disponível em: https://ub.unibas.ch/digi/a100/kataloge/nachlassverzeichnisse/IBB_5_000068886_cat_2.pdf.

influência do pensamento de Nietzsche sobre uma sociedade aristocrática, o que a afastou ainda mais da democracia e a envolveu com teorias racialistas.⁵

No Brasil, não há tradução de seus escritos. No entanto, há uma apresentação sobre sua vida, em decorrência da sua relação com Friedrich Nietzsche, em alguns trabalhos, como no livro “Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos”, de Scarlett Marton⁶, em que a autora defende que as mulheres ocupavam um lugar central no pensamento nietzschiano, apesar de o filósofo atribuir imagens bem tradicionais às mulheres: de esposa e de mãe. Conquistando um maior espaço no texto, von Salis aparece na obra “Friedrich Nietzsche: uma biografia, volume II: os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888)”, de Curt Paul Janz⁷, traduzida e publicada no Brasil em 2016, porém as menções ao seu trabalho escrito se limitam ao livro sobre Nietzsche. Outras menções em trabalhos nacionais ocorrem em casos como o do artigo⁸ que discute a percepção de Nietzsche sobre as mulheres por meio da crítica de Richard Wagner; e o estudo⁹ que, a partir da correspondência de Nietzsche em 1888, investiga como foi a publicação de livros com o conceito de “transvaloração”. A preocupação nesses trabalhos é a filosofia nietzschiana, de modo que, atualmente, não há estudos que se concentrem na trajetória de Meta von Salis-Marschlins ou em sua obra enquanto intelectual.

Estudar von Salis não se reduz à amizade que manteve com Friedrich Nietzsche, pois cada novo olhar aos documentos revela uma personagem complexa em sua origem familiar, sua atuação política e seus posicionamentos diante dos temas centrais do seu período. Esta investigação busca contribuir para compreender a atuação das mulheres na história ocidental, particularmente no trabalho intelectual e na discussão política, ampliando o referencial de pensadoras desse período. Também procura refletir sobre uma história dos feminismos, tema que carece de pesquisas, e dinamizar “as conexões entre história passada e prática atual, contribuindo para difundir que as construções/relações de gênero não são inertes, mas mutáveis e reconstruíveis”¹⁰.

⁵ ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. **Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde**, v. 101, 2001.

⁶ MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

⁷ JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia, volume II: os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

⁸ BARROS, Fernando R. de Moraes. A wagneriana. **Cadernos Nietzsche**, v. 38, n. 1, p.26-57, 2017.

⁹ RUBIRA, Luís. A tarefa da transvaloração: esclarecimentos a partir da correspondência de Nietzsche em 1888. **Discurso**, v. 48, n. 2, p. 135-154, 2018.

¹⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013.

Meta von Salis-Marschlins utiliza uma escrita subjetiva para construir um livro permeado de memórias, e peço permissão ao leitor para me inspirar e apresentar uma breve trajetória da pesquisa de modo similar, apesar de escrever em outro formato. Escolher um tema de pesquisa não é arbitrário nem provém de uma objetividade extrema do historiador. Originar-se em suas inquietações pessoais, nas perguntas que quer responder para si e compartilhar com os outros, compartilhar esse que está repleto de sentidos políticos. Num presente atravessado pelas discussões sobre as mulheres na história e por um esforço em recuperar as mais variadas experiências femininas no tempo, identifiquei essa personagem sempre em relação a um “grande homem” da intelectualidade, sendo que ela própria atuou nessa mesma intelectualidade. Contudo, esse encontro não ocorre apenas por meio de leituras, mas de uma proximidade familiar. Pode-se dizer que o objeto da minha pesquisa compõe uma “história dos meus”¹¹, longínqua temporalmente, pois se trata de um sujeito histórico entre os séculos XIX e XX, e geograficamente, já que sou a segunda geração nascida no Brasil.

Nosso parentesco não é direto, pois ela era parte da ramificação Salis-Marschlins, considerada extinta, e eu faço parte da linha Salis-Seewis-Malans. O nome de família é von Salis, cuja preposição “von”¹² revela o caráter aristocrático, nesse caso, da baixa nobreza (ostentavam, especialmente, títulos militares ou de barões/baronesas e condes/condessas). A segunda parte do nome na ramificação refere-se ao local de origem do ramo. As duas linhagens separaram-se do tronco comum ainda no século XV, porém, devido à prática comum de casamentos entre primos, nossas linhas se cruzaram de modo consideravelmente próximo entre os séculos XVIII e XIX. Nosso ancestral “mais recente” em comum seria Johann Ulrich von Salis-Seewis (1740-1815), casado com Jakobea v. Salis (1741-1791) (de outra ramificação ainda). Sua filha Anna Paula (1773-1840) casou-se com Carl Ulysses von Salis-Marschlins (1760-1818) e se tornaram os avós de Meta. O irmão de Anna Paula, Gubert Abr. D. (1767-1840) era meu sexto avô. Portanto, Meta von Salis seria minha “prima de oitavo grau”.

¹¹ Em consonância com Ivan Jablonka ao propor um “eu” legítimo no interior da pesquisa como “garantia da pesquisa mais objetiva” e a fim de “iluminar a coerência da investigação”, atribuindo uma historicidade à narrativa e ao historiador. Uma de suas obras, “A história dos avós que eu não tive”, insere-se em “história dos seus”. JABLONKA, Ivan. Quando o historiador é pai e filho. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p.532-552, maio/ago. 2020.

¹² Meu avô, Andreas Johann Dietegen von Salis – carinhosamente tratado por “Opa” pelos netos –, emigrou da Suíça para o Brasil em 1956, com 25 anos de idade. Veio para administrar uma propriedade rural da família Wirth. Conheceu minha avó (Nana) Maria Aparecida Collis e se casaram em 1963. Na ocasião do casamento, ele resolveu aportuguesar a preposição “von” para “De” (com maiúscula mesmo). Utilizou o De no registro dos filhos e na posterior naturalização dele mesmo. A motivação para a mudança partiu do incômodo que ele sentia ao ouvir sempre “vom” e não “fom”, o V tem som de F no alemão. A família von Salis tornou-se, no Brasil, De Salis devido à sonoridade de uma letra.

Com diversos nomes masculinos de destaque pendurados em sua árvore genealógica, sob títulos nobiliárquicos e militares, a herança recebida estava além das propriedades materiais, referia-se à posição distinta – entendida como “superior” – da família, que validava a atuação política no cantão suíço¹³ de Grisões. Entretanto, sendo uma mulher criada nessa tradição, toda a sua educação era voltada ao espaço doméstico e à posição convencionalmente atribuída às mulheres como esposas e mães, porém Meta von Salis-Marschlins não achava essa posição digna dela. Seguiu longe de se encaixar ao esperado pela família, trilhou rumo a uma carreira do “espírito” em que falasse com a sociedade. Em seu livro, escreveu:

Ambos os gêneros conhecem os interesses espirituais apenas separados, ou em uma composição excepcionalmente favorável no círculo familiar; na sociedade eles se calam. Então eu cresci em oposição ao homem. Onde quer que eu estivesse, na segunda pensão, em casa, na sociedade, no meu primeiro círculo de atividade no exterior, em todos os lugares, eu estive em luta contra o homem e tentei despertar nas mulheres o sentimento pelos seus direitos individuais.¹⁴

Dos direitos individuais das mulheres, os “interesses espirituais” calados na sociedade. A caracterização dos interesses como espirituais (*geistige*) provém do conceito em língua alemã *Geist*, traduzido inicialmente como “espírito”, não se limita ao entendimento de algo metafísico, abrange a consciência pensante do ser humano, a capacidade de entendimento, o intelecto.¹⁵ Apesar de a invocação remeter ao religioso – por ter esse significado como primário –, a definição mais adequada, dentro desse contexto, seria em relação aos poderes individuais de pensar e de compreender, às faculdades intelectuais e ao modo como são utilizadas. O termo pode se referir à pessoa como um todo ou assumir um sentido de oposição ao corpo, à carne, remetendo mais à mente ou à alma em contextos variados.¹⁶ Neste estudo, assume-se o entendimento do “espiritual” enquanto “intelectual”, ainda que alinhado à “moral”, inclusive optando por essa tradução, mas compreendendo a polissemia do termo e o

¹³ Atualmente, a Suíça é constituída por 26 cantões. O processo se iniciou com a Confederação Helvética em 1291, com os cantões Uri, Schwyz e Unterwalden, e finalizou em 1979 com a adesão do cantão Jura.

¹⁴ Traduzido pela autora do original: “Geistige Interessen kennen die beiden Geschlechter nur getrennt, oder im ausnahmsweise günstig zusammengesetzten Familienkreis; in der Gesellschaft schweigen sie. So bin ich denn recht eigentlich in der Opposition gegen den Mann gross geworden. Wo ich mich je und je befand, in der zweiten Pension, zu Hause, in Gesellschaft, in meinem ersten Wirkungskreis in der Fremde, überall stand ich im Kampfe gegen den Mann und versuchte, bei den Frauen das Gefühl für ihre individuelle Berechtigung zu wecken.” SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Philosoph und Edelmensch**: Ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. [Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche]. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 19.

¹⁵ DUDEN. **Geist**, der. s/d. Disponível em: https://www.duden.de/rechtschreibung/Geist_Verstand.

¹⁶ WÖRTERBUCH. Grammatisch-Kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart (Ausgabe letzter Hand, Leipzig 1793–1801), digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities. Geist. Version 01/23. Disponível em: <https://www.woerterbuchnetz.de/Adelung?lemid=G00948>.

significado enquanto conceito para o século XIX. Ainda pode significar atitude ou postura, como em *Zeitgeist* – espírito da época.¹⁷

O presente estudo se concentra em caracterizar Meta von Salis-Marschlins enquanto uma intelectual, apresentando aspectos centrais do seu pensamento e de suas estratégias para se inserir no debate público, ou seja, de que modo conseguiu atuar em áreas geralmente sob domínio masculino, como a universidade e a imprensa, e quais ideias propagou nesses espaços. A pesquisa tem como objeto de análise a formação, a atuação e as redes de sociabilidades de von Salis, sendo necessário analisar a construção identitária da autora, pois diversos textos apresentam teor autobiográfico. Embora o alcance da maioria de seus escritos não seja expressivo, von Salis teve sua memória recuperada e enquadrada como historiadora e defensora dos direitos das mulheres em suas representações mais recentes. Além de ter atuado publicamente por meio de escritos originais e traduções, também defendeu ideias ao financiar publicações de outros autores (Nietzsche e Gobineau) e de espaços de memória, como o Arquivo Nietzsche em Weimar, Alemanha.

A partir de seus escritos, pode-se investigar quais eram seus posicionamentos sobre questões referentes às mulheres e à aristocracia/nobreza¹⁸, bem como analisar as tensões entre essas posições e outros temas centrais do período. A escrita, ou melhor, a inserção em uma “cultura letrada” não assume papel fundamental apenas ao se estudar von Salis, principalmente, ao se considerar que, a partir de meados do século XIX, as mulheres se inseriram no universo dos periódicos, tanto com jornais e revistas por e para mulheres como em algumas contribuições para jornais de grande circulação.¹⁹ A industrialização, a urbanização e as transformações nos transportes e nos meios de comunicação impactaram a sociedade e alteraram a esfera pública. Com a liberdade de associação e de imprensa, circulavam variados pensamentos e espectros políticos, econômicos, culturais, sociais e religiosos no espaço público. Entre esses grupos, estavam as mulheres.

No caso europeu, houve uma criação paralela entre associações e jornais, como na própria Suíça, cujo marco para o “nascimento da imprensa feminista” é o periódico *A Educadora* (1845-1849).²⁰ Embora as ideias por direitos das mulheres tenham demorado a ter

¹⁷ DUDEN. **Geist, der.** s/d. Disponível em: https://www.duden.de/rechtschreibung/Geist_Verstand.

¹⁸ Os termos são oriundos dos escritos de Meta von Salis-Marschlins, em que aparecem com sentidos similares, sendo compreendidos como sinônimos.

¹⁹ COSTA, Isadora de M. E.; REIS, Laura J. de M. Arquivos de imprensa: possibilidades e desafios para o estudo de jornais da segunda metade do século XIX, seus novos públicos, interesses e a figura da mulher leitora e escritora. **História e Cultura**, v. 11, n.1, p. 247-268, jul. 2022.

²⁰ KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993.

impacto na imprensa oficial, circulavam em espaços públicos mais restritos, permitindo que se caracterize von Salis enquanto uma intelectual por essa atuação pública, pois assume-se que: “A definição de intelectual, independente da atividade profissional, ou da natureza reflexiva do seu trabalho, está condicionada pela intervenção desses produtos ou elaborações reflexivas nos assuntos públicos.” Os intelectuais lutam no presente, criticando ou legitimando a ordem vigente, com base na experiência passada e por um futuro projetado.²¹

A definição de intelectual pode ser entendida ao mesmo tempo como ampla e restritiva. Ampla por causa da “heterogeneidade de opiniões, de posicionamento políticos, de atividades profissionais e de comportamentos diante dos problemas e temas da sociedade”; e restritiva por se tratar de uma pequena parcela da população. Por isso, o cerne da categoria estaria no posicionamento ante os debates públicos, no uso das “habilidades de discutir, argumentar, projetar o futuro a serviço de combates políticos” e no reconhecimento como “detentores do poder ideológico”.

O presente estudo se insere na abordagem “história dos intelectuais”, que se baseia nas noções de itinerário, geração e sociabilidade²². Em poucas palavras, o itinerário se refere à trajetória do intelectual, pensando em seu engajamento político; a geração pressupõe transmissão cultural e efeitos da idade que podem ser determinantes para o funcionamento do meio intelectual; por fim, as redes de sociabilidade, cujas estruturas elementares, de adesão ou de exclusão, podem ser percebidas em “microclimas” como as revistas: amizades, fidelidades e influências contra posições, debates e cisões²³. Considera-se também a discussão sobre intelectuais de Antonio Gramsci, na qual há o questionamento sobre se “os intelectuais constituem um grupo social autônomo e independente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais”²⁴.

As relações de sociabilidade e afetividade se fazem ainda mais presentes no trabalho quando se entende a importância delas na concepção de “identidade” para von Salis. Reconhece-se que em períodos anteriores, como o século XVIII, “quem uma pessoa é claramente refere a uma rede de relações sociais que coloca o indivíduo em questão com

²¹ WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**. v. 19, p. 63-79, 1º sem. 2015.

²² Representada pelos franceses Christophe Charle e Jean François Sirinelli, de acordo com: *Ibidem*. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

²³ *Ibidem*, p. 249.

²⁴ GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 6.

respeito à família, conexões e posição social”²⁵, o que ainda se mantinha no século XIX – apesar de já compartilhar espaço com outras noções de identidade. Esse aspecto tem se mostrado essencial para estudar a aristocracia, uma vez que se entendia como “uma espécie de família estendida”, ligada por “laços de educação, de cultura e, em muitos casos, de sangue”²⁶.

Tendo como origem investigativa o livro “Filósofo e nobre” (1897), o recorte temporal deste estudo foi definido com base nele: de 1884 até 1897. O livro, apesar de indicar acontecimentos anteriores que possibilitaram esse encontro, tem como “marco” o primeiro encontro de Meta von Salis e Friedrich Nietzsche, em 1884, e sua narrativa se estende até o ano de sua publicação, 1897. Embora o recorte pareça delimitado pela relação estabelecida com Nietzsche, permaneço na estratégia da própria von Salis ao contar aspectos de sua vida a partir dele, justamente por perceber esse período como de grande atuação pública dela enquanto intelectual.

O evento de conhecer Nietzsche é apresentado como um marco para von Salis. Pouco tempo antes, ela havia ingressado na Universidade de Zurique, ou seja, o período abrange sua formação universitária. Também abarca sua participação na Associação Suíça de Mulheres, em especial, publicando nos periódicos vinculados: *Comunicação da Associação Suíça de Mulheres: Suplemento mensal grátis “Jornal Suíço da Mulher”*²⁷, em 1889, e *A filantropa: Órgão da Associação Suíça de Mulheres*, entre 1890 e 1894. No ano de 1893, a publicação da brochura “O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida”²⁸ marcou a atuação pública de von Salis, por se tratar de um manifesto contrário ao juiz que acusou a Dr. Caroline Farner, a senhorita Anna Pfrunder e a senhora Pfrunder de apropriação e uso indevido da herança do patriarca da família Pfrunder. O caso rendeu ainda comentários em *A filantropa*: “Para o processo Farner-Pfrunder” em julho de 1893, e em setembro, uma edição especial com o texto “A moral da história”²⁹. Aliás, a autora também

²⁵ HANDLER, Richard. Is “identity” a useful cross-cultural concept? In: GILLIS, John R. (org.). **Commemorations**. The politics of national identity. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994, p. 35.

²⁶ FROMKIN, David. **O último verão europeu**: quem começou a grande guerra em 1914? Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 58.

²⁷ *Comunicação da Associação Suíça de Mulheres: Suplemento mensal grátis “Jornal Suíço da Mulher”* (1888-1889), do original *Mittheilungen des Schweizer Frauenverbandes: Monatliche Gratisbeilage zur “Schweizer Frauenzeitung”*, tinha como mote “Uma por Todas, Todas por Uma” e era publicado no terceiro domingo de cada mês. NL61 MVI. ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008. Disponível em: https://ub.unibas.ch/digi/a100/kataloge/nachlassverzeichnisse/IBB_5_000068886_cat_2.pdf.

²⁸ SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostschweiz, 1893, 204p.

²⁹ SALIS-MARSCHLINS, Meta v. Die Moral der Geschichte [A moral da história]. **Festnummer der Philantropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation im Namen des Schweizer-Frauenverbandes**

criticou a abordagem dos jornais sobre o caso. Entretanto, pode-se estabelecer como um marco temporal na trajetória de von Salis uma consequência desses escritos: sua condenação e prisão em um processo por crime contra a honra no ano de 1895. Outro escrito de teor autobiográfico se mostra fundamental para a análise: “Para compreensão: uma tentativa”³⁰, publicado em Munique, em 1894, que tem como centro a explicação de como von Salis foi tratada pela imprensa e pela justiça durante o processo, envolvendo a questão de ser aristocrata e mulher. Após sua prisão, decidiu se expatriar da Suíça e viver em Capri.

Dessa época em diante, aparentemente, houve um afastamento de uma constância na cena pública³¹, observando-se as publicações e o intervalo entre elas, além de alguns livros terem sido publicação própria, não vinculados a uma editora. Von Salis desistiu de escrever o terceiro volume da sua trilogia de romance³², tendo se dedicado a escrever poesias, traduções e contribuições biográficas, como a do filósofo em 1897, sendo que logo depois se afastou da família Nietzsche. O ano de 1895 também foi marcado pela decisão de vender o Castelo Marschlins, após a morte de sua mãe. A venda foi finalizada em 1904, quando se mudou definitivamente para Capri, permanecendo até 1910, quando retornou à Suíça para morar em Basel com sua amiga de longa data Hedwig Kym-Feigenwinter.

A Suíça, cuja configuração mais próxima de hoje se estabeleceu com a consolidação do Estado federativo no começo do século XIX, por volta de 1815, corresponde ao espaço central do relacionamento com Nietzsche e da vida de von Salis. Porém, devem-se considerar as relações com a Europa, em especial, o Reino Unido, a Alemanha, a Itália e a França. Justamente por perceber um caráter além das fronteiras nacionais, tanto para circulação dos intelectuais como para a difusão de suas ideias escritas, opta-se por pensar em uma “cultura europeia”, associada ao mundo das artes e à cultura letrada. A “cultura europeia”³³ é “uma síntese internacional de formas, ideias e estilos artísticos” e se origina da visão da Europa “como espaço de transferências, traduções e trocas culturais por cima das fronteiras

Fraternité [Edição especial de A filantropa para comemorar a absolvição e reabilitação em nome da Associação Suíça de Mulheres]. 2. ed. Zurique, 1893.

³⁰ SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Zur Verständigung: ein Versuch** [Para compreensão: uma tentativa]. Munique: Rischmöller & Mehn, 1894, 27p.

³¹ Uma constância em publicações da autora no espaço público parece ter sido retomada nos anos da Primeira Guerra Mundial e se manteve na década de 1920, cujos textos abordam principalmente uma história familiar. Também não há registros de publicações em periódicos ou palestras no catálogo: ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008. Disponível em: https://ub.unibas.ch/digi/a100/kataloge/nachlassverzeichnisse/IBB_5_000068886_cat_2.pdf.

³² MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung**. Basileia: Schwabe AG, 2005.

³³ Essa noção de “cultura europeia cosmopolita” no século XIX foi estudada por Orlando Figes e concepções semelhantes estão nos trabalhos de Carl E. Schorske, Peter Gay e Christophe Charle.

nacionais”³⁴, devido às “grandes transformações tecnológicas e econômicas do século XIX”. Pensar para além das fronteiras nacionais decorre da própria trajetória de vida de von Salis, que morou em diferentes países e viajava constantemente, porém noções como de cultura letrada e associativismo feminino pressupõem um esforço internacional, possibilitando análises por uma perspectiva transnacional³⁵.

O afastamento da cena pública acompanhou certo encerramento na participação ativa pelo movimento das mulheres, inclusive com uma mudança no seu pensamento. Se lutou pelos direitos políticos da mulher, pela sua igualdade em um estado democrático, em “Filósofo e nobre” considera essa uma questão “efêmera” perto do “novo dogma” direcionado aos nobres. “A rejeição à democracia, influenciada por Nietzsche juntamente da experiência com a justiça suíça, afetou seu posicionamento em relação ao movimento das mulheres” e “o pensamento antidemocrático de elite desaguou em um estilo de vida para von Salis”³⁶. No livro sobre o filósofo, a autora construiu uma crítica à sua época com termos como “degeneração”, referindo-se à “grande lama da democratização” que estava ocorrendo na Suíça.

A democracia na Suíça se expandiu a partir de 1848, com o sufrágio universal masculino, e encerrou um período de séculos de dominação e influência por algumas famílias, como os von Salis. Nas décadas de 1860 e 70, houve um processo de democratização, caracterizado pela centralização de poderes sob a Constituição federal, o que afastava os cantões de sua autonomia quase plena. Portanto, cabe redirecionar a atenção para perceber os elementos de resistência a essa democratização, pois Meta von Salis participou de redes de sociabilidade de intelectuais influentes de fins do século XIX.

A intelectual suíça não precisa necessariamente vencer o “silêncio dos arquivos”³⁷. Ela pode se apresentar com textos publicados em vida, alguns póstumos, além de ter suas correspondências guardadas e um acervo pessoal preservado por se tratar de uma personagem pública e relevante em seu período, tanto por sua origem familiar aristocrática como pelo acesso às universidades e pela atuação em periódicos. Os dois armazenadores principais de suas memórias correspondem ao Arquivo do Estado de Grisões e à Biblioteca da Universidade da Basileia. O primeiro se refere ao acervo da família von Salis, e o segundo, ao seu arquivo pessoal. A documentação inclui materiais diversos, boletins, histórico e diploma universitário,

³⁴ FIGES, Orlando. **Os europeus: o século XIX e o surgimento de uma cultura cosmopolita**. Rio de Janeiro: Record, 2022, p. 30.

³⁵ ALLEN, Ann Taylor; COVA, Anne. Introduction: transnational women’s activism. **Women’s History Review**, v. 32, n. 2, p. 165-171, 2023.

³⁶ ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. **Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde**, v. 101, 2001, p. 246.

³⁷ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, 1989, p. 9-18.

documentos jurídicos de processos, recibos, fotografias, artigos de jornais, diários e correspondências, como as recebidas por Friedrich Nietzsche entre 1884 e 1888. Suas publicações perpassam por uma variedade de estilos, há poemas, romances, artigos, textos historiográficos, (auto)biográficos e traduções. Seus livros estão em bibliotecas de diversos países, inclusive alguns digitalizados com acesso livre.

Para a análise, utilizo um conjunto documental diversificado, do qual diversas fontes entram no escopo do “fazer autobiográfico”. Distante da história, a autobiografia, no sentido moderno, estava mais próxima da arte literária no século XIX. Nas últimas décadas, surgiram novas noções para auxiliar as análises sobre (auto)biografias, como “pacto autobiográfico”³⁸ e “espaço biográfico”³⁹. Considerando a autobiografia como um gênero, também pode-se denominá-la de “escritas do eu”, pois essa literatura íntima pode se apresentar em formas diversas.⁴⁰ Pensando em uma característica mais constante nessa diversidade, a intenção principal seria a reordenação, ou autocriação, da vida interna pelo sujeito.

Escrita de si, escrita autobiográfica, escrita autorreferencial, literatura confessional, histórias de vida e narrativas de vida são expressões que representam um gênero de escritura onde o autor fala de si. [...] esta escrita integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental e tal denominação “pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos”.⁴¹

A abrangência da noção do “fazer autobiográfico” atualmente remete a outras “formas de autonarrativas, que, pela seleção, descrição e análise das particularidades do indivíduo, se insere no amplo leque de documentos autobiográficos, assim como os diários, as cartas, as memórias, os testemunhos, os egodocumentos e, é óbvio, as autobiografias”⁴², ou seja, “a presença materializada do ‘eu’ do autor no texto”⁴³. Esse é o caso do livro já mencionado, uma autobiografia construída em relação a outro personagem, assim, a pesquisa visa também perceber como a autora constrói sua vida a partir da narração de outra vida, a de Friedrich Nietzsche, e da apresentação de ideias do filósofo.

³⁸ LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

³⁹ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

⁴⁰ HERVOT, Brigitte M. Georges Gusdorf e a autobiografia. **Lettres Françaises**, p. 95-110. 2013.

⁴¹ MEEGEN, Manoella de V. van. **A escrita de si no pacto epistolar**: percurso pelas cartas de Clarice Lispector. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia e Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

⁴² SILVA, Wilton C. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. **MÉTIS: história & cultura**, v. 15, n. 30, p. 44-67, 2016.

⁴³ BRITTO, Augusto C.; CORRADI, Analaura. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 32, n. 2, p. 98-129, 2018.

Diante de um arquivo variado como o de Meta von Salis, cabe ao pesquisador atentar à questão central do estudo para delimitar as fontes, a fim de propor um trabalho executável e ao mesmo tempo complexo. É preciso considerar o tempo de leitura e de análise adequada dos documentos, reforçando os cuidados com termos da época e conceitos, inclusive pela necessidade de tradução entre idiomas. Além de ter fontes que permitam a análise do tema e dos sujeitos históricos de modo complexificado, pois se objetiva uma investigação de aspectos múltiplos, que relacione micro e macro-história, ao romper com a retórica da fonte, expandir a discussão, relacionar com o contexto e compreender sua historicidade. A própria abordagem em “história dos intelectuais”, conforme exposto por Sirinelli, pressupõe “a amplitude e a diversidade das fontes”⁴⁴.

Por se tratar de uma pesquisa com ênfase nos “interesses espirituais”, ou seja, intelectuais, de von Salis e como ela defendeu esse aspecto para si e para outras mulheres, privilegiam-se seus escritos que abarcam essa temática. O corpo documental engloba os livros anteriormente mencionados: “Filósofo e nobre” (1897) por ser o de maior alcance e fundamental pelo teor autobiográfico; “O processo Farner-Pfrunder” (1893) e “Para compreensão (1894), por marcarem a atuação pública diante do judiciário e da imprensa; os artigos da seção “Costumes e Moral” de *A filantropa* intitulados “Sobre um problema do nosso tempo” (1891), “Disciplina e Independência” (1892) e “Uma perspectiva” (1892), por descreverem ideias sobre a questão das mulheres; assim como artigos veiculados em diversos periódicos entre 1884 e 1894, em especial, “Sob novas bandeiras. As mulheres estudantes” (1884), no *Jornal de Turgóvia*, que corresponde a uma série sobre as estudantes na universidade de Zurique; e “A posição da mulher na Europa/Suíça” (1887), publicado em inglês na revista *Pós-Graduação e Wooster trimestral*, por traçar um panorama da época sob a óptica de von Salis. Essa seleção possibilita uma visão ampla de como Meta von Salis construiu uma crítica à cultura de seu entorno, integrando os âmbitos sociais, econômicos e políticos.⁴⁵

Apesar de os temas estarem em contato direto e entrecruzados por todo o trabalho, faz-se necessária uma divisão em capítulos para organizar e sintetizar as ideias. Portanto, o primeiro capítulo, “**Meta von Salis-Marschlins, a última dos Marschlins (1855-1929)**”, traz no item “Uma contribuição para caracterizar”, a partir de suas representações atuais, uma

⁴⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 245.

⁴⁵ Artigos como “Heréticos, pensamentos de Ano Novo de uma mulher” (1887), no *Correio de Zurique*, “Sufrágio feminino e a eleição da mulher”, texto referente à palestra ministrada em 1894 em Berna, Chur e Zurique, e “O futuro do casamento” (1896), na *Imprensa Livre Suíça: órgão livremente democrático*, foram deixados de fora dessa seleção, mas se destacam pelo alcance.

apresentação desse sujeito histórico pouco conhecido no Brasil, mediante seus aspectos de maior destaque e um determinado enquadramento de sua memória. O item seguinte, “Atuação intelectual feminina na Europa”, pretende discutir as possibilidades de atuação feminina na intelectualidade do período, a fim de evidenciar von Salis enquanto preceptora, escritora, historiadora, tradutora e ativista pelos direitos políticos das mulheres. Em “Formação universitária como possibilidade”, discute-se a ampliação de acesso ao conhecimento e o ingresso das mulheres às universidades na segunda metade do século XIX a partir da experiência formativa de von Salis.

O segundo capítulo, “Questão das mulheres: trajetória e perspectivas”, concentra-se nos escritos da autora, expressos em prosa, cujo elemento central é a questão das mulheres. Em “Elevação intelectual e funções sociais”, analisa-se a defesa, por von Salis, do aprimoramento intelectual, de novos cargos de trabalho e a relação com as funções sociais tradicionalmente atribuídas às mulheres. O item “Aspectos da moral: problema em seu tempo” se origina dos artigos que traçam um perfil de mulher com caráter nobre, baseado na simplicidade, na disciplina e na independência. Já em “Enfrentamentos públicos: direitos e justiça” a pesquisa se concentra no caso Farner-Pfrunder-Salis: os processos envolvidos, os comentários na imprensa e o posicionamento de von Salis perante a justiça sobre os direitos sociais e políticos femininos.

Por fim, o terceiro capítulo, **“Aristocratismo como síntese do pensamento”**, tem como central a crítica social delineada por von Salis em textos sobre a questão das mulheres, mas sintetizada na obra sobre Nietzsche. Inicia-se por “Lar suíço: origens familiares”, em que se expõe brevemente a história da Suíça em relação à história familiar dos von Salis. Em seguida, a ênfase recai sobre a amizade entre o filósofo e a historiadora, no item “Entre Nietzsche e von Salis: a nobreza”, a partir da descrição do livro e da definição de nobre, bem como a caracterização dos dois nessa categoria. O capítulo finaliza em “Uma intelectual da aristocracia”, ao apontar como o aristocratismo se inseriu como crítica social no período para além desses intelectuais, quando se recupera a “teoria das elites” e se busca mapear uma rede de intelectuais.

1 META VON SALIS, A ÚLTIMA DOS MARSCHLINS (1855-1929)

Nada é mais difícil para uma criança de um novo tempo, que defensor de um novo ideal, do que aceitar as próprias obrigações para com a velha ordem das coisas e condições existentes.
(Meta von Salis-Marschlins, 1884)⁴⁶

A última aristocrata da linhagem Marschlins, Meta von Salis, conquistou um espaço na memória enquanto “pioneira” do movimento das mulheres na Suíça. A noção em torno desse pioneirismo apareceu em seus textos desde, pelo menos, 1884 e indica uma tensão com as funções sociais tradicionalmente atribuídas às mulheres, que assumiam um aspecto de obrigatoriedade. Meta von Salis buscou romper com algumas obrigações em sua vida pessoal, não se dedicou ao espaço doméstico de casamento e filhos, mas sim à “elevação intelectual e moral”, o que se tornou uma causa reivindicada a outras mulheres em espaços públicos.

Com o objetivo de caracterizar Meta von Salis-Marschlins a partir de suas representações mais atuais – e em materiais disponíveis em língua portuguesa –, a fim de apresentá-la enquanto sujeito histórico pouco conhecido no Brasil e uma protagonista, identificando aspectos de sua trajetória mais divulgados e verificando a quais enquadramentos de memória pertencem, destacam-se alguns elementos da seleção e organização de seu arquivo pessoal e das principais referências sobre sua vida e obra. Em seguida, para verificar as possibilidades de atuação feminina na intelectualidade, apresenta-se um panorama das ocupações e dos espaços percorridos por von Salis, como escritora, ativista, tradutora e historiadora. Apresentam-se aspectos de sua trajetória, em especial, sua formação educacional e algumas relações com as ideias que defendeu.

Ao longo do século XIX, a atuação de mulheres e de movimentos sociais possibilitou a abertura de espaços aos públicos femininos, como na imprensa, nas associações e nas universidades. A possibilidade de uma formação superior alinhou-se com questionamentos da feminilidade, da sexualidade e das relações dessas mulheres “pioneiras” com suas famílias e a sociedade em que estavam inseridas, como descrito por von Salis em artigos.

⁴⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 174.

Figura 1 – Retrato de Meta von Salis-Marschlins, por Christian Wilhelm Allers, 1899.



Acervo Rätisches Museum, Chur, Suíça.

1.1 Uma contribuição para caracterizar

*Da torre vale a vista com um rico espetáculo
Muito além sobre o vale esbranquiçado
Que se aconchega com as montanhas ao redor
Com encanto rico verde, quente vale
do pulso apenas sobressalta.
Quão linda a vista, quão pontiagudas são as árvores e os arbustos
que elevam o contorno, quão pacífico e quieto
aqui o moinho, ali o grupo de casas
encostado no mato, toca em mim um arrepio,
uma velha dor.*
(Meta von Salis-Marschlins, 1884)⁴⁷

O vale, observado pelas montanhas ao seu redor e imerso na natureza de lagos e rios, corresponde ao célebre cenário desse país no “coração do velho continente”: a Suíça. A paisagem descrita pela autora em seus poemas da seção “Terra Natal” (“*Heimat*”) do livro “*Aristokratika II*” (1919) pode ser observada hoje pelos passageiros do trem Allegra 3101 da Ferrovia Rética (*Rhätische Bahn*). O trem de propulsão própria é composto por cinco vagões e foi nomeado como Meta von Salis-Marschlins⁴⁸, assim como os outros 20 trens classificados como do tipo Allegra que também homenageiam personalidades suíças.

O trem Meta von Salis-Marschlins circula atualmente na região natal da intelectual que homenageia, Chur, e seus entornos, no Cantão de Grisões, servindo principalmente como transporte diário dos trabalhadores entre suas casas nas vilas e o emprego na cidade. Localizado na parte Leste da Suíça, Grisões, um dos maiores cantões suíços em extensão territorial, faz fronteiras com o principado Liechtenstein, a Áustria e a Itália e é mais conhecido, internacionalmente, pelas vilas de Davos e St. Moritz.

Essa paisagem de vales montanhosos e lagos, predominante em Grisões, não é exclusiva, pois é inevitável pensar nos Alpes como uma característica e até mesmo uma representação identitária do país, já que ocupam 60% do território nacional, acompanhados de outra cadeia montanhosa, o Jura, na região de fronteira com a França e parte da Alemanha. Com mais de 8 milhões de habitantes⁴⁹, dois terços da população da Suíça vivem nos 30% de

⁴⁷ Parte do poema “Na noite de luar” (“*In der Mondnacht*”), setembro 1884. Publicado no livro: SALIS-MARSCHLINS, Meta v. *Aristokratika II*. Zurique: Bopp, 1919. Traduzido pela autora do original em alemão: “Vom Turme lohnt der Blick mit reicher Schau / Weit über’s bleicherhellte Tal hinaus, / Das rings den Bergen in den Arm geschmiegt, / An Anmut reiche grüne, warme Tal / Des Puls nur zuckt. / Wie schön der Blick, wie scharf sich Baum und Strauch / Im Umriß hebt, wie friedlich und wie still / Sich hier die Mühle, dort die Häusergruppe / An’s Dickicht lehnt, mich faßt ein Schauer an, / Ein alter Schmerz.”

⁴⁸ RHÄTISCHES BAHN. *Allegra-Triebzüge*. s/d. Disponível em: <https://www.rhb.ch/de/unternehmen/projekt-dossiers/allegra-triebzuege>. Acesso em: 2 abr. 2023.

⁴⁹ SUÍÇA TURISMO. *Fatos Gerais*: População. c2023. Disponível em: <https://www.myswitzerland.com/pt/planejamento/sobre-a-suica/fatos-gerais/facts-about-switzerland/populacao/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

território da Planície central, área de maior aglomeração urbana e industrial.⁵⁰ Vislumbrar essa geografia permite compreender a necessidade de um sistema de transporte que conecte as vilas às cidades, que, diferentemente do que se nota no atual Brasil, está baseado na malha ferroviária.

A proposta de estudar uma mulher da passagem entre o século XIX para o XX tem relevância ao se observar quais as representações dessa vida que chegaram ao século XXI e o porquê de esses aspectos fazerem dela uma personalidade digna de homenagem e de estudos. A homenagem ao chamar um trem como “Meta von Salis-Marschlins” difunde uma série de características da personagem histórica em um espaço de circulação diária de pessoas e destaca questões da contemporaneidade.

No caso, a circulação dos trens da Allegra começou em 2010, portanto, a homenagem deve ser de período aproximado, período em que já havia uma maior preocupação em recuperar mulheres na história, a fim de que cada vez mais mulheres ocupem todos os espaços de modo igualitário. A descrição da Ferrovia Rética apresenta Meta como “a primeira historiadora da Suíça, feminista (*Frauenrechtlerin*), que defendeu pela primeira vez na Suíça alemã a igualdade política e jurídica das mulheres, e correspondente (*Brieffreundin*) de Friedrich Nietzsche”. Esse é o resumo de suas características mais difundidas, que compõem um enquadramento de memória dessa personagem.

Há certa uniformidade nos textos sobre Meta von Salis-Marschlins⁵¹, tanto no conteúdo como em seu objetivo, que geralmente apresentam um panorama de sua vida, com ênfase na sua atuação pelos direitos das mulheres e na amizade com Nietzsche. O alcance do filósofo fez dessa sua característica a mais difundida, e consequentemente seu livro de maior alcance é sobre a relação dos dois: *Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche* (1897). Em uma visão geral, os textos sobre Meta se concentram em apresentar a relação familiar, a formação acadêmica, a atuação no movimento das mulheres e uma certa rede social. Além de mencionarem suas relações com o aristocratismo e, brevemente, o envolvimento com teorias racialistas.

Uma trajetória de vida é contada a partir de seleções temáticas e da criação de marcos temporais, geralmente descrita cronologicamente. A tarefa de delimitar uma personalidade a

⁵⁰ PRESENÇA SUÍÇA. **A Suíça em Resumo**. Ministério das Relações Exteriores (EDA), ed. 2010/2011. Disponível em: <https://www.eda.admin.ch/aboutswitzerland/en/home.html>. Acesso em: 7 abr. 2023.

⁵¹ Textos sobre Meta von Salis: DIETHE, Carol. **Nietzsche's Women: Beyond the Whip**. Berlin; New York: de Gruyter, 1996. SCHELBERT, Leo. Sisters in Battle: Five Portraits. **Swiss American Historical Society Review**, v. 44, n. 2, p. 49-63, 2008. SCHWARZ, Gisela. Meta von Salis - Streben nach Gerechtigkeit. In: PILZ, Elke (org.). **Bedeutende Frauen des 19. Jahrhunderts: elf biografische Essays**, Würzburg: Königshausen & Neumann, 2010. REDOLFI, Silke M. Meta von Salis-Marschlins: erste Ansiedlerin im Urwald. **Schweiz am Sonntag**, n. 235, 30 ago. 2015.

certos temas não parece fácil, portanto, cabe iniciar uma apresentação de Meta von Salis-Marschlins por suas características mais difundidas a partir das representações estabelecidas por outros estudiosos, reconhecendo qual o enquadramento de memória referente à personagem, pois esse enquadramento pressupõe uma seleção entre as suas várias “faces”. De modo que, posteriormente, possa-se pensar em como ela mesma escreve sua trajetória, a partir de seus textos autobiográficos e da própria organização de seu arquivo pessoal.

Começando pelas representações publicadas no Brasil, destacam-se as contidas em três trabalhos: no livro “Nietzsche e as Mulheres: figuras, imagens e tipos femininos” (2022), de Scarlett Marton⁵²; na trilogia “Friedrich Nietzsche. Uma biografia” (2016), de Curt Paul Janz (especificamente no volume II, “Os dez anos do filósofo livre”)⁵³; e na coleção “História das Mulheres no Ocidente” (1993), de Georges Duby e Michelle Perrot (especificamente no volume 4, “O século XIX”).⁵⁴

O recente livro de Scarlett Marton tem como objetivo analisar a temática das mulheres na filosofia de Nietzsche, a fim de mostrar que o tema era um elemento central em seu pensamento e que o filósofo descreveu tipos femininos distintos.⁵⁵ Longe de propor um exame do comportamento de Nietzsche ou “comparar suas reflexões sobre a emancipação feminina e o modo como lidou com as mulheres emancipadas que encontrou no decorrer da vida”, a autora dedica apenas o primeiro capítulo, “Algumas mulheres: emancipadas, mães, solteironas”, para falar sobre as mulheres que conviveram com ele.

O objeto da análise imanente realizada são os escritos de Nietzsche, e Scarlett Marton afirma que “as mulheres estão presentes em praticamente todo o *corpus* nietzschiano”, com exceção dos primeiros escritos.⁵⁶ O texto indica uma característica imprescindível para os intelectuais: as redes de sociabilidades, pois parte da apresentação de uma mulher emancipada a outra, evidenciando as relações. No caso de Meta von Salis, a autora parte de Malwida von

⁵² MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

⁵³ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

⁵⁴ DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993.

⁵⁵ “Examinar as imagens das mulheres que o filósofo constrói e os papéis que lhes atribui, indagar de que modo ele recorre à tipologia em suas análises das figuras femininas, inquirir a respeito das personificações femininas de entidades abstratas que cria, perguntar acerca das posições que assume sobre as mulheres que querem emancipar-se, investigar as razões que o levam a combater frontalmente as intelectuais são os problemas que presidem minha investigação.” MARTON, *op. cit.*, p. 15.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 15.

Meysenbug⁵⁷, com quem Nietzsche manteve amizade, e que foi uma grande influência para von Salis, para dizer:

Foi a leitura dessa obra [“Memórias de uma idealista de Malwida von Meysenbug”] que levou Meta von Salis a estudar e a trabalhar pela emancipação feminina. Embora pertencesse a uma nobre família suíça, cujos filhos habitualmente se alistavam nos regimentos austríacos ou franceses, a ela se opôs ao decidir prosseguir os estudos; tendo cursado Filosofia e Direito, doutorou-se na Universidade de Zurique. Para ter acesso ao mundo dos livros, não hesitou em se empregar como governanta. Ainda estudante, encontrou Nietzsche em 1884; nos verões de 1886, 1887 e 1888, com ele se entreteve em Sils Maria. Anos depois, em 1897, publicará o estudo de caráter biográfico *Filósofo e aristocrata: contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche*.⁵⁸

O ponto central do estudo é o filósofo, ou melhor, seus escritos filosóficos, de modo que os encontros entre eles – Nietzsche e von Salis – são ressaltados, assim como a publicação de von Salis sobre Nietzsche. Na sequência, mais duas mulheres emancipadas são relacionadas para abordar as “novas mulheres”, indicando uma ambivalência entre as amigas de Nietzsche – geralmente mulheres independentes – e seu pensamento acerca das mulheres manifestado em seus textos. “[...] a atenção e delicadeza que demonstra para com as mulheres em geral contrastam com o antifeminismo por vezes expresso em seus textos. A amizade que devota às mulheres tidas por emancipadas contrapõe-se à misoginia por vezes presente em seus escritos.”⁵⁹

⁵⁷ Malwida von Meysenbug (Alemanha, 1816-1903), autora alemã de “Memórias de uma idealista” (1876), uma autobiografia em que relata sua atuação em 1848, bem como as consequências da Restauração. Defensora da liberdade e da individualidade, principalmente para as mulheres, alegando que seria conquistada por meio da educação e da independência econômica. Trabalhou como preceptora, encaminhando von Salis para a mesma ocupação, dava aulas e fazia traduções. Pertencia ao círculo mais íntimo da casa de Richard Wagner, por meio de quem conheceu Nietzsche. VON MEYSENBURG, Malwida. **Memoiren einer Idealistin + Der Lebensabend einer Idealistin**. Hofenberg, 2015. *E-book*. MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung**. Basileia: Schwabe AG, 2005. Era filha de um alto funcionário da corte alemã, teve rompimentos com a família e a Igreja. “O teor da luta da sua vida havia sido justamente defender a liberdade da personalidade, a chance do desenvolvimento individual, e visto que ela reivindicava essa liberdade também para o sexo feminino e, como meio para tal, todas as possibilidades de formação também para a educação das garotas e a independência econômica da mulher, ela ocupa um lugar proeminente no movimento de emancipação da mulher de seu tempo, o que até chegou a aproximá-la durante algum tempo dos seus contemporâneos socialistas.” JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 533.

⁵⁸ MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 31. O emprego como “governanta” será apresentado no item “1.2 Atuação intelectual feminina na Europa”, assim como considerações sobre a tradução. Também destaco a diferença na tradução do título do livro, neste trabalho, opto por “Filósofo e nobre”.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 36.

Ao lado de Meta von Salis, elas [Resa von Schirnhofer⁶⁰ e Hélène Druskowitz⁶¹] constituem exemplos das “novas mulheres”, que, com frequência, eram rotuladas “*mannish*” pela simples razão de terem aspirações intelectuais. Na sociedade em que viviam, o fato de uma mulher exigir direito à educação universitária implicava que quisesse abraçar uma carreira. Isso bastava para fazer dela uma defensora da igualdade sexual aos olhos dos homens e uma radical feminista aos olhos das mulheres.⁶²

Entretanto, ao recorrer ao raciocínio nietzschiano de que não há como dissociar vida e obra, Marton não quer limitar os escritos às experiências e vivência do momento, pois compreende, a partir de Nietzsche, que “os escritos seguem o seu próprio caminho”, ainda que integrem a vida do filósofo e que neles o autor se coloque até mesmo em uma concepção autobiográfica.⁶³ Portanto, reafirma seu propósito de analisar as ambivalências encontradas nos textos. Diferentemente da preocupação da segunda representação a ser comentada sobre von Salis, que se refere a uma extensa biografia sobre Friedrich Nietzsche.

Com reconhecimento internacional, a biografia em três volumes de Curt Paul Janz apresenta a maior descrição sobre Meta von Salis, extrapolando os encontros com Nietzsche e a trajetória da historiadora como mulher emancipada para abarcar sua região de origem, sua família e seus professores. Percebe-se uma importância ainda maior conferida às redes e aos espaços de sociabilidade, já que a trilogia propõe uma descrição da vida, mais do que uma análise da obra da suíça.

A família von Salis, por intermédio de Meta, surge no capítulo “Os admiradores (Sils, verão de 1884)”. O título já indica um dos principais sentimentos dessa amizade: a admiração de Meta por Nietzsche, não apenas pela pessoa amiga, mas pelo filósofo “dinamite”. O autor se

⁶⁰ Resa von Schirnhofer (Áustria, 1855 - 1948), filha de juiz, adquiriu o título de doutora pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Zurique em 1889, tendo ingressado no mesmo ano que von Salis, 1883. Amiga de Malwida von Meysenbug e Friedrich Nietzsche, viajou muitas vezes pela Europa. Também escreveu uma contribuição biográfica sobre o filósofo. Viveu de aulas de língua e música. Mesmo não tendo desenvolvido uma atividade literária significativa, há sua dissertação, “Comparação entre as teorias de Schelling e Spinoza” (1889), e o texto “Sobre o homem Nietzsche”, escrito em 1937 e encontrado em seu espólio. JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 213. “Nietzsche se abriu a essa jovem estudante de forma tão incomum e quase constrangedora, permitiu que ela visse seu interior como o fez apenas com Meta von Salis. Isso só foi possível porque seu relacionamento com essas duas mulheres não possuía a carga emocional de seus relacionamentos com Lou Salomé e Cosima Wagner.” (p. 253)

⁶¹ Hélène Druskowitz (Áustria, 1856 - 1918) foi filósofa, escritora e crítica musical. Escreveu críticas a Nietzsche, após rompimento da relação, von Salis comentou dela em *Filósofo e nobre*. Formou-se no Conservatório de Viena. Em 1878, completou seu doutorado em Zurique, onde estudou Filosofia, Filologia Clássica, Arqueologia, Ciências Orientais, Germanística e Línguas Modernas. Era vinculada ao movimento feminista, fundando algumas revistas. Publicou sob alguns pseudônimos e se aprofundou na leitura da obra de Nietzsche, para posteriormente criticá-lo. “Meta von Salis descreve como ele reagia quando uma pessoa que ele conhecia pessoalmente o julgava de forma indevida. Isso feria sua sensibilidade profundamente como forma negativa de um parasitismo espiritual. Esse caso ocorreu quando a Dra. Helene Druskowitz o atacou de forma superficial e sem quaisquer escrúpulos em sua ‘Tentativa de um substituto de religião’.” *Ibidem*, p. 274-275.

⁶² MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 31. “*Mannish*” pode ser traduzido como “masculinas”.

⁶³ *Ibidem*, p. 44-46.

preocupa em trazer aspectos da família, como o ambiente da região de Chur e do castelo Marschlins, e o espírito voltado aos ideais pedagógicos do Iluminismo, além da influência dos von Salis no poder regional e da atuação de membros marcantes como generais ou ministros a serviço da França⁶⁴, conforme observado no trecho:

E foi nesse ambiente e nesse espírito que – um século mais tarde – cresceu Meta von Salis, que contribuiu com o reconhecimento essencialmente novo e, na época, revolucionário de que o sexo feminino não podia ser excluído dessa formação da humanidade, tendo direito às mesmas oportunidades de educação como os homens jovens. Com isso, inseriu-se no círculo de Malwida von Meysenbug e, por fim, também de Nietzsche, que, na época, se cercava de defensoras dos direitos da mulher. Ele as respeitava profundamente, e elas o veneravam. A realização de uma humanidade superior é também a sua preocupação principal, não só o “Zaratustra”, mas em toda a sua filosofia. As opiniões podem ser diametralmente opostas quanto à pergunta se *seus* caminhos seriam os meios apropriados para alcançar essa meta, mas até mesmo seu adversário mais férreo precisa admitir que essa era a sua intenção.

A importância de von Meysenbug com relação aos contatos de Meta é um consenso. Um certo diferencial no olhar atento de Janz é a recuperação da origem familiar de Meta para compreender como ela incorporou as ideias de Nietzsche em seu pensamento, em especial, a noção de uma “humanidade superior”, que encaminharia ao aristocratismo.

Nessa mulher nobre, que se orgulhava de seus antecedentes, que, a despeito de suas reivindicações revolucionário-culturais, mostrou ser politicamente conservadora e aristocrata, Nietzsche encontrou uma personalidade na qual reconheceu imediatamente um pensamento semelhante ao seu. Por isso, logo após seu breve encontro em Zurique, criaram uma amizade ideal e surgiu um sentimento de parentesco que, para ambos, se tornaria significativo, para Meta von Salis talvez até decisivo.⁶⁵

Nessas primeiras considerações, o autor reforça as complexidades acerca do pensamento de Meta, aliando “reivindicações revolucionário-culturais” com uma política “conservadora e aristocrata”, e a importância da amizade do filósofo, tendo dito anteriormente: “O primeiro encontro ocorreu em 14 de julho de 1884 em Zurique, que, pelo menos para Meta von Salis, foi um dos eventos mais significativos de sua vida.”⁶⁶

Traçando paralelos entre von Salis e Nietzsche, destaca-se o emprego dela como educadora no exterior (Alemanha, Inglaterra e Irlanda) e a formação universitária na Suíça, em

⁶⁴ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 233.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 234.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 232.

especial, a tentativa de estudar com Jacob Burckhardt⁶⁷. Sem muitas menções aos escritos de Meta, cita apenas os dois de maior alcance: “O futuro da mulher” (1886) e “Filósofo e nobre” (1897), enfatizando a amizade deles a partir do respeito à nobreza, às linhagens e aos privilégios relacionados.

Também indicando seu posicionamento político aristocrático, a menção à Meta von Salis em um volume da “História das Mulheres no Ocidente” ocorre no capítulo “Cenas feministas”, escrito por Anne-Marie Käppeli, no item “Figuras históricas”. Ao longo de todo o seu texto, há muitas referências aos movimentos feministas na Suíça, logo, não é de todo surpreendente ter essa personagem citada. Os principais pontos de seu parágrafo tratam das diferenças em relação às correntes predominantes do período, tanto a política como a ativista, e do seu trabalho escrito em torno de uma “utopia feminina”.

A aristocrata suíça Meta von Salis-Marschlins (1855-1929) defende, contra a corrente dos políticos liberais do século XIX, não a democratização do mundo mas a sua aristocratização, no sentido de Nietzsche. No seu livro *Die Zukunft der Frau (O futuro da mulher)* (1886), tem a coragem de esboçar a utopia de uma «humanidade feminina» (*Frauenmenschentum*), que conheceria a companhia do espírito e escaparia à opressão da «máquina doméstica». Numa época em que o feminismo suíço ainda dormita nas obras filantrópicas, ela faz estudos de filosofia e de direito e lança-se a fazer viagens de conferências para defender a causa da igualdade dos direitos da mulher.⁶⁸

Enquanto uma personagem histórica pouco conhecida no Brasil, a maioria dos estudos sobre Meta von Salis é de sua terra natal, a Suíça, inclusive com produções recentes, como o filme curta “Meta von Salis: mulher livre”⁶⁹, de 26 minutos, produzido por RTR Cuntrasts⁷⁰, em 2013. O trabalho aborda alguns temas da sua trajetória, em especial a emancipação da mulher, reforçando o principal enquadramento de memória acerca dela. O filme enfatiza sua prisão entre 30 de março e 6 abril de 1895 por calúnia, depois de publicar artigos contrários ao

⁶⁷ Jacob Burckhardt (Basileia, 1818 - 1897) “é dos maiores e mais lidos historiadores do século XIX”, “sua concepção de historiografia como arte”. Estudou na Universidade de Berlim com August Boeckh, Johann Gustav Droysen, Franz Kugler e Leopold von Ranke. Trabalhou nas Universidades de Basileia e Zurique, contestou tradições historiográficas como positivismo e história metódica. “A cultura do Renascimento na Itália” (1860) é considerada sua obra-prima. BIETENHOLZ, Peter G. Jacob Burckhardt: Swiss historian. **Encyclopedia Britannica**, 4 ago. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Jacob-Burckhardt>. Acesso em: 9 jun. 2023.

⁶⁸ KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 572.

⁶⁹ Do título original, em italiano: “Meta von Salis: dunna libra”.

⁷⁰ RTR. Cuntrasts. **Meta von Salis: dunna libra**. (26’28”). Svizra Rumantscha – Cuntrasts: Ils Svizzers, 2013. Disponível em: <https://www.rtr.ch/play/tv/cuntrasts/video/meta-von-salis-freie-frau-die-schweizer?urn=urn:rtr:video:28003780-7ccd-483f-a65f-5ff0f9c4fce7>. Acesso em: 10 abr. 2023.

juiz que condenou Caroline Farner e Anna Pfrunder⁷¹, em 1892. Em busca de seus direitos políticos, von Salis publicou diversos textos, principalmente em periódicos como *A filantropa*, da Associação Suíça de Mulheres, coordenada pela seção de Zurique, chamada “Fraternité”, e sofreu repressão por seus posicionamentos socioculturais e políticos. Quase ao final do filme, comprova-se a linha principal do curta ao trazer a resposta de Meta ao pedido de escrever um artigo sobre a sua luta pelas mulheres:

Quando a Associação de Mulheres solicitou a Meta von Salis, em 1923, um artigo sobre sua luta pelas mulheres, ela respondeu: “Minhas experiências na luta pela igualdade política da mulher. Eu devo retroceder muito, se eu quiser me assegurar, de que minha atividade sobre a área descrita no título não seja uma lenda. Eu fui a primeira mulher doutora de Grisões, e fui chamada alguma vez pela imprensa de “Pioneira em Grisões pela igualdade da mulher na Suíça?”⁷²

De modo a reparar a falta de reconhecimento no período, conforme reclamado por von Salis, o documentário se propõe a recuperar Meta von Salis enquanto defensora dos direitos das mulheres, inclusive indicando sua promoção na universidade como parte dessa luta. O filme não deixa de mencionar suas relações com Malwida von Meysenbug, Friedrich Nietzsche e sua amiga Hedwig Feigenwinter-Kym⁷³, com quem morou por muitos anos, mesmo após o casamento de Kym com Ernst Feigenwinter, que foi seu advogado no processo de calúnia.

⁷¹ Caroline Farner (Suíça, 1842 - 1913) trabalhou como preceptora na Escócia, estudou Medicina na Universidade de Zurique (1876 Staatsexamen, 1877 Promotion), trabalhou como assistente em um hospital de Viena e, depois, abriu uma clínica em Zurique. A partir de 1879, ministrou palestras sobre higiene e moralidade. Em 1886, entrou na Associação Suíça de Mulheres, em seguida um conflito dividiu a associação, ela permaneceu presidente de parte até 1891. Teve a clínica e uma casa de cura. Editou *A filantropa* (1890-1894). Respondeu um processo por peculato (*Veruntreuung*) em 1892, resultando em sua absolvição uns anos depois. Após a experiência, retirou-se da vida política, constituindo apenas uma organização para ajudar estudantes universitárias. Anna Pfrunder era amiga de longa data de Caroline Farner e participante da associação. LUDI, Regula. Caroline Farner. **Historisches Lexikon der Schweiz** (HLS), 23 mar. 2021. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/009296/2021-03-24/>. Acesso: 9 jun. 2023.

⁷² Das legendas em alemão: “Als der Frauenverband Meta von Salis 1923 anfragt, einen Artikel über ihren Kampf für die Frauen zu schreiben, antwortete sie: ‘Meine Erfahrungen im Kampf um die politische Gleichstellung der Frau. Ich muss weit rückwärts blättern, wenn ich mich versichern will, dass meine Tätigkeit auf dem im Titel bezeichneten Gebiete nicht eine Sage ist. War ich der erste weibliche Dr. Graubünden, und wurde ich einmal in der Presse ‘Graubündens Vorkämpferin für die Gleichberechtigung der Frau in der Schweiz’ genannt?’” RTR. **Cuntrasts. Meta von Salis: dunna libra.** (26’28’’). Svizra Rumantscha – Cuntrasts: Ils Svizzers, 2013. Disponível em: <https://www.rtr.ch/play/tv/cuntrasts/video/meta-von-salis-freie-frau-die-schweizer?urn=urn:rtr:video:28003780-7ccd-483f-a65f-5ff0f9c4fce7>. Acesso em: 10 abr. 2023.

⁷³ Hedwig Kym-Feigenwinter (Suíça, 1860 - 1949). Amiga de longa data de Meta von Salis, moraram juntas por anos em Capri e em Basel, ajudou a organizar e doou o arquivo pessoal de von Salis. Lutou por mais chances de formação para mulheres e pela igualdade de direitos. Escreveu diversas poesias. Filha do professor de Filosofia Andreas Ludwig Kym, que deu aulas para von Salis. Casou-se em 1910 com o jurista e político Ernst Feigenwinter, que defendeu von Salis no processo. LUDI, *op. cit.*, 12 abr. 2021.

Sobre a longa relação entre Meta e Hedwig Kym, surgem questionamentos sobre uma possível homossexualidade⁷⁴, que é negada no filme. Também fala-se da proximidade de von Salis com teorias racialistas, que resultaram em certo isolamento intelectual ao final da vida. Com teor de documentário, que se fundamenta em uma aproximação com a realidade – mesmo que tenha encenação – e na pesquisa documental a partir do arquivo pessoal, o curta apresenta um enquadramento de memória que auxilia na cristalização do “mito” Meta von Salis pelos direitos das mulheres. Inclusive por uma legitimidade acadêmica atribuída às falas das pesquisadoras Doris Stump, Silke Redolfi e Eveline Nay.

A maioria dos trabalhos que se concentra ou menciona Meta von Salis tem como referência principal a obra de Doris Stump, que em 1986 publicou “Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e ‘feminista’ suíça”⁷⁵. O trabalho tem como objetivo apresentar a vida e analisar a obra de von Salis, a partir de um ponto de vista feminista, que considera as experiências dolorosas da autora, enquanto mulher que foi criticada por seus anseios não convencionais, e a transposição dessas experiências na literatura.⁷⁶ Com formação na área literária, toda a produção de Meta dentro desse escopo foi analisada e classificada em lírica, prosa, peças, contos e aforismos. Recuperar uma escritora suíça esquecida era seu propósito, impulsionando outros estudos similares que permitissem, posteriormente, uma análise da tradição de escritos femininos.⁷⁷

A atuação de von Salis enquanto escritora se inicia com poemas. Seu primeiro livro foi publicado em 1881⁷⁸; seu livro dentro do gênero lírico de maior alcance é “O futuro da

⁷⁴ A questão da homossexualidade não é o foco deste trabalho, mas cabe mencionar que a justificativa do curta para negar a homossexualidade seria a ausência de relações sexuais, mesmo reconhecendo que o relacionamento era muito intenso e romântico. Esse aspecto abre diversas possibilidades para estudos, ao se pensar nas diversas formas de afetividade entre mulheres, como a partir do “continuum lésbico”, expresso em: RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos Gays**: gênero e sexualidades, v. 4, n. 5, 2010, p. 17-44. Ou o fenômeno dos “casais femininos por volta de 1900”, estudado em: SCHNURRENBERGER, Regula. Freundinnen und Gefährtinnen: Annäherungen an das Phänomen >Frauenpaare um 1900<. **Jung Journal**, Heft 48, Forum für Frauen- und Geschlechtergeschichte, nov. 2005, p. 50-57.

⁷⁵ STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen**: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986.

⁷⁶ “Ich habe mir die Darstellung von Leben und Werk der Bündnerin Meta v.S. von einem feministischen Standpunkt aus zur Aufgabe gemacht. Die schmerzhaften Erfahrungen der Autorin, die als Frau oft für ihre unkonventionellen Wünsche kritisiert wurde, und das Umsetzen dieser Erfahrungen in Literatur stehen im Zentrum meines Interesses.” *Ibidem*, p. 20.

⁷⁷ “Allgemeine Aussagen zur Tradition weiblichen Schreibens können aber noch keine gemacht werden, da noch viel zu wenig Einzeluntersuchungen vorliegen. Diese Arbeit soll einen kleinen Beitrag zur Aufarbeitung von vergessenen schweizerischen Schriftstellerinnen leisten und Anstoss für weitere ähnliche Untersuchungen sein.” *Ibidem*, p. 20-21.

⁷⁸ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Gedichte**. Zurich: L. Schmidt, 1881.

mulher”⁷⁹ (1886), composto por um poema longo. Mesmo que inspirado pelo presente da autora aos 30 anos, possibilitando a identificação do eu lírico com a escritora, o poema versa sobre as mulheres em geral. “A voz no poema é triste, quase resignada. A esperança de uma mudança na situação para as mulheres em um futuro próximo é ainda fraca”⁸⁰, somente as futuras gerações poderiam ter esperança em transformar o terrível destino de ser mulher. O texto faz acusações aos homens por hedonismo e falta de consideração e às mulheres pela passividade, vaidade e dependência dos homens. A mulher, associada ao corpo, e o homem, ao espírito (ou mente), não vivem em comunidade, pois no casamento a mulher está sujeita ao homem. O poema retrata um mundo ideal ao final, em que acabam o “direito do homem” e a “escravidão da mulher”. Nessa utopia, há a igualdade de direitos no casamento, jurisdição da mulher sobre a criança e a felicidade da própria criatividade intelectual.⁸¹ Não mais confinadas à esfera doméstica, as mulheres são igualmente ativas na Igreja e nas ciências.

Talvez a pior percepção para as mulheres seja que elas não podem esperar ajuda dos homens em sua busca pela libertação. É por isso que Meta von Salis convida as mulheres a determinarem seu próprio destino, a adquirir mais educação, a aprender um ofício, a assumir responsabilidades, a superar a vaidade e a indolência e a se tornarem ativas. No entanto, ela ainda se sente muito sozinha nesse esforço, pois poucas mulheres perseguem os mesmos objetivos.⁸²

Em 1891, a autora publicou uma segunda edição ampliada, com o acréscimo ao título: “Prelúdio e Fantasia”⁸³. Em outros livros, como a publicação própria de “*Aristokratika*” e do segundo volume por uma editora de Zurique⁸⁴, é possível perceber o teor autobiográfico nos temas escolhidos, como homenagem a amigas falecidas, locais que visitou e sua terra natal, além de textos historiográficos e traduções. A vasta produção conta ainda com publicações em periódicos, algumas vezes com pseudônimo.

Meta von Salis publicou em jornais, revistas e nos quatro livros mais de 200 poemas. Nesses poemas, ela imprimiu suas opiniões, sua profunda dor sobre a perda de uma

⁷⁹ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Die Zukunft der Frau**. Zurique; Munique: Rischmöller & Meyn, 1886. Disponível em: https://www.e-rara.ch/bau_1/content/titleinfo/11961592. Acesso em: nov. 2022.

⁸⁰ STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen**: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986, p. 107.

⁸¹ ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. **Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde**, v. 101, 2001, p. 245.

⁸² STUMP, *op. cit.*, p. 108.

⁸³ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Präludien und Phantasien**. München: Buchholz & Werner, 1891.

⁸⁴ *Idem*. **Aristokratika**. Marschlins, Graubünden: Selbstverlag, 1902. *Idem*. **Aristokratika II**. Zürich: Bopp, 1919.

pessoa amada e o anseio por um mundo melhor. Em alguns poemas criticou também o comportamento de muitas pessoas.⁸⁵

A produção em prosa é mais restrita, começando pelo romance de formação “Escolha perdida”, publicado num jornal em 16 partes entre dezembro de 1888 e janeiro de 1889. O texto se diferencia do restante da obra de Meta por ter como protagonista uma mulher passiva ante as decisões do homem. Não se sabe a razão de a autora não ter exposto seu pensamento emancipatório e reivindicações dos direitos das mulheres, talvez para que o jornal o publicasse, já que deveria ser aceito pelo editorial.

O maior projeto em prosa seria do romance a ser publicado em três volumes, dos quais somente dois foram escritos: “O anjo da guarda” (1889) e “Destemido e fiel” (1891).⁸⁶ A personagem principal era uma mulher emancipada, Isa von Tiefensee, de 24 anos, que morou sete anos no exterior para trabalhar como educadora na Inglaterra. Retornou ao seu país para estudar Direito. O período de estudos na universidade e o trabalho como advogada foram retratados no segundo volume, até ela ter problemas e se mudar para a Itália. Stump percebe na personagem do romance uma figura de identificação positiva, bem como nas experiências da autora um retrato das condições reais da vida das mulheres no século XIX e uma crítica ao comportamento social, identifica o modo de ser individual e a busca da igualdade pelas mulheres, ainda não alcançada.

Nesse gênero literário – prosa – incluem-se os escritos biográficos, como de Nietzsche e dois volumes de “Mulheres selecionadas do nosso tempo”⁸⁷, em que a autora retrata mulheres de suas relações sociais e de amizade. O primeiro, de 1900, foi uma publicação própria, que

⁸⁵ “Meta von Salis hat in Zeitungen, Zeitschriften und in den vier Gedichtbänden über 200 Gedichte publiziert. In diesen Gedichten drückt sie vor allem ihre Stimmungen, ihren tiefen Schmerz über den Verlust einer geliebten Person und ihre Sehnsucht nach einer besseren Welt aus. In manchen Gedichte übt sie aber auch Kritik am Verhalten vieler Menschen.” STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen**: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986, p. 94.

⁸⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Die Schutzengel**. München: Merhoff, 1889. *Idem*. **Furchtlos und treu**. München: Merhoff, 1891.

⁸⁷ “Auserwählte Frauen unserer Zeit”.

trata de Marie von Kalckreuth⁸⁸, Charlotte Stuart⁸⁹ e Maria Pasolini⁹⁰. No segundo volume, reconhece que não deveria tratar apenas de mulheres nascidas nobres, pois esclarece que sua divisão da sociedade ocorre em classes de modo vertical, não horizontal, de modo que uma rainha pode ser da plebe e uma empregada pode ascender à aristocracia. Logo, considerou que o importante seria a personalidade desenvolvida por meio do trabalho. No segundo volume, dedica-se a Amantia e Pepi Kaiser⁹¹, Emma von Wöhrmann⁹² e Theo Schücking⁹³.

A crítica reagiu rejeitando as obras de von Salis. Para Stump, “Meta von Salis estava à frente de seu tempo e não podia ser entendida ou aceita em sua radicalidade”⁹⁴. Nessa concepção, assim como em outras representações, Meta seria um “elemento de ruptura”. As memórias que a recuperam partem de um enquadramento⁹⁵ dela como defensora dos direitos das mulheres, portanto, rompendo com a tradição social em que estava inserida. Contudo, não se deve “dissociar as várias ‘faces’ da personagem” ou cair na “ilusão biográfica”⁹⁶, que oculta a trajetória ao longo da vida, ou seja, os movimentos, as transformações e até as contradições. Ao entender o livro “Eles nos matam - não nossas ideias” (1986), de Doris Stump, como principal recuperação da personagem, é preciso identificar qual função esse enquadramento de memória cumpre, especialmente, no movimento das mulheres suíças, pois:

⁸⁸ Marie von Kalckreuth (1857-1897), pintora alemã, que foi um exemplo de mulher não casada que atuou como artista, morou com a irmã Pauline e a amiga Sophie, também pintoras. STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen**: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986, p. 146.

⁸⁹ Charlotte Stuart era amiga de Meta von Salis, conheceram-se quando trabalhava como educadora na Irlanda. Casou-se e teve filhos, tornando-se um exemplo de que uma mulher pode ser esposa e mãe e ainda seguir seus interesses em Literatura, Teologia e Filosofia. Começou a escrever e publicou anonimamente. *Ibidem*, p. 147.

⁹⁰ Maria Pasolini, von Salis considerou que ela teve ótimas condições para seguir seus interesses, pois possuía propriedades e educação política, além do apoio dos pais e do marido, também se ocupou da Literatura. *Ibidem*, p. 147.

⁹¹ Amantia (1827-1911) e Pepi Kaiser (1830-1913), irmãs, em Chur, davam palestras para mulheres e tinham interesses na biblioteca municipal, construíram centro cultural e social, que Meta visitava frequentemente. *Ibidem*, p. 148.

⁹² Emma von Wöhrmann (1843-1881), baronesa russo-alemã. Meta von Salis trabalhou na casa de Emma como educadora da filha, Dina, na Alemanha e na Itália. Foi a responsável por colocar von Salis em contato com a família Nietzsche.

⁹³ Theo Schücking (1850-1903) era amiga próxima de von Salis, conheceram-se por von Meysenbug. Tiveram uma relação que comparavam com uma entre homem e mulher, usando a palavra “amor” e planejando morar juntas. Dedicava-se à escrita, mas não conseguiu romper com a família, permanecendo responsável pela casa.

⁹⁴ “Meta von Salis war ihrer Zeit weit voraus und konnte in ihrer Radikalität nicht verstanden und akzeptiert werden.” STUMP, *op. cit.*, p. 20.

⁹⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

⁹⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.⁹⁷

O enquadramento selecionado cumpre a função de recuperar escritoras, em especial as de posicionamento feminista, para referenciar o passado das mulheres suíças, que estiveram distantes das discussões públicas por um tempo maior que as de países vizinhos, se considerarmos o direito ao voto. A Suíça regulamentou o sufrágio feminino em nível nacional apenas em 1971, anteriormente, algumas regiões já possuíam o voto em nível comunal ou cantonal. Enquanto em outras regiões somente em 1991 o eleitorado masculino votou a favor do sufrágio feminino nesses níveis.⁹⁸ Portanto, essa recuperação da personagem estava inserida em um período ainda de luta por direitos políticos.

Tendo estudado anglística e germanística, Stump engajou-se politicamente em movimentos feministas – inclusive fundando uma editora – e, em meados dos anos 1980, participou de organizações e ingressou na assembleia municipal, depois regional e, por fim, em 1995, na assembleia nacional.⁹⁹ De fato, a recuperação de experiências femininas não se restringe à Suíça dessa época, pois as décadas de 1970 e 1980 são reconhecidas como períodos da elaboração de uma “história das mulheres” em todo o Ocidente, por causa de um movimento de confluência entre as mudanças do presente, a partir das reivindicações das mulheres, e as mudanças nas perspectivas historiográficas¹⁰⁰, em especial na historiografia francesa e na estadunidense, bem como na brasileira.

A história das mulheres desenvolveu-se a partir da confluência de três caminhos: o movimento feminista que conferiu uma dimensão política ao privado; a antropologia e sociologia que tornaram as mulheres um grupo social; a Nova História que valorizou

⁹⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

⁹⁸ EUGSTER, David. A longa luta pelo sufrágio feminino. **swissinfo.ch**, 7 fev. 2021. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/por/a-longa-luta-pelo-sufrágio-feminino/46348236>. Acesso em: 10 abr. 2023.

⁹⁹ DIE BUNDESVERSAMMLUNG. Das Schweizer Parlament. **Doris Stump**: Biografie. c.2023. Disponível em: <https://www.parlament.ch/de/biografie/doris-stump/358>. Acesso em: 10 abr. 2023. ZEITGESCHICHTE AARGAU. **Doris Stump, Verlegerin und Politikerin**. s/d. Disponível em: <https://www.zeitgeschichte-aargau.ch/zeitzeugen-3/doris-stump/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

¹⁰⁰ LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL DA UFJF. **Ciclo de Conferências História das Mulheres** - Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos. Youtube, 21 jun. 2023, 1h46. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yp0bS_rBW4. Acesso em: 21 jun. 2023.

outros temas e agentes históricos. Dessa maneira, as mulheres ganharam visibilidade na História e tornaram-se objeto de pesquisas.¹⁰¹

As organizações feministas desse período, décadas de 1970 e 1980, começaram a recuperar a memória da luta das mulheres na Suíça, encontrando as primeiras reivindicações por direitos políticos no século XIX, com “a genebrina Marie-Goegg Pouchoulin”¹⁰², em 1868, e a “escritora Meta von Salis”, em 1886. Inclusive, a recuperação de von Salis e outras mulheres nesse estudo também parte de um enquadramento de memória de experiências femininas, que se refere a um momento de fragmentação da noção de feminismo, não mais entendido no singular, mas fala-se em movimentos feministas que se distinguem por serem atravessados por questões raciais, classistas, geracionais, ocupacionais e outros aspectos sociais. Trata-se de uma extensão dos debates dos anos de 1980, que começaram a questionar a categoria de mulher, antes entendida como universal¹⁰³. A “mulher” percebida como identidade diferenciada do homem não era suficiente para explicar os diferentes grupos de mulheres e suas reivindicações.¹⁰⁴

Essa recuperação de Meta enquanto mulher escritora tem dois aspectos de destaque, um já mencionado, que é a análise de obras literárias a partir de uma visão feminista, e o outro é a investigação no arquivo pessoal de Meta von Salis-Marschlins. A autora menciona escritos não publicados conservados no acervo, alguns dos quais estão na coletânea organizada por ela e publicada em 1988, com o título “A feminilidade indesejada: autobiografia, poemas, escritos feministas”¹⁰⁵. Outra referência bem utilizada sobre von Salis foi publicada em 1932, pouco tempo após sua morte, em 1929, por sua amiga Berta Schleicher, com o título “Meta von Salis-Marschlins: a vida de uma lutadora”¹⁰⁶. A biografia também se firmou como uma fonte fundamental, principalmente por estar baseada nos diários, que não estão disponíveis no arquivo

¹⁰¹ SANTOS, Dulce O. A. Mulheres: o cruzamento de dois imaginários. In: SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). **O Imaginário em debate**: gênero, música, pintura, boêmia. 2ª. ed. São Paulo: Olho d'água, 1998, p. 14.

¹⁰² Marie-Goegg Pouchoulin (1826-1899) é considerada a primeira sufragista da Suíça, tendo defendido não apenas direitos políticos, também sociais e civis. Defensora e ativista por mais educação às mulheres, organizou a petição que permitiu o estudo de mulheres na Universidade de Genebra, em 1872. Fundou a primeira organização internacional de mulheres, a Associação Internacional de Mulheres (*Association internationale des femmes*), sendo não apenas pioneira na Suíça, mas em toda a Europa pelo movimento de igualdade. CONFEDERAÇÃO SUÍÇA. Eidgenössische Büro für die Gleichstellung von Frau und Mann (EBG). **Marie Goegg-Pouchoulin**. c.2023. Disponível em: <https://www.ebg.admin.ch/ebg/de/home/dokumentation/persoennlichkeiten-aus-der-schweizer-gleichstellungsgeschichte/marie-goegg-pouchoulin--1826-1899-.html>. Acesso em: 9 jun. 2023.

¹⁰³ MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013.

¹⁰⁴ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

¹⁰⁵ “Die unerwünschte Weiblichkeit: Autobiographie, Gedichte, feministische Schriften”.

¹⁰⁶ SCHLEICHER, Berta. **Meta von Salis-Marschlins**: das Leben einer Kämpferin. Rotapfel, Erlenbach/Leipzig, 1932.

desde que Hedwig Kym-Feigenwinter os retirou, em 1940, e não os retornou, sendo considerados perdidos em nota da instituição de 1980.

As duas autoras, Stump e Schleicher, voltaram-se para a documentação acumulada e organizada pela historiadora Meta von Salis. O ponto é reconhecer a possibilidade de que a intelectual suíça possuísse conhecimento teórico e prático sobre organização de arquivos, o que pressupõe seleção dos documentos de uma vida. A aristocrata foi responsável pela organização de parte do acervo familiar von Salis-Marschlins e pela catalogação utilizada até os dias atuais pelo Arquivo do Estado de Grisões, inclusive publicando artigos de história familiar e excertos do acervo. Além disso, envolveu-se com o projeto do Arquivo Nietzsche entre 1893 e 1895, doando as cartas recebidas e ajudando financeiramente. Se hoje existem variadas referências de arquivos pessoais, em especial para esse caso de intelectuais, no final do século XIX, esses acervos começaram a ter uma função além da vinculada ao patrimônio e ao conhecimento. Por exemplo, o arquivo Goethe foi fundado em 1885, na cidade de Weimar, e em 1889 recebeu o espólio de Schiller. O Arquivo Goethe e Schiller se apresenta como o mais antigo arquivo literário da Alemanha.¹⁰⁷

Portanto, sobre o arquivo pessoal de Meta, seria preciso considerar o que difere a organização dessa documentação para atividades em vida e a intenção de posteridade, que pressupõe uma construção de si, ou seja, um fazer autobiográfico.¹⁰⁸ Não se deve descartar essa possibilidade, mesmo que parte do material tenha sido organizada e doada à Biblioteca da Universidade da Basileia por sua amiga de longa data, Hedwig Kym-Feigenwinter. Compreender o arquivo pessoal construído como narrativa autobiográfica não significa fugir da lógica impregnada pela personagem, mas possibilita uma maior atenção com algumas particularidades desse tipo de acervo.

Esse enquadramento de memória, um tanto cristalizado, de Meta, quer dizer, essa imagem majoritariamente reproduzida tem sido contestada. Dorothea Roth, em seu artigo “‘Quem diz raça, diz aristocracia’: Meta von Salis e Alemanha, 1900-1923”, publicado em 2001, relata que seu propósito era investigar a formação e o estudo histórico de von Salis, porém, ao encontrar alguns documentos no arquivo, mudou de rumo. O foco foi a atuação pública de von Salis enquanto intelectual aliada a certas ideologias, a partir de seu posicionamento perante o racismo na Alemanha entre 1900 e 1923, das relações interpessoais

¹⁰⁷ THE GOETHE- UND SCHILLER-ARCHIV. The Archive. s/d. Disponível em: <https://www.klassik-stiftung.de/en/goethe-and-schiller-archive/the-archive/>

¹⁰⁸ SVICERO, Thais J. **Construindo um lugar na história**: o arquivo pessoal de João Antônio (1937-1996). 2012, 106p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2012.

da historiadora com representantes da associação Gobineau¹⁰⁹ e com outros intelectuais – como a amiga Berta Schleicher –, bem como suas considerações durante e após a Primeira Guerra Mundial.

Nas representações, o termo “historiadora” aparece várias vezes, porém não há um estudo dedicado ao trabalho como historiadora, o que permite pensar que o título lhe valeu legitimidade para atuar em diversos assuntos públicos como intelectual, mas sua produção historiográfica continuou restrita ao ambiente acadêmico, aos pares. Desse modo, destaca-se a “relevância dos intelectuais na sociedade, como detentores do poder ideológico”, que lutam no presente, criticando ou legitimando a ordem vigente com base na experiência passada, pelo futuro projetado.¹¹⁰ Para Andrea Bolliger, que também contestou o modo como von Salis era recuperada pelo movimento das mulheres dos anos 1970 e 1980, nunca conseguiu se distanciar para ter uma observação apropriada de historiadora.¹¹¹

A contestação da imagem de von Salis como uma defensora de ideias progressistas sobre as mulheres seria mais uma complexificação da personagem e um reposicionamento da relevância que atribuía às questões defendidas publicamente. O artigo de Bolliger para o jornal de grande circulação *Novo Jornal de Zurique*, em 2005, teve como objetivo indicar como Meta von Salis era conservadora em todas as outras questões sociopolíticas e como o movimento perdeu espaço em seu pensamento e ativismo para a defesa da aristocracia. Bolliger descreveu como lados obscuros de von Salis “o caráter difícil, a cegueira ideológica, a atitude elitista-misantrópica, o anti-semitismo virulento”¹¹².

Lançada a reflexão, reconhecendo que Meta von Salis segue representada como uma mulher emancipada, a partir de um enquadramento de memória cristalizado, que pode gerar uma compreensão de Meta enquanto uma personagem de propor rupturas, de inovar, especialmente pela adjetivação de “feminista”, justamente pela possibilidade de se associar com entendimentos mais recentes acerca dos feminismos. Contudo, pode ser que essa imagem predominante esteja distante dos aspectos centrais de seus escritos ou que, pelo menos, tenha se alterado com o passar dos anos.

¹⁰⁹ Referente a Arthur de Gobineau (1816-1882), autor de “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1855).

¹¹⁰ WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, 1. sem 2015, p. 63-79.

¹¹¹ BOLLINGER, Andrea. Frauenwahlrecht und Edelmenschen. Meta von Salis – das Dilemma einer konservativen Feministin. **Neue Zürcher Zeitung**, 26 fev. 2005. Disponível em: <https://www.nzz.ch/articleCME8Q-ld.334101>. Acesso em: 6 dez. 2023.

¹¹² *Ibidem*.

Assim, propõe-se recuperar seus textos e sua atuação dentro da intelectualidade do seu período identificando os elementos de ruptura ou de continuidade em dois eixos centrais: aristocracia e mulheres.

1.2 Atuação intelectual feminina na Europa

Durante o século XIX, havia poucos motivos legítimos para uma mulher deixar a casa dos pais, o principal era o casamento. A segunda via era a religião, tanto para católicas como para protestantes (chamadas na Suíça de reformadas), que podiam seguir como diaconisa, enfermeira ou missionária para outro continente. A terceira possibilidade era trabalhar como governanta ou preceptora.

De acordo com Brigitta Meilier¹¹³, von Salis preferiu exercer uma “atividade indigna” para uma aristocrata – de preceptora – do que viver indignamente sob “atitudes tirânicas” de seu pai. Meta von Salis-Marschlins, apesar de oriunda de uma aristocracia de posses, descreveu precisar conquistar sua liberdade por meio de uma profissão e ocupação, uma das poucas disponíveis para uma mulher com sua origem e educação, ao afirmar: “Quando eu finalmente comprei minha liberdade pelo preço de me tornar educadora, isto foi para meu pai algo inacreditável.”¹¹⁴ Essa frase começa a delinear qual seria a concepção de liberdade ou emancipação para Meta: de algum modo vinculada à independência econômica a partir do trabalho, pelo menos naquele momento, já que, depois da morte do pai, Meta usufruiu da herança.

A liberdade, assim como os caminhos para alcançá-la, adquiriu significados distintos para as mulheres. As mulheres foram protagonistas na “modernização” do Ocidente desde sua participação na Revolução Francesa, mas não foram consideradas cidadãs, ou seja, não tiveram seus direitos garantidos. A situação das mulheres estava muito condicionada à tutela familiar, primeiro do pai e dos irmãos, até o casamento, quando passava ao marido. Eis um segundo elemento de emancipação para von Salis: uma mulher que nunca se casou nem teve filhos. Em seu artigo “A posição da mulher na Europa/Suíça”¹¹⁵, publicado na revista *Pós-graduação e*

¹¹³ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 122.

¹¹⁴ “Wenn ich schliesslich meine Freiheit um den Preis erkaufte, dass ich Erzieherin wurde, so war das für meinen Vater etwas Unerhörtes.” Cf.: SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 18.

¹¹⁵ *Idem*. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

*Wooster trimestral*¹¹⁶, Estados Unidos, em 1887, Meta mencionou o âmbito jurídico da situação das mulheres na Suíça, enfatizando que “a mulher deveria estar muito diferentemente situada nas diferentes partes do país”. Na Suíça, até hoje, há uma autonomia dos cantões sobre suas decisões legislativas.

Em seguida, começou a se referir a revisões de códigos civis. Primeiro, ao de Zurique, no qual a Associação Suíça de Mulheres teria reivindicado, em vão, a abolição do privilégio do irmão a um quinto sobre a irmã na partilha de herança parental e a garantia de guarda para mães viúvas, que já era estabelecida em partes francesas da Suíça. Segundo, à revisão de Grisões sobre a questão da tutela, cujo editor “explicou a liberação das mulheres não-casadas da obrigação de ter um guardião, por causa de um peculiar talento para economia”¹¹⁷. Tanto Zurique como Grisões fazem parte da Suíça alemã, e Meta von Salis atribuiu uma certa dureza dos suíços-alemães às mulheres.

Cabe ressaltar a caracterização de seu país realizada por von Salis, em que afirma que se podem “encontrar remanescentes de quase todas as raças e tribos que já percorreram a Europa”¹¹⁸, o que significa que a Suíça é composta por diversos povos, migrações e misturas. E continua: “Três principais divisões ainda atestam a variedade de sangue e caráter”¹¹⁹, referindo-se às regiões de língua italiana, língua francesa e, “prevalecendo em influência”, língua alemã – três das quatro línguas oficiais.

As reivindicações das mulheres mais difundidas na Europa e na América se concentravam nos direitos políticos, na educação e na liberdade, então, defendiam um status legal igual ao do homem, o acesso à educação superior, ao trabalho e às profissões e o voto feminino. A independência financeira não era uma das pautas centrais para a emancipação da mulher nesse período, porém a relação entre trabalho remunerado e liberdade aparece em von Salis e no livro de Malwida von Meysenbug¹²⁰. A época também era de ascensão do

¹¹⁶ Título original “The position of Woman in Europe/Switzerland”, publicado na revista *Post Graduate and Wooster Quartely*, do College of Wooster, Ohio, Estados Unidos. O texto, que retratou a situação da Suíça, foi o primeiro e único publicado, de uma série de seis textos, que abordariam Alemanha, Suécia, França, Itália e Principados das Balcãs. SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, 1988, p. 201. A revista foi fundada em 1886 e tem publicações no outono, primavera e verão por alunos e parceiros. Foi chamada posteriormente de Wooster Alumni Bulletin e, a partir da década de 1960, de Wooster, nome que permanece até hoje.

¹¹⁷ Tradução pela autora do original, em inglês, “The liberation of unmarried women from the obligation of having a guardian, because of a peculiar talent for thrift and economy”.

¹¹⁸ “We find the remnants of nearly all the races and tribes that ever rushed across Europe.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *The Position of Woman in Europe/Switzerland* (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 200.

¹¹⁹ “Three principal divisions still testify to the variety of blood und Character.” *Ibidem*, p. 200.

¹²⁰ “Pela primeira vez, se colocou no meu pensamento a necessidade da independência econômica da mulher.” Do original: “Zum erstenmal stellte sich in meinen Gedanken die Notwendigkeit der ökonomischen Unabhängigkeit der Frau durch ihre eignen Anstrengungen fest.” VON MEYSENBURG, Malwida. **Memoiren einer Idealistin**.

individualismo e da democracia.¹²¹ Destinadas ao ambiente doméstico, as mulheres precisaram afirmar que “o privado é político” e ocasionar “rupturas” na educação, na legislação e nas religiões.¹²²

Esses dois elementos – as emancipações financeira e jurídica da família – que compõem uma possível liberdade feminina para Meta acabam por confluir com um terceiro: a reivindicação da intelectualidade. Em seu artigo sobre a Suíça, destacou a influência de mulheres suíças na vida de “gênios” da Alemanha e da França, bem como mencionou a “brilhante Madame de Staël”¹²³, para discutir a situação das mulheres que visavam cultivar o intelecto, inclusive com o ingresso na universidade.

Ao reconhecer seu próprio pioneirismo, mesmo após 20 anos do ingresso da considerada a primeira mulher suíça na universidade de Zurique, von Salis escreveu sobre as superações impostas às mulheres da Europa Central, principalmente às de camadas altas. Um cenário que considerava diferente da situação das americanas, que já estariam mais inseridas nos espaços de debate intelectual. A paciência das mulheres na Europa traria a vitória, ou seja, a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Em uma época permeada de “crises de identidade”, ante uma dita “nova mulher”, as mulheres conquistaram novos espaços: as universidades, alguns postos de trabalho e a esfera pública, manifestada muitas vezes por meio de periódicos. Assim, as questões antes entendidas como privadas entram na cena política.¹²⁴ O século XIX apresentou a afirmação e a diversificação de movimentos feministas, que foram intensificados pelos progressos da industrialização, pela formação de partidos políticos e pela cultura de elite. Por mais que diversos grupos se alinhassem às reivindicações liberais, havia uma variedade de espectros, como movimentos socialistas e anarquistas.¹²⁵ Os estudos sobre a atuação das mulheres no espaço de trabalho, ao longo do século XIX, indicam uma necessidade de caracterizar os distintos grupos. Logo, reforça-se a busca por compreender as mulheres enquanto grupo

Erster Band. Berlin/Leipzig: Schuster/Loeffler, 1875, p. 234. Disponível em: <https://archive.org/details/memoireineineride00meysuoft/page/n285/mode/2up>. Acesso em: 15 jul. 2023.

¹²¹ FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Modernidades. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 493-500.

¹²² Acesso às universidades, petições pelo divórcio e direito à propriedade, dissidência religiosa. PERROT, M. Sair. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

¹²³ Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein (Paris, 1766 - 1817).

¹²⁴ “[...] nesse século ‘a questão feminina’ se torna objecto de amplas discussões públicas e o alvo de lutas em numerosos grupos sociais e políticos.” KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 542.

¹²⁵ *Ibidem*.

heterogêneo, influenciado por outros aspectos sociais, como classe socioeconômica, espaço rural e urbano, escolaridade, etnia e religião.

As mulheres das classes trabalhadoras e camponesas já ocupavam o mercado de trabalho assalariado, mesmo que de modo muito desfavorecido, sendo a maioria jovens e solteiras no serviço doméstico, na confecção e na indústria têxtil, algumas poucas em ofícios artesanais com alguma qualificação.¹²⁶ Os valores pré-industriais na Europa orientavam que todos no lar trabalhassem, diferentemente da noção da esposa como “administradora do lar” e “guardiã da moral”, que está associada à expansão da classe média e de seus valores.¹²⁷ Essa concepção ainda difere ao se tratar da aristocracia, que teria como princípio o ócio, e não o trabalho, talvez por isso a noção de que von Salis teria exercido “atividade indigna”¹²⁸.

De todo modo, Meta von Salis ingressou no mundo do trabalho como educadora e depois desempenhou outras funções como intelectual: escritora, ativista, tradutora e historiadora, sendo algumas delas remuneradas. Com o objetivo de discutir as possibilidades de atuação feminina na intelectualidade do período e identificar quais as profissões e as ocupações exercidas por mulheres de elites, apresenta-se de modo panorâmico a obra de Meta, um levantamento bibliográfico, para começar a identificar suas linhas de pensamento e temáticas predominantes em sua atuação pública.

Enquanto representante de uma elite, a instrução de Meta von Salis correspondia ao nível primário e secundário, além de uma formação para ensino¹²⁹, que a qualificou para trabalhar como educadora, ou preceptora. A autora ingressou no internato Paulinenstift, na cidade de Friedrichshafen (hoje Alemanha), aos oito anos, onde permaneceu de 1863 a 1866, recebendo notas para as disciplinas: Moral, Diligência, Religião (protestante), Leitura e declamação, Memorização, Língua alemã, Língua francesa, Língua inglesa, História, Geografia, Ciências, Cálculo, Escrita, Desenho, Canto e Trabalhos manuais. Frequentou outra instituição anos depois, Bäumlstorkel, na comuna suíça de Rorschach, entre 1869 e 1871, caracterizada por von Salis como “Instituição para disciplinação da dona de casa”. No ensino secundário, teve disciplinas como Ensino religioso, Alemão, Francês, Caligrafia, Contabilidade, História, Geografia, Ciências, Canto, Desenho, Literatura e Teoria educacional. No boletim há uma maior especificação dos trabalhos manuais: tricô, crochê, corte, costura,

¹²⁶ SCOTT, Joan; TILLY, Louise A. El trabajo de la mujer y la familia en Europa durante el siglo XIX. In: NASH, Mary (ed.). **Presencia y protagonismo**: aspectos de la historia de la mujer. Ediciones del Serbal: Barcelona, 1984.

¹²⁷ NASH, *op. cit.*, p. 58.

¹²⁸ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005.

¹²⁹ Indicada no programa de provas finais. No item de prática de aula, há uma indicação de “M. Salis” para História, Francês ou Trabalhos.

trabalho de arte e outros; e dos exercícios práticos: economia doméstica, cozinhar, lavar, passar e trabalhar no jardim.¹³⁰ Também havia exercícios físicos para cuidados com o corpo, comportamento (obediência, limpeza, organização) e ainda aulas particulares de piano e inglês.

Apesar de ter sido esse ensino que possibilitou as atuações posteriores de von Salis, ela não deixa de ser crítica ao propósito dessas instituições de “disciplinar a dona de casa”, pois esses conhecimentos deveriam se restringir ao espaço doméstico, para funções de esposa e mãe. Analisando o lento processo de transformações, Meta comentou que no século XVIII disciplinas como Música e Desenho foram incluídas na educação feminina, “não enquanto propósito, mas meramente como meio de agitar os sentidos abrandados de uma era de sentimentalismo, quando a família se reunia em volta da lareira”¹³¹.

Não é difícil supor que von Salis tivesse referenciais para observar a distinção entre o ensino feminino e o masculino, em especial por ser de uma família de homens intelectuais reconhecidos socialmente, como seu próprio pai. Inclusive a família buscava proporcionar uma educação restrita ao necessário para o desempenho das funções femininas dessa aristocracia, como relatou Meta em seu texto autobiográfico *Filósofo e nobre* (1897): “Meu pai escrevia à minha mãe para me dar a menor quantia de dinheiro possível, para prevenir que eu comprasse livros. Com um surpreendente fraco sucesso!”¹³² Sua narrativa continuou ao explicar que utilizava seu dinheiro mensal quase exclusivamente para livros, em detrimento das “ vaidades femininas em relação a vestidos, joias e sociedade”, embora amasse a beleza e se perceber como “escolhida”.

A preocupação de von Salis com o “desenvolvimento dos interesses intelectuais” das mulheres foi abordada mais centralmente no texto “A posição da mulher na Europa/Suíça” (1887), ao afirmar que as aspirações intelectuais femininas tinham lugar enquanto fossem úteis à família, não podendo ultrapassar esses limites, principalmente quando se trata das “raças aristocráticas mais fortes”, situação em que ela se enxergava.

Papéis de família antigos e alusões acidentais abriram aos meus olhos uma avenida nunca procurada para o que a vida muitas vezes significava para as membras

¹³⁰ ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008. Disponível em: https://ub.unibas.ch/digi/a100/kataloge/nachlassverzeichnisse/IBB_5_000068886_cat_2.pdf.

¹³¹ “Slowly and half by stealth, the eighteenth century saw music and sketching creep in among the branches for female education, not as a purpose, but merely as a means of flattering gathered round the fireplace.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *The Position of Woman in Europe/Switzerland* (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 202.

¹³² SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsches. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 18.

femininas aspirantes de algumas de nossas raças aristocráticas mais fortes. Suas aspirações intelectuais eram refreadas ou esmagadas sempre que ameaçavam ultrapassar os limites da utilidade familiar, enquanto eram incitadas à paixão mais forte assim que servia à fama ou vantagem de irmãos e maridos.¹³³

Meta von Salis “conseguiu um emprego como governanta [*Gouvernante*] numa residência nas proximidades de Würzburg”¹³⁴, onde teria conhecido o livro “Memórias de uma idealista”, de Malwida von Meysenbug, uma grande influência e, posteriormente, amiga. Meta procurou um meio de continuar a desenvolver seus talentos, seus interesses e seu conhecimento, enquanto talvez se tornasse independente financeiramente.¹³⁵ Por intermédio de von Meysenbug, conseguiu o emprego como educadora na casa da baronesa Emma von Wöhrmann, em Naumburg, Alemanha. Von Meysenbug conheceu von Wöhrmann por intermédio de Richard Wagner (1813-1883), que também lhe apresentou a Nietzsche. A baronesa de família russo-alemã tinha uma filha, Dina, de 12 anos, que seria educada em casa, enquanto os filhos frequentavam o Ginásio e o Schulpforta¹³⁶, mesma instituição educacional que Nietzsche frequentou.

Em alemão, utilizam-se os termos *Erzieherin* ou *Gouvernante* para se fazer referência a Meta von Salis. Apesar das proximidades entre as funções – ambas exercidas por mulheres, geralmente solteiras, em casas de terceiros –, a opção de usar “preceptora” ou “educadora” em vez de “governanta” parece mais adequada se consideradas as funções de cada profissão. As funções da jovem suíça estavam mais no âmbito da formação pedagógica – no ensino de conteúdos, línguas, instrumentos e etiqueta, também atribuída às governantas, porém estas se ocupavam ainda de ofícios domésticos de organização da casa e de empregados.¹³⁷ “Por

¹³³ “Old family papers and accidental allusions have opened to my eyes a never-sought-for avenue into what life often meant for high-spirited, aspiring females members of some of our strongest aristocratic races. Their intellectual aspirations were curbed or crushed wherever they threatened to over-reach the boundaries of family utility, whilst they were goaded into the strongest passion as soon as it served the fame or advantage of brothers and husbands.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *The Position of Woman in Europe/Switzerland* (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 202.

¹³⁴ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

¹³⁵ “Wie aber konnte sie ihre Begabung, ihre Interessen, ihr Wissen nutzen oder gar erweitern und dabei vielleicht auch noch finanziell unabhängig werden? Es konnte ihr daher nur recht sein, als von Meysenbug mit ihrer Suche tatsächlich Erfolg hatte: Die Baronin von Wöhrmann in Naumburg benötigte für ihre zwölfjährige Tochter Dina eine Erzieherin?” MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche**. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 105.

¹³⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 7.

¹³⁷ VASCONCELOS, Maria C. C.; FRANCISCO, Ana C. B. L. Aias, governantas e preceptoras: mulheres com a atribuição de educar. **Rev. FAEEBA - Ed. e Comtep.**, v. 30, n. 63, Salvador, 2021, p. 239-256. O presente estudo tem como objetivo geral analisar as atribuições destinadas às aias, governantas e preceptoras, assim denominadas as mulheres que se encarregavam da educação de crianças da aristocracia, no século XIX. Em um plano mais

definição, trata-se de uma mulher que ensina ao domicílio, ou de uma mulher que habita com uma família para fazer companhia e dar aulas às crianças.” Refere-se às mulheres solteiras, normalmente “filhas de elites empobrecidas ou de uma burguesia intelectual”, que viajavam para viver na casa de outras famílias para trabalhar. Chamadas de Miss, Fraulein e Mademoiselle, elas circulavam por toda a Europa, pela América e pelo Brasil – onde eram preferidas as governantas alemãs e as preceptoras francesas – e representaram uma nova função dentro da hierarquia entre empregados domésticos.¹³⁸

Ao se recuperar a menção de “liberdade” por von Salis ao se tornar “preceptora”, cabe a reflexão de Michelle Perrot: “A deslocação, condição necessária, ainda que não suficiente, da mudança, ou mesmo da libertação, indica uma vontade de ruptura que cria as possibilidades de um futuro.”¹³⁹ Entretanto, no presente estudo mantém-se o termo “governanta” (de *Gouvernante*) quando assim estiver na referência.

Meta von Salis trabalhou para a família de 1879 até meados de 1881. Logo que chegou a Naumburg, começou a frequentar os círculos de amizade dos von Wöhrmann, em especial, a casa da família Nietzsche, onde conheceu a mãe e a irmã do filósofo.¹⁴⁰ Sabe-se pouco do seu tempo na Alemanha, apesar de Meta ter publicado em 1919 um livro intitulado “Gemma”, que se refere à baronesa von Wöhrmann.¹⁴¹ De alguns relatos é possível retirar algumas considerações sobre o trabalho, como: frequentar os círculos sociais da patroa e acompanhar a família em viagens ou mudança de cidade. Devido à tuberculose da baronesa, mudaram-se para Veneza, onde von Salis conheceu o pintor Robert Rascovich, professor de desenho de Dina, ou seja, von Salis não era responsável por lecionar todas as disciplinas. A preceptora suíça se ausentava por longos períodos, como os sete ou oito meses que passava em Marschlins. Em um desses períodos, em que retornou à casa dos pais, entre 1879 e 1880, o pai queria que Meta ficasse para administrar o castelo, de modo que se percebem contradições na situação da preceptora, um pouco descritas abaixo:

específico, pretende-se fazer uma distinção dessa nomenclatura em sua tradução para o português, comparando a utilização dos termos conforme a função ocupada.

¹³⁸ “No decurso do século XIX, uma nova hierarquia aparece entre o pessoal doméstico. Acima das criadas encontram-se as preceptoras e as governantas, <mamzelles> ou <Miss>, recrutadas frequentemente nas famílias burguesas modestas, filhas de pastores ou de pequenos funcionários, órfãs ou ainda provenientes de famílias numerosas.” DAUPHIN, Cécile. Mulheres sós. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 483.

¹³⁹ PERROT, M. Sair. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 518.

¹⁴⁰ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 7.

¹⁴¹ Meilier diz que von Salis manteve a polidez, a discrição e a admiração ao descrever a mulher, as crianças e suas impressões.

De facto, a governanta vive dolorosamente a contradição entre os valores atribuídos à sua educação de *gentlewoman* e as funções que se vê obrigada a exercer. Símbolo do novo poder das classes médias (fala-se dela, aparece em público), sintoma também do acesso das esposas a práticas de lazer e a um papel de ornamento, a governanta, conservando o seu estatuto de lady, é arrastada para a base da escala social, em virtude do seu trabalho remunerado.¹⁴²

Contudo, Meta von Salis não se encaixava na condição costumeira de governanta, pois assumiu mais uma posição de amizade ou companheirismo do que de governanta com repertório padrão.¹⁴³ “As duas mulheres aparentemente tão diferentes, mas de uma natureza aparentada, logo não separavam mais a relação habitual entre senhorio e governanta.”¹⁴⁴ Essa ideia de “natureza aparentada” talvez se deva ao pertencimento aos mesmos espaços sociais e a nível de parentesco aristocrático. Após o falecimento da baronesa, em 1881, Meta trabalhou na Inglaterra e na Irlanda, até o fim do verão de 1883. Entretanto, as experiências não foram muito boas e buscou novos rumos para conquistar a liberdade.

Talvez essa libertação tenha sido buscada também pela literatura. Esse é o posicionamento de alguns críticos literários¹⁴⁵, que identificam um aumento de mulheres escritoras com uma escrita como expressão da insatisfação com sua situação. Se Meta von Salis-Marschlin se influenciou pelos livros, como diz em *Filósofo e nobre* – “Eu me desenvolvia de forma inconstante aos saltos, influenciada mais por livros do que pela vida”¹⁴⁶ –, provavelmente gostaria de continuar entre os livros e inclusive escrevê-los. E a segunda metade do século XIX foi um período de ação das letras, com destaque para os movimentos de mulheres.

Em 1881, o primeiro livro de von Salis, “Poemas” (“*Gedichte*”), foi publicado pela editora Cäsar Schmidt, em Zurique. A partir desse momento, percebeu uma outra direção para suas intenções de trabalho intelectual. Meilier recupera brevemente a trajetória de escritoras do século XIX para concluir que não havia modelos para a vida de uma mulher não casada

¹⁴² DAUPHIN, Cécile. Mulheres sós. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 484.

¹⁴³ “Würde von Salis ein anderes als das übliche Gouvernantendasein ermöglichen. Und ihre Hoffnung [v. Meysenbug] wurde geradezu übererfüllt: Schon bald entsprach von Salis’ Stellung im Hause Wöhrmann eher der einer Freundin oder Gesellschafterin als der einer Gouvernante für die heranwachsende Tochter mit dem üblichen Standardrepertoire.” MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche**. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 106.

¹⁴⁴ “Die beide äußerlich so unterschiedlichen, aber wesensverwandten Frauen trennte das zwischen Herrschaft und Gouvernante übliche Verhältnis schon bald nicht mehr.” *Ibidem*, p. 106-107.

¹⁴⁵ STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929**, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986.

¹⁴⁶ Do original: “Ich entwickelte mich sprunghaft, ungleichmässig, mehr von Büchern beeinflusst, als vom Leben.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 17. Tradução utilizada em: JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 237.

enquanto poetisa que estivesse fora do estreito círculo familiar dirigindo sua vida.¹⁴⁷ As mulheres não foram consideradas como escritoras por um longo período, mesmo na Suíça, que abriu as portas das escolas comunais e das universidades antes mesmo da Alemanha.¹⁴⁸ A educação feminina, se fosse manifestada por meio da literatura, deveria sempre estar vinculada à utilidade para o lar e a família. Meta destacou que havia “poucas mulheres distintas pela fama literária ou artística, mesmo tendo um amplo estoque de brilhantes e inteligentes mulheres no país [Suíça] naquela época”. Essa novidade, o ingresso de mulheres nas universidades da Suíça a partir de 1868¹⁴⁹, surgiu como uma nova perspectiva para von Salis.

Com a influência do Iluminismo e da fé luterana, as aprendizagens do ler e escrever referiam-se ao preparo das mulheres para as funções do lar, dedicadas ao marido e aos filhos. O percurso do ler e escrever na Alemanha, analisado por Hooock-Demarle, aproxima-se da trajetória de von Salis, pois atribuiu uma influência ao pietismo protestante, que trazia a confissão e o ato de reflexão como estimulantes aos escritos autobiográficos.¹⁵⁰ “Das aprendizagens elementares à expressão literária de si próprias e depois dos outros”¹⁵¹, passando pela leitura, que ao longo dos oitocentos vai se distanciando da moral, da pedagogia e do sentimental para se aproximar da curiosidade pelo atual, pelos acontecimentos históricos, pela ciência, além do aumento de responsabilidades (familiares, pedagógicas, econômicas) no lar no pós-Revolução Francesa. Houve um aumento de leitura de obras políticas e de jornais para damas: “Já não se trata da Bíblia nem de textos religiosos, mas de uma mistura heteróclita de romances e de textos diversos, de jornais e de grossos volumes de história.”¹⁵² Naquele artigo para Wooster, Meta falou sobre as mulheres terem de se “contentar se ensinadas a ler seus livros de orações e escrever cartas mal escritas para seu guerreiro distante”¹⁵³.

¹⁴⁷ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 126.

¹⁴⁸ “O diploma liceal e a entrada na universidade só aparecem na vida das mulheres alemãs depois de 1900.” HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 176.

¹⁴⁹ STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen**: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zürique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986, p. 201-203.

¹⁵⁰ “O sentimento de viver uma comunidade em espírito torna-se uma experiência intelectual nova que desencadeia um processo de aculturação que passa curiosamente pela introspecção. Daí resulta uma literatura do íntimo, por meio do diário, da correspondência e de diálogos, literatura à qual as mulheres vão dar vida e qualidade.” HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 180.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 172. “Ler e escrever são também instrumentos da integração das mulheres no mundo moderno.”

¹⁵² *Ibidem*, p. 181.

¹⁵³ “Contented if taught to read her prayer-book and write a misspelled letter to her distant warrior.” STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 202.

Outros estudos corroboram a ideia de um “olhar masculino reprovador a ‘mulheres-autores’”, pois, conforme Hoock-Demarle, “A mulher sábia inspira medo, é uma ‘singularidade’, já não é mulher ou então – e isso é mais um olhar de homem – é ridícula, um espantalho que provoca em alguns ‘arrepios de febre’”¹⁵⁴. Stump afirma que “uma sociedade dominada masculinamente não tem gênero neutro na literatura, na história, na crítica e na ciência”, pois, sendo o homem a norma, toda crítica aos escritos femininos seria baseada nisso, sem reconhecer nenhuma estética feminina, muito menos feminista. A crítica questionava a capacidade feminina de escrever, alegando que faltava linguagem, criação ou “temperamento artístico”, seja lá o que isso fosse, já que não foi definido.¹⁵⁵

A publicação dos escritos de Meta começou com poemas, o que não significou uma ausência de críticas à sociedade. Uma de suas obras de maior alcance foi “O futuro da mulher” (“*Die Zukunft der Frau*”), publicado em 1886¹⁵⁶, que consiste em um longo poema que esboça a utopia de uma “humanidade feminina”, na qual as mulheres teriam escapado da opressão da “máquina doméstica”¹⁵⁷ e elevariam seu espírito.

O espaço dos periódicos do século XIX era fundamental para a difusão de ideias e para a atuação dos intelectuais nos temas públicos. Portanto, as contribuições, em jornais e revistas, por Meta von Salis-Marschlins se destacaram dentro de sua produção, evidenciando o caráter diversificado de sua escrita. Meta, assim como Nietzsche, circulou por diversos tipos e gêneros textuais, há poemas, traduções, aforismos, crítica literária, relatos de viagem, artigos históricos e filosóficos. Atuou principalmente em periódicos suíços, porém, também contribuiu, de maneira mais pontual, para jornais alemães, americanos e italianos.¹⁵⁸ Na Suíça, houve uma maior frequência nos *Cadernos mensais suíços para política e cultura*, *Folha mensal de Grisões*, *Correio de Zurique*, *Jornal de Turgóvia*, *O rético livre*, *Suíça imprensa livre*, *Folha popular da Basileia*, *Jornal de Schaffhausen* e *A filantropa*.¹⁵⁹

¹⁵⁴ HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 179.

¹⁵⁵ STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen**: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986.

¹⁵⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Die Zukunft der Frau**. Zurique; Munique: Rischmöller & Meyn, 1886. Disponível em: https://www.e-rara.ch/bau_1/content/titleinfo/11961592. Acesso em: nov. 2022.

¹⁵⁷ KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 572.

¹⁵⁸ Respectivamente, *Deutsches Volkstum Monatsschrift*, *Schwäbischer Merkur-Stuttgart*, *Kölnische Volkszeitung*; *The Post-Graduate and Wooster Quarterly of the University of Wooster*; e *Rivista per le Signorine*.

¹⁵⁹ *Schweizerische Monatshefte für Politik und Kultur*, *Bündnerisches Monatsblatt*, *Züricher Post*, *Thurgauer Zeitung*, *Der Freie Rätler*, *Schweiz Frei Presse*, *Basler Volksblatt*, *Schaffhauser Zeitung* e *Die Philanthropin*.

Seus textos circulavam pela Suíça de modo extensivo, pois os jornais eram de cantões distintos, como Grisões, Zurique, Basel, Turgóvia, Berna, Schaffhauser e São Galo. Além de alguns periódicos serem de grande circulação, os principais da cidade abordavam diferentes temas, diferindo de uma publicação de público mais específico. A intelectual suíça publicou em jornais diários de grande circulação, como no caso dos artigos “Sob novas bandeiras. As mulheres estudantes” (1884), no *Jornal de Turgóvia* (Frauenfeld, 1798 - atual), que corresponde a uma série sobre as estudantes femininas na universidade; e “Heréticos pensamentos de Ano Novo de uma mulher” (1887), no *Correio de Zurique* (1879-1936).¹⁶⁰ Também “O futuro do casamento” (1896), na *Imprensa Livre Suíça: órgão livremente democrático*. Podem-se observar, pela listagem de suas publicações em seu arquivo pessoal, duas fases de maior constância na atuação em periódicos: a primeira entre 1880 e 1901, em especial, ligada à questão das mulheres – também poemas e relatos de viagem; e depois, entre 1913 e 1929, escrevendo sobre a Grande Guerra e sobre a história de sua família.

Meta von Salis-Marschlins atuaria por alguns anos em uma instituição filantrópica, com produção intelectual e divulgação de pautas das mulheres. A caridade era um dos poucos “itinerários permitidos e abençoados” para que as mulheres saíssem de casa, tanto no sentido físico de estar na rua como no sentido moral, de sair dos papéis que lhes são atribuídos. Sobre a origem dessa filantropia organizada: “Apoiadas inicialmente numa elite aristocrática, expressão refinada da classe ociosa, as associações, à medida que se multiplicam, atraem um público de classe média, preocupado em difundir os preceitos da economia doméstica por meio da beneficência.”¹⁶¹

As ações caritativas correspondem à tripla missão de ensinar, tratar e assistir, que formou a base de “profissões femininas”, “que, por muito tempo, terão a marca da vocação e do voluntariado”. Ao observar a trajetória histórica das associações filantrópicas, é possível perceber uma movimentação e discussão feminina, que posteriormente “teve como efeito uma ‘consciência de gênero’”¹⁶². Desse modo, entende-se que os movimentos de mulheres resultantes dessas associações representavam uma parcela específica da sociedade – as camadas médias e abastadas –, o que corrobora a crítica desse “feminismo” enquanto excludente a outros grupos, mais recentemente referido como um “feminismo branco e burguês” ou “elitista”.

¹⁶⁰ SCHERER, Adrian. Züricher Post. **Historisches Lexikon der Schweiz** (HLS), 27 mar. 2014. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/043061/2014-02-27/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

¹⁶¹ PERROT, M. Sair. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 505.

¹⁶² *Ibidem*, p. 510.

Meta von Salis comentou sobre as associações ao analisar a situação das mulheres na Europa, em especial, na Suíça:

As mulheres líderes em matéria de inteligência sistematizam fortemente os empreendimentos sociais para a melhoria da vida nas classes mais baixas, entre os fracos e aflitos. Seu objetivo é iluminar o caráter moral e profissional da mulher nessas regiões. Associações foram formadas em quase todo o país e se esforçam para fornecer o trabalho necessário para aquelas que o buscam, para regular as relações entre quem o dá e quem o recebe, para organizar aulas para um treinamento completo em costura e trabalhos braçais, para colocar criados, para proteger as jovens que vêm à distância, para tentar recuperar prostitutas, etc, etc.¹⁶³

A Associação Suíça de Mulheres, associação em que Meta von Salis-Marschlins atuava, não tinha fins lucrativos e realizava trabalhos de caridade, além de ter fundado o periódico *A filantropa* como um órgão de imprensa independente em junho de 1890, que circulou mensalmente até o final de 1894, com o mote “forte na adversidade”.¹⁶⁴ As principais atividades divulgadas no jornal se referem à manutenção, desde 1887, de um escritório para agenciar empregos em Zurique, uma clínica médica para mulheres, a casa de cura “Morro de Rosas” (*Rosenhügel*), em Urnäsch, Appenzell¹⁶⁵, e uma faculdade com cursos de confecção de roupas e lingerie, em Zurique. Também estava à disposição da Cruz Vermelha, principalmente em caso de guerra. Além de providenciar salas de leitura para jovens moças nas cidades maiores.

As associações filantrópicas realizavam “um movimento de formação das camadas mais baixas, para que adquirissem experiência para realizar grandes feitos, tendo a igreja e a imprensa – autoridades políticas – encorajado este movimento”¹⁶⁶. Pode-se perceber um caráter higienista por parte da Associação Suíça de Mulheres, já que havia uma “vasta empreitada de moralização e higiene”¹⁶⁷.

Havia uma preocupação com costumes, moral, higiene e mundo do trabalho por parte da associação. Apesar de não se deter geralmente a trabalhadoras, Meta comentou sobre a relação entre homens e mulheres competindo por vagas: “Onde quer que a cabeça ou a mão sejam mal remuneradas pelo seu trabalho, o homem prontamente se afasta e a mulher entra.”

¹⁶³ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). *Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften* [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 206.

¹⁶⁴ Do original: *fortis in adversis - stark im Ungemach*.

¹⁶⁵ Urnäsch é uma comuna suíça, localizada no Cantão Appenzell, na região Nordeste do país.

¹⁶⁶ SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 206.

¹⁶⁷ PERROT, M. Sair. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 506.

Indica uma desvalorização do trabalho feminino, mesmo que ocupando diversas áreas, como menciona mulheres trabalhando nos Correios e Telegráficos, na contabilidade de grandes lojas e até como acendedora de lampiões. Mas se pode perceber a maior crítica com relação às desigualdades dentro de casa:

Um passo adiante e encontramos muita injustiça e brutalidade cometida contra as mulheres. Ela serra madeira, puxa carroças ou carrega cargas muito além de suas forças, enquanto o homem se intoxica nas lojas de gin e desperdiça o dinheiro em prazeres, ele deveria gastar nas necessidades urgentes de sua família.¹⁶⁸

A Associação Suíça de Mulheres tinha como modelos a Associação Geral das Mulheres Alemãs e a Confederação Continental Britânica¹⁶⁹, divulgando informações sobre essas associações, assim como da britânica Sociedade Central Nacional pelo Sufrágio das Mulheres, das alemãs Associação pelo Bem-estar da Mulher (Berlim) e Associação de Mulheres de Baden (Karlsruhe), além de outros grupos. O periódico compartilhava relatórios de eventos como a União Universal das Mulheres, sediada em Paris, e Feira Mundial de Chicago e as notícias sobre educação e trabalho envolvendo mulheres de países como Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha e Áustria. Esse esforço internacional dos movimentos de emancipação das mulheres não se resume aos informes oficiais, abarca debates de pautas comuns para o contexto europeu, e a própria produção de von Salis acabava alinhada, justamente por se inserir numa “cultura europeia cosmopolita” e pelo “caráter transcontinental da circulação de ideias”. Nas palavras dela:

A imprensa liberal abre espaço para os adeptos da causa, que querem falar o que pensam em público e alguns jornais especiais - é verdade muito medianos - tentam espalhar pelo menos as sementes dos interesses menores. Um órgão separado para a Associação está sendo preparado, ou já existe.¹⁷⁰

Os periódicos possuem uma importante função ao estudar cenas feministas: “O barômetro por excelência do progresso do feminismo é a proliferação da imprensa feminina e a fundação de inúmeras associações. Em meados do século XIX, as feministas estão conscientes

¹⁶⁸ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 208.

¹⁶⁹ *Allgemeine Deutsche Frauenverein (ADF) e Britisch-Kontinentalen Bund*. A Associação Geral de Mulheres Alemãs, fundada em outubro de 1865, lutava por uma melhor educação e melhores oportunidades de trabalho para as mulheres, também possuía um periódico como órgão de imprensa, o *Neue Bahnen*, no qual von Salis publicou dois textos em 1901.

¹⁷⁰ SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 207.

disso.”¹⁷¹ Até então, aceita-se o início da imprensa feminista na Suíça com *A educadora* (*Die Erzieherin*), em 1845 (até 1849), redigido por Josephine Stadlin, adepta de Johann Heinrich Pestalozzi.¹⁷² O período de revolução de 1848 incentivou a imprensa feminista em diversos países. O termo “feminista” ainda estava se estabelecendo, não podendo ser aplicado para qualquer jornal de mulheres, ou seja, uma imprensa dita feminina, como analisado a seguir.

A participação de Meta von Salis no periódico *A filantropa: órgão da Associação Suíça de Mulheres* ocorreu de modo ativo antes mesmo do lançamento de seu número-teste, em junho de 1890, pois nos anos anteriores a Associação Suíça de Mulheres já veiculava um suplemento associado ao *Jornal Suíço das Mulheres*.¹⁷³ Em seu arquivo, custodiado pela Biblioteca Universitária da Basileia, consta a maioria dos exemplares de *A filantropa*, estando na íntegra todos os artigos escritos (assinados) por Meta, quando não impressos, manuscritos¹⁷⁴, inclusive aforismos sob o pseudônimo, aparentemente masculino, Kilian Murgs¹⁷⁵. O que reforça as dificuldades e os questionamentos que as mulheres sofriam com relação à credibilidade e à seriedade dos seus escritos, fazendo com que muitas delas recorressem ao uso de pseudônimos para burlar o preconceito ou mesmo preservar sua identidade. Há outras duas indicações de pseudônimos usados por von Salis: M. Willow, em artigos para o *Der Bund* (Berna, 1850 - atual), em 1880 e 1881¹⁷⁶; e Alexis Theben, nos três poemas publicados em 1877 no jornal *Salão dos Poetas Suíços* (*Schweizerischen Dichterhalle*).¹⁷⁷

¹⁷¹ KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 546.

¹⁷² Josephine Zehnder-Stadlin (1806-1875) e Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), pedagogo suíço, considerado um dos pioneiros da pedagogia moderna, reformou o ensino a partir de uma visão humanista e iluminista.

¹⁷³ *Jornal Suíço das Mulheres: Folhas para o círculo doméstico* (1879-1912), do original *Schweizer Frauenzeitung: Blätter für den häuslichen Kreis*, teve o subtítulo *Órgão da Associação Suíça de Mulheres* entre 1886 e agosto de 1887, quando passou a indicar *Órgão para os interesses do mundo das mulheres*, após conflitos internos na associação. Expedido em São Galo, de 1879 a 1887, todo sábado e, posteriormente, aos domingos.

¹⁷⁴ Há uma nota indicativa de que na Biblioteca Municipal de Zurique não estão os artigos da *Comunicação da Associação Suíça de Mulheres* e as edições do ano 1894 de *A filantropa*. A nota original, de 1889, diz: “Im Exemplar der Stadtbibliothek Zürich fehlt der Jahrgang 1894 sowie die ‘Mitteilungen des Schweizer - Frauenverbandes’.”

¹⁷⁵ Kilian é considerado um nome predominantemente masculino em países europeus. Aparentemente o uso desse pseudônimo está restrito a essa publicação de aforismos, não sendo mencionado por outros textos sobre a autora. A indicação de que seriam de von Salis se deve à nota indicativa escrita na encadernação de *A filantropa* e na anotação a lápis, com caligrafia da autora, junto do artigo. Stump diz haver mais de 100 aforismos de von Salis, sendo vários publicados sob diferentes pseudônimos no periódico, mas não cita nenhum pseudônimo. STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin**. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986.

¹⁷⁶ Os artigos são relatos de viagem pela Itália. Também publicou alguns relatos de viagem no *Jornal da Turgóvia*.

¹⁷⁷ STUMP, *op. cit.*, p. 74 e 94. O jornal *Die Ostschweiz*, em 14 de janeiro de 1876, fez uma publicação sobre o “Salão dos Poetas Suíços” (“*Schweizerischen Dichterhalle*”) que indicava os colaboradores, incluindo um A. von Salis e Conrad Meyer, renomado escritor suíço. Também no Walliser Bote, 26 de agosto de 1876, publicação mensal dedicada a poesia e literatura, para o “nobre e belo”. Cf.: E-NEWSPAPER ARCHIVES.CH. Disponível

Os primeiros artigos de von Salis em um periódico da Associação Suíça de Mulheres foram publicados entre setembro e novembro de 1889, no segundo ano de circulação do suplemento chamado *Comunicação da Associação Suíça de Mulheres: Suplemento mensal grátis “Jornal Suíço da Mulher”*¹⁷⁸. O periódico ao qual estava vinculado circulava desde julho de 1879, o que pressupõe certa consolidação no mercado. Em caráter de apresentação, o primeiro exemplar do *Jornal Suíço das Mulheres* descreve com quais pensamentos estaria alinhado sobre a questão das mulheres.

Apesar de parecer um recuo um tanto distante – falar do início do jornal em 1879, sendo que as publicações de von Salis começam em 1889 –, procura-se compreender de que modo von Salis participou desse grupo e o porquê dessa atuação, já que escrevia para o suplemento desse jornal. Portanto, definir a linha editorial, mesmo que de modo amplo, permite analisar aproximações e distanciamentos, ou seja, o espaço de escrita particular dos artigos de Meta. Trata-se de um periódico destinado ao público feminino das elites, tanto pelo conteúdo como pela presença de propagandas de produtos (máquina de costura, cosméticos, chocolates, roupas, sapatos) e serviços (senhoritas para trabalhar em casa de família, professoras de francês).

O jornal tinha como proposta discutir as questões das mulheres e como melhorar a situação delas na sociedade, compreendendo o espaço que lhes era atribuído como condicionado principalmente a quatro fatores: uma concepção de vida reduzida e incorreta pelas próprias mulheres; escassez econômica; falta de caráter, egoísmo e inconsequência dos homens; e o posicionamento deficiente pela proteção dos direitos do gênero feminino. Portanto, a situação feminina precisa eliminar ou modificar esses fatores para melhorar.

A solução apresentada pelo jornal parte de um fundo religioso protestante: começaria com a modificação de atitude pela mulher, para que assim pudesse melhor exercer sua função sagrada de mãe e cuidadora de todo futuro gênero humano.¹⁷⁹ O desejo interno seria essencial para conquistar e aprender a usar essa liberdade almejada, de modo que a “liberdade” teria início com a mulher que se liberta de seus erros, que são relacionados aos pecados capitais.

em: <https://www.e-newspaperarchives.ch/?a=d&d=OSZ18760114-01.2.13&srpos=12&e=-----187-de-20--1--img-txIN-Schweizerischen+Dichterhalle-----0----->. Acesso em: 15 jul. 2023.

¹⁷⁸ *Comunicação da Associação Suíça de Mulheres: Suplemento mensal grátis “Jornal Suíço da Mulher”* (1888-1889), do original *Mittheilungen des Schweizer Frauenverbandes: Monatliche Gratisbeilage zur “Schweizer Frauenzeitung”*, tinha como mote: “Uma por Todas, Todas por Uma” e era publicado no terceiro domingo de cada mês.

¹⁷⁹ “Wir sind die Mütter und Erzieherinnen des ganzen zukünftigen Menschengeschlechtes.” SCHWEIZER FRAUEN-ZEITUNG: Blätter für den häuslichen Kreis. Zur Frauen-Frage. São Galo, ano I, n. 1, p. 1, 5 jul. 1879. Disponível em: <https://www.e-periodica.ch/digbib/volumes?UID=sfz-001>. Acesso em: 21 janeiro 2023.

Logo, a própria mulher é a principal responsável por sua situação na sociedade e há um modelo de mulher a ser seguido como forma de modificar essa situação: essa mulher é casada e mãe.

A mulher não casada não era um tema, e o jornal se distanciava ainda das ativistas pelo direito ao voto.¹⁸⁰ Portanto, Meta von Salis, mesmo com sua educação fundamentada na formação protestante, não estava alinhada com o editorial desse jornal. Apesar disso, o *Jornal Suíço das Mulheres* representou um significativo papel para fundar a Associação Suíça das Mulheres, a partir da reunião de associações regionais. A associação de âmbito nacional foi fundada em Aarau¹⁸¹, em 1885, por Elise Honegger-Egger¹⁸², porém, devido aos conflitos internos, acabou sofrendo modificações e até divisões. A Dra. med. Caroline Farner assumiu a presidência em 1886 e, posteriormente, em 1888, houve uma cisão em duas partes: a maioria constituiu a Associação Suíça de Mulheres Sem Fins Lucrativos¹⁸³, e a parte renovada sob liderança de Farner manteve o nome Associação Suíça de Mulheres. Posteriormente, com a saída de outras seções regionais, permaneceu apenas a seção de Zurique, chamada de “Fraternité”, e cerca de 300 membros individuais internos e do exterior. Além das pautas comuns às mulheres – de elite – da Europa, o caráter transnacional das associações advém da própria movimentação de mulheres, como “as estudantes de medicina russas tramam contacto com as associações femininas de Zurique”¹⁸⁴.

Possivelmente, foi devido à separação em duas associações – Associação das Mulheres Suíças e Associação das Mulheres Suíças Sem Fins Lucrativos – que a linha editorial do periódico em que Meta publicava mudou bastante, pois já não estava direcionada às mulheres casadas das camadas médias e altas. O grupo no qual estava inserida, a Fraternité, representava a minoria do movimento das mulheres na Suíça, se considerarmos que a Associação Suíça de Mulheres Sem Fins Lucrativos, em 1889, possuía 1.200 membros. Esta instituição tinha como princípios o trabalho sem fins lucrativos e a “elevação do ideal da família feliz”, por meio da

¹⁸⁰ ERTL, Katharina. **Die Frauenbewegung von 1848 bis 1933**. Eine rechtshistorische Darstellung im Ländervergleich Deutschland, Österreich und Schweiz. 2012, 96p. Diplomarbeit (Magistra der Rechtswissenschaften) – Fakultät der Karl-Franzens-Universität Graz, Graz, 2012.

¹⁸¹ Aarau é uma cidade suíça, capital do Cantão de Aargau, no Norte do país.

¹⁸² Elise Honegger (1839-1912), jornalista que fundou o *Jornal Suíço das Mulheres*, considerado o primeiro periódico da imprensa feminina que não falava apenas de moda, culinária, cuidados com crianças e entretenimento, mas questões políticas das mulheres. Também empresária, uma vez que o jornal é considerado o primeiro periódico feminino a ter sucesso comercial. Fundou em 1885a Associação Suíça de Mulheres, que, após conflitos, acabou dissolvida. Em 1888, fundou indiretamente a Associação Suíça de Mulheres sem Fins Lucrativos, que está ativa até hoje. WIRZ, Claudia. Elise Honegger (1839 - 1912): eine republikanische Verlegerin. In: EPP, Verena Parzer; WIRZ, Claudia (orgs.). **Wegbereiterinnen der modernen Schweiz**. Frauen, die die Freiheit lebten. Zürich: Verlag Neue Zürcher Zeitung, 2014, p. 77-79.

¹⁸³ *Schweizerischer Gemeinnütziger Frauenverein*.

¹⁸⁴ KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 554.

educação das moças e de uma noção de “feminilidade”, cujas principais atividades se destinariam ao cuidado da casa. Além disso, mantinha-se afastada de discussões de igualdade política e jurídica.¹⁸⁵

Por mais que, nesse caso, a separação pareça centrada em diferenças ideológicas, não se devem desconsiderar possíveis relações interpessoais que também podem ser responsáveis por distanciamentos e aproximações. Para Meilier, a relação interpessoal entre von Salis e Farner, que se conheceram na época da universidade, permitiu que von Salis tivesse bastante espaço na revista, inclusive para sua amiga Hedwig Kym¹⁸⁶. Ambas foram participantes da *Fraternité* e de *A filantropa*, na qual publicaram diversas vezes, não sendo afirmado quantos artigos foram escritos por Meta, pois a quantidade seria maior do que os nominalmente assinados, inclusive pelo uso de pseudônimos¹⁸⁷. Participou ativamente do jornal, e os textos assinados por von Salis circularam entre agosto de 1890 e novembro de 1894, divididos em 36 números. Raramente um número apresentava mais de um texto assinado por Meta, e quando isso ocorria estavam em seções diferentes do jornal.

Mostrar uma visão panorâmica da obra de von Salis enquanto escritora¹⁸⁸ enfatiza sua atuação no movimento institucional das mulheres e sua escrita em gêneros literários distintos. Contudo, cabe dedicar um espaço para pensar uma produção escrita em si invisibilizada: a tradução. Muitas mulheres letradas e minimamente bilíngues se ocuparam dessa atividade, contribuindo para a circulação de inúmeros textos. No Brasil, nos últimos anos, alguns trabalhos foram escritos pensando em “combater a subestimação dos papéis femininos nos Estudos da Tradução, na História da Tradução e na Historiografia da Tradução”¹⁸⁹, justamente por identificarem uma menor quantidade de trabalhos acerca das mulheres, em relação aos homens tradutores.

¹⁸⁵ ERTL, Katharina. **Die Frauenbewegung von 1848 bis 1933**. Eine rechtshistorische Darstellung im Ländervergleich Deutschland, Österreich und Schweiz. 2012, 96p. Diplomarbeit (Magistra der Rechtswissenschaften) – Fakultät der Karl-Franzens-Universität Graz, Graz, 2012.

¹⁸⁶ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005.

¹⁸⁷ Meilier não menciona os pseudônimos, nem a *Comunicação* como periódico anterior da associação e assume que von Salis teria se interessado pelo projeto de *A filantropa*, quer dizer, não estaria envolvida com a construção do novo periódico. Sobre esse aspecto, parece faltar algum estudo mais aprofundado, pois uma coincidência chama a atenção quanto ao nome escolhido para o jornal – *A filantropa*. No século XVIII, Ulysses von Salis, avô de Meta, pretendia introduzir um “Philantropinum” em Marschlins, onde os jovens nobres seriam educados para a realização de uma “humanidade superior”.

¹⁸⁸ Cabe ainda destacar alguns artigos publicados durante a Primeira Guerra Mundial, com trabalhos em que se posicionava sobre os acontecimentos, e após, na década de 1920, quando publicou artigos sobre a história da sua família.

¹⁸⁹ REIS, Dennys; FONSECA, Luciana. Mulheres tradutoras do século XIX no Brasil: do Romance à Narrativa Historiográfica. **Em favor de igualdade racial**, Rio Branco, v. 4, n. 2, p. 176-200, 2021.

“Uma das estratégias mais eficazes e mais elaboradas da passagem ao acto de escrever continua a ser a prática, pelas mulheres, da tradução. Esta é efectivamente considerada como uma actividade feminina por excelência, por razões evidentes”¹⁹⁰, pois se trata de uma atividade privada (não expõe a mulher indecentemente no mercado literário), pode ser anônima (“não se prostitui o nome do marido, não se coloca a família em perigo”), pode ser realizada no ritmo do lar, ou seja, “compatível com as tarefas ditas femininas”, além de que as tradutoras possuíam certa liberdade de escolha. A partir da tradução, as mulheres passam ao romance, que se tornaria “sinónimo de literatura feminina no século XIX”.

Mas há também outra coisa que nem sempre aparece claramente àqueles que consideram a tradução como um amável passatempo feminino: traduzir é fazer um uso concreto dos conhecimentos adquiridos e, para certas mulheres que disso têm consciência, há uma margem de liberdade na escolha dos textos a traduzir, e até mesmo a possibilidade de introduzir, ao acaso da tradução, reflexões e matizes que não encontrariam lugar noutro lado. Por que razão as mulheres que são primeiro tradutoras antes de se tornarem autoras escolhem sistematicamente, para traduzir, correspondência de mulheres como Ninon de Lenclos, ou peças de teatro e romances que tratam da realidade revolucionária?¹⁹¹

Com conhecimento em alemão, francês, inglês, italiano e espanhol, Meta von Salis se dedicou também à tradução. Em *A filantropa*, a maior parte das publicações de von Salis estava na seção de “Ficção” (*Belletristisches*), sendo oito artigos, publicados entre 1892 e 1894, dedicados à tradução de textos da obra “Sonhos”¹⁹², de Olive Schreiner¹⁹³, publicada originalmente em inglês no ano de 1890. Meta tinha como projeto recuperar e divulgar mulheres, tanto do passado como do seu tempo, o que aproxima sua prática do chamado “ato de tradução feminista”. O ato surgiu no século XIX e “consistia em mulheres traduzindo originais escritos por mulheres e para mulheres. Os gêneros feministas incluíam principalmente artigos, críticas e ensaios. A tradução feminista foi responsável pela circulação das ideias feministas em todo o mundo”¹⁹⁴. Também traduziu do espanhol Gertrudis Gómez de

¹⁹⁰ DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 190.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 190.

¹⁹² Título original: “*Dreams*”.

¹⁹³ Olive Schreiner (Colônia do Cabo, África do Sul, 1855-1920), “filha de um pastor luterano alemão e uma dona de casa inglesa”, posicionou-se contra o imperialismo britânico e o capitalismo monopolista do país, observando as consequências do Império e colônia, da mineração e da guerra Anglo-Bôer. Deixou a Liga pelo Sufrágio Feminino, quando soube que “as participantes eram contra o voto da população negra”. Escreveu “diversas obras de ficção e inúmeros textos de análise social e política”, pode-se citar *Mulher e trabalho* como um grande sucesso no movimento de mulheres do período. DAFLON, Verônica T.; SORJ, Bila. **Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

¹⁹⁴ REIS, Dennys; FONSECA, Luciana. Mulheres tradutoras do século XIX no Brasil: do Romance à Narrativa Historiográfica. **Em favor de igualdade racial**, Rio Branco, v. 4, n. 2, p. 176-200, 2021.

Avellaneda¹⁹⁵ e do inglês, textos de Robert Browning, que foram publicados em sua coletânea “Aristokratika II”, em 1909.

Aparentemente uma atividade ocasional para Meta, ela foi responsável por três traduções do historiador italiano Pier Desiderio Pasolini¹⁹⁶: “Katharina Sforza” (1895), “Os anos seculares: uma visão histórica” (1907) e “Ravena e suas grandes memórias” (1930).¹⁹⁷ Em sua rede de sociabilidades existiam outras tradutoras, como a senhorita Helen Zimmern¹⁹⁸, que traduziu obras de Nietzsche para o inglês. Em carta de 1888, Nietzsche pergunta se ela estaria interessada em traduzir “*Ecce Homo*” e “*Anticristo*”¹⁹⁹, além de ser sugerida para “Crepúsculo dos ídolos”²⁰⁰. Ela traduziu “Para além do bem e do mal”, em 1906, e “Humano, Demasiado Humano”, em 1909. Com relação ao filósofo, outras mulheres trabalharam em traduções de suas obras para o francês: a condessa Diodati, mencionada em cartas de 1872²⁰¹, teria traduzido “O Nascimento da Tragédia” e Marie Baumgartner-Köchlin²⁰², “Schopenhauer como Educador”²⁰³, em 1874, e “Richard Wagner em Bayreuth”, em 1876.

As mulheres letradas parecem ter se consolidado na prática da tradução, uma das poucas possibilidades de atuação na intelectualidade do período, já que elas estavam começando a ingressar na universidade, porém os empregos ainda eram restritos. A metáfora da tradução, descrita por Lori Chamberlain em 1988, auxilia a perceber o porquê desse espaço,

¹⁹⁵ Gertrudis Gómez de Avellaneda (1814-1873) nasceu em Cuba e viveu muitos anos na Espanha. Teve uma carreira literária, publicando romances, peças de teatro, textos biográficos e relatos de viagem. “Sab” (1841) é seu romance mais conhecido, ambientado em Cuba e com um posicionamento abolicionista, no qual associava a condição do escravizado à da mulher pela falta de liberdade. FRANCO, Stella Maris Scatena. Gertrudis Gómez de Avellaneda entre Cuba e Espanha relatos de viagem e ambivalências em torno da questão da identidade nacional. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p. 315-333, jul./dez. 2007.

¹⁹⁶ Pier Desiderio Pasolini (Ravena, 1844 - Roma, 1920), membro do partido monárquico constitucional, deputado e depois senador do reino. Escreveu diversos textos sobre a história da região. TRECCANI. Enciclopédia italiana. **Pasolini, Pier Desiderio**. c.2023. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/pier-desiderio-pasolini_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Acesso: 9 jun. 2023.

¹⁹⁷ PASOLINI, Pier D. **Die Saekularjahre: eine historische Vision**. München/Leipzig: Georg Müller, 1907. *Idem*. **Ravenna und seine großen Erinnerungen**. Strassburg: Heitz, 1930.

¹⁹⁸ Helen Zimmern (Alemanha, 1846 - Itália, 1934) cresceu no Reino Unido, tendo atuado como tradutora do alemão e do italiano para inglês, sendo a primeira a traduzir “Além do bem e do mal”. Escreveu artigos críticos sobre literatura alemã e arte italiana. Era irmã da sufragista Alice Zimmern. Von Salis a conheceu em 1886 em Sils-Maria, com Nietzsche. SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 25.

¹⁹⁹ Carta a Helen Zimmern de 08 de dezembro de 1888, eKGWB/BVN-1888,1180. NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe**. Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari. Edited by Paolo D'Iorio. Berlin/New York: De Gruyter, 1967. Disponível em: www.nietzschesource.org/#eKGWB. Pergunta se quer traduzir “*Ecce Homo*” e “*Anticristo*”. Ela traduziu “Para além do bem e do mal”, em 1906, e “Humano, Demasiado Humano”, em 1909.

²⁰⁰ Carta a Heinrich Köselitz de 09 de dezembro de 1888, eKGWB/BVN-1888,1181. *Ibidem*.

²⁰¹ Carta a Gustav Krug de 05 de outubro de 1872, eKGWB/BVN-1872,259. *Ibidem*.

²⁰² Marie Baumgartner-Köchlin foi a primeira tradutora de Nietzsche para o francês, seu filho Adolf era aluno do filósofo em Basel. Ela era alsaciana e vivia em Lörrach, cidade hoje na Alemanha, próxima à fronteira com a França. Nietzsche comenta dela na Carta a Malwida von Meysenbug de 07 de fevereiro de 1875 (eKGWB/BVN-1875,424) e na Carta a Ernst Schmeitzner de 14 de março de 1875 (eKGWB/BVN-1875,434). *Ibidem*.

²⁰³ “Schopenhauer als Erzieher”.

uma vez que propõe uma comparação entre a tradução e a mulher, “visto que ambas são consideradas secundárias e derivadas nesses discursos”. Mesmo que o profissional seja homem, é associado ao “feminino” por estar em um trabalho reprodutivo, enquanto o produtivo seria o original e “masculino”.

Diversos aspectos cabem em análises de tradução, como: a questão da fidelidade; as adaptações; a seleção do que traduzir; e as estratégias de “tradução feminista”, em que “a tradução feminista, realizada por mulheres que possuem teoria e prática feminina em mente, tem como uma das principais funções a recriação do texto a partir de perspectivas feministas”²⁰⁴. Deve-se, portanto, perceber que “tais estratégias implicam no ato de produção textual, no qual a tradutora é sujeito visível, consciente e ativo no texto”²⁰⁵.

Outra questão a ser pensada se refere à solicitação de certa formação para tradução de determinado assunto, pois são observados historiadores traduzidos por historiadoras, como no caso de von Salis, ou mulheres que escreviam história, mesmo que de forma amadora, a exemplo de Sarah Taylor Austin.²⁰⁶ “Ela sustentava a família com sua prodigiosa literatura e com traduções, desdenhando contudo o reconhecimento oficial de seu intelecto”²⁰⁷, e tinha alguma preferência pela tradução, “Embora essa atividade rendesse menos dinheiro e menos glória”²⁰⁸.

A prática da tradução também se relaciona com o alargamento do espaço das mulheres, inclusive pela educação religiosa, como: “No mundo protestante e, mais tímido e tardiamente, nos meios católicos, a viagem inscreve-se na fase final da educação das raparigas. A prática de línguas estrangeiras abre-lhes o horizonte permitido da tradução, possível ocupação de mulheres.”²⁰⁹

Em “A posição da mulher na Europa/Suíça” (1887), o artigo de Meta von Salis-Marschlins culmina na crítica ao casamento ou, ao menos, ao modo como funcionava na

²⁰⁴ ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. **Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX**. 2016, 191p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016, p. 33.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 34.

²⁰⁶ Sarah Taylor Austin (Reino Unido, 1793 - 1867) foi educada em casa, aprendeu latim, alemão, francês e italiano, tornando-se escritora, tradutora e *salonnière* internacional. Casou-se com John Austin e conviveu com Jeremy Bentham, Thomas Carlyle e John Stuart Mill. Traduziu diversas obras, entre elas textos de Leopold von Ranke, e organizou postumamente textos do marido, um conhecido filósofo do Direito. Sua filha Lucie também esteve integrada às redes intelectuais. COLBERT, Benjamin. Sarah Austin. **British Travel Writing**, University of Wolverhampton, c. 2023. Disponível em: <https://btw.wlv.ac.uk/authors/1183>. Acesso em: 9 jun. 2023.

²⁰⁷ SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p.106.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 116.

²⁰⁹ PERROT, M. Sair. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 522.

sociedade oitocentista. A autora entende que as mulheres sofrem diversas violências, mas principalmente a de ter o casamento quase como finalidade única, único objetivo da vida, uma vez que os filhos são resultados dessa união. Estando sob a arbitrariedade do marido, suas possibilidades de escolha são restritas:

E aqui tocamos o ponto sensível e viramos a página mais escura da existência da mulher, suas circunstâncias matrimoniais. O casamento, em qualquer forma ou formato, ainda é considerado o objetivo de toda mulher que nasce. Essa característica vicia seu desenvolvimento e estraga suas perspectivas. Na maioria dos casos, ela cresce nessa ideia como uma planta em um lugar oco e nunca vê a injustiça da qual é vítima. Se ela permanecer solteira, ela é objeto de pena zombeteira; se ela encontra um marido é inteiramente da arbitragem dele que depende a luz ou a escuridão de seu destino. Quanto mais baixa sua posição social, maior a dúvida de sua sorte! O divórcio é facilmente obtido, mas suas consequências fatais quanto aos filhos, fortuna e posição social, recaem principalmente sobre ela. As leis são menos erradas, ou melhor, as leis respondem a todo o teor de conduta, ao qual meninos e meninas são educados. O senso refinado de decência e autocontrole é inculcado para grandes ocasiões e considerado supérfluo para as relações íntimas da vida cotidiana. O vínculo matrimonial entre nós é geralmente considerado sagrado, as manchas da imoralidade grosseira raramente corrompem a própria essência da existência de uma família, pais e filhos podem se olhar sem corar por ilegitimidades vergonhosas, mas os sotaques domésticos ao redor da lareira de pedra são muitas vezes rudes, brutais ou indiferentes. Falta a flor da união humana - simpatia pelos objetivos mais nobres e elevados de cada um. A esposa é uma máquina doméstica, o marido um provedor de pão e cidadão, as crianças o mesmo em potencial. Não há companheirismo da alma.²¹⁰

Sendo a mulher limitada a ser uma “máquina doméstica”, não haveria como se “elevar à nobreza de espírito”, o que Meta von Salis-Marschlins concebe como prejudicial para toda a sociedade, pois “somente se criarmos uma mulher podemos esperar ver o homem crescer”²¹¹. E essa “criação” perpassa os interesses individuais do espírito e o trabalho intelectual da mulher.

1.3 Formação universitária como possibilidade

Em 24 de maio de 1887, foi promulgado o diploma de Doctoris Philosophiae *cum magna laude*²¹² para Meta von Salis-Marschlins, então com 32 anos, por sua dissertação “Inês da Aquitânia, imperatriz da Alemanha: um tratado histórico-crítico-psicológico”²¹³, pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Zurique. Atualmente, ela é reconhecida como a

²¹⁰ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). *Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften* [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 208.

²¹¹ *Ibidem*, p. 209.

²¹² A expressão “*cum magna laude*” significa “com grande honra”.

²¹³ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *Agnes von Poitou: Kaiserin von Deutschland. Eine historisch-kritisch-psychologische Abhandlung*. [Inês da Aquitânia, imperatriz da Alemanha: um tratado histórico-crítico-psicológico]. Zurique, 1887, 91p.

primeira historiadora suíça, o que sugere alguns questionamentos sobre a entrada das mulheres nas universidades e sobre a formação de uma historiadora no final do século XIX.

Meta von Salis, apesar de ser de uma família com propriedades, pagou seus estudos com o dinheiro que juntou ao trabalhar como preceptora, pois seu pai não apoiava sua vontade de ter ensino superior. A intelectual suíça se reconheceu enquanto uma pioneira e defensora da causa das mulheres. Ser uma das pioneiras teve suas consequências, conforme descreveu em alguns textos, como na série de seis artigos “Sob novas bandeiras. As mulheres estudantes” para o *Jornal da Turgóvia*, em 1884.

Sua formação ocorreu num período em que a História estava se profissionalizando e se consolidando em torno de características e metodologias científicas, o que não significa que as mulheres não desenvolvessem práticas historiográficas antes. Havia uma prática “amadora” da história escrita por mulheres e sobre elas, como no caso de Germaine de Staël. Diversas mulheres se envolveram em atividades associadas à historiografia, atuando tanto na escrita de biografias, relatos de viagem e acontecimentos históricos como enquanto tradutoras, copistas e revisoras de trabalhos escritos por homens ou em conjunto. “No decorrer da profissionalização do século 19 e também no século 20, muitas obras e pesquisas eram feitas em família”²¹⁴, ou seja, esposas e filhas poderiam participar, inclusive, em alguns casos, compilaram e publicaram as obras do marido ou pai falecido.

Independentemente de ser a primeira historiadora suíça ou a segunda mulher a se doutorar pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Zurique, Meta von Salis se reconheceu como parte de um pioneirismo, afinal, essa era uma nova possibilidade de atuação intelectual e profissionalização para as mulheres das elites. Com uma preocupação sobre as relações entre gênero e historiografia, deve-se indagar de que modo as mulheres se inserem em espaços de formação universitária e se formam ou são reconhecidas enquanto historiadoras. Como relata Bonnie Smith, num período em que

[...] um historiador tem sido a incorporação da verdade universal, alguém que, formado por relos de detalhes psicológicos e de proações purificadoras resultantes de contingências da vida cotidiana, da paixão humana e de mulheres vorazes, surge como um gênio desprovido de gênero e com um nome que irradia extraordinário poder.²¹⁵

²¹⁴ SMITH, Bonnie G. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 181.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 216.

Um primeiro questionamento remete justamente à classificação de von Salis enquanto “historiadora”, pois não havia um curso específico de História como atualmente. Portanto, há a necessidade de observar a configuração da Universidade de Zurique na época, século XIX, e quais itinerários formativos ela seguiu, quer dizer, quais as disciplinas e os docentes envolvidos nesse processo. Também se quer apresentar aspectos das vivências estudantis femininas, muitos deles discutidos por Meta von Salis em artigos publicados entre 1884 e 1887.

As universidades, cujas origens remontam à Idade Média, passaram por várias inovações, que transformaram seus aspectos basilares. Nos séculos XIX e XX, essas instituições, ao sentirem o impacto da ciência e da profissionalização, renovaram seus formatos, configurando-se em modelos diferentes – com destaque para o modelo alemão e o francês. O ensino universitário suíço tem suas originalidades, como o fato de cada região se voltar para sua “nação materna do ponto de vista linguístico”²¹⁶. Assim, a maior parte, falante da língua alemão, adotou o modelo alemão.

O modelo alemão se fundamentou no pensamento neo-humanista, relacionado à liberdade de aprender, ensinar e pesquisar, porém manteve práticas antigas até os anos de 1830, quando enfrentou uma transformação decorrente da mudança social dos estudantes. Os novos estudantes provinham de camadas médias e da ascendente burguesia, favorecidas pela expansão industrial e urbana, mudando a função dos estudos superiores: de formar padres e funcionários para uma nova formação de professores, pesquisadores, engenheiros e técnicos²¹⁷.

O ideal universitário de Humboldt era destinado a formar pessoas ilustres provenientes da alta burguesia ou da nobreza. A partir do momento em que as universidades são povoadas majoritariamente por jovens (e mesmo, no início do século XX, por moças) que procuram rentabilizar sua formação, e dos quais uma parcela provém do ensino não clássico, menos ligada, portanto, aos valores humanistas, a orientação dos estudos só pode inclinar-se para a prática, para o utilitarismo e para a especialização.²¹⁸

Outro aspecto de destaque das universidades suíças foi a quantidade de universidades desproporcional às necessidades da população local. A solução para cobrir os investimentos efetuados teve como centro “a acolhida dos estudantes estrangeiros e a abertura precoce às

²¹⁶ A Suíça tem quatro línguas oficiais: alemão, francês, italiano e romanche. Quando menciona “nação materna do ponto de vista linguístico”, refere-se à Alemanha, à França e à Itália e seus modelos universitários.

²¹⁷ CHARLE, Christoph; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Editora Unesp, 1996, p. 106.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 108.

mulheres, ainda excluídas em outros lugares”²¹⁹. Tornaram-se locais de inovação em comparação às instituições dos países vizinhos.

A Universidade de Zurique, fundada em 1833, a partir da união de institutos de ensino superior, era composta de quatro faculdades: Teologia, Ciência Política, Medicina e Filosofia. Apenas a Faculdade de Filosofia contava com divisões internas: 1. Ciência Política; 2. Filologia e Antiguidade Clássica; 3. História; 4. Matemática; e 5. História Natural. Em 1860, ocorreu uma nova divisão da faculdade filosófica em duas seções: filológico-histórica e matemático-científica natural. No semestre de inverno 1860/1861, surgiram subdivisões na seção filológico-histórica, que se modificaram em 1882, quando passaram a ser: 1. Filosofia e Pedagogia; 2. Letras, Antiguidade Clássica e História da Literatura; e 3. História, Geografia, História da Cultura e História da Arte.²²⁰

Indicar as áreas e subáreas do conhecimento universitário em Zurique se faz necessário para não se pressupor uma similaridade com a atual configuração da disciplina História nos ensinos superiores, ainda mais em comparação com o Brasil. Certa confusão surgiu quando cada estudioso ou comentador de Meta von Salis indicava uma série de disciplinas que ela teria cursado, como História, Filosofia, História da Arte, Jurisprudência/Direito, Literatura e Grécia Antiga. Logo, a fim de esclarecer quais as disciplinas cursadas, dentro das denominações da época, recorre-se aos atestados de conclusão semestral, que expõem as disciplinas cursadas e os respectivos docentes. Assim como ao seu diploma, seu currículo e outros textos, inclusive cartas, para se compreender porque já foi descrita como “Doutora em Filosofia”, mas sua memória acabou perpetuada enquanto “Doutora em História”. Aliás, o termo “dissertação”, que lhe concedeu o título de doutorado, também pode gerar um desentendimento, pois se distancia das atuais noções de graduação e pós-graduação, inclusive ao se considerar o tempo e o formato dos seus estudos no ensino superior. Esses esclarecimentos caminham em conjunto com a discussão sobre a situação das mulheres universitárias no período.

Até o momento, considera-se que foi no semestre entre 1867 e 1868 que a primeira mulher, a russa Nadezda P. Suslova, matriculou-se na Universidade de Zurique, tornando-se efetivamente uma aluna regular²²¹, pois antes alguns cursos permitiam que mulheres fossem admitidas como ouvintes. Certo pioneirismo deve ser atribuído também à Universidade de

²¹⁹ CHARLE, Christoph; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Editora Unesp, 1996, p. 115.

²²⁰ UNIVERSITÄT ZÜRICH. **Historische Vorlesungsverzeichnisse**. c2021. Disponível em: <http://www.histvv.uzh.ch/benutzungshinweise.html>. Acesso em: 20 jan. 2023.

²²¹ VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ (org.). **Ebenso neu als kühn: 120 Jahre Frauenstudium an d. Univ. Zürich**. Zurique: eFef, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/ebensoneualskuhn0000unse/page/8/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Zurique, considerada a primeira universidade suíça e a segunda europeia – a primeira ficava na Rússia – a permitir o ingresso de mulheres. As universidades suíças – Zurique, seguida por Berna e Genebra – abriram suas portas às mulheres bem antes de outros países, porém essas mulheres não eram suíças, mas sim estrangeiras, em especial, russas. A Rússia permitiu a admissão de mulheres por um breve período no início da década de 1860, porém, em 1864, proibiu-a por causa do envolvimento de alunas com revoltas estudantis, forçando-as a procurarem instituições que as aceitassem em outros países. “Note-se que as mulheres eram admitidas aos estudos universitários na Rússia, nos EUA e na Suíça, desde a década de 1860, mas na Áustria apenas em 1897 e na Alemanha só em 1900-1908 (Berlim)”²²².

Zurique era uma universidade jovem, fundada em 1833, para a qual muitos professores da Alemanha vieram após os movimentos revolucionários de 1848, e permaneceram até serem chamados por instituições mais renomadas, havendo uma certa abertura para novas ideias, como a do ensino superior para mulheres.²²³ Sobre o ingresso das mulheres, Meta von Salis-Marschlins, no artigo “A posição da mulher na Europa/Suíça” (1887), também reconheceu o impacto de 1848 para as atuais melhoras na situação feminina, porém atribuiu reconhecimento ao “caráter masculino suíço”, que teria considerado as capacidades mentais e morais das mulheres para frequentar a universidade ao não trazer especificações sobre sexo nos estatutos universitários:

A dissolução da velha Suíça no final do século passado e a consolidação gradual da nossa atual República de 22 cantões de direitos iguais - um processo que circunscreve o período de 1798 a 1848 afrouxou novamente o movimento progressivo da cultura feminina. Os interesses do todo mais uma vez absorveu os objetivos de suas partes ou pelo menos as silenciou no intervalo. Mas a atual melhoria tem os seus germes já em 1848. O latim e o grego começaram a ser estudados por senhoras que, nos nossos tempos, preparavam os seus juniores mais felizes para os exames de admissão à Universidade. O seu caminho foi bastante espinhoso, mas o caráter do masculino suíço, mesmo então, revelou-se na sua marcada peculiaridade no que diz respeito às capacidades mentais e morais das mulheres. *Mostre-nos o que você sabe*, disse seu sóbrio irmão suíço, e interpretou a seu favor um parágrafo dos Estatutos da Universidade de Zurique, que deixava a questão do sexo em aberto no momento da admissão.²²⁴

²²² HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios**, 1875-1914. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022, p.315.

²²³ VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ (org.). **Ebenso neu als kühn: 120 Jahre Frauenstudium an d. Univ. Zürich**. Zurique: eFef, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/ebensoneualskuhn0000unse/page/8/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2023.

²²⁴ “The dissolution of old Switzerland at the close of the last century and the gradual consolidation of our actual Republic of 22 cantons of equal rights - a process circumscribing the period from 1798 to 1848 - again slackened the onward movement in female culture. The interests of the whole once more absorbed the aims of its parts or at least hushed them in the interval. But the present improvement has its germs farther back than ‘48. Latin and Greek began to be studied by ladies who, in our times, prepared their happier juniors for the entrance examinations to the University. Their path was thorny enough, but the character of the Swiss masculine even then came out in its marked peculiarity as far as the mental and moral capacities of women are concerned. Show us what you know, said her sober Swiss brother, and interpreted in her favor a paragraph in the Zurich University Statutes, which left

Mesmo que já acostumados com a presença de algumas alunas ouvintes desde a década de 1840 – como a suíça Josephine Stadlin –, somente parte do ambiente universitário pareceu aceitar com certa tranquilidade as mudanças, pois havia uma desconfiança de alguns docentes sobre as capacidades femininas e zombaria por parte de alguns colegas. A feminilidade das estudantes era questionada pela sociedade, pois não estariam correspondendo às expectativas do “ideal feminino”, voltado à maternidade. Uma série de dificuldades foram impostas às estudantes, algumas práticas, como para encontrar locais para alugar, tanto por serem mulheres vivendo sozinhas como por terem sua capacidade de pagar questionada. Nas relações sociais e familiares, havia uma visão negativa sobre as estudantes, o que dificultava ou rompia laços.²²⁵

A predominância de estrangeiras na universidade suíça em seus primeiros anos de ingresso feminino talvez esteja vinculada aos investimentos em educação secundária. Assim como se observa uma irregularidade no acesso ao ensino superior, houve uma atenção diferente de cada país para a educação formal em nível secundário das meninas. O avanço na Suíça se deu muito lentamente, ao passo que na Alemanha e na Rússia houve um rápido e expressivo aumento na quantidade de meninas alcançadas.²²⁶ A Faculdade de Medicina foi a primeira a ser frequentada pelas estudantes matriculadas, uma vez que a função de cuidados com os outros era consistente com a imagem tradicional atribuída à mulher. Seguida pela Faculdade de Filosofia, que não apresentava nos cadastros estudantis se seria a seção matemático-científica natural ou a filológico-histórica. Depois, a Faculdade de Ciência Política, com matrículas a partir de 1872, e por último, Teologia, somente em 1908.²²⁷

A própria Meta relatou que em 1887 “Já foram criadas doutoras de todas as faculdades, exceto de Teologia. Medicina continua a ser a principal atração, e isso é bastante natural, pois o público parece estar no melhor caminho para reconhecer o que ótimas médicas são capazes de fazer”²²⁸. A Associação Suíça de Mulheres teve como presidente de 1886 a 1891 uma médica formada em Zurique entre 1871 e 1877, a Dra. Caroline Farner, além de outras

the question of sex open in point of admission.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *The Position of Woman in Europe/Switzerland* (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 202-203.

²²⁵ VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ (org.). **Ebenso neu als kühn: 120 Jahre Frauenstudium an d. Univ. Zürich**. Zurique: eFef, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/ebensoneualskuhn0000unse/page/8/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2023.

²²⁶ HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios, 1875-1914**. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022, p. 315. Sobre a Alemanha, também: DEMARLE, Marie-Claire. *Ler e escrever na Alemanha*. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

²²⁷ VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ, *op. cit.*, 1988.

²²⁸ SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 203-204.

profissionais que colaboravam para manter a clínica para mulheres e a casa de cura, assim como para publicar diversos artigos sobre saúde e higiene no periódico *A filantropa*.

Estar circunscrita à realidade da Suíça parece ter sido fundamental para a formação intelectual de Meta. Ainda que tivesse trabalhado como preceptora para pagar seus estudos, não usufruindo do dinheiro do pai, estudar em seu país de origem não deve ter deixado de ser uma facilidade – ou pelo menos uma economia –, ainda mais carregando o sobrenome de uma família reconhecida, inclusive em espaços intelectuais. Além disso, a Suíça já se posicionava a partir de uma declarada neutralidade, que beneficiava a circulação de intelectuais diversos em viagens ou asilo político, junto da circulação de ideias em um espaço de aparente liberdade de imprensa e do estabelecimento de uma democracia contrastante com os países vizinhos.

O ingresso de Meta von Salis na Universidade de Zurique é mencionado em *Filósofo e nobre* (1897): “[...] em outubro do mesmo ano, me mudei para a Universidade de Zurique ao mesmo tempo que a senhorita von Sch. [Resa von Schirnhofen].”²²⁹ A parcela da população que frequentava as universidades era bem restrita, e a participação das mulheres, incipiente, fato que pode ser observado em seus documentos semestrais, em que todos os pronomes impressos nas fichas estão no masculino. Como não havia a opção no feminino, escreveu-se a pena por cima da rasura dos referenciais masculinos. No caso, o início do texto – “*Der Herrn*” (“O senhor”) – foi riscado para ser escrito acima “*Die Frl.*”, abreviação de “*Fräulein*” (“A senhorita”). Meta von Salis ingressou no semestre de inverno de 1883/1884, mais precisamente em 17 de outubro, e permaneceu até o inverno de 1886/1887, frequentando cursos por seis semestres e com uma média de carga horária em disciplinas de 15 horas semestrais.²³⁰

Analisar a trajetória acadêmica de Meta von Salis se insere na abordagem “história dos intelectuais”, a partir das noções de itinerário, geração e sociabilidade.²³¹ As três noções estão interligadas, porém evidenciando, neste momento, os itinerários, considera-se que:

[...] não nos limitarmos às trajetórias apenas dos “grandes” intelectuais e de descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos

²²⁹ “Im Oktober desselben Jahres bezog ich zugleich mit Fräulein von Sch. die Universität in Zürich. [...] Mir aber leuchtete im Sommer in die unvermeidliche Dürre der Examenstoffe die stärkende Poesie der ersten drei Theile des ‘Zarathustra’.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 12.

²³⁰ *Abgangszeugnis*. NL 61 MI D1. ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008. Disponível em: https://ub.unibas.ch/digi/a100/kataloge/nachlassverzeichnisse/IBB_5_000068886_cat_2.pdf.

²³¹ Representada pelos franceses Christophe Charle e Jean François Sirinelli, de acordo com: WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, 1º sem. 2015, p. 63-79. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

“despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política.²³²

O currículo de von Salis, colocado no início de uma edição²³³ de sua dissertação, descreve sua formação na Faculdade de Filosofia. Ela se matriculou em História e História Cultural, e ouviu palestras em Filosofia, Direito e Filologia; o documento cita todos os seus professores.²³⁴ Propõe-se traçar um possível itinerário, por meio de um esforço de recuperar a grade disciplinar e alguns aspectos dos docentes, que são intelectuais independentemente dos locais que ocupem – “grande notoriedade”, “intermediário” ou “despertadores”. Até porque essas noções parecem passíveis de deslocamentos e perspectivas.

Na seção filosófico-filológico-histórica da Faculdade de Filosofia, von Salis frequentou disciplinas nas três subáreas. Em Filosofia e Pedagogia, cursou Pedagogia Geral, Psicologia e disciplinas voltadas para Lógica, Metafísica e História da Filosofia, tanto Antiga como de Descartes até Kant, também disciplinas como “Representação e crítica da Filosofia pós-kantiana” e “Principais problemas da Metafísica e Filosofia da Religião”. Em Letras, Antiguidades Clássica, História da Literatura, apenas o curso “Explicação de trechos selecionados de Lucrécio, ‘*De rerum natura*’, com introdução sobre os gregos Atomismo e Epicuro”.

A partir das 13 disciplinas na subárea História, Geografia, História Cultural e História da Arte da Universidade de Zurique, percebe-se uma divisão entre Antiga, Idade Média e Nova História (*Neueren Geschichte*), assistidas de modo balanceado, uma quantidade de cursos parecida para cada período. Cabe destacar a “História do período de Revolução 1789-1814”, que parece ser o período mais recente estudado por Meta. Foram quatro disciplinas com ênfase em História Cultural e três sobre a História da Suíça, incluindo “Literatura da História suíça”. O período Nova História, chamado de *Neueren Geschichte* na documentação universitária de

²³² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 246.

²³³ Duas edições da dissertação foram encontradas, registradas no mesmo ano, sem indicação de qual seria a primeira. A diferença está no início do livro, uma delas apresenta uma citação de Nietzsche como epígrafe, enquanto a outra apresenta o currículo da autora.

²³⁴ “Im Herbst 1883 wurde ich an der philosophischen Facultät der Universität Zürich immatriculirt, studirte Geschichte und Kulturgeschichte bei den Herren Prof. G. Meyer v. Knonau, G. v. Wyss, S. Vögelin und hörte philosophische, juristische und philologische Vorlesungen bei den Herren Prof. Kym, Avenarius, v. Orelli, Schneider, Wolf und Schweizer-Sydler. Im Sommer-Semester 1885 hörte ich in Bern die Herren Prof. Stern, Hilty, Oncken und Baron, kehrte aber schon im Herbst nach Zürich zurück, wo ich bis zur Vollendung meiner Studien blieb.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Agnes von Poitou**: Kaiserin von Deutschland. Eine historisch-kritisch-psychologische Abhandlung. [Inês da Aquitânia, imperatriz da Alemanha: um tratado histórico-crítico-psicológico]. Zurique, 1887.

Meta, ou seja, em fins do século XIX, começaria após a Idade Média, no século XV, e seguiria até a contemporaneidade. O termo parece ter caído em desuso em algum momento, pois atualmente é corrente o uso de *Neuzeit*, que pode ser traduzido como Novo Tempo, para o período posterior à Idade Média. Apesar das divergências em marcos temporais, há certo consenso entre os historiadores de língua alemã de que o período começaria em 1500 e seguiria até o fim da Primeira Guerra Mundial (1918).²³⁵

Entretanto, também frequentou cursos da Faculdade de Ciência Política (*Staatswissenschaftliche*): “História do Direito Romano”, “História do Direito Suíço até 1798, Linhas de base da Filosofia do Direito parte 2”, “Conceitos fundamentais de Economia Nacional” e “A essência da Questão social e as Tentativas mais importantes para uma Solução”. Ao observar as disciplinas, pode-se perceber uma predominância de matérias na seção de História, e ainda disciplinas de outras seções que possuem um caráter mais próximo da disciplina histórica, como em Filosofia, que há cursos de História da Filosofia, e na Faculdade de Ciência Política, em História do Direito. Também a ênfase da dissertação atribuiu a ideia de uma formação enquanto historiadora, provavelmente pelo trabalho com fontes documentais. Contudo, não parece ser equivocado referir-se a Meta von Salis como “doutora em Filosofia” ao assumir a caracterização da Faculdade, além da quantidade de cursos assistidos em Filosofia.

Um aspecto de destaque é que várias disciplinas foram ministradas pelos mesmos professores, ou seja, von Salis podia ter um maior aprofundamento em certas correntes de pensamento e em certas relações pessoais, como com o professor Andreas Ludwig Kym (1822-1900), pai de Hedwig, que se tornou uma amiga muito próxima de von Salis. O professor de Filosofia “defendia essencialmente uma visão orgânica e teleológica do mundo”, tendo “convicção segundo a qual a alma humana possui um movimento próprio, uma realidade autônoma, formando seu corpo de acordo com os propósitos internos. Em termos conceituais, tem preferência sobre o corpo”²³⁶. O que poderia ter aproximado a intelectual do pensamento de Nietzsche. Assim como o professor Richard Avenarius (1843-1896), considerado fundador do empiriocriticismo, procurava analisar a realidade sem a metafísica.

²³⁵ Ainda que com divergências em marcos temporais e dificuldades em estabelecer os parâmetros para periodização, há duas divisões do *Neuzeit* (Novo Tempo): *Frühen Neuzeit*, que corresponderia à História Moderna, 1500-1789 (conceito criado após 1945 e difundido nas décadas de 1960 e 1970); e *neueste Geschichte* 1789 até 1917/1918/1919, que seria uma parte do que é entendido como História Contemporânea em outros países. Para as épocas posteriores até os dias atuais, a historiografia alemã tem usado *Zeit-* e *Gegenwartsgeschichte*, traduzidos como História Contemporânea e História do Presente. VOCELKA, Karl. **Geschichte der Neuzeit: 1500-1918**. Viena, Colônia, Weimar: Böhlau Verlag. 2010, p. 20-21.

²³⁶ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 239.

Estudou Direito suíço com Aloy von Orelli (1827-1892) e aprendeu grego com Heinrich Schweizer-Siedler (1815-1894). No entanto, o principal dos seus estudos era a História, cursou diversas disciplinas na área em todos os semestres. A maioria delas com Gerold Meyer von Knonau (1843-1921), para quem apresentou o seminário “Justiniano I e seu direito”, no ano de 1885. Seu professor de História Cultural foi Friedrich Salomon Vögeli (1837-1888), que havia estudado com Jacob Burckhardt. Meta von Salis solicitou autorização para frequentar o curso de Burckhardt na Universidade da Basileia, durante um semestre de 1885, porém a instituição ainda não permitia mulheres e o pedido lhe foi negado. Burckhardt teria enviado uma carta em 19 de março para o professor Andreas Kym, lamentando a recusa e afirmando que havia votado a favor da solicitação.²³⁷ No arquivo pessoal de von Salis existe uma cópia manuscrita dessa carta.

Conforme relatado no livro *Filósofo e nobre* (1897), Meta von Salis estudou o semestre de verão de 1885 em Berna. A Universidade de Berna, fundada em 1834, aceitava o ingresso de mulheres regularmente matriculadas desde 1870.²³⁸ Estudou com o suíço Carl Hilty (1833-1909), que teve formação na Alemanha, na França e no Reino Unido, além de ter tido cargos políticos, inclusive publicando sobre a política da Confederação. Cabe destacar o professor August Oncken (1844-1911), com estudos em história da economia nacional.

Com essa formação ampla, mas centrada em História, Meta von Salis alcançou seu título de PhD. O acontecimento parece ter impressionado Nietzsche, pois mencionou em correspondências com terceiros²³⁹ e utilizou o título como forma de caracterizá-la posteriormente.²⁴⁰ Em 1887, poucos meses após a concessão do título, Nietzsche escreveu sobre a promoção de von Salis a doutora em História para Malwida von Meysenbug, para sua irmã Franziska e para Franz Overbeck, mencionando o tema da dissertação: Inês de Aquitânia, mãe de Henrique IV. No entanto, ao pedir que seu editor enviasse um exemplar de seu livro “Caso Wagner” para von Salis em 1888, escreveu “Doutora em Filosofia”. Conforme já comentado,

²³⁷ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 240.

²³⁸ UNIVERSITÄT BERN. **Geschichte des Frauenstudium**. c2023. Disponível em: https://www.unibe.ch/universitaet/portraet/geschichte/geschichte_des_frauenstudiums/index_ger.html. Acesso em: 15 fev. 2023.

²³⁹ Carta de Nietzsche a Malwida von Meysenbug de 30 de julho de 1887, eKGWB/BVN-1887,884. Carta a Franziska Nietzsche de 12 de agosto de 1887, eKGWB/BVN-1887,887. Carta a Frank Overbeck de 30 de agosto de 1887, eKGWB/BVN-1887,900. Carta a Heinrich Köselitz de 08 de setembro de 1888, eKGWB/BVN-1887,903. NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe**. Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari. Edited by Paolo D'Iorio. Berlin/New York: De Gruyter, 1967. Disponível em: www.nietzschesource.org/#eKGWB.

²⁴⁰ Carta a Constantin Georg Naumann de 07 de setembro de 1888, eKGWB/BVN-1888,1103. *Ibidem*.

não se trata de um equívoco, havia uma proximidade das áreas, e a formação dentro da Faculdade de Filosofia era determinada pela ênfase do itinerário escolhido pela estudante.

Contudo, a admissão das mulheres nas universidades suíças não garantia nem a conclusão dos estudos, nem o exercício da profissão. Nas palavras de Meta, “[...] uma professora mulher em um ginásio, uma mulher como professora em uma universidade, uma senhorita advogada pleiteando por seu cliente na ordem – essas são impensadas monstruosidades para uma mente suíça normalmente equilibrada”²⁴¹. No mesmo ano desse artigo, 1887, Emilie Kempin-Spyri²⁴² alcançou seu título de “Doutora em Direito”, porém teve seu direito de ingressar na ordem e atuar como advogada negado. Anos depois de migrar para os Estados Unidos, onde as mulheres já podiam trabalhar nessa área, retornou à Suíça e, em 1892, foi habilitada como docente privada na Faculdade de Ciência Política da Universidade de Zurique.²⁴³ A habilitação de professoras privadas para as outras faculdades da Universidade ocorreu posteriormente, entre 1902 e 1918. Entretanto, a ordenação de professoras começou apenas após 1968, ou seja, um século depois do início da admissão de mulheres nessa universidade.

Existiram alguns projetos de universidades apenas para mulheres, o que Meta via com particular aversão, pois considerava que “seria um mau sinal de cultura – intelectual e moral – se não se suportasse a união de homens e mulheres para atividades do cérebro”, já que a “humanidade é um todo”²⁴⁴. Além de comentar que caminhos separados aumentariam a competição entre homens e mulheres. No entanto, a autora não deixou de pontuar sobre o comportamento moral das moças que frequentavam os mesmos espaços que os estudantes homens, inclusive apontando a diferença de comportamento de “indivíduos de outros países”, talvez se referindo às estudantes russas:

²⁴¹ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 204.

²⁴² Emilie Kempin-Spyri (Suíça, 1853 - 1901), advogada, escritora e professora na Universidade de Zurique, estudou Direito nessa mesma instituição entre 1883 e 1887, quando já era casada e tinha filhos. Ela era sobrinha de Johanna Spyri (1827-1901), escritora suíça de alcance internacional com sua obra “Heidi” (1880), que afirmava que as mulheres deveriam se manter no espaço doméstico. SCHELBERT, Leo. Sisters in Battle: Five Portraits. **Swiss American Historical Society Review**, v. 44, n. 2, p. 49-63, 2008. KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

²⁴³ SCHELBERT, *op. cit.*, p. 49-63. VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ (org.). **Ebenso neu als kühn: 120 Jahre Frauenstudium an d. Univ. Zürich**. Zurique: eFef, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/ebensoneualskuhn0000unse/page/8/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2023.

²⁴⁴ SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 207.

A primeira geração daqueles que provaram os doces deste benefício acaba de cruzar o limiar das nossas universidades, e devo com toda a franqueza – pertencente a uma geração anterior – testemunhar a sua seriedade de propósito, energia e comportamento feminino. Afirmando também o que se pode supor a priori, que aquelas jovens, que se sentaram nos mesmos bancos que os estudantes do sexo masculino na faculdade, têm mais dignidade e verdadeiro respeito próprio, do que os indivíduos cuidadosamente isolados, que vêm de outros países onde as circunstâncias obrigou-os a estudar em privado e onde homens e mulheres da melhor classe só se reúnem para aproveitar a oportunidade de casamento. Os professores suíços reconhecem quase unanimemente os méritos das suas ouvintes, se o reconhecimento for devido.²⁴⁵

Com a aparente tranquilidade dessa convivência, a Universidade de Zurique respondia sobre o ingresso de mulheres a outras universidades, como a de Würzburg (Alemanha) em 1870. O diretor elogiou o comportamento de alunas e alunos, indicando que “a natureza calma dos suíços” deveria ser levada em consideração para os bons resultados dos seis anos de experiência.²⁴⁶ Contudo, essa suposta tranquilidade, tanto expressa pelo diretor como pelo relato de von Salis, até este ponto, contrasta com a visão que a autora começou a apresentar sobre como as estudantes eram percebidas pela sociedade.

Os espaços das universidades e das ruas, bem como os de famílias, ainda presumiam características negativas e falsas suposições em relação às mulheres que almejavam o cultivo mais elevado do intelecto, que, para Meta, “Em vez de acrescentar um encanto à sua pessoa, como deveria fazer numa atmosfera não pervertida, torna-a ridícula e um objeto de opróbrio para a maioria de suas conexões”, o que gerava em parte “o tipo odioso de solteironas pedantes, que grita até a morte com o público com fragmentos de conhecimento desagradável”²⁴⁷. Desse modo, a autora define certa “disciplina mental” para quem deseja seguir no ensino superior:

Aqui reside, portanto, um objetivo que toda mulher, ao iniciar uma carreira superior, deve ter constantemente em mente, a saber, que ela tente se livrar de toda a amargura e aspereza que a crítica cruel ao seu redor desperta e que ela firmemente trabalhe para moldar todas as qualidades de sua mente e corpo em um todo harmonioso, cuja presença pode ser sentida como um efeito nobre ou enobrecedor.²⁴⁸

²⁴⁵ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 203.

²⁴⁶ VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ (org.). **Ebenso neu als kühn: 120 Jahre Frauenstudium an d. Univ. Zürich**. Zurique: eFef, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/ebensoneuenskun0000unse/page/8/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2023.

²⁴⁷ SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 205.

²⁴⁸ “Here therefore lies one object, that every woman, entering upon a higher career, ought to keep in mind constantly, namely, that she try to get rid of all the bitterness and harshness, which the unkind criticism of her surrounding awakes and that she steadily work to shape all the qualities of her mind and body into a harmonious whole, the presence of which may be felt as of noble and ennobling effect.” *Ibidem*, p. 205-206.

O aumento da educação e instrução feminina, para além do necessário para uma “boa” esposa e mãe, provocou uma visão de que essas mulheres não se adequavam no “ideal feminino”. Desse modo, não seriam mais mulheres, mas sim um “objeto de opróbrio”, muitas vezes consideradas “masculinas”, “viragos” ou ainda um “terceiro sexo” – termo cuja definição “cobria características comportamentais cruzadas entre gêneros, tipos de personalidade e modos de pensar”²⁴⁹. Talvez por essa razão Meta von Salis, apesar de criticar um perfil feminino restrito ao ser esposa e mãe, bem como um “tipo odioso de solteirona pedante”, parece estabelecer um novo perfil, além de indicar quais comportamentos deveriam ser adotados em um sentido “enobrecedor”. Para se pensar em características cruzadas, as fronteiras precisam estar bem definidas, no caso do “terceiro sexo” para mulheres, “podia ter tendência à virilidade, dedicar-se a uma carreira e evitar a maternidade”²⁵⁰.

No artigo para Wooster (1887), Estados Unidos, Meta von Salis assumiu um tom crítico sobre os atrasos da Suíça em relação a outros países, porém não enfatizou as dificuldades enfrentadas pelas estudantes universitárias, como havia feito em 1884 no *Jornal da Turgóvia* (*Thurgauer Zeitung*), em um conjunto de seis partes intitulado “Sob novas bandeiras. As mulheres estudantes” (“*Unter neuen Fahnen. Weibliche Studenten*”)²⁵¹. A primeira parte, “Cômico e tragicômico”, apresentou uma vivência estudantil não tão tranquila, tanto no espaço universitário como na pensão e nas ruas da cidade. Havia certa desconfiança, conforme relatou Meta: “Desde seus primeiros dias na era universitária, a estudante aprende a perceber quão pouca crença em seus pares está ancorada no público.”²⁵² A admissão de mulheres nas universidades deu a oportunidade de saírem sozinhas após o anoitecer, inclusive se considera que o maior contingente de “jovens suspeitos” estaria entre seus colegas, que elas poderiam ao menos conhecer, caso algo acontecesse.

As conquistas resultaram mais de uma prática de “tolerância pessoal” do que de reflexão e justiça de tempos mais progressivos. A autora destacou que “o indivíduo não está por ele mesmo, mas sim por sua causa”, portanto, era uma obrigação atentar às consequências

²⁴⁹ SMITH, Bonnie G. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 387.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 387.

²⁵¹ O texto divide-se em seis partes: “Cômico e tragicômico”; “Um fantasma no caminho”; “Inimigos disfarçados”; “Obrigações e Preconceito”; “O Estudo do Direito”; “Enquanto nós quisermos, o futuro pertence a nós”, respectivamente, “Komik und Tragikomik”; “Ein Gespenst im Wege”; “Verkappte Feinde”; “Pflicht und Vorurtheil”; “Das Studium der Rechte”; e “Sobald wir wollen, gehört die Zukunft uns”.

²⁵² “Schon in den ersten Tagen ihrer Universitätsära lernt die Studentin einsehen, wie wenig tief der Glaube an Ihresgleichen im Publikum ankert.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *The Position of Woman in Europe/Switzerland* (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 158.

de todo passo, a curto ou longo prazo. Meta von Salis reconhecia a defesa de uma causa em suas realizações pessoais, como na obtenção do título de doutorado, conforme relatou em *Filósofo e nobre* (1897) sobre seu primeiro encontro presencial com o filósofo: “Nietzsche perguntou, porque eu queria fazer o doutorado, e eu expliquei, que, embora eu atribuisse pouco significado ao título para mim mesma, pelo interesse da questão das mulheres, não gostaria de deixar a universidade sem tê-lo conquistado.”²⁵³

Essa obrigação bem como a “disciplina mental” foram justificadas pela desconfiança e por uma vigilância ou uma curiosidade das pessoas. O texto de Meta se constrói em torno de alguns diálogos nessa parte, talvez em referência ao teatro, ao se considerar o título de gêneros teatrais. Uma das “cenas” ocorre na pensão de damas, quando os companheiros de mesa fazem perguntas tentando descobrir o que levou aquelas mulheres à cidade. Há uma insistência em saber para onde vão, até que dizem frequentar a universidade. Aí surge a conclusão precipitada de que estudariam Medicina, e insistem em não compreender quando as moças afirmam que não era Medicina. Também há suspeitas de “folia noturna”, mesmo após noites sem entretenimento por parte das estudantes.

Para a autora, cabia exigir direitos iguais aos concedidos aos homens, “pedir mais seria um erro”, e continuou identificando alguns aborrecimentos:

Nós todas não devemos perder de vista que somos pioneiras e, tal como os primeiros colonizadores da selva, temos de lutar por cada centímetro de terreno. O que são para o emigrante as raízes e os matagais, para nós são os pequenos aborrecimentos – portas e janelas abertas com a corrente de ar correspondente – fumo de charuto de quem está sentado atrás – são subitamente artísticos soprado na cara das vítimas na frente – é uma luta pela própria existência e pela dos colegas no final da aula, e só quando os médicos usam a sala de aula na seguinte – aborrecimentos que se superam como raízes e matagais evitando-os ou se afastando deles. Mais difícil de suportar e mais amargo é o ceticismo sorridente de alguns professores, que ironicamente sempre repetem a questão de você querer permanecer na disciplina deles ou acusam inadvertidamente um respondente desavisado de confundir termos claros com suposições vagas. Não falharemos nesses obstáculos; Eles devem ser equilibrados ao longo dos anos e numa nova geração com julgamentos mais livres. Os perigos reais ameaçam de outro lado.²⁵⁴

²⁵³ “Nietzsche fragte, warum ich den Dr. zu machen beabsichtige, und ich erklärte, dass ich dem Titel für mich selber zwar wenig Bedeutung beilege, im Interesse der Frauenfrage jedoch nicht von der Universität abgehen möchte, ohne ihn erworben zu haben.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 14.

²⁵⁴ “Wir dürfen Alle sammt und sonders nicht aus den Augen verlieren, daß wir Pioniere sind und wie die ersten Ansiedler im Urwald jeden Fußbreit Boden erkämpfen müssen. Was dem Auswanderer Wurzelwerk und Dickicht, das sind für uns die kleinen Aergernisse - offene Thüren und Fenster mit entsprechendem Zugwind - Zigarrenrauch von den Hintensitzenden plötzlich kunstreich ins Gesicht der vorn angesiedelten Opfer geblasen - ein Kampf um's eigene Dasein und das seiner Kollegienhefte am Schluß der Stunde, und zwar nur, wenn Mediziner in der folgenden das Hörzimmer benutzen - Aergernisse, die man wie Wurzelwerk und Dickicht überwindet, indem man sie vermeidet oder über sie wegschreitet. Schwerer zu ertragen und bitterer ist der lächelnde Skepticismus einiger Professoren, die ironisch immer die Frage wiederholen, ob man bei seinem Fach bleiben will oder einer ahnungslos Antwortenden unversehens die Verwechslung klarer Begriffe mit dämmernden Vermuthungen unterschieben. An solchen Unebenheiten werden wir nicht scheitern; sie müssen mit den Jahren und in einer neuen, freier urtheilenden

Meta von Salis destacou sua atuação como pioneira, assim como a atuação de suas contemporâneas, não apenas como uma maneira de ressaltar sua vida e conquistas pessoais, mas como conquistas da causa das mulheres. Sendo que, nesse período, em que as mulheres, ao sair, tanto fisicamente como moralmente, começaram a ter um nível de intervenção no Legislativo, “como grupo de pressão por meio da associação ou da petição (divórcio, proteção do trabalho, etc)”²⁵⁵. Meta observava essa movimentação em nível nacional e internacional, inclusive referenciou, em um de seus artigos, o livro “A mulher e o direito” (Lausanne, 1884), do jurista suíço Louis Bridel²⁵⁶, em que abordava o direito de administração de bens pelas mulheres casadas na Inglaterra de 1882 e a lei que restabeleceu o divórcio em 1884 na França. Não somente outros países da Europa, mas os Estados Unidos da América também eram observados e considerados exemplo em conquistas das mulheres. A intelectual suíça comentou sobre a importância do estudo do Direito para que houvesse conhecimento de como o Estado dispõe os direitos das casadas, pois a legislação matrimonial seria a única que não seguiria a lógica de “proteger os bons e assustar os maus”, bem como sobre o voto feminino.

Um ponto que cabe destacar é a afirmação de que, “Para as futuras gerações, os códigos atuais serão um tesouro de abusos brutais e violações unilaterais; para as mulheres de hoje, são um código com sete selos aos quais nos submetemos, mas não examinamos”²⁵⁷. Aqui se revela uma visão de historiadora, pela identificação de fontes documentais, e uma esperança de melhora da situação das mulheres no Ocidente.

Se a educação profissional da mulher trouxe questionamentos sobre seu papel social, as discussões se dirigem ao casamento, que foi tema recorrente em textos de Meta, como em “Sob novas bandeiras” (1884), em que discute a importância da elevação espiritual da mulher ante a suposição de que o estudo a afastaria da família. O próprio Estado demonstrava pouco interesse sobre a educação feminina, já que poucos locais ofertavam as mesmas condições de formação para meninas e meninos e, entre as mulheres estudadas, apenas as médicas tinham os mesmos direitos que os homens estudados.

Generation zum Ausgleich kommen. Die wirklichen Gefahren drohen von anderer Seite.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *The Position of Woman in Europe/Switzerland* (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 162-163.

²⁵⁵ PERROT, M. Sair. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 510.

²⁵⁶ BRIDEL, Louis. **La femme et le droit**. Paris: F. Pichon, 1884. Disponível em: <https://archive.org/details/lafemmeetledroi00bridgoog/page/n10/mode/1up?view=theater>. Acesso em: 2 out. 2023.

²⁵⁷ “Für künftige Geschlechter werden die jetztzeitigen Gesetzbücher eine Fundgrube brutaler Mißbräuche und einseitiger Vergewaltigung sein, für die Frauen von heute sind sie ein Codez mit sieben Siegeln, dem man sich unterwirft, aber den man nicht prüft.” SALIS-MARSCHLINS, op. cit., p. 178.

Em seguida, retoma-se a questão do pioneirismo: “Nada é mais difícil para uma criança de um novo tempo, que defensor de um novo ideal, do que aceitar as próprias obrigações para com a velha ordem das coisas e condições existentes”²⁵⁸, pois, de um lado, há a solidão sem limites e, do outro, quando luta pela reconciliação passado e futuro, há um caos de costumes que rejeita energicamente ou eleva em outro espírito. Somente o indivíduo deve responder ao tribunal de seu próprio sentimento moral. A autora expôs exemplos concretos, com uma relação entre irmãos e irmãs em que sempre recaía sobre as irmãs solteiras sacrifícios pela família, como a educação de filhos da irmã falecida, mesmo que possuíssem pai. Nesta parte, Meta recuperou e enfatizou a visão que a sociedade atribuía às mulheres solteiras:

Só a mulher solteira e consciente de objetivos é uma *virago*, uma deformidade do seu sexo, se não sacrificar sem hesitação o seu futuro, e os poucos filhos monótonos, com os quais a mulher casada enriquece o número de existências, de vacilante existência de uma pessoa dissoluta sejam mais valorizados do que *sua* capacidade de alcançar realizações frutíferas.²⁵⁹

Ao falar de mulheres solteiras, talvez seja melhor utilizar a noção de “mulheres sós”, que abarca as sem marido (solteiras ou divorciadas), as viúvas e as celibatárias.²⁶⁰ O século XIX teve mulheres em maior quantidade por diversos fatores, como guerras, econômicos e biológicos (higiene). Diversas dessas mulheres sós buscaram maior qualificação e tiveram como gesto político permanecerem sós. Desconsiderando-se suas motivações de não casamento, elas foram tachadas de lésbicas, sendo que a homossexualidade era entendida como desvio moral e patológico na época.

As mulheres profissionais, conforme Smith, “eram ‘solteironas’ que viviam em grande parte em guetos femininos na comunidade acadêmica”²⁶¹, de modo que “tirava[m] proveito do companheirismo de outra mulher profissional”, vivendo “como casais ou em grandes pensões,

²⁵⁸ “Nichts ist schwerer für das Kind einer neuen Zeit, den Verfechter eines jungen Ideals, als sich selber auseinander zu setzen mit seinen Verpflichtungen gegenüber der alten Ordnung der Dinge und bestehender Verhältnisse.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *The Position of Woman in Europe/Switzerland* (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 174.

²⁵⁹ “Nur die Unvermählte, Zielbewußte ist eine *virago*, eine Mißgestalt ihres Geschlechts, wenn sie nicht unbedenklich ihre Zukunft opfert [,] und die paar stumpfsinnigen Kinder, mit denen die Verheirathete die Zahl der Existenzen bereichert, das verflackernde Dasein eines Leiderlichen werden höher gewerthet, als ihre Befähigung zu fruchtbringenden Leistungen.” *Ibidem*, p. 175.

²⁶⁰ DAUPHIN, Cécile. *Mulheres sós*. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

²⁶¹ SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 388.

clubes e apartamentos para mulheres”²⁶². Assim aconteceu com Meta von Salis, uma mulher solteira e sem filhos, que viveu anos com sua amiga Hedwig Kym. A partilha de apartamentos nessas comunidades de mulheres poderia ser uma necessidade econômica ou ainda um substituto para o casamento. A movimentação feminina para “fora de casa”, no sentido de alcançar novas ocupações, repercutiu no surgimento de uma frente antifeminista no final do século XIX, “que categorizava todos os desvios de ser dona de casa e mãe como anormais e difamava as formas de viver juntas fora do casamento e da família”²⁶³.

Nem em uma perspectiva analítica heterocentrada, nem em uma homocentrada encontra-se a compreensão do “fenômeno dos casais femininos por volta de 1900”, pois não eram todas solteiras, nem lésbicas. A “única coisa consistente na categoria de casais femininos por volta de 1900 é que as mulheres geralmente viviam juntas por muito tempo e se separavam quando uma delas morria”²⁶⁴. Para Regula Schnurrenberger, nesses relacionamentos femininos, haveria uma independência ou resistência antifamiliar, em que se afastavam da família de origem ou de um possível marido. Porém, a categoria se mostra ampla e, por outro lado, a categoria de “existência lésbica” se mostra restrita, por não ser comprovado o desejo sexual entre todos os casais femininos analisados.

A possibilidade dessa formação de casal pode ser caracterizada por dois aspectos centrais: as evidências do primeiro encontro, motivado por “fascínio, interesse, reconhecimento de condições de vida semelhantes num ambiente incompreensível a hostil”, e as decisões conjuntas, “como viagens de férias, compra de casa, migração, exílio, circunstâncias da morte, escolha do local de sepultamento”²⁶⁵.

Na Universidade de Zurique, houve um aumento de promoções de mulheres em 1910 – cerca de 42 de mulheres para cada 100 dissertações recebidas –, seguido de um período de estabilidade mais baixa, que apenas após 1960 retomou o crescimento, mas com uma expressiva diferença entre homens e mulheres.²⁶⁶ Por mais que a Suíça possa representar um “pioneirismo” sobre o estudo de mulheres, inúmeras foram as dificuldades enfrentadas pelas estudantes, como o descrédito de professores, zombarias por parte de colegas, recusa de frequentar certas

²⁶² SMITH, Bonnie G. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 397.

²⁶³ SCHNURRENBERGER, Regula. Freundinnen und Gefährtinnen: Annäherungen an das Phänomen >Frauenpaare um 1900<. **Jung Journal**, Heft 48, Forum für Frauen- und Geschlechtergeschichte, nov. 2005, p. 50-57.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 50.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 55.

²⁶⁶ VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ (org.). **Ebenso neu als kühn**: 120 Jahre Frauenstudium an d. Univ. Zürich. Zurique: eFef, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/ebensoneualskuhn0000unse/page/8/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2023.

disciplinas, certa desconfiança da índole das moças e o questionamento de sua feminilidade. Houve uma preocupação em analisar “cientificamente” quais seriam os possíveis prejuízos para as mulheres que exercitavam suas capacidades mentais:

Quando as mulheres passaram a freqüentar a universidade, a desaprovação da educação intelectual feminina que se desenvolvera a partir das revoluções Francesa e Americana evoluíra para uma bem-estabelecida “verdade científica”, segundo a qual o estudo destruía a saúde física e emocional delas. [...] o trabalho intelectual arruinaria a capacidade das mulheres de reproduzir e amamentar.²⁶⁷

Essa situação não foi exclusiva do país alpino, estudos em outros países, durante períodos aproximados, mostram semelhanças nas dificuldades encontradas: em Oxford e Cambridge, as mulheres podiam estudar, mas sem receber títulos acadêmicos; “Estudantes universitários de uma ponta à outra da Europa periodicamente causavam distúrbios e provocavam violência contra a presença de mulheres nas universidades”²⁶⁸; havia impedimentos para conseguirem emprego após a formação, além de salários menores, por serem consideradas inferiores e menos valorizadas; restrições de acesso às bibliotecas, como horários, uso da porta dos fundos, acompanhamento de bibliotecário necessário ou total restrição, como na biblioteca jurídica de Harvard.

Por fim, cabe ressaltar que, por mais que existam similaridades, as estudantes universitárias não compõem um grupo homogêneo, assim como as mulheres profissionais da intelectualidade. É difícil categorizar tantas mulheres que se diferenciavam por condições socioeconômicas, étnico-raciais, estado civil e de maternidade, bem como posicionamentos políticos.

²⁶⁷ SMITH, Bonnie G. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 395.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 399.

2 QUESTÃO DAS MULHERES: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

A mulher espiritual e moralmente elevada terá elevado o ideal masculino de natureza feminina e o talento genial, a coragem, o senso de justiça e o trabalho árduo, que hoje se tornam uma marca para as meninas, serão então uma medalha de honra. Sem ser perseguida e escravizada, ela será capaz de se desenvolver na harmonia do seu próprio ser e a dureza das suas primeiras experiências não mais fará com que ela perca o equilíbrio.²⁶⁹

Emprega-se a expressão “questão das mulheres” no singular por se referir à trajetória delineada em relação a Meta von Salis-Marschlins e ao próprio termo que empregou em seus escritos. Entretanto, deve-se compreender que pensar sobre as mulheres assume uma pluralidade de trajetórias e perspectivas, principalmente pelas outras categorias de análise social que atravessam as questões de gênero, como aspectos étnico-raciais, socioeconômicos, religiosos e geracionais. As experiências de vida de von Salis não limitam sua compreensão da sociedade, porém, quando cotejadas com seus escritos, indicam as perspectivas que assumiu para uma orientação temporal em sua práxis vital.

Este capítulo concentra-se nos escritos da autora expressos em prosa cujo elemento central é a questão das mulheres e publicados, em livros e em periódicos, dentro do recorte temporal 1884-1897. Meta von Salis teve a “elevação intelectual e moral” feminina, concebida em relação ao espírito (*Geist*), como uma de suas principais causas. Logo, discutem-se algumas transformações do século XIX, como o surgimento dos intelectuais e mudanças na esfera pública, assim como o debate científico acerca de uma suposta “natureza da mulher”, em que a mente era desvalorizada – e desenvolvê-la seria prejudicial às funções naturais e sociais de esposa e mãe.

Ao reivindicar o reconhecimento da capacidade intelectual feminina, esbarrou no que considerou um “problema moral de seu tempo”: a falta de “caráter nobre”, associado às noções de disciplina, simplicidade e independência. Busca-se identificar em seu pensamento qual a concepção de mulher, quais direitos e reivindicações eram veiculados na imprensa, em especial no periódico *A filantropa*, que circulou entre 1890 e 1894. Também apresentar os enfrentamentos públicos sobre o caso Farner-Pfrunder-Salis, diante do judiciário e da imprensa.

²⁶⁹ “Die geistig und hochstehende Frau wird das Ideal des Mannes vom weiblichen Wesen gehoben haben und geniale Begabung, Muth, Gerechtigkeitssinn und Arbeitstüchtigkeit, die heute dem Mädchen zum Brandmal werden, sind alsdann ein Ehrenzeichen. Unverfolgt und ungeknechtet, wird sie in der Harmonie ihres eigenen Wesens entwickeln können und die Herbheiten früher Erfahrungen [werden] sie nicht mehr ihr Gleichgewicht verlieren machen.” SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 167.

Figura 2 – Meta von Salis-Marschlins e Hedwig Kym-Feigenwinter, fotografadas em Capri, entre 1904 e 1910.



Fonte: HISTORISCHE LEXIKON DER SCHWEIZ (HLS). **Hedwig Kym**. 12 abr. 2021.
Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/009511/2021-04-12/>

2.1 Elevação intelectual e funções sociais

O século XIX, tão associado aos processos de industrialização e urbanização, teve como novidade também os movimentos das mulheres.²⁷⁰ O século anterior havia instaurado “a morte política das mulheres, proibindo-as de tomar parte ativa nos negócios do governo”, e “sua morte civil, reduzindo-as às funções domésticas”.²⁷¹ De modo que as mulheres foram se organizando e adentrando a cena pública, o que não ocorreu de modo unificado, pois havia diferentes grupos e, portanto, diferentes denúncias e reivindicações.

Revoltam-se contra a privação de direitos políticos e econômicos, contra o desemprego e salários baixos. Umas reivindicam a união livre, fundam falanstérios e comunidades; outras lutam pela laicização do ensino, reclamam a mesma educação para meninos e meninas; outras ainda exigem a mudança das estruturas políticas e sociais, combatem o sexismo de sindicatos e partidos políticos. Mais tarde, de seus discursos e práticas surgirão novas ideias: a independência das mulheres só poderá vir delas mesmas; as mulheres de todos os países deverão unir-se para conquistar seus direitos; a emancipação feminina será a de toda a humanidade.²⁷²

Muitas são as transformações do período, em que prevalecia uma noção de progresso representada por “Máquinas, multidões, cidades: o persistente trinômio do progresso, do fascínio e do medo”²⁷³, sendo possível considerar a ferrovia como um símbolo do período²⁷⁴, para deslocamento tanto dos produtos industriais como de pessoas e informações. Se “os diários de circulação nacional são produtos das ferrovias”, “os jornais regionais são produtos do telégrafo, que transmitia as principais manchetes nacionais e internacionais em questão de segundos, para serem reproduzidas no diário local”²⁷⁵.

Não eram apenas os bens que circulavam mais e com maior rapidez, mas também pessoas, cartas, notícias e informação, levando a opinião pública em todos os países servidos pelas ferrovias a uma consciência cada vez mais ampla de pertencer à “Europa”. A relação entre o crescimento do comércio internacional e o desenvolvimento de uma cultura pan-europeia ou “cosmopolita” de fato seria enfatizada por muitos importantes pensadores, entre eles, Kant, Goethe e Marx.²⁷⁶

²⁷⁰ FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Modernidades. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993, p. 493-500.

²⁷¹ MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p.188.

²⁷² *Ibidem*, p.188.

²⁷³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 5, n. 8-9, p. 35-68, 1985, p. 37.

²⁷⁴ FIGES, Orlando. **Os Europeus: o século XIX e o surgimento de uma cultura cosmopolita**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p. 66.

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 69.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 68.

A partir de “uma rede relativamente densa de comunicação pública”, ampliada com a propulsão da Revolução Francesa e das associações do Esclarecimento (*Aufklärung*), ocorreu uma transformação na esfera pública: rompeu-se com o modelo hegemônico de um “público leitor universal” e emergiram “esferas públicas concorrentes”, originadas das várias camadas sociais. Houve uma “politização da vida social”, cenário em que “a ascensão de uma imprensa opinativa e a luta contra a censura e pela liberdade de opinião caracterizam a mudança da função da rede expandida da comunicação pública até metade do século XIX”, que ensaiou as normas da igualdade política. O público deve ser entendido no plural, por causa dos diferentes grupos, entretanto, havia as exclusões – como das mulheres –, que devem ser identificadas. Excluir as mulheres demonstrou uma contradição no que seria compreendido como “democracia burguesa” e se consolidou enquanto força estruturante, contudo, essa situação poderia ser transformada por dentro da própria esfera pública.²⁷⁷

O entendimento de intelectuais está relacionado a manifestações na esfera pública, logo, faz sentido a noção de “intelectual” aparecer nesse período, ao se considerar a atuação em assuntos públicos como aspecto central dessa categoria. Com a liberdade de associação e de imprensa, circulavam todos os pensamentos e espectros políticos, econômicos, culturais, sociais e religiosos no espaço público. Havia uma circulação para além da imprensa, também a música, a literatura e as artes plásticas, além de um aumento no comércio de livros.²⁷⁸

O período não por acaso coincide com a emergência do próprio termo “intelectual” na França, a partir da publicação do “Manifesto dos Intelectuais”, em 1898.²⁷⁹ Porém, desde 1844, circulava na Polônia e na Rússia o termo “intelligentsia” – uma versão indicava ser de origem alemã – para se referir à “parte da sociedade que se dedicava à atividade intelectual”, muitas vezes num sentido de “representantes da ‘alta cultura’”. O sentido de “intelectuais” a ser utilizado está atrelado ao contexto ocidental europeu, em que assume uma função pública e urbana para além daquela atribuída aos “homens de letras”, que existem em todos os períodos históricos.

Assim, os intelectuais dos tempos modernos, diferente dos sábios, doutos, profetas ou mandarins, reivindicam autonomia em relação aos poderosos valendo-se de uma suposta capacidade de serem porta-vozes da opinião pública. [...] os intelectuais modernos exercem funções de crítica ou de legitimação da ordem, sendo a cidade o

²⁷⁷ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

²⁷⁸ FIGES, Orlando. **Os Europeus**: o século XIX e o surgimento de uma cultura cosmopolita. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p. 69.

²⁷⁹ O “manifesto que exigia a revisão da acusação de traição imputada ao oficial de artilharia do exército francês, o judeu Alfred Dreyfus”. Manifesto sob liderança de Emile Zola. WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, 1º sem. 2015, p. 67.

lugar por excelência de exercício dessas atividades. Ou melhor, a condição urbana é definidora do papel dos intelectuais como intervenientes nos assuntos públicos.²⁸⁰

Todas as transformações políticas, econômicas e sociais, sentidas principalmente nos espaços urbanos, passaram a ser observadas e comentadas por diversos intelectuais²⁸¹, tanto homens como mulheres, ainda que elas estivessem em menor número e com restrições de acesso. Ao se considerar a admissão de mulheres na universidade enquanto um espaço de desenvolvimento do intelecto, e as objeções encontradas, percebe-se que Meta von Salis-Marschlins atuou em seus textos por uma causa, que avançaria num sentido diferente do tradicionalmente atribuído às mulheres de elite: aquele restrito ao lar. Portanto, tem-se uma mulher se posicionando publicamente na defesa de que outras mulheres possam ocupar mais espaços e falar sobre si mesmas. Certo destaque para a atuação de Meta em periódicos se deve ao fato de ter publicado com alcances distintos e linhas editoriais diversas, pois publicou na Suíça em jornais diários e em periódicos femininos, assim como contribuiu para jornais de outros países.

A principal defesa de Meta von Salis-Marschlins se concentrava na “elevação intelectual e moral” das mulheres e na possibilidade de se emanciparem das funções tradicionalmente atribuídas a elas: ser esposa e mãe. Conforme discutido no capítulo anterior, o enquadramento de memória cristalizado sobre Meta a reconhece como uma intelectual da História e do movimento das mulheres, e diversos de seus textos abordam a educação como caminho para libertação das mulheres do que ela considerava uma escravidão à vida doméstica. A própria promoção como doutora correspondeu a uma ação por essa causa, não apenas para uma satisfação pessoal, e reforçou a noção de pioneirismo que atribuiu a si e suas contemporâneas.

Essa movimentação da intelectualidade feminina não começou no século XIX, mas teve certa aceleração por causa da democratização política e das transformações nas elites, que resultaram em um grupo de “mulheres com meios independentes do casamento e, consequentemente, uma procura por atividades não domésticas”²⁸². Alguns estudiosos falam da emergência de uma “nova mulher”, cujos principais “sintomas” foram: a expansão da educação secundária para meninas; a maior liberdade de movimentos “tanto em seu próprio direito como

²⁸⁰ WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, 1º sem. 2015, p. 68.

²⁸¹ Bresciani analisou principalmente os intelectuais conservadores observando as cidades industrializadas e populosas. Cf.: BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 5, n. 8-9, p. 35-68, 1985.

²⁸² HOBBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**, 1875-1914. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022, p. 312.

peessoas quanto nas suas relações com os homens” – como o ingresso na educação superior; e a atenção pública “concedida às mulheres, como um grupo que possuía interesses e aspirações especiais como pessoas”²⁸³. Entretanto, essas conquistas não ocorreram sem resistência, tanto de homens como de mulheres, que muitas vezes se fundamentavam em conhecimentos religiosos e até científicos.

As observações da natureza humana acerca da relação corpo e mente (ou alma, quando em religião) dos seres humanos, realizadas desde a filosofia até pelas diversas ciências que se institucionalizaram no século XIX, atribuíram ao corpo das mulheres um condicionante para o trabalho de suas capacidades mentais. “Segundo os saberes médicos, as funções atribuídas aos gêneros estavam enraizadas na anatomia e fisiologia, sendo a mulher vista como produto do seu sistema reprodutivo”, de modo que foram “consideradas mais frágeis e sujeitas a limitações (incapacidade de raciocínios elaborados, abstrações e atividades intelectuais)”²⁸⁴. Por causa da conexão, que consideravam existir, entre o sistema reprodutor (útero e ovários) e o sistema nervoso central (cérebro), a mulher não deveria exercitar atividades intelectuais para não prejudicar sua “função natural”: a de procriação. Portanto, o feminino estava restrito ao corpo, em oposição ao homem, cuja mente, ou razão, dominava.²⁸⁵

O corpo feminino precisava ser controlado, mais do que protegido, pois, se o masculino era a razão, o feminino teve sua imagem construída a partir da “desrazão”, da “loucura” e da “histeria” em diferentes momentos. Para mencionar apenas dois períodos em que as mulheres foram excluídas dos espaços de conhecimento, cabe ressaltar que “já em torno do século XIII [viu-se] um movimento de exclusão das mulheres com a constituição das universidades, que começava a se mostrar como domínio específico da construção laica do saber”²⁸⁶. Mais tarde,

O século XIX realiza o internamento geral das mulheres no Ocidente, sem muros, sem asilo, sem prisão: é um internamento na exclusão do espaço público e dos direitos cívicos, num conjunto de leis que as marcam do selo da fraqueza, da ignorância, das proibições mais diversas: de trabalhar, de estudar, de sair, de escrever, de se expressar, enfim.²⁸⁷

²⁸³ HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**, 1875-1914. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

²⁸⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de; PEREIRA, Bruna S. Beserra. “Prontuários femininos do Sanatório Pinel/SP (1929-1944)”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 1, e76044, 2022.

²⁸⁵ “Uma vez que a razão foi declarada domínio do masculino, as mulheres, por definição, dela foram excluídas. Nenhum lugar de fala ou de expressão autorizada. O feminino é definido pelo corpo, por um aparelho genital específico que, de fato, não é um sexo senão para a reprodução ou para marcar o assujeitamento social.” SWAIN, Tania Navarro. “Mulheres indômitas e malditas: a loucura da razão”. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **O mesmo e o outro** - 50 anos de História da Loucura. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

²⁸⁶ SWAIN, Tania Navarro. “Mulheres indômitas e malditas: a loucura da razão”. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **O mesmo e o outro** - 50 anos de História da Loucura. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 223-233.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 230.

Quando se pensa no “feminismo” como filosofia política e como movimento social, geralmente se localiza suas origens no século XIX, porém se deve manter em mente que se trata de um contexto ocidental e marcadamente influenciado pela Europa. Esse entendimento de feminismo parte da “tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens”²⁸⁸, que resultou em “um conjunto coerente de reivindicações” e em organização política.

O termo “feminismo” parece ter começado a ser utilizado no início do século XX, substituindo as expressões “movimento das mulheres” e “problemas das mulheres”²⁸⁹, que são empregados por Meta von Salis, respectivamente, *Frauenbewegung* e *Frauenfrage* (também traduzido como “questão das mulheres”). Essa compreensão de “feminismo” se fundamenta em uma produção acadêmica canônica e eurocentrada, o que não exclui o questionamento sobre se já existiam movimentos para emancipação das mulheres em períodos anteriores e em outros lugares.

Independentemente da classificação do “feminismo em ondas” – que é difundida nessa produção acadêmica –, as principais reivindicações de Meta von Salis, “elevação intelectual e moral” e independência, não eram exatamente originais nos movimentos do século XIX. Havia uma preocupação em romper com a ideia de uma suposta “inferioridade natural” da mulher em relação ao homem, propagada inclusive pelo Cristianismo, de modo que se podem encontrar mulheres de períodos anteriores defendendo a capacidade intelectual feminina, a necessidade de acesso ao conhecimento e a autonomia.

Por mais que não sejam referências diretas nas fontes analisadas de Meta, os movimentos de mulheres na Europa têm como antecedentes: Christine de Pizan (1363-1431), no humanismo renascentista, reivindicando a condição de sujeito, incluída a inteligência como característica; as doutrinas protestantes heréticas também possibilitaram atuações intelectuais das mulheres como pregadoras; os salões franceses do Antigo Regime, com caráter profundamente intelectual, mais do que de entretenimento, como do Preciosismo²⁹⁰; precursoras em Veneza no século XVII sobre igualdade e necessidade de instrução para moças;

²⁸⁸ A própria Michelle Perrot, que produziu obras canonizadas, comentou sobre em entrevista ao falar da “História das Mulheres no Ocidente”. Teria sido “a invenção de mais um cânon ou um ponto de referência obrigatório” e reforçou que “se pretende uma história das mulheres (não a história das mulheres)”. PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, n. 4, 1995, p. 9-28.

²⁸⁹ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.

²⁹⁰ O Preciosismo reivindicava acesso ao conhecimento e à autonomia para mulheres, “se apresenta ao mesmo tempo como um modelo de comportamento, uma corrente literária, um movimento de ideias e um movimento, sobretudo feminino que afrontava temas que iam muito além do âmbito da cultura”. Também “declaravam preferir a aristocracia do espírito à do sangue”. *Ibidem*, p. 27 e 31.

e, mais próximo do XIX, as ideias ilustradas durante a Revolução Francesa²⁹¹. Aliás, cabe um estudo direcionado sobre as mulheres que Meta von Salis mencionou em artigos de *A filantropa*, assim seria possível recuperar quais experiências femininas tem como referência, a maioria parece ser mulheres de elites, como nobres da Renascença italiana.

Apesar das tensões envolvidas ao se assumir marcos temporais, a Revolução Francesa surge na historiografia canônica sobre o “feminismo” como fundamental para a articulação das mulheres que almejavam os princípios de liberdade, igualdade universal e de cidadania.²⁹² Dois nomes frequentemente lembrados são Olympe de Gouges, que terminou na guilhotina por sua “Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs” (1791), e Mary Wollstonecraft, por “Reivindicação dos Direitos das Mulheres” (1793)²⁹³, em que identificou o poder dos homens como privilégio não natural e defendeu que todos fossem tratados como seres racionais a partir de uma educação igualitária.²⁹⁴

Contudo, cabe destacar que, apesar das pautas comuns, nos movimentos de mulheres havia muitas especificidades quando atravessados por outras demandas (étnico-raciais, classistas, religiosas), no século XIX se apresentavam com caráter organizativo em âmbito internacional – incluindo o Brasil. Além da circulação de livros e outros impressos, as mulheres de elites conquistaram possibilidades para viajar, estudar e trabalhar em outros países, aumentando a rede internacional de sociabilidades. Também se observa o caráter transnacional das redes de associações femininas, como da própria Associação Suíça de Mulheres, que publicavam informações de diversos países, assim como mantinham correspondência e apoio com outras associações. Havia ainda o esforço de tradução, muitas vezes num sentido de “tradução feminista” (ver 1.2 Atuação intelectual feminina na Europa).

Um dos principais artigos em que Meta von Salis defendeu o acesso ao conhecimento, em especial, ao ensino superior, desdobrando argumentos nos âmbitos social, econômico e político, foi em “Sob novas bandeiras. As mulheres estudantes”, para o *Jornal da Turgóvia*, em

²⁹¹ GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

²⁹² Para conhecer outras intelectuais de diversos países e suas reivindicações: DAFLON, Verônica T.; SORJ, Bila. **Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

²⁹³ GARCIA, *op. cit.*, 2015.

²⁹⁴ “Outra inglesa que se destacou pelas causas feministas foi a Mary Wollstonecraft (1739-1797), uma filósofa e escritora que ficou conhecida pelas suas defesas aos direitos das mulheres. Sua obra *A Reivindicação dos Direitos das Mulheres* é considerada como uma das mais importantes. Nesta obra ela defende que as mulheres não são possuidoras de uma inferioridade natural quando comparadas à dita “natureza masculina”, afirmando que há uma aparência de inferioridades nas mulheres por não se dada uma educação igualitária entre os sexos. Deste modo, Wollstonecraft propõe que todos devem ser tratados como seres racionais.” PACHECO, Juliana. Onde estão as filósofas na filosofia? In: *Idem* (org.). **Mulher & Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Editora Fi, 2015, p. 14-32.

1884.²⁹⁵ Se a autora começou seu texto com uma apresentação permeada de ironia sobre a situação desagradável das estudantes pioneiras e focada na tolerância pessoal por essa causa, seguiu aprofundando por que não haveria problema na instrução superior de moças. A argumentação surgiu das objeções existentes contra essa mudança na vida social. Talvez como uma estratégia de alcance para suas ideias, Meta von Salis não privilegiou o “efeito benéfico” de haver “menos existências não realizadas, objetivos de vida perdidos e da desmoralização do ‘casamento a qualquer preço’”. Concentrou-se em examinar o benefício para as áreas de atividades abertas às mulheres pelas universidades, reivindicando a justiça para estarem na mesma arena de competição por profissões que os homens.

Uma vez aqui, a justiça colhe imediatamente o fruto: a constatação de que metade da humanidade não pode ser excluída de uma competição por razões que não retiram a outra metade da arena. Admitindo que uma força feminina seja capaz de se afirmar em pé de igualdade nas áreas anteriormente reservadas aos homens, a sua igualdade de direitos é, em princípio, decidida. Pode pretender entrar ativamente na luta pela existência se, bem compreendido, estiver preparada para aceitar a decisão baseada nos mesmos fatores. Se um ou outro perde, partilha o destino de muitos camaradas de armas e torna-se vítima de uma nova profissão, mas não uma nova vítima em geral. Pensem nos milhares e milhares de vidas de mulheres sacrificadas de formas mais inúteis e em lutas mais ignóbeis!²⁹⁶

A ideia de sacrifício das mulheres aparece em vários escritos de von Salis. Nesse caso, quando Meta fala de “milhares e milhares de vidas de mulheres sacrificadas de formas mais inúteis e em lutas mais ignóbeis!”, está se referindo a se sacrificar pela família, o que seu período – não apenas – entendia como obrigação “natural” da mulher. A autora reforça que se sacrificar ou enfrentar dificuldades relacionadas ao ambiente acadêmico ou profissional, dedicando-se ao conhecimento e ao desenvolvimento intelectual, seria mais útil e menos ignóbil do que o tradicionalmente atribuído às mulheres, inclusive ao se considerar seus comentários sobre a tolerância pessoal das pioneiras e o comprometimento com a causa acima das significações pessoais (exemplo do título de doutora para Meta, relatado em *Filósofo e nobre*, 1897).

²⁹⁵ SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

²⁹⁶ “Hier angelangt, pflückt der Billige gleich die Frucht: die Erkenntniß, daß die eine Hälfte der Menschheit nicht von einem Wettstreit ausgeschlossen werden darf aus Gründen, welche die andere nicht aus der Arena entfernen. Zugegeben, daß eine weibliche Kraft sich auf den bisher dem Mann vorbehaltenen Schauplätzen ebenbürtig zu behaupten vermag, so ist ihre Gleichberechtigung im Prinzip entschieden. Sie darf Anspruch erheben, aktiv in den Kampf um’s Dasein einzutreten, wenn sie, wohlverstanden, bereit ist, die Entscheidung von den gleichen Faktoren anzunehmen. Unterliegt die eine und andere - nun so theilt sie das Loos mancher Kampfgenossen und wird ein Opfer eines neuen Berufes, nicht aber ein neues Opfer überhaupt. Man denke an die tausend und tausend auf unnützer Weise und in unedleren Kämpfen geopferten Frauenleben!” *Ibidem*, p. 164.

O principal argumento contra o estudo da mulher exposto no artigo e refutado por Meta era: “Estudar afasta a mulher da família”. A autora se propõe a desconstruir essa objeção, primeiro, abordando a possibilidade de mulheres casadas com filhos crescidos ou sem condições financeiras suficientes buscarem uma formação para moças visando a atuação como cuidadoras (*Wärterin*). Em seguida, amplia para outras possibilidades: “Você tem que estudar antes de se casar ou ocorrem quando condições especiais de vida – ausência de crianças, ausência ou poucos afazeres domésticos – isso sem permitir danos a outros interesses”²⁹⁷. A centralidade do argumento estava em questionar como os estudos poderiam afastar mais as mulheres do que o casamento, que era o principal motivo para saída da casa da família: “O quão longe ela se muda de sua família, mais do que se ela se for com um homem estranho e talvez depois de anos e dias ficasse empobrecida e viúva?”²⁹⁸

“Ouvindo as objeções”, Meta antecipou a crítica acerca das mulheres que “deixam para trás as obrigações de família, permanecendo não casadas” e seguindo outros modos de existir. A argumentação parte do questionamento: “Quais são as moças, que se decidem por uma carreira universitária?”²⁹⁹ A resposta indica “cabeças inteligentes e autônomas”, que se tornam “estranhas na casa dos pais” e não há proteção da sua individualidade.

Apesar de mencionar a individualidade feminina e defendê-la, von Salis, nesse texto, voltou sua atenção para a relação entre gêneros, a fim de debater sobre a dinâmica do casamento, ou melhor, como as mulheres são vistas pelos homens. Ao perguntar “O que um homem deveria fazer com uma garota assim [de cabeça inteligente e autônoma]?”, a resposta poderia estar basicamente em duas situações, com resultados infortunados: se a moça tiver dinheiro, um rosto bonito ou família influente, é desejável; se for pobre e discreta, uma parente solteirona a convencerá a casar um dia.

O resultado é tristemente semelhante. No casamento do primeiro há uma indiferença monótona, que por sua parte mal esconde a impaciência e a irritação com a mulher inteligente, e por sua parte decepção e amargura, e no segundo, a servidão esmaga os impulsos mais peculiares e as disposições mais gloriosas de natureza de uma mulher. Por que um homem deveria se arrepender se as exceções descritas aqui estão agora faltando na sua lista de candidatas? Talvez porque lisonjeia sua vaidade ter uma seleção mais ampla? Porque é cada vez mais questionável se o casamento em si, para além das vantagens pessoais, será suficientemente tentador para a moça desistir da sua liberdade? Ou porque todos podem esperar ter à mão um instrumento económico disponível para uma irmã, prima ou algo semelhante, assim que precisarem dele? Para

²⁹⁷ SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 165.

²⁹⁸ “Inwiefern ist sie ihrer Familie entzogen, mehr als wenn sie mit einem fremden Mann gegangen und vielleicht nach Jahr und Tag verarmt und verwitwet zurückgeblieben wäre?” *Ibidem*, p. 165.

²⁹⁹ “Welches sind denn die Mädchen, die sich zur Universitätslaufbahn entschließen?” *Ibidem*, p. 165.

que as piadas idiotas sobre corações partidos e amores decepcionados continuem a assustar as pessoas e fazê-las se submeterem a um poder grandioso? Parece-me que motivos de caráter tão nobre merecem falhar devido à percepção mais madura das gerações futuras.³⁰⁰

Meta von Salis reforçou nesse trecho três aspectos: a vaidade masculina exaltada na possibilidade de ter mais opções para escolher uma noiva quando as inteligentes estão na lista de candidatas; as jovens como instrumentos econômicos da família; e a circulação de histórias de coração partido como estratégia para submeter mulheres ao casamento. Ironizando sobre o futuro, apresentou duas soluções para os problemas de seu presente. A primeira seria separar as mulheres em duas partes: autônomas-criativas (*selbständigen, schaffenden*) e dependentes-casantes (*abhängigen, heiratenden*).

Um movimento um tanto retrógrado de desenvolvimento espiritual, pois só virgens tolas aceitariam a graça de um marido! Qual é a outra solução? Se for permitido aos que duvidam do envelhecimento retornar de vez em quando ao entusiasmo da juventude inexperiente, também poderá ser perdoado se o seguinte for uma ilusão. Às vezes parece-me - sonho ou não - que a oportunidade de ensino superior pela qual as mulheres lutaram está destinada a criar um novo ideal para o nosso antigo gênero. Hoje não o experimentamos; como todos os primeiros divulgadores de doutrinas de salvação desconhecidas, somos uma espécie de criminosos aos olhos da multidão.³⁰¹

Tanto por seu posicionamento público contra a lógica do casamento existente como por não ter se casado – o que pode ser assimilado como uma escolha pessoal –, Meta se insere entre as mulheres autônomas-criativas. Percebe-se também uma hierarquização de valores, pois a “elevação intelectual” estaria acima desses casamentos que concebem a mulher com uma

³⁰⁰ “Das Resultat ist ein trostlos ähnliches; in der Ehe der erstern herrscht eine dumpfe Gleichgültigkeit, die von seiner Seite Ungeduld und Gereiztheit über die kluge Frau, von ihrer Seite Enttäuschung und Bitterkeit nothdürftig verhüllt, und in der zweiten zermalmt die Knechtschaft die eigenthümlichsten Regungen und glorreichsten Anlagen einer Frauennatur. Weshalb sollte ein Mann bedauern, wenn die hier geschilderten Ausnahmen hinfort in der Reihe seiner Kandidatinnen fehlen? Vielleicht, weil es seiner Eitelkeit schmeichelt, eine reichere Auswahl zu haben? Weil es immer mehr in Frage kommt, ob die Ehe an und für sich, abgesehen von persönlichen Vorzügen, dem Mädchen verlockend genug sein wird, um die Freiheit daran hinzugeben? Oder weil ein Jeder hoffen kann, in einer sitzen gebliebenen Schwester und Cousine oder dgl. ein bereitwilliges Wirthschaftsinstrument zur Hand zu haben, sobald er dessen benöthig ist? Damit die lahmen Witze über gebrochene Herzen und enttäuschte Liebe auch ferner in die Fügung unter groSherrliche Machtvollkommenheit schrecken? Mir scheint, Motive so edlen Charakters verdienen an der reiferen Anschauung der zukünftigen Geschlechter zu scheitern.” SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 166.

³⁰¹ “Für die geistige Entwicklung eine ziemlich retrog[r]ade Bewegung, denn in die Gnade eines Eheherrn würden sich nur die thörichten Jungfrauen begeben! Wie nun gestaltet sich die andere Lösung? Wenn es alternden Zweiflern vergönnt ist, hie und da zum Enthusiasmus unerfahrener Jugend zurückzukehren, so verzeihe man auch mir, wenn Folgendes eine Illusion sein sollte. Mir ist nämlich machmal – Traum oder nicht – als sei die höhere Bildungsmöglichkeit, die der Frau erkämpft wird, bestimmt, ein neues Ideal für Unser altes Geschlecht heraufzuführen. Wir Heutigen erleben es nicht, wir sind, wie all erste Verbreiter ungewohnter Heilslehren, in den Augen der Menge eine Art Verbrecher.” *Ibidem*, p. 167.

utilidade limitada, seja econômica ou reprodutiva. Aliás, anos mais tarde, em 1896, Meta escreveria “O futuro do casamento”³⁰², em que delineia uma concepção diferente para o casamento, baseada na “elevação do caráter nobre” e, conseqüentemente, da “cultura”, como discutido adiante (ver Capítulo 3 – Aristocratismo como síntese do pensamento). A autora aqui, ao falar de “virgens tolas”, mesmo que em tom irônico, não deixa de revelar uma distinção – e uma hierarquização – entre as mulheres. Ainda mais quando a parte seguinte do trecho apresenta que a luta de mulheres pelo ensino superior acarretaria um “novo ideal para o nosso antigo gênero”, ou seja, uma mudança de valores.

O aspecto de pioneirismo reaparece ao falar de “divulgadores de doutrinas de salvação” e como era visto enquanto algo criminoso, bem como no comentário sobre como ninguém mais precisaria sofrer para defender essas ideias, como sofreram as pioneiras.³⁰³ “A mulher intelectual e moralmente elevada” será um símbolo de honra, pelo “talento genial, coragem, senso de justiça e trabalho árduo”, não sendo perseguida nem escravizada.

A autora distingue mulheres, em um momento as classifica entre “inteligentes” e “dependentes”, tendo a liberdade como aspecto central. “A grande liberdade de escolha enobrece a sua pureza e quem prova a voluntariedade de uma devoção não compreende que uma multidão iludida poderia outrora agarrar-se com mãos trêmulas à exploração violenta de preconceitos ultrapassados”³⁰⁴. Nessa liberdade de escolha, não haveria problema se, inicialmente, “o casamento perdesse o encanto aos olhos das jovens”, pois o casamento seria a “exploração violenta de preconceitos ultrapassados”. Portanto, pode-se considerar que a libertação das mulheres, para Meta von Salis, tem como primeiro e talvez principal aspecto a libertação das obrigações da família, seja em relação aos pais ou ao marido. Essa libertação se origina da individualidade da mulher para suas escolhas e perpassa por alguns elementos jurídicos, políticos e econômicos, entre outros (para noções de liberdade em von Salis, ver item 1.2 Atuação intelectual feminina na Europa).

Nessa parte do texto, Meta apresentou um argumento social para a defesa da mulher não casada, propondo uma liberdade de escolha que a retirasse das obrigações para com a família, uma vez que as alegações ligadas ao casamento não eram suficientes para justificar a

³⁰² SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

³⁰³ “Rückblickend wird Niemand ermessen, was wir gelitten haben, weil dann Niemand mehr um unserer Ideen willen wird leiden müssen.” *Ibidem*, p. 167.

³⁰⁴ “Die hohe Freiheit der Wahl adelt ihre Reinheit und wer die Freiwilligkeit einer Hingabe kostet, begreift nicht, das ehemals eine verblendete Menge mit zitternden Händen an einer gewalthätigen Ausbeutung veralteter Vorurtheile festhalten konnte.” *Ibidem*, p. 167.

renúncia ao ensino superior. Os sacrifícios da filha não casada também foram reforçados na quarta parte do artigo, conforme brevemente descrito anteriormente (ver item 1.3 Formação universitária como possibilidade).

Por mais que esse tipo de casamento perdesse o encanto, a mudança de comportamento dos homens poderia atrair algumas mulheres, e a “escravidão à máquina doméstica” seria diminuída por invenções mecânicas:

Se o homem abandonar as suas visões egoístas, adaptadas à indolência, parecerá suficientemente amável para algumas mulheres que, por sua causa, renunciarão a extremos que não permitem o desenvolvimento da vida doméstica - extremos a que a educação universitária e a capacidade de autopreservação não contará mais. As invenções no campo mecânico e outras simplificações na satisfação das necessidades diárias da vida tiram do seu lugar as virtudes da economia e do serviço e tornam possível o desenvolvimento de propriedades mais belas que melhoram a existência num sentido melhor. Adicionar as barreiras de uma tradição que vem de civilizações medievais cinzentas à injustiça da natureza ainda é comum em nossa época; Mas nem sempre pode acontecer que escravos e menores sejam carimbados como ídolos, de modo que almas livres e personagens fortes também queiram permanecer em cativeiro.³⁰⁵

Em seguida, a autora desdobrou seus argumentos econômicos e políticos. Sob o título “Inimigos disfarçados” (“*Verkappte Feinde*”), Meta von Salis se concentrou em perceber como o Estado caracterizava a utilidade da formação para as mulheres. O texto inicia com uma consideração da lei de ensino de Napoleão I, que ela chamou de “habitante de manicômio” (*Tollhäuslers*), discutindo sobre a utilidade de toda essa nova organização da educação para o Estado. A autora parte da seguinte premissa: “não se deve educar as mulheres nem para soldadas, nem para funcionárias públicas”, destoando das funções úteis para o Estado expressas no texto de Lanfrey e na lei napoleônica. Nada foi dito sobre a educação de moças nessa legislação, ainda que apoiadores do projeto defendessem a introdução dessa “interessante metade da sociedade” nos assuntos econômicos, pouco estava sendo feito, pois poucos lugares ofereciam condições iguais para o ensino feminino e o masculino.

³⁰⁵ “Kommt der Mann von seinen selbstsüchtigen, der Trägheit angepaßten Ansichten zurück, so wird er manchen Frauen liebenswerth genug erscheinen, daß sie um seinetwillen auf Extreme verzichten, welche das häuslichen Leben nicht zur Entfaltung kommen lassen – Extreme, zu welchen man die Universitätsbildung und die Fähigkeit der Selbsterhaltung längst nicht mehr rechnen wird. Erfindungen auf mechanischen Gebiet, weitere Erleichterungen in der Beschaffung der täglichen Bedürfnisse des Lebens rücken die Tugenden der Wirtschaftlichkeit und Dienstbarkeit von ihrer Stelle weg und ermöglichen es, schönere, ein Dasein in besserem Sinn bereichernde Eigenschaften zu entfalten. Zu dem Unrecht der Natur der Schranken eines aus grauen, mittelalterlichen Zivilisationszuständen herstammenden Herkommens zu fügen, ist zwar in unserem Zeitalter noch allgemein verbreitet; aber nicht immer kann es dabei bleiben, daß man Sklaven und Unmündige zu Idolen stempelt, damit auch freie Seelen und starke Charaktere in der Knechtschaft verharren möchte.” SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 168.

A intelectual suíça identificou um “novo mundo” diante de uma “antiga terra cultivada” na qual as vontades e conquistas dos cidadãos não teriam quaisquer segundas intenções. “A mãe terra deve se ocupar de nós.” Mas ainda não se distancia muito da afirmação de que não seriam necessárias moças nem como soldadas, nem como funcionárias, “espere, pode não precisar, embora – não quer precisar”. O pretexto ou desculpa da incapacidade das mulheres não tem muito destaque no comentário de von Salis, pois considera que o “ofício da guerra já não tem a dignidade e a justificação de antigamente”. De modo que se detém mais no funcionalismo público, começando por informar que já havia mulheres nas áreas mal remuneradas, como Correios e Telégrafos.

Meta von Salis propôs analisar o porquê dessas objeções sociais, concluindo que vêm de um medo, dos homens, da maior concorrência por uma carreira, ao se considerar mulheres como “advogadas, juízas, teólogas e professoras”. Citando o “velho Bacon”, retomou que a realização intelectual ocorre no domínio irrestrito da democracia, porém o autor não mencionou nada da relação entre gêneros, enquanto os filósofos modernos também não se interessam por essa discussão. A referência a Bacon se dá pelo entendimento dele de que a busca por conhecimento seria um ato político, associado à democracia e ao progresso, em que rompe com a noção de *historia magistra vitae* – autoridade dos textos antigos – e defende a igualdade de inteligências entre os seres humanos, no caso, homens.³⁰⁶

Atenta às críticas da própria causa que defende, Meta von Salis indicou que haveria um “grande perigo” na emancipação feminina: a externalização da mulher, ainda que pudesse assustar, não deveria inibir essa transformação, que seria mais benéfica do que se manter parada diante das inseguranças sobre o futuro. A autora identificou que a libertação de outros oprimidos não seria postergada por muito tempo, o que não necessariamente teria um significado positivo, pois havia uma série de dúvidas e incertezas.

Existe um perigo, e um grande perigo, na emancipação das mulheres, como em qualquer emancipação daqueles que não são livres. Neste ponto, só é considerado em termos da sua expressão do lado dos benefícios e, visto desta forma, pode, no entanto, tornar-se uma espécie de dissuasão. No entanto, não deve mais exercer um efeito inibidor sobre os espíritos, até que estes se convençam de que o medo do perigo causa mais danos do que a determinação de arriscá-lo. Seria uma má advogada em causa própria se eu argumentasse que a libertação de outras pessoas em cativeiro não poderia ser travada a longo prazo devido às mesmas dúvidas e insegurança.³⁰⁷

³⁰⁶ ROSSATTI, Gabriel Guedes. Da igualdade das inteligências à igualdade humana: a revolução política na revolução científica de Bacon e Descartes. **Argumentos**, Ano 1, n. 2, 2009, p. 61-69.

³⁰⁷ “Eine Gefahr, und zwar eine große, liegt in der Emanzipation der Frau, wie in jeder Emanzipation von Unfreien. An dieser Stelle kommt sie nur in ihrer Äußerung nach der Seite der Leistungen in Betracht und kann, so betrachtet, allerdings zu einer Art von Abschreckungsmittel werden. Dennoch darf sie nicht länger hemmend auf die Geister einwirken, als bis sich diese überzeugt haben, daß die Furcht vor der Gefahr mehr Unsegen stiftet, als die Entschlossenheit, es auf sie hin zu wagen. Es hieße ein schlechter Advokat sein in eigener Sache, wenn ich

Talvez a preocupação da autora esteja vinculada a uma ideia que logo surge no texto e que se relaciona com seu pensamento em uma totalidade: a do caráter, ou melhor, a ausência de um caráter que reconhecesse os “valores elevados da cultura”. “Como a frequência do ensino superior é, a muitos olhos, a medida do mérito pessoal, independentemente de as capacidades inatas e a vocação interior tornarem fecunda essa oportunidade de aprendizagem.”³⁰⁸ Haveria a noção de que apenas a formação (*Ausbildung*) seria suficiente, como se não se precisasse do elemento interno para transformar o material oferecido no ambiente acadêmico. Sem o caráter, a formação sozinha poderia resultar em profissionais seduzidos pelo dinheiro, mais do que pelo prestígio social, o que teria dois resultados que se confluem: um nocivo (*schädlich*) e um abominável (*verderblich*). Para a autora, a subestimação dos conhecimentos e das atividades necessárias degradaria as pessoas por tirar a dignidade da ciência, por haver uma desvalorização da ciência que culmina na comerciabilidade, o que seria ruim para quem escolhe, pois a natureza exigiria demais desses corpos que não coordenam desejos com profissão, adoecendo-os. Nesse aspecto é expressa uma, pode-se dizer, “decadência fisiológica” do corpo que age pelos valores do dinheiro.

Quando se começa a traçar as reivindicações de von Salis, identificam-se alguns pontos fundamentais na luta por direitos femininos, que deveriam ser baseados na igualdade de condições e na justiça. A condição da justiça seria a abertura do acesso a todas as carreiras, bastando fazer jus às suas obrigações. Então, estando na mesma arena homens e mulheres, com o mesmo rigor nas exigências e nas provas, ninguém poderia reclamar. A prova também deveria avaliar o caráter e o estilo de vida da candidata ou do candidato. Esse “ponto da cultura” ainda não teria sido alcançado, ponto no qual haveria a “competição das melhores cabeças e do caráter mais sério”. Para Meta, as mudanças deveriam partir dos indivíduos, o que provavelmente se relaciona com os comportamentos e os aspectos morais que indicou em outros textos, como os artigos da seção “Costumes e Moral” em *A filantropa* (1890-1894), a serem discutidos a seguir (ver item 2.2 Aspectos da moral: problema em seu tempo).

mich darauf beriefe, daß die Befreiung anderer Gebundener um gleicher Zweifel und Unsicherheit willen nicht auf die Dauer aufzuhalten war.” ROSSATTI, Gabriel Guedes. Da igualdade das inteligências à igualdade humana: a revolução política na revolução científica de Bacon e Descartes. **Argumentos**, Ano 1, n. 2, 2009, p. 170.

³⁰⁸ “Weil das Durchlaufen höherer Schulen in Vieler Augen der Maßstab ist für persönliches Verdienst, ganz abgesehen davon, ob angeborene Fähigkeiten und innerlicher Beruf eine solche Lerngelegenheit fruchtbar machen.” SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 170.

Não há dúvida de que esta fase seria sinónimo de um arranjo mundial diferente do atual e que teria de se basear numa distribuição diferente de forças e materiais, mas a certeza de mudanças radicais no Estado e na vida humana ainda não parou qualquer revolução permanentemente. Isto não envolve uma tomada externa e tempestuosa de posições desconhecidas, mas sim uma determinação que amadurece organicamente a partir de dentro.³⁰⁹

O que Meta defendia era uma igualdade no combate, “cara a cara”, para o funcionalismo público, com as mesmas condições de ensino e mesmas exigências nas avaliações de candidatos, o que representaria uma mudança social. Em seguida, trata de forma crítica um apoio à livre concorrência, pois “É claro que a livre concorrência conduz frequentemente a um influxo de mão-de-obra para um canal de atividade humana já suficientemente fornecido, mas o resultado é sempre um atraso e um enriquecimento de outras áreas”³¹⁰. De modo que a própria configuração político-econômica já promovia competição e comprometimento de esforço e caráter.

Apesar das inúmeras diferenças, a intelectual realiza uma comparação entre as costureiras de outrora e as mulheres estudantes, em relação à preocupação do Estado diante das atividades femininas: “O que as máquinas de costura custavam de graça às costureiras nas noites sem dormir, as figuras horrorosas das mulheres que estudam agora roubam o humor harmonioso dos governantes mundiais. E tão infundado!”³¹¹ Com ironia, compara a preocupação infundada com o estudo das mulheres, mas nenhuma com as costureiras. Questões como o trabalho doméstico atribuído tradicionalmente às mulheres, quer dizer, sem esforço para conquistá-lo, e as possibilidades de as estudantes estarem nos espaços públicos – inclusive criticando e reivindicando mudanças – emergem.

No entanto, a concepção de von Salis se mostra permeada de hierarquias sociais, assumindo que não há uma igualdade entre esses dois grupos de mulheres, de modo que é possível considerar as capacidades mentais de cada grupo como elemento de avaliação para definir as atividades úteis a serem trabalhadas. Os pensamentos do século XIX, em diversas vertentes, estavam permeados de um cientificismo fundamentado na biologia, em condições

³⁰⁹ “Daß diese Stufe gleichbedeutend wäre mit einer von der jetzigen abweichenden Welteinrichtung und auf einer Andersvertheilung von Kräften und Material zu beruhen hätte, steht außer allem Zweifel; doch hat die Gewißheit von durchgreifenden Verschiebungen in Staats- und Menschenleben noch Keine Umwälzung dauernd aufgehalten. Auch betrifft diese hier nicht eine äußerliche, stürmische Besitznahme ungewohnter Posten, sondern eine organisch von innen herausreifende Bestimmung.” SALIS-MARSCHLINS, Meta. Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 172.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 173.

³¹¹ “Was die Nähmaschinen früher den Schneiderinnen an schlaflosen Nächten umsonst gekostet haben, rauben die Schreckensgestalten studirender Frauen nun der harmonischen Stimmung der Weltgebieter. Und ebenso grundlos!” *Ibidem*, p. 173.

anatômicas e fisiológicas – e até de seleção natural. Em von Salis, pode-se perceber esse aspecto de condições inatas aos indivíduos como parte constituinte da sociedade e da cultura.

Será que as pessoas não se tornarão finalmente sábias o suficiente para combinar talentos e capacidades mentais mais fracos com necessidades menores e aspirações mais modestas? Quanto mais extensa e complexa for uma estrutura, mais difícil será colocá-la em um curso ordenado e mantê-la. Para nós, humanos, o mundo que conhecemos é a mais importante dessas estruturas. Repetidamente um elo se rompe e quebra, uma linha de conexão é destruída; Na periferia dos corpos culturais pendem massas de roupas podres e empoeiradas, carne morta orgânica, exuberante selvagem. De um lado existe a ameaça de um regresso à imaturidade, do outro existe a ameaça da dissolução de um lento processo de desenvolvimento numa catástrofe violenta que nos atrasará ainda mais nos costumes e no conhecimento do que a economia Junker e a sacerdotal.³¹²

O trecho supracitado indica as preocupações mais amplas de Meta von Salis, que analisa as transformações de seu tempo e expõe suas expectativas de futuro sobre a cultura. Os dois lados mencionados – “regresso à dependência” e “catástrofe violenta” – parecem confluir para dissolução dos costumes e do conhecimento. Talvez em um aprofundamento do estudo fosse possível investigar se esses dois lados estariam vinculados a uma concepção de democracia e de socialismo. Embora reivindicando mudanças sociais, em especial, uma maior liberdade às mulheres, a protagonista parece se manter cautelosa, pois o mundo enquanto estrutura precisaria estar e se manter em um “curso ordenado”. Pode-se pensar em uma forma de conservação da cultura fundamentada em costumes e conhecimento.

Do mesmo modo que hierarquizou as mulheres, também hierarquiza toda a sociedade quando fala de “combinar talentos e capacidades mentais mais fracos com necessidades menores”. Em outro texto, *Filósofo e nobre* (1897), escreveu nesse sentido sobre como homens que enxergam as mulheres como inferiores estariam muito abaixo delas “em termos de caráter e inteligência”, e acrescentou: “Pessoalmente, eu só estava interessada em espíritos ou homens de caráter de alta qualidade, que tenham cultura suficiente em sua carne e ossos para não negar

³¹² “Wird man nicht endlich so klug werden, mit schwächeren Anlagen und Geisteskräften geringere Bedürfnisse und bescheidenere Strebungen zu verbringen? Je weitläufiger und zusammengesetzter ein Gefüge ist, desto schwerer ist es in einen geordneten Gang zu bringen und darin zu erhalten. Für uns Menschen ist die uns bekannte Welt das wichtigste dieser Gefüge. Immer wieder knackt und bricht ein Glied, eine Verbindungslinie entwei; an der Peripherie der Kulturkörper hängt massenhaft vermodertes und versaubtes Gewand, abgestorbenes organisches, üppiges wildes Fleisch. Von einer Seite droht die Rückkehr zur Unmündigkeit, von der andern die Auflösung eines langsamen Entwicklungsprozesses in eine Gewaltkatastrophe, die uns noch weiter zurückwürfe in Sitte und Wissen als die Junker- und Pfaffenwirtschaft.” SALIS-MARSCHLINS, Meta. *Unter neuen Fahnen: Weibliche Studenten*. In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 173.

o cavalheiro em suas maneiras e para quem uma mulher, no pior dos casos, é mais que uma cozinheira e cuidadora de crianças.”³¹³

Enquanto para alguns movimentos femininos, como do próprio *Jornal Suíço das Mulheres*, que veiculou suplemento da Associação Suíça de Mulheres, a justificativa para a educação das mulheres se fundamentava na preparação para as funções do lar, para Meta von Salis a educação deveria ir além, deveria ser igualitária aos homens e às mulheres para desempenharem as mais “elevadas” atividades humanas. Em seu pensamento, deixou claro que o casamento não deveria ser a principal ou única função social da mulher. Uma das poucas hierarquias que von Salis queria romper era a de que os seres femininos seriam inferiores aos homens, pensamento que predominava, ainda que pensadoras e pensadores dos séculos anteriores já o contestassem³¹⁴, principalmente sobre a igualdade das inteligências³¹⁵, assim como Bacon.³¹⁶

Os contemporâneos de Meta von Salis possuíam posições bem diferentes da sua sobre as mulheres³¹⁷, como seu amigo e interlocutor Friedrich Nietzsche. Conforme apresentado por Scarlett Marton, “defendendo uma ideia conservadora da relação entre os homens e as mulheres, critica duramente as que querem emancipar-se”³¹⁸. Aliás, Nietzsche havia resumido o ensinamento de Hamlet (William Shakespeare) em “O conhecimento mata a ação; a ilusão pertence à ação”, e Meta von Salis utilizou essa ideia para dizer que o movimento das mulheres não deveria precisar dessa “natureza de Hamlet”: “nós gostaríamos de ficar sem a ilusão, mas nós não podemos nos abster da ação”.

³¹³ SALIS-MARSHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 19.

³¹⁴ PACHECO, Juliana. Onde estão as filósofas na filosofia? In: *Idem* (org.). **Mulher & Filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

³¹⁵ ROSSATTI, Gabriel Guedes. Da igualdade das inteligências à igualdade humana: a revolução política na revolução científica de Bacon e Descartes. **Argumentos**, Ano 1, n. 2, 2009, p. 61-69.

³¹⁶ CARVALHO, Maria da Penha F. dos S. **O homem é um animal racional. E a mulher?** Reflexões sobre filosofia, gênero e feminismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019. Descartes também influenciou a noção de igualdade das inteligências ao pensar no princípio da universalidade da razão e do bom senso, a partir de duas premissas: a primeira, o “espírito não tem sexo”, e a segunda, “a concepção da total autonomia do pensamento em relação ao corpo”

³¹⁷ BRODTBECK, Karl Adolf. **Geistesblitze grosser Männer**: für freie Denker gesammelt. C. G. Naumann, 1889. Disponível em: <https://archive.org/details/geistesblitzegro00brod/page/95/mode/2up>.

³¹⁸ MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres**: figuras, imagens e tipos femininos. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 163.

2.2 Aspectos da moral: problema em seu tempo

Enquanto uma intelectual observadora de sua sociedade, tanto em nível nacional como internacional, Meta von Salis-Marschlins acompanhava os movimentos de mulheres, principalmente em relação aos seus direitos civis e políticos, como o acesso à educação de qualidade e às carreiras intelectuais – como o funcionalismo público – em igualdade de condições a homens e mulheres. Para essa discussão, não deixava de passar pelos aspectos do casamento e das relações de gênero. Levantava sua voz e sua pena às mulheres, para que elas se conscientizassem das situações a que foram submetidas e estimular que se movimentassem por transformações sociais.

Meta von Salis-Marschlins atuava na imprensa, escrevendo para o amplo público e para as mulheres, desde a década de 1880. Contudo, foi com sua participação ativa na Associação Suíça de Mulheres, na seção de Zurique, a Fraternité, que escreveu especificamente para o público feminino das elites, em especial, ao público engajado no movimento das mulheres. A Associação, fundada em 1885 e dividida em 1888, esteve sob a presidência da Dra. med. Caroline Farner entre 1886 e 1894³¹⁹, quando começou a veicular artigos num suplemento do *Jornal Suíço das Mulheres* (1879-1912), denominado *Comunicação da Associação Suíça de Mulheres: Suplemento mensal grátis “Jornal Suíço da Mulher”* (1888-1889). No ano seguinte, 1890, conseguiu um espaço próprio: *A filantropa: órgão da Associação Suíça de Mulheres* (1890-1894).

A estrutura do periódico *A filantropa*, exposta no número-teste, de julho de 1890, permaneceu semelhante à do antecessor *Comunicação*, contendo as seções: Oficial; Relatórios sobre a realização dos trabalhos da Associação; Educação, Costumes e Moral; Saúde; Apresentações, Exposições e Resenhas; Correspondência. O periódico estava centrado nos temas higiene, pedagogia, ética e ficção literária, divulgados no papel e em palestras, que algumas vezes eram publicadas por escrito também. No semestre de 1888/1889, Meta von Salis-Marschlins havia ministrado duas, intituladas: “O significado social e moral de simplicidade” (publicada sob o título “Sobre simplicidade” nos números 7, 8 e 10 de *Comunicação*, em 1889) e “Os amigos e inimigos do mesmo”. E, no ano seguinte, proferiu uma sobre o escritor Tolstói. As palestras proferidas por von Salis nas reuniões da Fraternité também foram publicadas:

³¹⁹ Cf.: HISTORISCHE LEXIKON DER SCHWEIZ (HLS). **Caroline Farner**. 24 mar. 2021. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/009296/2021-03-24/>.

“Disciplina e Independência”, em Zurique, 1891, e “Gertrudis Gomez de Avellaneda”³²⁰, em novembro de 1893. Os textos referentes às palestras supracitadas estavam na seção “Costumes e Moral” (*Sitte und Moral*), bem como “Sobre um problema do nosso tempo” (n. 1 e 2, jan. e fev. 1891) e “Uma perspectiva” (n. 10, out. 1892). A seção ganhou mais um termo, tornando-se “Justiça, Costumes e Moral” na edição de julho de 1893, que trouxe o texto “Para o processo Farner-Pfrunder”. O catálogo de seu arquivo pessoal indica outras palestras realizadas, a maioria nas cidades de Zurique e Chur, além de São Galo, Basileia e Berna, intituladas: “Sobre tolerância” (1887), “Avareza” (1889 e 1890), “Robert Browning” (1892 e 1894), “Sufrágio feminino e eleição/decisão da mulher” (1894).

Essas apresentações se referem mais a discussões morais, políticas e literárias, porém também estão elencadas, em seu arquivo, palestras na área de História, como “Justiniano I e seu direito” para seminário universitário; entre 1888 e 1889, em Chur, ministrou “A fundação do Arcebispado Magdeburg”, “A imperatriz Theophano” e “Algo sobre os Hohenstaufen”; “Papa Sisto V” (sem data). Outras três palestras apareceram como artigos em *A filantropa*, na seção “Histórica” (*Historisches* ou *Geschichtliches*): “As conquistas das mulheres da Renascença italiana” (nos números 10 e 11, respectivamente, out. e nov. 1891), “A mulher na guerra peninsular espanhola 1808-1814” (n. 11, nov. 1892, e n.1, jan. 1893) e “Mulheres francesas na Idade Média” (n. 2 ao 5, consecutivamente, fev./mai. 1893)³²¹.

A maior parte das publicações de von Salis estava na seção de “Ficção” (*Belletristisches*)³²², sendo oito artigos, publicados entre 1892 e 1894, dedicados a traduções do inglês; artigos sobre mulheres escritoras; uma resenha “Um diário” de uma jovem russa (n. 4, abr. 1891); e “Educação em uma casa italiana de condes”³²³ (n. 11, nov. 1894). Destacam-se ainda dois relatos de viagem: “Dias de férias em Roma” (n. 2 e 3, ago. e set. 1890); e “Lembranças do Marrocos”³²⁴ (n. 3 a 8, consecutivos, mar./ago. 1892). Por mais que listar todos esses textos pareça uma longa descrição, cabe observar os variados temas abordados por von

³²⁰ Gertrudis Gómez de Avellaneda (Cuba, 1814 - Espanha, 1873) foi uma literata, poeta e dramaturga, “considerada uma das precursoras do romantismo do século XIX e uma das melhores poetisas mulheres”. Mudou para a Espanha em 1836, onde viveu o resto da vida, com exceção do período entre 1859 e 1863. Teve forte influência na literatura cubana, cujos primeiros poemas foram publicados com o pseudônimo La Peregrina. Escreveu poesia lírica e “peças como Alfonso Munio (1844 e rev. ed. 1869), e Saúl (1849), drama bíblico de sucesso popular. Seus romances, como Sab (1841) foi um trabalho antiescravidão e agora está quase completamente esquecido”. Cf.: BRITANNICA. Gertrudis Gómez de Avellaneda: cuban spanish playwright. s/d. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gertrudis-Gomez-de-Avellaneda>. Acesso em: 9 jun. 2023.

³²¹ “Die Leistungen der Frauen der italienischen Renaissance”, “Die Frau im spanischen Befreiungskrieg 1808-1814”, “Französische Frauen im Mittelalter”.

³²² *Belletristisches*, conforme apresentado por Stump, corresponde a romances, ensaios, autobiografias, biografias, contos, cartas etc.

³²³ “Ein Tagebuch e Erziehung in einem italienischen Grafenhouse”.

³²⁴ “Ferientage in Rom” e “Erinnerungen an Marocco”.

Salis em sua atuação pública de intelectual, não apenas assuntos de sua área de formação universitária – filosofia e história –, mas também ligados à literatura ficcional. Essa separação, entre texto histórico e texto ficcional, parte da própria organização do periódico, que separa os textos por suas características, o que ainda se aproxima de definições atuais.

Nos artigos de von Salis comentados no item anterior - “Sob novas bandeiras. As mulheres estudantes” (1884) e “A posição da mulher na Europa/Suíça” (1887) (ver 2.1 Elevação intelectual e funções sociais) –, pode-se perceber uma orientação de comportamentos e uma preocupação com o caráter, como quando se fala de uma postura de tolerância das mulheres nas universidades e até de recusa ao casamento ao percebê-lo como não benéfico às moças, também quando trata da relação entre trabalho por dinheiro e por “valores elevados”, o que remete à descrição de um caráter “nobre” ou “enobrecedor” que deveria ser trabalhado pelos indivíduos. Esse caráter seria um ponto de distinção e de hierarquização da sociedade.

Para compreender qual o caráter defendido pela intelectual suíça no periódico *A filantropa*, vale analisar os três artigos veiculados na seção “Costumes e Moral”. O primeiro dos artigos selecionados circulou em janeiro e fevereiro de 1891, com o título “Sobre um problema do nosso tempo”; o segundo, “Disciplina e Independência”, foi publicado em janeiro de 1892; e o terceiro, “Uma perspectiva”, na edição de outubro de 1892.

Ao se considerar o título do artigo, “Sobre um problema do nosso tempo”, pressupõe-se que Meta von Salis escreveu sobre um problema patente em sua perspectiva, não seria o único nem, talvez, o principal de sua época. No caso, tratava-se de um problema moral, recaindo sobre os indivíduos e sendo de responsabilidade deles o reconhecimento e a solução. Estabelecendo um paralelo metafórico entre a sociedade e o corpo humano, a autora exemplificou que, havendo duas possibilidades para quem sofre de câncer, aquele que prefere somente efeitos paliativos em vez do sofrimento de uma cura dolorosa seria um “fraco moral”. Na sociedade, haveria “efeitos paliativos aos pobres e aos de mente fraca”, sem se procurar a origem e a erradicação dessa situação, o que poderia demandar sofrimentos. A preocupação da intelectual se concentrava em solucionar esse problema para o cenário que observava e pela noção de cultura que defendia, pois, ao seu ver, os “efeitos paliativos” encaminhavam a sociedade de seu tempo para uma “decadência”.

A descrição do problema por von Salis colocou em primeiro plano o *parvenu*, ou arrivista, aquele que seria um “novato” ou um “recém-chegado”³²⁵ cuja ascensão econômica

³²⁵ ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. Pavenu. s/d. Disponível em: <https://www.etymonline.com/pt/word/parvenu>. MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Pavenu. s/d. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/parvenu/>.

não teria sido por mérito, mas por acaso. Ao longo da distinção entre o *parvenu* e o nobre, observa-se uma referência à ascensão de camadas burguesas. A intelectual assumiu o *parvenu* como “caráter típico da época” e, em seguida, questionou, referindo-se a ele como “homem moderno”: “Afinal, de onde o homem moderno tira a medida do valor de si mesmo?” A resposta negou que seria por “sentimentos desenvolvidos” ou pela “compreensão educada em muitos aspectos”, mas sim em ser notado pelos outros por seus bens materiais e por seu emprego.

Por observar o problema como moral, von Salis distingue os grupos sociais pelos valores que atribuem a si. “As características negativas e positivas que compõem o *parvenu* conferem à nossa época o seu carácter típico. Uma absoluta ausência de nobreza, orgulho e coragem, e a predominância de uma arrogância patética.” Associa-se a ascensão de camadas burguesas com a predominância do dinheiro e da ostentação de bens materiais, além da determinação pelo trabalho, como algo distinto dos valores da nobreza, portanto, “uma arrogância patética” caracterizaria esse grupo arrivista.

Os “contemporâneos”, os quais von Salis chamou de “homens modernos”, compreendem “a ocupação como uma marca da pessoa, em vez de reconhecê-la [a pessoa] como aquela que pode carimbar um diploma de nobreza em cada trabalho”³²⁶. A autora valoriza o trabalho não num sentido do pietismo protestante, no qual o trabalho profissional “era o meio ascético *par excellence*”³²⁷, mas como um meio de alcançar certa independência econômica, como em seu caso pessoal. Entretanto, sua perspectiva parte do indivíduo para o modo como ele age perante o trabalho, inclusive o texto apresenta exemplos de duas mulheres e suas ocupações. Essas ideias foram mais esclarecidas na segunda parte do artigo, publicado em fevereiro:

Nossas declarações também provam que um ofício, apreendido e executado com coração e espírito, recebe da pessoa um bom caráter, mas a pessoa não é determinada pelo ofício [...] O arrogante encolher de ombros diante de um tipo de atividade nada mais é do que o sinal de uma compreensão obsoleta da atividade humana. Uma pessoa estúpida é estúpida, seja ele professor ou varredor de rua.³²⁸

No caso do que chama de “homem moderno”, ou *parvenu*, o trabalho define a pessoa, bem como os bens materiais expostos como símbolos de *status* – gastar para mostrar *status*

³²⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre um problema do nosso tempo [Ueber ein Problem unserer Zeit]. A **filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, Ano II, jan. 1891, p. 2.

³²⁷ WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 121.

³²⁸ SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 10.

seria uma prática difundida desde a vida nas cortes do século XVIII.³²⁹ Na sociedade burguesa, que estaria se firmando no século XIX, “o trabalho aparece ao mesmo tempo como o critério meritocrático por excelência e como uma exigência essencial para o funcionamento dessa sociedade”³³⁰, sendo expressas na divisão do trabalho “as relações de dominação social e política”, ou seja, “a condição de homens livres e homens escravos”.

Os elementos materiais, dos quais esses grupos – entendidos como parte de uma elite burguesa – têm orgulho, passaram a justificar um “merecimento das reverências” destinadas às elites. Aqui, vale destacar que houve uma transformação da composição dos grupos social e politicamente dominantes, ou seja, das elites. O artigo, publicado em periódico da Associação Suíça de Mulheres, continha uma crítica ampla, voltada aos homens e às mulheres.

O orgulho é representante do pensamento contemporâneo das suas ligações e recomendações, dos bens herdados, criminosos e conjugais, dos parentes ricos, da sua capacidade de ficar em hotéis de primeira classe e de poder comprar nas lojas mais caras. Ou seja, orgulha-se de tudo o que por ele foi feito não por mérito seu, mas por acaso, para que o seu concidadão, como um espelho que reflete mil vezes os raios, o ilumine sobre o seu significado com as reverências obrigatórias, aprovações e vontade de ser, claro. O gênero feminino nas classes favorecidas! As meninas estão orgulhosas por não terem que trabalhar e por não conseguirem ganhar a vida sozinhas e, de repente, confrontadas com a necessidade de ganhar a vida, sentem-se demasiado nobres para qualquer posição humilde. Este "sentir e pensar nobre" é papel consistentemente falso. No entanto, seu sentido transparente é exatamente no sentido sutil e caprichoso. Estamos na era menos nobre desde o início da contagem mundial cristã!³³¹

A exclamação sobre o gênero feminino feita pela autora refere-se a uma questão fundamental de suas reivindicações pelas mulheres: a abertura de espaços de trabalho e a conquista de independência econômica, o que não é percebido por essas mulheres de “classes

³²⁹ ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da riqueza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Ao analisar as estruturas de habitação e da regularidade da decadência das famílias nobres.

³³⁰ MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. Apresentação. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre política**. Organização, tradução, apresentação e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007, p. 24-25.

³³¹ “Stolz ist der Repräsentant zeitgemäßer Denkungsart auf Verbindungen und Empfehlungen, auf ererbte, erspekulierte und ererthete Besitzthümer, auf reiche Verwandte, auf seine Fähigkeit in Hotels ersten Ranges logiren, in den theuersten Geschäften kaufen zu können. Mit anderen Worten, er ist stolz auf Alles, was nicht sein Verdienst, sondern der liebe Zufall für ihn that, damit ihn die Mitbürgerschaft als ein tausendfach die Strahlen zurückwerfender Spiegel mit obligaten Bücklingen, Zustimmungen und Bereitwilligkeiten über seine Bedeutung aufkläre. Das weibliche Geschlecht in den begünstigten Ständen nun gar! Da sind die Mädchen stolz darauf, daß sie nicht arbeiten müssen und daß sie ihren Lebensunterhalt nicht selber schaffen könnten und plötzlich vor die Nothwendigkeit eines Erwerbes gestellt, fühlen sie sich zu vornehm für jede bescheidene Stellung Dieses sich vornehm fühlen und dünken" spielt durchgehend eine falsche Rolle. Liegt doch sein gauzer Sinn jest genau in feinem Wibersinn. Sind wir doch das unvornehmste Zeitalter seit den Ausfängen der christlichen Weltrechnung!” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre um problema do nosso tempo [Ueber ein Problem unserer Zeit]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, Ano II, jan. 1891, p. 2.

favorecidas” como motivo de orgulho, pelo contrário. Há uma desvalorização do trabalho, que permite pensar em uma valorização do ócio entre esses grupos “pretensamente nobres”, de modo a se aproximar do que foi expresso por Nietzsche ao apontar que os “homens raros” se dedicam ao ócio produtivo.³³² Para von Salis, trata-se de uma concepção falsa do que é a nobreza, pois a arrogância e o orgulho desses aspectos não permitiriam “viver uma vida nobre diante do mundo sem que os seus aplausos fossem levados em conta”. Eis que apresenta sua definição do que seria o nobre (*vornehm*):

Pois, o que significa ser nobre? Antecipar seu direito em virtude de sua personalidade, seu direito de ouro a seus próprios julgamentos, necessidades individuais de beleza e de conhecimento, satisfação e solidão. Graças a uma reserva interior de força, ele escolhe suas obrigações entre as mais difíceis, mais sérias e mais secretas. Baseado na elevada coragem da devoção pessoal, não se deve preocupar com a contemporaneidade de um ato ou omissão, como recebeu nos folículos cerebrais/crânio a norma de uma mediocridade legislativa. Permita-se ter a orgulhosa confiança de que a pessoa nobre é o apóstolo dos tempos posteriores e dos tempos melhores. Mais rígido, mais fino, mais amável, fino como os virtuosos da modernidade, onde é importante poupar material nobre, frio e impiedoso, onde o evangelho da carne já é exuberante.

É óbvio que a elegância, assim concebida, não pode ser outra coisa senão simples. A verdadeira nobreza tem o caráter do genuíno e que satisfaz a vida e tudo o que é genuíno e que satisfaz a vida é simples. A nobreza repousa em calma e segurança sobre si mesma e não precisa aprender nenhum comportamento daqueles ao seu redor. Não é imposto artificialmente à atitude, mas surge naturalmente das vantagens das instalações e do ambiente especiais. Isso se aplica até aos modos mais jovens. Em seguida, compare o comportamento do cavalheiro e do recém-chegado. Quão mais perceptível deveria ser a diferença entre a eficiência real e a suposta!³³³

Dos diversos aspectos de caracterização da nobreza, percebe-se como fundamento essa “antecipação do direito”, essa atribuição própria de um valor a si próprio, que o distancia

³³² MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. Apresentação. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre política**. Organização, tradução, apresentação e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007, p. 25.

³³³ “Denn, was heißt wohl vornehm sein? Sich sein Recht kraft seiner Veriönlichkeit vorwegnehmen, sein goldenes Recht an eigene Urtheile, individuelle Schönheits- und Wissens- bedürfnisse, Befriedigung und Einsamkeit. Sich, dank einem innern Kraftvorrath, seine Verpflichtungen wählen unter den schwersten, ernsthaftesten, verschwiegensten. Sich, gestützt auf den hohen Muth persönlicher Hingabe nicht kümmern um das Zeitgemäße einer That oder Unterlassung, wie es in den Hirnschädeln einer gesetzgebenden Mittelmäßigkeit seine Norm erhielt. Sich die stolze Zuversicht gönnen, daß der vornehme Mensch der Apostel späterer Zeitgemäßheiten und beßerer ist. Strenger, feiner, lebenswürdiger sein als die Tugendhaften der Modernität, wo es gilt edles Material zu retten, ciskalt und unerbittlich, wo das Evangelium des Fleisches schon üppig in's traut treibt.

Es liegt auf der Hand, daß die Vornehmheit so gefaßt nicht anders sein kann als einfach. Wahre Vornchmheit trägt den Charakter des Aechten und lleberwältigenden und alles Aechte und leberwältigende ist einfach. Die Vornehmheit ruht in gelassener Sicherheit auf sich selber und hat ihrer lumgebung keine Allüren abzulernen. Sic wird der Haltung nicht künstlich aufgeprägt, sondern er wächst naturgemäß aus den Vorzügen der besonderen Anlage und Umgebung. Es gitt bico bis in die äußeren Manieren hinein. Man vergleiche sich daraufhin das Be nehmen des Gentilhomme und des Aufkömmlings. Ilm wie viel mehr müßte der Unterschied bei der wirklichen und der angemaaßten Züchtigkeit hervortreten!” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre um problema do nosso tempo [Ueber ein Problem unserer Zeit]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, Ano II, jan. 1891, p. 3.

daqueles que não o podem fazer. A noção de que a definição de nobreza se origina no indivíduo se mantém, o que se aproxima da definição – inclusive com o mesmo termo *vornehm* – de Friedrich Nietzsche. O filósofo definiu mais de um tipo de homem elevado: *Übermensch*, *vornehm* e *Adel*, entretanto, partem de uma base similar. Os termos – traduzidos como nobre ou aristocrata – em Meta von Salis aparecem mais no sentido de sinônimos ao mesmo referente.

[...] certamente o texto de Nietzsche mais importante para a descrição de um tipo mais elevado de homem é o capítulo IX de “Para além de bem e mal” intitulado “O que é nobre?”. No texto, o filósofo usou termos como “Vornehm (destacado, nobre), Adel (nobre) e Aristokratie (Aristocracia)” para apresentar “como característica do homem destacado, o pathos de distância, a fé que possui em si mesmo e que faz com que se saiba no alto, separado do grupo, que não se sinta como função, “mas como sentido e suprema justificativa” (JGB/BM § 258).³³⁴

Quando Meta von Salis fala que o nobre “antecipa seu direito” e “escolhe suas obrigações”, pode-se relacionar ao que Nietzsche descreveu como a “moral dos senhores”: “O homem da espécie nobre vê A SI MESMO como aquele que determina os valores; ele não tem necessidade de ser aprovado; ele é quem julga.” De modo que “as distinções morais de valor foram originadas ou de uma espécie dominante, tranquilamente confiante de sua diferença em relação à dos dominados - ou entre os dominados, os escravos e dependentes de toda a sorte”³³⁵. Para o filósofo, como para a historiadora, o orgulho aparece como característica de nobreza, porém não o orgulho de aspectos como o trabalho, pois o trabalho não é determinante do valor do indivíduo. “A existência das castas é a manifestação de uma seleção natural das aptidões e dos caracteres”³³⁶, quer dizer, os tipos fisiológicos dos indivíduos, para Nietzsche e, aparentemente, para von Salis, estabelecem a divisão do trabalho e as castas.

O público leitor de *A filantropia* deveriam ser as mulheres instruídas, aquelas pelas quais von Salis se interessa, como mencionado em texto de 1893.³³⁷ São essas as mulheres que, para a autora, buscam a “elevação intelectual” e o “enobrecimento do ser”, que ocorreria não pelo conhecimento, mas pelo sentimento enobrecido do indivíduo. Dentro da “moral nobre”, von Salis reivindica o direito à distinção para lutar pela “espiritualização que enobrece o ser”, pois, assim como Nietzsche, defende a necessidade de existirem tipos elevados (seja no sentido

³³⁴ PASCHOAL, Antonio Edmilson. A palavra *Übermensch* nos escritos de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, n. 23, 2007, p. 115.

³³⁵ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015, p. 192-193, Aforismo 260.

³³⁶ MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. Apresentação. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre política**. Organização, tradução, apresentação e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007, p. 25.

³³⁷ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. A moral da História. **A filantropia**: órgão da Associação Suíça de Mulheres [Festnummer der Philantropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation von Dr. med Caroline Farner, Frau und Fräulein Pfrunder], 12 set. 1893.

de gênio, de além-homem ou nobre) que não sujeitem suas vontades individuais e sua independência a favorecer e obedecer ao grupo (sociedade ou Estado) – o que Nietzsche definiu como instinto gregário.

Ao se pensar na crítica nietzschiana em um sentido político, um dos fundamentos da sociedade questionados pelo filósofo é o instinto gregário: fenômeno de agrupamento social fundamentado no medo e visando a sobrevivência em que há o “prevalhecimento dos impulsos e paixões sociais sobre os individuais”, associado à imagem de “rebanho” ou “massa”. A partir dessa noção em que se sobrepõe o grupo ao indivíduo e que pressupõe uma igualdade entre todos – o que Nietzsche considera falso –, começa a se delinear o entendimento nietzschiano acerca da decadência da cultura. A relação com o trabalho se insere na crítica tendo em vista que o modelo de sociedade burguesa que estava se consolidando no período se baseava no “espírito mercantil” de obtenção de lucro.³³⁸

Meta von Salis finalizou o artigo com o lema: “Quem é alguma coisa, não precisa aparentar”. O caráter nobre, conforme descrito por von Salis, pressupõe uma independência da materialidade, quando afirma: “Quem carrega na cabeça e no coração o principal capital de sua coragem só está preso à terra na medida em que deseja estar amarrado. A simplicidade é um talismã que sobrevive a todas as vicissitudes do destino.” Essa independência dos bens materiais, condensada na noção de simplicidade, já havia sido comentada por von Salis no artigo “Sobre simplicidade”, nos números 7, 8 e 10 de *Comunicação*, em 1889, em que criticou a preponderância financeira, a superficialidade do mercado de luxo e os gastos ostentatórios³³⁹, às vezes acima do que realmente dispunha uma família. Relacionam-se as noções de coragem, simplicidade e valorização da vida naquilo que “nenhuma mão de ladrão pode tocar”, citando na íntegra o aforismo 343 sobre bens móveis e imóveis de Nietzsche em “Humano, demasiado Humano” (1886)³⁴⁰. Não coloca o nome dele, apenas que “Isto é o que um grande homem do nosso tempo disse e o conhecimento comprovado por seu exemplo”³⁴¹.

³³⁸ MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. Apresentação. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre política**. Organização, tradução, apresentação e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007.

³³⁹ “A cultura mercantil apresenta o luxo como estímulo e vitrine que acenam para a busca de riqueza naqueles que não são ricos e que precisam trabalhar duro com o objetivo de alcançar essa riqueza que neles causou inveja. [...] gera insatisfação da massa dos remediados e pobres em relação aos ricos, uma insatisfação que se manifesta através da inveja de suas riquezas e sobretudo da felicidade que aqueles acreditam que os ricos possuem.” *Ibidem*, p. 29.

³⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **Menschliches, Allzumenschliches** [Humano, demasiado humano]. Leipzig: Verlag von E. W. Fritzsch, 1886. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/VM-343>.

³⁴¹ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre um problema do nosso tempo [Ueber ein Problem unserer Zeit]. A **filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 2, Ano II, fev. 1891, p. 10.

A falta de menção nominal a Nietzsche, de quem Meta era amiga e leitora havia anos, gera um estranhamento, ou no mínimo levanta questionamentos. Por mais que muitas vezes não revele aos leitores o nome de amigos e conhecidos, geralmente isso ocorre quando a pessoa está tendo sua vida e aspectos pessoais expostos, até de modo exemplar. No caso de mencionar Nietzsche, enquanto um autor de quem era leitora e com quem concordava em diversas ideias, não se aplicaria a mesma lógica. O filósofo, nesse caso, seria mencionado por suas obras, por suas ideias que afetaram von Salis de alguma maneira, do mesmo modo que a autora mencionou outras referências nominalmente para indicar de onde retirava tais ideias. Um exemplo seria Herbert Spencer, citado no artigo “Uma perspectiva”³⁴².

Questionar a motivação de von Salis por omitir a autoria do aforismo citado é pensar em uma série de relações dentro da intelectualidade, entre espaços de discussão e de publicação, que levantam hipóteses. Embora tivesse um espaço estabelecido na Associação Suíça de Mulheres e assinasse parte dos seus textos publicados, von Salis deveria estar em conformidade com a linha editorial, ou seja, com o pensamento compartilhado pelo grupo. Talvez referenciar Nietzsche significasse um ponto de discordância com suas amigas do periódico, devido ao que era veiculado dos escritos nietzschianos acerca das mulheres, ou um despreço por parte de alguém da Associação. Até mesmo Nietzsche poderia não querer ser nominalmente vinculado às ideias difundidas por um grupo atuante pela emancipação feminina.

Para pensar nas suspeitas dessa falta de menção, talvez seja válido antecipar alguns comentários do livro *Filósofo e nobre*, publicado em 1897, anos após os artigos d’*A filantropa*. No livro, Meta von Salis afirmou que “um homem com a amplitude de visão e a certeza de sentimento de Nietzsche tinha o direito de cometer um erro em algum ponto”, no caso do filósofo, seria sobre o gênero feminino. Contudo, a autora, quando escreveu, já estava se distanciando do movimento das mulheres e enfatizando mais um “tipo nobre” e as distinções sociais, inclusive pontuou que o que de “pior e mais vergonhoso” havia sido dito por Nietzsche ainda se aplicava à maioria das mulheres. As citações que recuperou do amigo como o mais “delicado e tenro” que algum filósofo já disse sobre as mulheres tratavam-nas como “um tipo superior”³⁴³.

A própria autora, nesse livro, afirmou que agradecia à sorte por não ter conhecido Nietzsche antes que “as bandagens, que um novo dogma santificou no lugar do antigo, tivessem

³⁴² SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Uma perspectiva [ein Ausblick]. *A filantropa*: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 10, ano III, out. 1892, p. 2-3.

³⁴³ *Idem*. *Philosoph und Edelmensch*: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 20-21.

caído”³⁴⁴. Pode-se inquirir, sobre essa mudança de dogmas, que pode ser entendida como a predominância das noções de nobreza às questões femininas com uma possível maior perspectiva democrática, o quanto as ideias nietzschianas sobre o gênero feminino teriam sido mal compreendidas por von Salis, pois assumiam uma posição conservadora, no sentido de manter as características tradicionalmente atribuídas às mulheres, como destinadas ao casamento e controladas pelas emoções, muitas vezes negativas.

Cabe mencionar que havia publicações compiladoras de pensadores diversos separadas por temáticas, como em “Flashes brilhantes de grandes homens: coleção para pensadores livres” (1889)³⁴⁵, de Karl Brodtbeck, obra publicada pela C. G. Naumann, mesma editora que publicava as obras de Nietzsche. O capítulo com título “A mulher” (“*Das Weib*”), ou “A fêmea”, tem citações de Nietzsche e de outros pensadores ainda influentes no século XIX, como Arthur Schopenhauer, William Shakespeare, Ludwig Borne e outros, o que permite uma visão das opiniões contemporâneas a von Salis sobre seu gênero.

Não é possível confirmar o porquê de não mencionar Nietzsche enquanto referência de alguns de seus pensamentos, nem se realmente o motivo seria uma discordância dentro da associação, porém a recepção do filósofo pelas mulheres emancipadas e pelos movimentos femininos ocorreu de diversas formas. Ao apresentar como o pensamento nietzschiano foi evocado ou refutado pelas teorias feministas, Marton também expõe a recepção do filósofo em sua época: “Não só na Alemanha, mas também em outros países da Europa, ele se converteu no mentor intelectual dos que se batiam pela liberação corporal e sexual, em particular da mulher”, por ser o pensador “demolidor da moral tradicional, burguesa e cristã”³⁴⁶. Entretanto, algumas intelectuais atentaram às citações nietzschianas mais conservadoras sobre as mulheres, culminando no início do século XX nos alertas a respeito do “caráter perigoso dos escritos do filósofo”, por ser um “inimigo das mulheres que querem se emancipar”³⁴⁷.

Juntando o instinto gregário e o espírito mercantil, o modelo da chamada sociedade burguesa, liberal e democrata foi alvo de críticas por Nietzsche e por von Salis, ao indicar a “decadência da cultura”. “Ele a encontra [referindo-se à expressão da *décadence*] na moral, na religião, na filosofia, na política, na sociologia, na arte, na literatura, na música.”³⁴⁸ A decadência “possibilita promover a ideia de igualdade”, que era parcialmente defendida por von

³⁴⁴ *Ibidem*, p. 20.

³⁴⁵ BRODTBECK, Karl Adolf. **Geistesblitze grosser Männer**: für freie Denker gesammelt. C. G. Naumann, 1889. Disponível em: <https://archive.org/details/geistesblitzegro00brod/page/95/mode/2up>.

³⁴⁶ MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres**: figuras, imagens e tipos femininos. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 12.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 12-13.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 173.

Salis, quando se considera a igualdade entre homens e mulheres, porém não de qualquer homem ou mulher, pois se mantém a noção de enobrecimento do ser. Portanto, há um descompasso entre von Salis e Nietzsche, já que o filósofo considera que, “Ao lutar justamente pela igualdade dos direitos, o movimento de emancipação feminina nada mais é do que uma manifestação da *décadence* característica da modernidade”³⁴⁹. O filósofo perspectivista tinha opiniões divergentes das mulheres que buscavam emancipação, conforme analisado por Scarlett Marton.

No ano seguinte, 1892, Meta von Salis publicou o artigo “Disciplina e independência”³⁵⁰, no qual estabelecia uma relação entre os dois aspectos, que costumeiramente eram considerados separados. A noção de “disciplina” provém do original, em alemão, *Zucht*, que também pode ser traduzido como “criação”, assumindo sentidos de modo de educação e até de cultivo referente a plantas e animais. Exemplificou citando o republicano – que aparece no texto também como um elemento do que chamou de “vida moderna” – que se orgulhava de ser independente, mas não o era completamente, já que a “nobre independência” não existia sem a “disciplina rigorosa”.

Na verdade, na vida moderna o conceito de independência está quase exclusiva e inextricavelmente ligado à disponibilidade de bens materiais. Ser rico significa ser independente para os pobres e os fracos. Para se tornar independente, ele deve ficar rico ou famoso, porque a paz quase sempre equivale à riqueza³⁵¹.

Conforme a autora, essa ideia não passa de uma miragem, pois de longe vê o rico como independente, livre, com “amplitude de visão e grandeza de coração”, porém nada se mantém ao se aproximar, apenas “pilhas de ouro estéreis”. A independência tinha seus meios materiais possibilitados pela posse, porém os meios morais seriam adquiridos somente pela disciplina. “A independência, se olhar atentamente, é apenas o outro lado da fidelidade a uma crença, a uma profissão, a um ideal político, a uma autodeterminação ética”, que tem como base a disciplina, seja da casa paterna, da escola ou da autodisciplina.³⁵² Aos ditos “elevados” a disciplina teria como função suportar as tarefas mais difíceis, conforme comentado por von Salis também em relação ao comportamento das estudantes mulheres na Universidade de Zurique (ver item 2.1 Elevação intelectual e funções sociais).

³⁴⁹ MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres**: figuras, imagens e tipos femininos. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 173.

³⁵⁰ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Disciplina e independência [*Zucht und Unabhängigkeit*]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, ano III, out. 1892, p. 2-5.

³⁵¹ “Thatsächlich ist im modernen Leben der Begriff der Unabhängigkeit fast ausschließlich und unauflöslich an das Vorhandensein materieller Güter gebunden. Reich sein, das bedeutet für den Armen und Schwachbemittelten unabhängig sein. Um Unabhängig zu werden, muß er reich werden oder berühmt, denn der Ruhm ist jetzt fast immer äquivalent mit dem Reichtum.” *Ibidem*, p. 3.

³⁵² *Ibidem*, p. 2-5.

Qualquer pessoa que seja capaz de ser tão orgulhoso carrega seu coração inabalável pelas vicissitudes do destino. Se você quer ser independente de pessoas e desejos, você tem que ser capaz de suportar muito e para poder suportar muita coisa, você tem que se preparar para desistir voluntariamente de algumas coisas.³⁵³

Cabe recuperar a ideia do “fraco moral”, aquele que prefere os efeitos paliativos em vez da cura dolorosa, pois a fuga do sofrimento não fundamenta os valores e apenas os realmente independentes são capazes de suportar as “vicissitudes do destino”. Os elementos de independência, vinculados à nobreza, expostos por von Salis, no artigo “Sobre um problema do nosso tempo” e nesse outro artigo, a partir de pessoas exemplares, direcionam-se a pensar para além do bem-estar do indivíduo, de modo que não há um sentido hedonista, em que o prazer, ou a ausência de desprazer – ou sofrimento –, é o fundamento moral ou a finalidade.

No artigo de outubro do mesmo ano, “Uma perspectiva”, continuou a comentar sobre o caráter mais adequado a ser empregado pelas mulheres para transformar sua situação social. No início do texto, comentou a “relação inseparável entre direito e dever”, pois “O movimento das mulheres foi recentemente acusado por representantes do fato de as líderes e amigas reivindicarem unilateralmente novos direitos sem se terem responsabilizado por eles através da vontade e capacidade de assumir novas obrigações”. Contudo, reconheceu, envergonhada, segundo escreveu, que, “como em toda luta por novos direitos, também no caso das mulheres sobre a igualdade com os homens, a ênfase no dever não acompanhou a discussão dos direitos”. De modo que Meta von Salis traçou quais os deveres das mulheres como contrapartida da reivindicação dos direitos.³⁵⁴

Para a autora, “os traços de carácter das mulheres raramente parecem estar à altura das exigências contemporâneas”, e as soluções para essa questão estavam sendo localizadas na área equivocada. Quando afirmou que “O perigo de expandir, em vez de fechar, uma lacuna existente estabelecida pela origem, educação e talvez herança reside na ênfase predominante no aperfeiçoamento intelectual das pessoas do ponto de vista da pedagogia moderna”, atribuiu importância ao aperfeiçoamento intelectual, entretanto, haveria um perigo em expandir esse aspecto, por não ser o mais fundamental para desenvolver o caráter das mulheres. A ideia se tornou mais evidente quando afirmou que conhecia apenas um filósofo que era consciente de que “não o conhecimento, mas o sentimento enobrecido que determina a altura e a dignidade

³⁵³ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Disciplina e independência [Zucht und Unabhängigkeit]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, ano III, out. 1892, p. 2-5.

³⁵⁴ *Idem*. Uma perspectiva [ein Ausblick]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 10, ano III, out. 1892, p. 2-3.

de um modo de vida. Este filósofo é Herbert Spencer”³⁵⁵. O filósofo teria estabelecido que não se tratava do “sentimento original e não treinado”, mas o sentimento “domesticado, purificado e direcionado em uma determinada direção por meio de uma rigorosa disciplina”³⁵⁶.

O modo como von Salis apresenta Herbert Spencer como único a estar consciente dentro da pedagogia moderna direciona a apresentar um pouco da obra dele. A referência de Meta von Salis a Spencer parece ser mais especificamente dos textos dele sobre educação, compilados no livro “Educação: Intelectual, Moral e Física” (1861). Não se deve presumir que todo o pensamento de Spencer fosse compartilhado por von Salis, logo, limita-se ao aspecto central ao qual ela se referiu no artigo, apenas esboçando outras ideias do filósofo britânico que iluminem alguns pontos fundamentais de seu pensamento, como teoria da evolução, individualismo e *laissez-faire* econômico.

A educação deveria conduzir à evolução, no sentido de melhoria da sociedade e seleção dos mais aptos. Assim, seu pensamento assumiu um caráter utilitarista, em que a função principal da educação seria formar o caráter do indivíduo.³⁵⁷ Ao se buscar compreender, a partir do livro de Spencer, a preocupação de von Salis sobre não ser o conhecimento o elemento central para a “elevação” das mulheres, depara-se com uma exposição sobre disciplina intelectual e moral, cujo “melhor instrumento” seria a ciência.³⁵⁸ A ciência seria responsável por desenvolver o juízo, que possibilita entender as relações de causa e efeito dos fenômenos. A argumentação de Spencer se assenta na comparação entre o estudo de línguas e o da ciência, considerando o estudo de línguas como baseado na memória e na tendência de “aumentar o respeito pela autoridade”, enquanto o “espírito do estudo da ciência [...] invoca a todo momento o testemunho da razão individual”³⁵⁹, expresso por questionamentos à autoridade.

A partir dessa distinção, percebe-se que von Salis se distancia do conhecimento memorizado e incontestado para o desenvolvimento da razão individual, que busca o sentido

³⁵⁵ Herbert Spencer (Reino Unido, 1820-1903), filósofo e sociólogo britânico, cujo pensamento estava fundamentado na teoria da evolução e em noções de darwinismo social, com a seleção dos mais aptos. Defendia a lei de comércio livre, o Estado mínimo e o individualismo. Algumas de suas obras: “Education: Intellectual, Moral, and Physical” (1861), “The Man Versus the State” (1884) e “The Synthetic Philosophy” (1896). BRITANNICA. Herbert Spencer. s/d. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Herbert-Spencer>.

³⁵⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Uma perspectiva [ein Ausblick]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 10, ano III, out. 1892, p. 2-3.

³⁵⁷ GATTI JUNIOR, Décio; SANTOS, Leonardo Batista dos. Ciência, evolução e educação em Herbert Spencer. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 105, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/198603/183355>.

³⁵⁸ SPENCER, Herbert. **De la educación intelectual, moral y física**. Madrid, 1884, p. 84. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sQ9dAAAAcAAJ&oi=fnd&pg=PA2&dq=herbert+spencer+e+disciplina&ots=hjRDelKizY&sig=wflP4_HAIsIEj8yojVXm_acDesY&redir_esc=y#v=onepage&q=herbert%20spencer%20e%20disciplina&f=false.

³⁵⁹ *Ibidem*.

das coisas. É basilar que essa busca se origine da disciplina, de um “trabalho paciente, humilde e sério” pela vontade de verdade, sendo “nobres e numerosos atos de auto-sacrifício e sacrifício [...] verificados para esse fim” pelos “verdadeiros adeptos da ciência”³⁶⁰. Para Spencer, a ciência surge como religiosa pelo respeito e pela fé em si mesma, em que o respeito ao valor das coisas deve ser prestado com ações, “comprovado pelo sacrifício de tempo, pensamento e trabalho”³⁶¹.

Retornando ao artigo de von Salis, as qualidades de uma mulher que quer viver e trabalhar de forma independente deveriam ser diferentes. “Ela precisa de visão aguçada, coragem e inteligência” para realizar atividades sérias e exaustivas, para dominar a “arte do silêncio”, para conversar daquilo que não entende e até daquilo que tem clareza. Novamente, o orgulho como característica de enobrecimento: “Se a vaidade julgar, o orgulho sempre a tornará forte e, ao renunciar deliberadamente aos aplausos de muitos, ganhará o respeito dos poucos que importam.” O espaço a ser ocupado pela pessoa enobrecida seria o de liderança, sendo a disciplina “não para o seu conforto e paz, mas para ajudá-la no caminho em direção a um objetivo claro, antes de mais nada, e depois para libertar, elevar e inspirar outros”, o que requer muita paciência, preparação e trabalho.³⁶²

A questão da liderança está relacionada, no caso, com o movimento das mulheres e pressupõe saber os momentos de falar, de calar e de agir, a fim de “destruir o inimigo” a partir da noção “a mão de ferro na luva de veludo”. A expressão traça uma confluência entre força e delicadeza, a serem usadas de modo estratégico. Percebe-se que a atuação de von Salis pelo movimento das mulheres ocorreu assentada nessas noções, divulgadas pela escrita e aplicadas em sua vida pessoal, buscando agregar aspectos como inteligência e coragem, pois “Ser inteligente e não ter coragem ajuda pouco, ser corajoso e descuidado estraga muito, senão tudo”³⁶³.

Referindo-se a “destruir o inimigo”, não se deve presumir que sejam os homens, mas a injustiça da situação às quais as mulheres estavam submetidas. A solução recairia sobre as próprias mulheres, a princípio, em se “elevar” intelectual e moralmente.

Se as mulheres, teoricamente e especialmente na prática, aderem a uma moralidade mais elevada do que a dos homens, isso não pode prejudicá-las ou aos homens. Uma

³⁶⁰ SPENCER, Herbert. **De la educación intelectual, moral y física**. Madrid, 1884, p. 85. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sQ9dAAAACAAJ&oi=fnd&pg=PA2&dq=herbert+spencer+e+disciplina&ots=hjRDelKIzY&sig=wflP4_HAIslEj8yVXm_acDesY&redir_esc=y#v=onepage&q=herbert%20spencer%20e%20disciplina&f=false.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 88.

³⁶² SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Uma perspectiva [ein Ausblick]. **A filantropia**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 10, ano III, out. 1892, p. 2-3.

³⁶³ *Ibidem*, p. 2-3.

série de mães e professoras nobres preferirá criar uma série de filhos e filhas nobres do que uma série de bonecos voluntariamente ou involuntariamente amordaçados. O desenvolvimento da inteligência nas mulheres só traz as sementes da bondade e da felicidade quando a luz brilha da inteligência iluminada para a esfera monótona do sentimento, quando a mulher, que sente calor, sabe que está lidando com coisas divinas e humanas por causa da lei, as pessoas deveriam se sentir assim e agir de acordo. Então ela também estará preparada para ousar fazer algo, não como uma pessoa cega que não considera nem entende as consequências, mas sim as assume com determinação.³⁶⁴

As mulheres que desenvolvem sua inteligência não prejudicariam a si próprias ou aos homens, estariam mais aptas a educar filhos e filhas de caráter nobre, aqueles que a partir da disciplina, aspecto basilar da ciência, poderiam questionar e compreender o mundo. Contudo, esse não é o centro da defesa do pensamento de von Salis, já que foge de limitar o sexo feminino às questões reprodutivas. A defesa recai em preparar as mulheres para “ousar fazer algo”, para entender e assumir as consequências de sua própria emancipação.

2.3 Enfrentamentos públicos: direitos e justiça

A intelectual suíça sabia o quão essencial era para as mulheres saberem seus direitos, compreender a quais leis estavam submetidas, leis que controlavam suas vidas e para as quais não haviam opinado. Quando escreveu sobre “O estudo do Direito” no artigo “Sob novas bandeiras. As mulheres estudantes” (1884), estava se referindo mais ao casamento e seus contratos patrimoniais, porém, em outros artigos, escreveria sobre o direito ao voto e a participação política das mulheres a fim de reivindicar seus direitos individuais e maior liberdade. A autora identificava a dominância dos homens em espaços de poder e a posição inferior, uma “escravidão”, à qual as mulheres foram submetidas.

Meta von Salis-Marschlins já havia enfrentado alguns confrontos nas relações de gênero, em casa, com seu pai, na universidade, com professores e colegas. Contudo, talvez uma das mais marcantes atuações públicas de von Salis esteja relacionada ao caso Farner-Pfrunder, pois foi seu posicionamento ante o que considerou uma injustiça que acarretou seu processo, com condenação, por crime contra a honra entre 1893 e 1895.

³⁶⁴ “Eine Reihe edler Mütter und Erzieherinnen wird eher eine Reihe edler Söhne und Töchter heranziehen als eine Anzahl frei und unfreiwillig geknebelter Puppen. Die Ausbildung der Intelligenz bei den Frauen trägt den Samen des Guten und Beglückenden erst dann, wenn von der geklärten Intelligenz her Licht fällt in die dumpfe Sphäre des Gefühls, wenn die Frau, welche warm empfindet, weiß, daß sie von göttlichen und menschlichen Gesetzes wegen so empfinden und dement sprechend handeln soll. Dann wird sie auch bereit sein, Etwas zu wagen, nicht als eine Blinde, welche die Folgen nicht in's Auge faßt und überschaut, sondern sehend und entschlossen dieselben auf sich nehmen.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Uma perspectiva [ein Ausblick]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 10, ano III, out. 1892, p. 2-3.

A prisão tornou-se o ponto central da narrativa de sua vida no filme curta *Meta von Salis: mulher livre*³⁶⁵, de 26 minutos, produzido por RTR Cuntrasts³⁶⁶ em 2013, corroborando a cristalização de sua memória como defensora dos direitos das mulheres. Essa repressão pode ser entendida enquanto uma confirmação de que seus argumentos estavam corretos quanto à “escravidão” das mulheres e à impossibilidade de manifestação para além do espaço familiar. Entretanto, não apenas sua condição de mulher, mas sua condição de mulher “nobre” intensificou o peso desse sacrifício e da crítica de Meta contra as instituições de seu tempo. Para compreender suas considerações, não apenas sobre sua condenação, mas sobre a sujeição das mulheres à justiça, é necessário recapitular o processo inaugural de toda a situação: o caso Farner-Pfrunder.

O caso Farner-Pfrunder, que viria a durar cerca de dois anos, começou em 12 de setembro de 1892, quando Caroline Farner e Pauline Bindschedler foram presas na estação central de Zurique, assim como Anna Pfrunder, que foi à estação buscá-las. A prisão de Pauline Bindschedler rapidamente foi vista como um erro e não houve mais envolvimento no caso. No mesmo dia, a mãe de Anna, a senhora Pfrunder, de 78 anos, foi presa em sua casa e, assim como as outras, sem saber o motivo das prisões.³⁶⁷ As principais rés, que dão nome ao caso, são as senhoritas Farner e Pfrunder, porém há um enfoque maior em Caroline Farner, por ter sido uma acusação contra ela, por fraude ou roubo do patrimônio do “velho” Pfrunder, que serviu como base para o mandado de prisão.

Anna era filha do segundo casamento do “velho” Pfrunder, sendo relevante para o caso saber que o filho do primeiro casamento, Walter, casou-se com Alwine Wittelsbach e teve dois filhos, que se tornaram órfãos – ou seja, netos e herdeiros do “velho”. Não possuindo maioridade, as crianças estavam sob tutela de seu tio materno, Albert Wittelsbach, que havia sido eleito do conselho (*Rat*) para chefe de justiça (*Oberrichter*) da cidade de Zurique. Justamente ele instaurou a queixa-crime (*Strafantrag*) contra a senhorita Caroline Farner, alegando que a fraude e o desvio de 60.000 francos teriam se dado em detrimento do patrimônio dos órfãos. A amizade e a proximidade de Farner com a família Pfrunder, em especial com Anna, teria permitido que usufruísse do montante para comprar uma propriedade em Zurique no começo de 1892, conforme alegação de Wittelsbach. A casa serviria como clínica para seus

³⁶⁵ Do título original, em italiano: “*Meta von Salis: dunna libra*”.

³⁶⁶ META von Salis: dunna libra. Produção de RTR Cuntrasts. (26’28’’). Suíça, 2013. Disponível em: <https://www.rtr.ch/play/tv/cuntrasts/video/meta-von-salis-freie-frau-die-schweizer?urn=urn:rtr:video:28003780-7ccd-483f-a65f-5ff0f9c4fce7>. Acesso em: 10 abr. 2023.

³⁶⁷ MEILIER, Brigitta K. *Hochsaison in Sils-Maria*: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 296-297.

atendimentos médicos, assim como os pais Pfrunder se mudariam para lá e ainda sobraria espaço para a secretaria da Fraternité – seção de Zurique da Associação Suíça de Mulheres presidida por Farner. Logo após a realização da compra, o senhor Pfrunder morreu, e parece que Farner se ocupou dos negócios de herança.³⁶⁸

Embora a herança pareça se tratar de uma questão familiar, que deveria ser resolvida dentro do direito civil, a acusação de um crime recai sobre outro âmbito jurídico e adquire repercussão pública. Contudo, a acusação parece assumir uma função maior do que a de condenação criminal por possível fraude ou desvio, mas trata-se de uma ação contra as mulheres emancipadas.

Não é apenas o fato da prisão em si que indigna profundamente as mulheres da Fraternité, mas todo o tratamento dispensado às mulheres presas - durante a prisão, durante o seu longo internamento, durante o próprio julgamento tão esperado - o que deixa bem claro que se trata de mais do que apenas uma rixa familiar interna. Literalmente de uma só vez, vêem-se confrontadas com o poder concentrado da velha Zurique dominada pelos homens, que se está a formar contra as mulheres que lutam pela participação social. Esta velha Zurique acabava de sofrer uma dura derrota: o referendo sobre a incorporação das comunidades ainda independentes, contra o qual a população masculina da cidade com direito de voto sempre resistiu com sucesso, foi aprovado no referendo de 1891.³⁶⁹

A imprensa noticiando o caso e a própria seção de Zurique da Associação Suíça de Mulheres contribuíram para a divulgação do ocorrido. Para que a indignação da Fraternité fosse publicada, precisaria haver alguém à sua frente, já que a presidente da seção estava presa. Para Brigitta Meilier, apenas Meta von Salis “poderia enfrentar tal tarefa e ter sucesso”, por ser “suficientemente articulada, suficientemente independente e suficientemente firme”, e ainda “poderia imprimir às suas próprias custas o que nenhum órgão ousaria publicar”³⁷⁰.

O espaço público possibilitado pela imprensa era um dos poucos em que as mulheres poderiam reivindicar algo, já que não possuíam poder político, ainda que com dificuldade ao enfrentar o sistema judiciário, composto apenas de homens. Além disso, parece que grande parte da imprensa “ficou ao lado do poder”, ou seja, contra as mulheres acusadas.

As próprias mulheres não têm poder político, nem representação política e possivelmente nem sequer total liberdade legal de ação. A única coisa que têm e que ninguém lhes pode tirar tão rapidamente é a arma da palavra. Elas tinham acabado de experimentar o quão poderoso isso pode ser através da reportagem da imprensa de

³⁶⁸ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 298.

³⁶⁹ *Ibidem*, p. 298.

³⁷⁰ *Ibidem*, p. 299.

Zurique sobre a prisão e os seus antecedentes. A imprensa ficou do lado do poder e aumentou-o verbalmente.³⁷¹

A indignação resultou em algumas publicações: a primeira foi uma brochura de 86 páginas, em maio de 1893, com o título “Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida por Dr. Salis”, pela gráfica do jornal regional Suíça Oriental (*Ostschweiz*); em julho do mesmo ano, foi adicionada a palavra “Justiça” à seção “Costumes e Moral” do periódico *A filantropa: órgão da Associação Suíça de Mulheres Fraternité* para publicação do texto “Para o processo Farner-Pfrunder”³⁷²; em setembro, a “Edição Fixa de A Filantropa para Celebração da Absolvição e Reabilitação de Dr. med. Caroline Farner, Senhora e Senhorita Pfrunder”³⁷³; e uma nova edição da brochura “Processo”, com 189 páginas, pela mesma gráfica³⁷⁴. Logo após a primeira publicação, em junho, Wittelsbach processou von Salis por difamação.

Por mais que o objetivo do presente trabalho não seja analisar exaustivamente todo o material listado, muito menos observar na perspectiva jurídica, faz-se necessária uma consideração ampla que abarque as principais reivindicações dos textos, bem como a atuação da imprensa sobre essas mulheres – Farner, Pfrunder e von Salis – e a atuação de von Salis na imprensa. Os comentários à primeira edição da brochura “Processo”, que não pôde ser acessada, baseiam-se na bibliografia e em outras fontes, principalmente a segunda edição. Ainda que não seja possível saber quais partes foram acrescentadas à segunda edição, a apresentação do caso pela imprensa, comentada por von Salis, provavelmente fez parte da primeira, por se referir a artigos do ano anterior, 1892. De todo modo, apresenta elementos da atuação pública de Meta, tanto pelo caso como pela maneira como as mulheres eram retratadas na imprensa, em especial, em processos judiciais.

Originalmente, a brochura deveria sair somente ao final do processo, como expõe o prefácio da segunda edição³⁷⁵, mas foi parcialmente publicada em maio por causa da possibilidade de reeleição do chefe de justiça Wittelsbach, o que von Salis gostaria de impedir ao “fornecer uma visão das máximas jurídicas e da administração” dele, que estariam repletas

³⁷¹ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 299.

³⁷² SALIS-MARSHLINS, Meta von. Zum Prozess Farnern-Pfrunder [Para o processo Farner-Pfrunder]. **Die Philanthropin**: Organ des “Schweizer-Frauenverbandes Fraternité”, ano IV, n. 7, juli 1893, p. 50-51.

³⁷³ *Idem*. A moral da História. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres [Festnummer der Philanthropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation von Dr. med Caroline Farner, Frau und Fräulein Pfrunder], 12 set. 1893.

³⁷⁴ *Idem*. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostschweiz, 1893, 204p.

³⁷⁵ *Ibidem*, p. I.

de injustiças.³⁷⁶ A autora antecipa a recepção do texto, mencionando que, quando se posiciona contra o que aponta como desprezível e desagradável (*Gemeine e Unschöne*), tudo o que for assim se levantará contra si, referindo-se não apenas ao juiz que a processou, como também aos periódicos que divulgaram o caso de modo inadequado, de acordo com von Salis.³⁷⁷

Para atingir seu propósito, a intelectual realizou uma investigação sobre as famílias Pfrunder e Wittelsbach, suas relações, bem como sobre o patrimônio, o testamento e diversos acontecimentos para cotejar toda a situação de acusação de suas amigas e os possíveis interesses do juiz do caso nisso. Também analisou os documentos judiciais, os testemunhos e o “caráter dos envolvidos”. Parece que o velho Pfrunder havia manifestado sua vontade de tirar o juiz como guardião de seus netos. Por mais que um olhar pormenorizado a todo o processo provavelmente evidencie mais do modo de tratamento atribuído às mulheres no período, não é o foco do presente estudo. Trata-se de reconhecer que houve um trabalho de investigação por von Salis, resultando na brochura, que se divide em: Prefácio; A atitude da imprensa; Antecedentes para esclarecimento; A prisão; A investigação; Entre casos (*Zwischenfälle*); O tribunal do júri (*das Schwurgericht*); O processo de crime contra a honra; e Anexos.

Na brochura, especificamente na parte intitulada “A atitude da imprensa” (“*Die Haltung der Presse*”), Meta von Salis criticou a abordagem dos jornais *Novo Jornal de Zurique* (*Neue Zürcher Zeitung*), *Jornal Geral Suíço* (*Allgemeine Schweizer Zeitung*) – baseado no *Correio de Zurique* – e *Século* (*Seccolo*), de Milão, Itália, sobre o caso, alegando oportunismo, incriminação e até maldade. De modo geral, os periódicos parecem questionar o caráter da senhorita Farner por ter ganhado muito dinheiro, “passando de circunstâncias quase escassas para uma prosperidade invejável”, e por participar ativamente do movimento das mulheres. Dos três, a maior citação é do *Século*, talvez por ter mais boatos infundados, segundo a visão de von Salis, como o caso em que Farner anteriormente teria sido acusada de envenenamento infantil, cujo resultado foi que a doutora teria sido vítima de difamação e perseguição de seus colegas. O jornal italiano também apresentou uma descrição física da médica, o que implica alguns juízos de valor: “A Farner, aliás, é descrita como uma mulher de natureza impetuosa, imperiosa, tem estatura mediana, nariz enorme, cabelos avermelhados e olhar astuto.”³⁷⁸

³⁷⁶ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 299.

³⁷⁷ SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostschweiz, 1893, p. I.

³⁷⁸ *Ibidem*, p. 7.

Os pontos levantados pela autora para criticar os jornais foram: 1) o oportunismo do *Novo Jornal de Zurique* em divulgar algo ainda nem registrado pelo advogado da ré em um artigo que von Salis chamou, ironicamente, de “leal”; 2) a pressa do, chamado pela autora de “cristão”, *Jornal Geral Suíço* em “conciliar o movimento das mulheres com a mulher presa para incriminá-la”; e

3) a coincidência dos motivos ocultos nos três relatórios selecionados. O Novo Jornal de Zurique representa a hostilidade em relação a Dr. Farner como uma figura pública que é persona non grata em seu campo. O Jornal Geral Suíço aproveita a oportunidade para lançar suspeitas sobre tudo através da personalidade individual (por assim dizer: é a isso que leva a abertura de novas áreas de emprego para o sexo feminino!). No Século, apesar da confusão interminável e da conversa maluca, é expressa uma maldade que, de outra forma, só encontrei como boato e fofoca boca a boca: a maldade de colegas que teriam ficado felizes em ver que ela fez uso não autorizado de suas habilidades.³⁷⁹

Em julho, já indiciada por crime contra a honra, lançou o artigo “Para o processo Farner-Pfrunder” em *A filantropa*, para se defender e pedir que não fosse eleito um homem injusto, Wittelsbach, para tal cargo no judiciário. Meta von Salis reprovou a possibilidade de reeleição do juiz, clamando ao Conselho Superior que ouvisse a voz, “levantada por razões de humanidade e de justiça”, contra “uma reeleição que teria consequências tão graves para o bem comum de Zurique sem ter investigado mais profundamente”, o que prejudicaria as crianças e a “espécie”³⁸⁰. O artigo também seria uma resposta a uma circular veiculada pelo juiz. Meta von Salis alegou uma “distorção descarada dos fatos” e elencou seis pontos de controvérsia da circular de Wittelsbach, que teve alcance internacional, como alegar autoria a Farner ou falar como se “a investigação e os resultados não estão à sua disposição”, o que seria um desconhecimento do próprio processo. Vale destacar o teor que Meta von Salis empregou em seu texto, um diálogo direto com o juiz:

Dizem que o “Panfleto” é um produto de ódio e vingança. O Sr. Wittelsbach não sabe que é preciso respeitar as pessoas que você odeia? E por que eu deveria me vingar? Como ser humano, o cavalheiro é completamente desconhecido para mim, como um

³⁷⁹ “3. das Zusammentreffen der im Verborgenen wühlenden Motive in den drei ausgewählten Berichten. „N . Z . Z .“ vertritt die Feindseligkeit gegen Dr. Farner als öffentliche Persönlichkeit, die in ihrem Lager nicht persona grata ist. „Allg. Schw. Z tg .“ benutzt die Gelegenheit, durch die einzelne Persönlichkeit die ganze Sache zu verdächtigen (gleichsam sprechend: dazu führt die Eröffnung neuer Erwerbszweige für das weibliche Geschlecht!) und im „Secolo“ findet, trotz unendlichem Wirrwar und tollen Geschwätzes, eine Gehässigkeit Ausdruck, die mir sonst nur als Gerücht und Gemunkel von Mund zu Mund begegnet ist: die Gehässigkeit der Kollegen, die ihr mit Freuden einen unbefugten Gebrauch ihrer Kenntnisse nachgewiesen gesehen hätten?” SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostschweiz, 1893, p. 7.

³⁸⁰ *Ibidem*, p. 50.

agente maligno, eu teria lutado da mesma maneira contra qualquer outra pessoa que tivesse insultado e perseguido injustificadamente meus amigos.³⁸¹

Em outro ponto, a autora ironicamente se defendeu da acusação de que teria tido a intenção de enganar o público: “Meu nome consta na capa do folheto: Dr. Salis, não diz Dr. Jur. Salis [...]. Eu apenas me deixei ser culpada, pelo que faço ou causo, e não por um ‘anúncio comercial’ no qual não tenho envolvimento”, indicando que sua formação não era na área jurídica e que qualquer informação veiculada incorretamente seria do setor comercial, que era de seu desconhecimento. Contudo, a atuação e a capacidade intelectual também parecem ter sido contestadas pelo juiz na circular, pois, em seguida, a autora se defende:

Oponho-me também à insinuação como se eu não fosse a "autora intelectual" da brochura, para a qual já estava a recolher material enquanto as acusadas ainda se encontravam em cativeiro. Se sou poeta ou não, não tem a ver com o nosso caso, mas sim que já realizei e consegui algo. Aliás, é menos sobre quem é o autor do que como foi escrito e informações sobre isso podem ser obtidas comparando-o com o material de arquivo, mesmo se o Sr. Wittelsbach não tiver tempo para isso. Não é o desejo de ninguém mais do que o meu, que a justiça seja feita àquele que tem razão em todos os lugares e sempre.³⁸²

A autora levanta-se pela justiça, porém também reafirma suas realizações intelectuais enquanto poetisa, para que houvesse uma validação mais do seu caráter do que de sua capacidade devido à distinção textual. Acima disso, von Salis colocou as evidências materiais, o que estava escrito e os documentos com função comprobatória do caso e de tudo que foi dito e por quem. Também levantou o ponto do desejo do senhor Pfrunder em retirar Wittelsbach como guardião de seus netos por questões de confiança, conforme exposto em seu testamento. A intelectual não queria que se tratasse apenas de suas palavras – embora indique em outros momentos que seu caráter por si só seria de confiança –, por isso realizou uma investigação fundamentada em documentos para comprovar os acontecimentos.

A edição fixa (*Festnummer*) de *A filantropa* foi toda pensada para celebrar o encerramento do caso Farner-Pfrunder, trazendo um poema, uma breve explicação do caso, um texto de abertura, o artigo de von Salis “A moral da História” (“*Die Moral der Geschichte*”), além de assinaturas de indivíduos e de outras associações em apoio à absolvição e à reabilitação. No caso, houve apoio público da Associação Geral de Mulheres Alemãs, da Associação Geral de Mulheres Alemãs Grupo Local de Dresden e da Associação de Educação Feminina de

³⁸¹ SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostscheiz, 1893, p. 51.

³⁸² *Ibidem*, p. 51.

Leipzig. A seguinte explicação foi publicada, descrevendo a prisão, o período de encarceramento e demais procedimentos da investigação criminal até a soltura das três acusadas, libertadas em momentos distintos:

Dr. médico. Caroline Farner foi brutal e publicamente presa na estação ferroviária de Zurique em 12 de setembro de 1892, junto com sua amiga Srta. Anna Pfrunder, como resultado de manipulação inimiga (Juiz Chefe Wittelsbach sob o disfarce do Órfão de Männedorf). Ao mesmo tempo, a polícia garantiu a casa da família Farner-Pfrunder e da Sra. Pfrunder, de 78 anos, que lá vivia, que foi posteriormente mantida em estrita solitária no tribunal de Selnau durante 17 dias sem qualquer prova de culpa. A senhorita A. Pfrunder adoeceu lá por oito semanas. Dr. médico. Caroline Farner, porém, já foi transferida para a prisão no dia de sua prisão por ter sido acusada de fraude, peculato ou furto no valor de 60 mil francos. em detrimento de dois netos dos pais Pfrunder (tubos do juiz sênior em questão). Depois de quatro sofisticadas buscas domiciliares, numerosos interrogatórios, audiências de testemunhas e todo tipo de trapaça judicial, e após interminável angústia mental, os dois principais réus finalmente tiveram que ser libertados de sua difícil prisão em 5 de novembro de 1892. Mas até 28 de agosto de 1893, sob a pressão moral e social do veredicto pendente, permaneceram expostos aos excessos da alta e da baixa turba. Foi só neste momento que foram levados perante um júri (Pfäffikon, Cantão de Zurique), onde receberam uma brilhante absolvição após seis dias de negociações (4 de setembro de 1893). As acusações contra a velha viúva Pfrunder já tiveram de ser retiradas por motivos de saúde.

Isto certamente aconteceu no ano de progresso 1892-1893 para mulheres nobres que se distinguiam pela sua profissão, espírito de caridade e respeito geral.³⁸³

No texto de abertura, que se inicia com “Querida estimada amiga”, há uso de uma linguagem mais metafórica para falar da liberdade, mas o que cabe destacar é a parte final, em que expõe o objetivo de trazer o caso à imprensa. “Fazemos o que podemos”, diz o texto antes de elencar alguns pontos. Primeiro ponto, há uma união de mulheres que deram sua palavra em homenagem às acusadas. Segundo, a homenagem seria “tão pública e tão abrangente quanto a humilhação com que queriam esmagá-la”, portanto, pediram aos amigos do jornal que contribuíssem na distribuição da edição. Para finalizar, o último trecho levanta mais dois pontos: a recorrência desse tipo de ação contra mulheres na história mundial e certa ênfase de que as mulheres se valem da reflexão, não apenas do sentimento para lutar por algo.

Algumas pessoas nos acusarão de ser teimosos e de não deixar as coisas descansarem quando terminam.

Respondo a esta acusação com as palavras de Scherenberg: “Não foi uma coincidência, mas história mundial.” E o que aconteceu pode acontecer novamente.” E queremos nos posicionar contra isso tanto quanto possível

³⁸³ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. A moral da História. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres [Festnummer der Philantropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation von Dr. med Caroline Farner, Frau und Fräulein Pfrunder], 12 set. 1893.

Mas, querida senhora, nosso amor e respeito pertencem a eles mais do que nunca, e isso se baseia na reflexão, não apenas no sentimento!³⁸⁴

Para pensar “A moral da história”, quer dizer, a moral referente ao caso Farner-Pfrunder, nesse texto que realmente é assinado por Meta von Salis e ocupa duas das oito páginas da edição fixa de *A Filantropa*, a autora iniciou com uma história exemplar do comportamento humano que observava. A narrativa cumpre uma função ilustrativa e comparativa do literal ao figurativo. As citações se referem a quando um raio cai em terra, destruindo o que atinge, apresentando perigo e assustando as pessoas, porém, depois do perigo, a vida dos sobreviventes segue. A “moral da história” do raio está em que as pessoas, em geral, agem sem pensar como se proteger caso isso volte a ocorrer, já que “a sensação natural que o ser humano tem depois de superar o perigo, tendo-o experimentado ou testemunhado, é a de alívio” e, em seguida, a necessidade de descanso. Entretanto, continuou von Salis para apresentar um contraponto a esse comportamento tido como natural ou naturalizado, Benjamin Franklin direcionou seus esforços para inventar o para-raios, em 1752. Comparando com essa situação literal percebida pelos sentidos, a “moral da história” do caso judicial deveria assumir uma noção parecida, de romper com o padrão naturalizado. As acusadas terem sido absolvidas e reabilitadas não deveria significar uma superação do perigo, pois “existe o perigo de o cansaço e a complacência fazerem com que o passado seja esquecido, e é precisamente isso que não deve acontecer para o mesmo perigo não atingir mais tarde a pessoa indefesa”³⁸⁵.

O centro da preocupação pode ser visualizado sob uma perspectiva da consciência histórica³⁸⁶, não por Meta von Salis ser uma historiadora, no sentido dessa consciência enquanto uma “explicação humana”, ainda que haja uma projeção maior por ela atuar na intelectualidade pública. Pressupõe-se uma articulação elaborada para argumentar ao público quais as relações que estabelece entre as instâncias de presente, passado e futuro. Nesse escrito, destacou-se o perigo do esquecido do passado ante um presente de descanso, pós-perigo, e o receio de uma repetição no futuro. Portanto, a proposta de não esquecer seria uma “interpretação do passado,

³⁸⁴ “Man wird uns von mancher Seite den Vorwurf machen, dass wir hartnäckig seien und eine erledigte Sache nicht ruhen lassen. Diesem Vorwurf begegne ich mit Scherenbergs Worten: „Nicht Zufall war es, sondern Weltgeschichte, Und was geschah, kann wiederum, geschehen.“ Und dagegen wollen wir möglichst Stellung nehmen! Ihnen aber, verehrte Frau, gehört unsere Liebe und Hochachtung mehr als je und zwar aus Ueberlegung, nicht nur aus Gefühl!” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. A moral da História. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres [Festnummer der Philantropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation von Dr. med Caroline Farner, Frau und Fräulein Pfrunder], 12 set. 1893, p. 2.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 4.

³⁸⁶ Consciência histórica como “modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana”, que oferece elementos para orientação temporal. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História. **Intelligere**: Revista de História Intelectual, v. 3, n. 2, p. 60-76, out. 2017.

compreensão do presente e perspectiva de futuro”, em que a consciência histórica estabelece uma “orientação temporal em sua práxis vital, ao mesmo tempo em que oferece uma direcionalidade para a ação e uma auto-compreensão de si mesmo”³⁸⁷.

Todos os aspectos levantados sobre a questão das mulheres por von Salis nesse texto culminam na defesa do direito feminino ao voto e à eleição. “Votar, eleger e ser eleita (*stimmen, wählen und gewählt zu werden*) será nosso lema e objetivo a partir de agora!”³⁸⁸, pois esse seria o modo de garantir igualdade entre homens e mulheres e superar os perigos de injustiças. Mesmo que reconhecesse certa apatia de sua parte para a questão do voto e não observasse serventia pessoal em votar ou ter um cargo no Estado anteriormente, mudou de opinião com o acontecimento das amigas.

A maturidade intelectual e moral do indivíduo é tão importante para mim que domina e determina todos os meus desejos e esforços, e torna todo o resto, do ponto de vista mais elevado, tão secundário que foi necessário um acontecimento chocante para me abalar e, por um número enriquecido de observações de uma forma inesperadamente séria, para me levar a condenar a atitude de espera. É agora claro para mim que as mulheres da nossa pátria, se quiserem ser legalmente iguais aos homens, devem votar e poder votar. O princípio de que apenas os órgãos que têm os seus representantes nas assembleias legislativas têm os seus direitos tidos em conta é mais antigo do que o nosso século. Com um pouco de boa vontade, não deverá ser difícil aplicá-lo a todo um género, incluindo a maioria da população. Independentemente de se considerar o sufrágio universal como um privilégio ou não, enquanto for exercido apenas pela maioria dos homens, o terreno sobre o qual se assenta a existência física, moral e intelectual das mulheres permanece instável. Se ela tem um inimigo privado, um parente ganancioso, um colega fraterno, ela se vê presa a mando das autoridades e, durante o julgamento, exposta ao inimigo público, o homem em geral.³⁸⁹

A autora reforçou o tratamento hostil recebido por mulheres na prisão, nos interrogatórios e na imprensa, inclusive a dificuldade de comunicação livre com o próprio

³⁸⁷ RÜSEN, Jörn. O que é a cultura histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, E. **Jörn Rüsen: Contribuições para uma Teoria da Didática da História**. Curitiba: W.A. Editores, 2016, p. 53-82.

³⁸⁸ *Ibidem*, p. 5.

³⁸⁹ “Die intellektuelle und sittliche Ausreifung des Individuums liegt mir so all mein Wollen und Streben beherrschend und bestimmend am Herzen, lässt alles Uebrige vom höchsten Gesichtspunkte aus so sehr in zweite Linie treten, dass es eines erschütternden Vorgangs bedurfte, um mich aufzurütteln und, durch eine Anzahl von Beobachtungen in unerwartet ernster Weise bereichert, zu veranlassen, dass ich die zuwartende Haltung verurtheile. Es steht mir nunmehr als Thatsache fest, dass die Frauen unseres Vaterlandes, wenn sie dem Manne rechtlich gleichgestellt sein wollen, stimmen und wahlfähig sein müssen. Der Grundsatz, dass nur die Körperschaften eine Berücksichtigung ihrer Interessen finden, die ihre Vertreter haben in den gesetzgebenden Versammlungen, ist älter als unser Jahrhundert. Es müsste bei etwas gutem Willen nicht schwer halten, ihn auf ein ganzes Geschlecht, dazu das an Kopffzahl überwiegende, anzuwenden. Gleichviel, ob man das allgemeine Stimmrecht als einen Vorzug betrachte, oder nicht, so lange es von der Allgemeinheit der Männer allein ausgeübt wird, so lange schwankt der Boden, auf welchem die physische, moralische und berufliche Existenz der Frau steht. Hat sie einen privaten Feind, einen beutegierigen Verwandten, brodneidige Kollegen, so sieht sie sich auf einen Wink der Behörde verhaftet, und während der Dauer ihres Processes dem öffentlichen Feind, dem Mann im Allgemeinen, preisgeben.” *Ibidem*, p. 4.

advogado, considerando que “As palavras das mulheres não são tão válidas quanto as palavras dos homens, a honra das mulheres não é tão importante quanto a honra dos homens”³⁹⁰ e que as mulheres quando têm influência são consideradas majoritariamente imorais, por usarem de astúcia e falsidade. Adiante, ainda afirmaria: “Não é compatível com a humanidade e muito menos com os princípios democráticos que as empregadas presas por policiais possam ser assustadas e ameaçadas durante e após o ato da prisão.”³⁹¹

Há a presença de diferentes frações de grupos sociais no texto, porém parece que von Salis reconheceu a mesma instabilidade na vida das mulheres mais ou menos abastadas. Contudo, deteve-se às mulheres instruídas e abastadas, conforme afirmou: “Interessei-me pelas mulheres instruídas, porque só elas sabem o que é necessário, e pelas mulheres abastadas, porque esperava que desempenhassem as suas funções gratuitamente, graças à maior disponibilidade do gênero para fazer sacrifícios.”³⁹² Das funções, sugeriu que deveriam ajudar em escolas e em assistência aos pobres, além de ser

[...] empregadas no governo, nos tribunais, na polícia, na administração penitenciária, em suma, em todos os lugares onde os interesses das mulheres entram em questão, de modo que não só o sentimento, mas também a compreensão refinada têm uma palavra a dizer, na medida em que o homem segue tão facilmente os instintos brutais do governante quando se trata da mulher.³⁹³

O encerramento de suas ideias apontou para duas possibilidades: ou o fim do movimento das mulheres mais nobres, ou o desenvolvimento das mulheres em geral. No trecho seguinte, percebe-se certa atenção à possibilidade de que as mulheres não tivessem “elevação moral suficiente”, porém o perigo maior seria continuar mantendo-as dependentes dos homens. Meta von Salis comentou sobre o perigo da emancipação da mulher como o perigo de qualquer outra emancipação em “Sob novas bandeiras: As mulheres estudantes”, para o *Jornal da Turgóvia*, em 1884.

E se toda a humanidade sofrer com o fato de o nosso sexo ter uma palavra a dizer no conselho e na corte, mesmo sem garantias morais suficientes, então esse é o perigo menor. Porque só nos resta a alternativa de sacrificar as mulheres mais nobres e

³⁹⁰ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. A moral da História. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres [Festnummer der Philantropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation von Dr. med Caroline Farner, Frau und Fräulein Pfrunder], 12 set. 1893, p. 5.

³⁹¹ *Ibidem*, p. 5.

³⁹² *Ibidem*, p. 5.

³⁹³ *Ibidem*, p. 5.

espirituais e assim ver o fim de todo o movimento, ou garantir o desenvolvimento das mulheres em geral, realizando a sua participação legítima na vida pública.³⁹⁴

A preocupação com a justiça continuou após a absolvição das amigas, pois não se tratava de um modo de tratamento isolado, mas algo que se repetia com as mulheres, e o caso seria exemplar, “aviso significativo”, conforme expôs no Prefácio da segunda brochura, assinado em 28 e 29 de setembro de 1893. Em uma comparação do “corpo social” com o corpo humano, a autora diz que: “Os sintomas indicam a doença”³⁹⁵, que seria a instabilidade da vida da mulher, pois mesmo as detentoras de recursos não estariam a salvo da injustiça.

Independentemente do que foi dito, o julgamento Farner-Pfrunder também me parece mais importante do que o de qualquer mulher pobre, porque prova que a vida burguesa é um terreno instável para a mulher boa e capaz, apesar de ela ter dinheiro e posição. Porque é precisamente aqui que me vem à mente de todo pensante a exclamação: Como isso pode acontecer com os pobres que não podem pagar bons advogados, nem possuir/ter conhecimento e amigos.³⁹⁶

O problema, para von Salis, surge quando o Estado assume todas as obrigações da justiça e não é confiável ao cumpri-las, diferentemente do que se verifica em países do Sul, como Itália, onde há um sentimento de justiça primitivo, há vingança pessoal, ou seja, o Estado não assumiu tudo. A autora questiona se haveria uma reação ante injustiças por parte do povo dos Alpes, de “natureza mais indolente”; a resposta seria mais que negativa, “pelo contrário”. “As substâncias que há muito se acumulam secretamente preparam uma explosão coletiva ainda mais terrível.” Acrescentou ao argumento que a Revolução Francesa teria sido uma prova de que a “inundação do pecado” não dura para sempre, pois as injustiças devem ser combatidas, sejam elas frequentes ou não.³⁹⁷

A noção de justiça de Meta von Salis também perpassa por sua noção de aristocracia, baseada no caráter, ao alegar: “[...] testemunhei por réus inocentes e em boa situação financeira, mas faria por conhecê-las de perto e pela integridade de caráter.” Reforçando a necessidade de

³⁹⁴ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. A moral da História. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres [Festnummer der Philantropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation von Dr. med Caroline Farner, Frau und Fräulein Pfrunder], 12 set. 1893, p. 5.

³⁹⁵ *Idem*. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostschweiz, 1893, p. III.

³⁹⁶ “Ungeachtet des Gesagten erscheint mir aber der FarnerPfrunder-Prozeß auch wichtiger, als der einer beliebigen armen Frau, weil er beweist, welch schwanker Boden das bürgerliche Leben für die brave und tüchtige ist, trotzdem sie Geld und S tellun g hat. Denn gerade hier entringt sich jedem Denkenden der Ausruf: „Wie mag es erst der A nnen ergehen, die weder gute Anwälte bezahlen kann, noch Kenntnisse und Freunde besitzt.” *Ibidem*, p. III.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. II.

ajudar os menos favorecidos, também associada à nobreza, defendeu a independência econômica e a capacidade moral e intelectual da mulher solteira.

Em 1891 escrevi: “Como se o conceito puro de aristocracia, como um corpo de nobres em benefício e piedosos da comunidade, pudesse apresentar-se no nosso tempo nas mulheres, rejuvenescidas e embelezadas?” A independência econômica, a capacidade moral e intelectual exigem a mulher solteira principalmente para ajudar aqueles que foram injustamente perseguidos e atacados. É claro que encontrei em algumas delas para quem a marca convencional de covardia escrava parecia superar os bens da coragem e da nobreza.³⁹⁸

As manifestações por justiça realizadas por von Salis, mesmo quando em nome da Associação Suíça de Mulheres, teriam demonstrado “a coragem e a nobreza” próprias da autora. Entretanto, ainda que tendo como resultado a liberdade das amigas, a publicação da brochura “Processo” ocasionou sua prisão entre 30 de março e 6 de abril de 1895, quando condenada por crimes contra a honra (*Ehreverletzung*). A publicação de “Processo Farner-Pfrunder”, em maio de 1893, teve o objetivo duplo de investigar as injustiças do caso e de demarcar sua posição contrária à reeleição de Wittelsbach ao cargo de chefe de justiça. A alegação de crime contra a honra por Wittelsbach contemplou toda a brochura, além de separar em itens específicos os dois artigos referentes ao código penal de São Galo. O processo ocorreu pela corte de São Galo, mesmo cantão em que o panfleto fora publicado, a partir da legislação cantonal.

No código penal de 1885, vigente no período, havia uma distinção entre difamação (*Verleumdung*), artigo 106, e insulto (*Beschimpfung*), artigo 107, sendo von Salis considerada culpada em ambos os artigos, além de outros como agravantes. A difamação se caracteriza por declaração a uma terceira pessoa com consciência da inverdade do fato, expondo-a a desprezo, redução de crédito ou ódio na opinião pública, ou quando dirigida à pessoa agredida em frente a uma terceira pessoa. Já o insulto, com pena menor, refere-se ao que foi proferido diretamente à pessoa agredida, por vezes sem saber se a informação é falsa, violando o bom nome e a honra, inclusive acusar de crimes.³⁹⁹

Assim como no caso anterior, houve todo o procedimento próprio do sistema judiciário, que não cabe analisar neste trabalho, porém vale destacar que a corte do cantão suíço São Galo, em julgamento de segunda instância, considerou a sentença do tribunal distrital de São Galo de 23 a 31 de julho de 1894, as apresentações das partes e o relatório oral da comissão

³⁹⁸ SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostschweiz, 1893, p. III.

³⁹⁹ STOSS, Carl. **Schweizerischen Strafgesetzbücher zur Vergleichung**. Basel/Genf: Commissionsverlag von H. Georg, 1890, p. 512-513.

de investigação de 25 a 27 de outubro de 1894. Também examinou os fatos, os pedidos legais e as declarações das partes para que, entre 15 e 17 de novembro de 1894, ocorresse o julgamento final, cuja sentença foi publicada em 3 de dezembro de 1894.

O veredicto declarou Meta von Salis culpada das acusações de difamação e insultos continuados e a condenou a penas corretivas: oito dias de prisão, multa de CHF 1.000 e confisco dos exemplares remanescentes da brochura. Juntamente de indenização de CHF 1.500 ao autor, custas judiciais e reembolso ao autor de despesas extrajudiciais: honorários e taxas de ambas as instâncias de CHF 2.000. O autor ainda tinha o direito de publicar a sentença em periódicos especificados (*Folha diária de Zurique, Novo Jornal de Zurique, Suíça Oriental e Rético Livre*⁴⁰⁰) às custas da ré.⁴⁰¹ Se considerar o valor total a ser pago pela condenada como cerca de CHF 5.000 naquela época, em uma conversão aproximada do dinheiro de 1890 para o de 2009, o valor mais recente seria maior que CHF 60.000⁴⁰². Era uma quantia considerada alta, ainda que seja extremamente difícil precisar os valores em termos atuais, pelas diferenças de custos de vida. Outras aproximações possíveis, com a vizinha França, são de meados do século XIX, quando a renda anual de uma família burguesa era de aproximadamente 5 mil francos.⁴⁰³ Contudo, o valor seria ainda maior para o cenário suíço atual, devido à inflação entre 2009 e 2023, e ainda maior se pensar na conversão em reais.⁴⁰⁴ A reflexão que esses números expressam seria a da situação financeira bem abastada de von Salis, herdeira de Marschlins.

O caso de von Salis, considerando o “grave sofrimento moral” infligido ao autor e seus prejuízos econômicos, teve como agravantes de pena: a distribuição pela imprensa; o fato de ser um funcionário público e sua posição oficial de tutor das crianças; a distribuição massiva do panfleto; “a intenção maliciosa da ré de privar o autor do seu emprego e a persistência e

⁴⁰⁰ *Zürcher Tagblatt, Neue Zürcher Zeitung, Ostschweiz e Freie Rhätien*, respectivamente.

⁴⁰¹ Urteil des Kantonsgerichts St. Gallen i. S. Wittelsbach gegen Meta von Salis, 15-17 nov./3 dez. 1894. [Julgamento do tribunal cantonal São Galo Wittelsbach contra Meta von Salis]. NL 61 SII K11, 5. ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008. Disponível em: https://ub.unibas.ch/digi/a100/kataloge/nachlassverzeichnisse/IBB_5_000068886_cat_2.pdf.

⁴⁰² SWISTOVAL. The Swiss Historical Monetary Value Converter. Einzelwert. Disponível em: <http://swisstoval.ch/content/einzelwerte.de.html>. O referencial considerado foi o Índice Nacional de Preços de Consumo - Landesindex der Konsumentenpreise (LIK), que calcula a inflação sobre bens e serviços consumidos em domicílios particulares da Suíça (comida, roupas, habitação, entretenimento e comunicação), definido pelo Escritório Federal de Estatística – Bundesamt für Statistik (BFS) todos os anos em relação aos anos anteriores. SCHWEIZERISCH EIDGENOSSENSCHAFT. Bundesamt für Statistik. Konsumentenpreise. Neues im Thema. 13 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/preise/landesindex-konsumentenpreise.html>.

⁴⁰³ FIGES, Orlando. **Os Europeus**: o século XIX e o surgimento de uma cultura cosmopolita. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p. 12. Também nessa “Nota sobre as moedas”, diz que “com 100 mil francos se comprava um castelo em terras vastas”.

⁴⁰⁴ CHF60.000 (valor estimado para 2009), se convertido para reais, hoje seria cerca de 340 mil. Contudo, com a inflação entre 2009 e 2023, com altas expressivas nos últimos anos, o valor se aproximaria de meio milhão de reais.

paixão com que foram mantidos os acréscimos difamatórios e injuriosos”; “a situação pessoal da ré”; e “a negação de toda e qualquer satisfação”⁴⁰⁵.

No ano de 1894, sem precisão da data, Meta von Salis publicou uma nova brochura, dessa vez dedicada ao seu processo, intitulada *Para compreensão: uma tentativa*⁴⁰⁶. Em 27 páginas, divididas em partes sem títulos, indicadas somente por algarismos romanos, a autora teve como objetivo esclarecer aos amigos e aos conhecidos por que não se deu ao trabalho de responder às ofensas de alguns jornais, além de tentar explicar alguns pontos do caso de crime contra a honra do juiz Wittelsbach, ao qual estava respondendo. Sua fundamentação aproximase de opiniões manifestadas em outros textos sobre a questão das mulheres e a aristocracia, bem como recupera a história de seus antepassados para se inserir em um cenário específico: de mulher e nobre ante injustiças. Embora seja parte fundamental da sua argumentação, a questão da nobreza será abordada no capítulo seguinte (ver Capítulo 3 – Aristocratismo como síntese do pensamento), de modo que alguns aspectos são pincelados a seguir, deixando maior espaço aos pontos referentes diretamente às mulheres, em especial, sobre a imprensa e os questionamentos da intelectualidade feminina.

Quase configurando um padrão, novamente Meta von Salis começou o texto pela atuação da imprensa, na verdade, sobre a atuação de dois periódicos: *Folha diária de São Galo* e *Jornal da Turgóvia* (*St. Galler Tagblatt* e *Thurgauer Zeitung*), aos quais atribuiu “reportagens tendenciosas”. Não expôs trechos nem os comentou. Sua atenção estava voltada à resposta ou aos motivos que a levaram a não responder aos jornais. A intelectual construiu seu texto didaticamente a partir de perguntas que indicam o quão ineficaz teria sido tentar se explicar, sendo a primeira delas: “quem deveria se defender, se justificar?”

Uma mulher que acabou de levar um soco porque defendeu três outras mulheres que estavam levando um soco! Uma mulher a quem é dito ex officio: Você, como mulher, está mentindo sempre que um homem no cargo afirma que você está mentindo, independentemente de serem homens ou mulheres ou os fatos testemunharem sua afirmação. Uma mulher que, no final de agosto e início de setembro do ano passado, pela primeira vez na sua vida de quase 40 anos, foi sujeita a insultos e injúrias, como chicotadas, por um procurador extraordinário do Ministério Público num julgamento com júri público. Esta mulher agora deveria se defender!⁴⁰⁷

⁴⁰⁵ Urteil des Kantonsgerichts St. Gallen i. S. Wittelsbach gegen Meta von Salis, 15-17 nov./3 dez. 1894. [Julgamento do tribunal cantonal São Galo Wittelsbach contra Meta von Salis]. NL 61 SII K11, 5. ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008. Disponível em: https://ub.unibas.ch/digi/a100/kataloge/nachlassverzeichnisse/IBB_5_000068886_cat_2.pdf.

⁴⁰⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmöller & Meyn, 1894.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p. 3.

A escrita em tom de denúncia e de ironia destaca a indignação da autora por todo o tratamento injusto e a diferença por ser mulher. O critério de distinção para a intelectual não deveria ser o gênero, mas sim o caráter. Portanto, reconheceu como violências as acusações contra as amigas e contra si, e ainda mais violências são cometidas quando suas palavras se tornam automaticamente mentirosas, se um homem em cargo público assim afirmar. A defesa aos insultos e injúrias do judiciário e da imprensa teria sido ineficaz.

E continuou “contra quem?”, cuja resposta são os dois jornais. “Onde?”, quer dizer, em qual espaço público, não no próprio jornal, que não daria abertura, nem em jornais menores, que não teriam os mesmos leitores. “Contra o quê?”, ou seja, quais as considerações tendenciosas dos periódicos: contra as afirmações de que a “Dr. v. S. [von Salis] não conseguiu fornecer prova da verdade em um único ponto” na brochura sobre o caso Farner-Pfrunder, veiculada pelo *Jornal da Turgóvia*, e a zombaria da certidão de idoneidade (*Leumundszeugnis*)⁴⁰⁸ de sua terra natal, pela *Folha diária de São Galo*.

Deveria eu ter tomado medidas contra esses jornais que eram tão amigáveis comigo? sobre processar os editores? queixar-se às autoridades que consideram aceitável insultar as mulheres, negando-lhes ao mesmo tempo o direito de caracterizar os homens, bem como uma forma de defesa?⁴⁰⁹

Há um tom irônico e o reconhecimento de que a justiça falharia com ela e com outras mulheres, por considerar aceitável insultar mulheres na imprensa. Pode-se, inclusive, considerar uma legitimação das autoridades estatais diante do tratamento dado às mulheres na imprensa, bem diferente quando se refere aos homens, vide o próprio processo por crime contra a honra do juiz. A autora respondeu às próprias perguntas: “Não, tentar justificar-se diante de tais jornais seria auto-humilhação. Há coisas na vida que só podem ser uma questão de superar!”⁴¹⁰ Cabe destacar que a superação, para von Salis, assim como para Nietzsche, constitui um dos elementos de nobreza. Em seguida, mencionou que nenhum cânone, por mais nobre que fosse, a obrigaria a reconhecer que os funcionários públicos são infalíveis, e finaliza com uma provocação quanto aos seus direitos: “embora eu seja apenas pagadora de impostos e não tenha

⁴⁰⁸ Afirma até se tratar de um desconhecimento do jornal do uso de um documento como esse em processos de crimes contra a honra. “Mas porque não sou conhecido na minha terra natal por qualquer desejo de homicídio, roubo ou incêndio criminoso, e as autoridades do meu país não me imputam isso, os certificados de reputação não lhes são convenientes.”

⁴⁰⁹ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmöller & Meyn, 1894, p. 5.

⁴¹⁰ *Ibidem*, p. 5.

direito a voto”. Contribuir financeiramente para o Estado era um dever que cabia às mulheres, mas não se poderia votar para escolher onde esse dinheiro seria empregado.⁴¹¹

O segundo aspecto a ser discutido por Meta von Salis foi a questão da diferença, pois, em seu entendimento, o julgamento caberia aos pares. Baseada no antigo direito germânico, no qual o julgamento acontecia por pares, tendo a mulher “como representante natural” seu parente masculino mais próximo, conclui que a “diferença gera ódio, diz um ditado”. Portanto, “Ela tem, enquanto mulher, o homem contra si”, resultado do ódio da diferença, uma vez que, na época de von Salis, a mulher é “julgada sozinha por homens, com os quais não tem nenhuma relação”. Ainda que percebesse vários homens querendo fazer justiça “à mulher séria e esforçada”, eram raros em tribunais inferiores. “Para um grande número de homens, cada mulher continua a ser um terror e um incômodo, a quem falta coragem pessoal, independência, lealdade e consequências sobre se arrumar e querem o casamento a todos os custos.”⁴¹²

Haveria mais um fator desfavorável a von Salis, também baseado na diferença:

Sempre confessei e vivi com a maior franqueza que sou um aristocrata e, portanto, tenho contra mim tudo o que não é aristocrático. A aristocracia pela qual vivo e morro inclui todos que se caracterizam pela reverência ao sagrado, seja Deus, ideal, pessoa nobre ou o que quer que seja.⁴¹³

A intelectual não tem como objetivo acabar com as diferenças, talvez sim com o ódio resultante, pois defende uma sociedade em que haja justiça dentro das distinções que defendia existir, cujos parâmetros se originam de uma condição do caráter da pessoa. Ainda que defenda a igualdade entre homens e mulheres, nem todos os homens e as mulheres são iguais, por serem atravessados ou não por esses aspectos de “enobrecimento”.

Há em Meta uma distinção formatada como contradição, entre a concepção idealizada de igualdade e a concepção na práxis vital, na qual estava inserida. Na primeira, considera a igualdade entre homens e mulheres como parte da sua proposição de emancipação feminina. Na segunda, defende uma sociedade hierárquica, em que o aristocratismo se torna lógica regente, ao outorgar aspectos de nobreza que não devem ser rompidos. Dessa tensão, o âmbito de práxis vital rompe a potencialidade do discurso sobre igualdade, tornando essa uma ideia subordinada à de posição social.

⁴¹¹ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmöller & Meyn, 1894, p. 6.

⁴¹² *Ibidem*, p. 6-7.

⁴¹³ *Ibidem*, p. 7.

As justificativas do tribunal de São Galo não poderiam se fundamentar no fato de a ré ser mulher e aristocrata, portanto, a autora relatou que a corte não acreditou nela nem a entendeu. Entender no sentido de entender o que ela escreveu, em alemão, pois questionaram o seu uso gramatical. O aspecto que cabe destacar é a ideia de culpabilização que expressou, em tom irônico: “A culpa é naturalmente minha, se não fui formalmente compreendida. Por que sou tão mal educada que não consigo falar o dialeto?”⁴¹⁴ Meta von Salis não acreditava realmente que sua educação seria baseada em falar o dialeto, aliás, comentaria, posteriormente, sobre os impactos negativos do dialeto na riqueza e fluidez da língua – opinião compartilhada com Nietzsche.⁴¹⁵ De todo modo, recorreu ao dicionário Duden, uma “autoridade em ortografia” na Suíça, para argumentar que sua escrita estava correta e pontuou que usava pouco dialeto, o que não parecia ser o caso dos juízes, que seriam acostumados a falar e ouvir dialeto e incapazes de compreender o alemão formalmente escrito. Toda essa discussão recai sobre o questionamento da sua capacidade intelectual.⁴¹⁶

A condição de mulher fundamentava a justificação do escrito de von Salis, então, a autora retomou considerações como a visão comum que recaía sobre as mulheres enquanto “ferramentas”, “empregadas” ou “animais domésticos”. Por esse motivo, posicionou-se para conscientizar e chamar as mulheres a falar e agir, pois, “Se as mulheres das regiões alamanas da Suíça quiserem se tornar participantes de uma cultura mais ideal, precisam urgentemente tomar coragem e se decidir. [...] a mulher não deve esquecer, que ela é mais que um animal e que degradar a mulher caracteriza o homem comum”. Novamente, a ideia da diferença geradora de ódio surge, em que a caracterização do homem estaria associada ao ato de degradar a mulher.⁴¹⁷

Podem-se considerar dois eixos norteadores da obra de von Salis: o ser mulher e o ser nobre. Nesse texto, o ser nobre aparece em sua justificativa ao invocar seus antepassados, talvez até como parte de sua certidão de idoneidade, os sacrifícios que fizeram por algo maior e as injustiças que sofreram (ver item 3.1 Lar suíço: origens familiares). Também expôs os próprios antecedentes, destacando suas realizações pessoais e o contraste em estar sendo acusada de não ter “boa-fé”. Ainda indicou a suspensão de viagens ao exterior, mantendo-se naquela “terra fria”, para resolver a situação do processo e julgamento.

⁴¹⁴ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmöller & Meyn, 1894, p. 8.

⁴¹⁵ *Idem*. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 15.

⁴¹⁶ *Idem*, *op. cit.*, 1894, p. 9-10.

⁴¹⁷ *Ibidem*, p. 22.

Assim como a brochura anterior não era um produto de ódio, tampouco seria um objeto de vingança, simplesmente por não conhecer o juiz. Contudo, talvez mais do que isso, há passagens de Nietzsche em que afirma que as brigas se dão entre os iguais. Pode ser que Meta considerasse que estava acima, tivesse um caráter mais elevado do que um homem tão injusto, como o considerava. Além disso, não faria tanto sentido uma vingança pessoal quando ela estava lutando por algo maior, pelos “bens mais elevados da vida”, em especial, pela amizade.

Se há muitos para quem os bens mais elevados da vida: a amizade, o entusiasmo, a lealdade, o sacrifício, o altruísmo são uma mentira ou um espinho, então há algumas das melhores e mais puras almas que os aplaudem.

Repito: estas notas são para meus amigos e para aqueles que possam ser amigos, não para mãos e olhos impuros.⁴¹⁸

A amizade com essas mulheres, assim como sua vinculação pelo movimento, não a fazia totalmente entregue ao grupo. Meta von Salis manteve a individualidade pela qual lutava, pois enxergava que o movimento era composto por diferentes mulheres, cuja “desigualdade de temperamento expressava-se na desigualdade de esperanças”. O aspecto de pioneirismo reaparece na comparação de que seriam os guardas que alertam o exército principal de um perigo iminente. “Eu sou freelancer, solidária com nenhum partido e nenhum partido solidário comigo. Assumo minhas responsabilidades sozinha. Isso garante liberdade de movimento para vocês e para mim.”⁴¹⁹

A liberdade de ideias e de vinculação ao movimento acompanhou a liberdade de circulação, afirmava que existiam “outras pátrias e campos de trabalho” fora da Suíça, além disso, a maioria dos seus amigos não vivia em seu país natal. Toda a situação do processo não poderia atingir sua honra, pois “A honra é um bem moral que ninguém pode tirar, ela me acompanhará para onde quer que eu vá”, nem privá-la de seus amigos, que se juntaram por um “valor maior”⁴²⁰.

Será possível que um discipulado dos grandes, dos ameaçados, dos incompreendidos possa de vez em quando reacender uma chama quase extinta, lançar um consolo na noite de um ou outro infeliz e perseguido e tornar-se um documento para mais tarde sobre o que as mulheres puderam sofrer no final do século XIX por causa da sua fé e da sua lealdade. O fruto da bênção para o futuro brotou repetidamente das sementes dos mártires. Na vasta oficina da natureza, nem mesmo o sangue do pássaro se perde na campanha.⁴²¹

⁴¹⁸ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmöller & Meyn, 1894, p. 26.

⁴¹⁹ *Ibidem*, p. 22.

⁴²⁰ *Ibidem*, p. 22.

⁴²¹ *Ibidem*, p. 11.

Para quase finalizar a brochura de justificativa, Meta von Salis questionou: “O que desequilibró a balança contra minha boa-fé?” Ou seja, qual teria sido a atitude principal para que questionassem a boa-fé dela. No caso, teria sido “privá-lo de seu emprego”. O primeiro aspecto levantado pela autora foi que, falando desse modo, parecia que se tratava de um empregado como um “vendedor de loja, a quem se queria privar do seu sustento”, o que não reconhecia para a situação do juiz. “Mas para mim o gabinete de um juiz não é relevante como fonte de rendimento, mas como um cargo de confiança elevado, sério e responsável, com o qual o povo deveria honrar o seu melhor, e não apenas qualquer pessoa com formação prática”, ainda mais uma pessoa que considerou ser de conduta questionável como Wittelsbach. “Da mesma forma, quando digo que um homem que permanece como guardião contra a vontade dos seus parentes de sangue mais próximos não é um homem de honra. Essa é a minha opinião, assim como parece ser a opinião de outros, que isso não diminui a honra, a honra dele.”⁴²²

Reforçando que não se tratava de uma questão pessoal, afirmou que “o homem é para mim um assunto secundário, uma coincidência, mas o cargo e os princípios são decisivos”⁴²³. Nesse ponto, Meta von Salis expôs, num espectro maior, suas concepções de mundo.

[...] então é altura de pelo menos todos os altos cargos judiciais se tornarem novamente cargos honorários, cujos titulares servem sem remuneração. Não fazer frases em festivais patrióticos de canto e luta livre que envolvam os princípios mais elevados e descartá-los como conchas vazias na vida cotidiana - isso não é o cumprimento do dever de alguém. Meu esforço, minha verdadeira tarefa de vida em relação a mim mesmo, é viver o que professo, penetrar o máximo possível na realidade com o ideal, subordinar os fatores inferiores aos superiores, combater o terrível materialismo que dá aos sociais-democratas o direito de dizer que os ideais da burguesia são a comida e a bebida.⁴²⁴

A proposta de cargos honorários serem exercidos sem remuneração converge para menções anteriores sobre os profissionais seduzidos pelo dinheiro em vez de trabalharem pelo prestígio social. Esse aspecto acaba sendo um ponto de distinção entre as pessoas na hierarquização defendida por von Salis. O trecho sintetiza os principais objetivos da intelectual ao caracterizar como sua “verdadeira tarefa de vida” viver o que professa, quer dizer, perceber na realidade o que idealiza, que se refere à dominância dos “superiores” e ao combate ao “terrível materialismo”, conforme aprofundado a seguir (ver Capítulo 3 – Aristocratismo como síntese do pensamento).

⁴²² SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmöller & Meyn, 1894, p. 24.

⁴²³ *Ibidem*, p. 24.

⁴²⁴ *Ibidem*, p. 24.

3 ARISTOCRATISMO COMO SÍNTESE DO PENSAMENTO

As pessoas têm que ter nascido para ocupar uma posição elevada, ou, para falar mais claramente, tem de ter sido CRIADAS para isso: o direito à filosofia - tomando essa palavra em sua mais ampla acepção - graças à sua ascendência; seus ancestrais e o seu “sangue”, que é também decisivo. Muitas gerações devem ter preparado o caminho para a chegada do filósofo; cada uma de suas virtudes deve ter sido adquirida separadamente, alimentada, transmitida e incorporada; não só o fluxo do curso claro, fácil, delicado de seus pensamentos, mas acima de tudo a disposição para assumir grandes responsabilidades, a soberania da visão que domina e que olha o que está embaixo, o sentimento de separação da multidão e seus deveres e virtudes, o carinhoso amparo e a defesa de tudo o que é mal entendido ou caluniado, seja Deus, seja o diabo, o prazer e a prática da justiça suprema, a arte de comandar, a amplidão da vontade, o olhar vagaroso, que raramente se admira, que raramente se ergue, que raramente ama.⁴²⁵

Com uma escrita autobiográfica em um livro sobre o amigo, a obra *Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche* (1897) sintetiza a crítica social que Meta von Salis-Marschlins já delineava em textos anteriores, como aqueles publicados em *A filantropia* (1890-1894). O aristocratismo emerge como ponto central do pensamento de von Salis e ecoa aspectos do pensamento nietzschiano, como no aforismo acima, publicado no livro “Para além de bem e mal”, em 1886, e citado na íntegra por Meta von Salis. Quando Nietzsche mencionou “filósofo”, referiu-se a uma categoria de “pessoa elevada”, que, assim como outros tipos “elevados” descritos em sua obra, originam-se de aspectos em comum, de uma base que sustenta a divisão dual da moral entre “senhores” e “escravos”.

Para compreender de que modo o aristocratismo se consolidou no pensamento de von Salis, deve-se atentar ao seu contexto, ou seja, apresentar um breve panorama da Suíça em seu período, atrelado à situação europeia e à própria história familiar. Tantas transformações foram observadas durante o século XIX por seus contemporâneos e causaram preocupação, como, no caso de von Salis, a ascensão da democracia, que deveria ser combatida pela aristocratização. Percebe-se que o pensamento não se restringia aos dois, ao se recuperar a “teoria das elites” e mapear uma rede de intelectuais. No livro *Filósofo e nobre*, além de destacar a amizade com Nietzsche, von Salis se propôs a definir o nobre, a partir de aspectos nietzschianos, e atribuiu a si e ao amigo uma caracterização por essa categoria.

⁴²⁵ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015, p. 133. SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p.103-104.

Figura 3 – Hedwig Kym com Meta von Salis. Fotografia tirada em Basel, em 1915
(Universitätsbibliothek Basel).



Fonte: BOLLINGER, Andrea. Meta von Salis (Marschlins). **Historische Lexikon der Schweiz** (HLS), 13 mar. 2017.

3.1 Lar suíço: origens familiares

A configuração mais próxima do que se reconhece atualmente como Suíça se estabeleceu no começo do século XIX, por volta de 1815, quando se consolidou o Estado federativo e os cantões receberam autonomia quase total. O Congresso de Viena legitimou a definitiva perda das terras do domínio do cantão Grisões, além de ter ocorrido a declaração e a proclamação do reconhecimento e da garantia de neutralidade e inviolabilidade da Suíça em todas as futuras guerras. As transformações no país possibilitaram uma imagem da Suíça de diversidade cultural e de liberdade, pois era formada por múltiplas nacionalidades: “A Suíça como uma nação dos sentimentos, das diferenças dos povos, das línguas e das culturas e cuja coesão formava o compromisso com a liberdade, o direito e a igualdade cívica.”⁴²⁶ Porém as forças aristocráticas – e restaurativas⁴²⁷ – não haviam desaparecido totalmente no início do século XIX. “O apêgo aos costumes ancestrais perpetua a influência das velhas famílias.”⁴²⁸

A ideia tradicional da nação suíça, baseada na partilha da honra aristocrática, também permaneceu viva depois de 1815. [...] A mensagem do monumento atravessava assim o arco entre o passado distante e o presente restaurador: a honra dos suíços não pode ser perdida e é intocável, eles preservam valores atemporais nos tempos confusos das revoluções.⁴²⁹

O cenário era de disputas entre conservadorismo, liberalismo e radicalismo democrático – “as três principais correntes da política suíça no século XIX, enquadram-se no quadro da história europeia”⁴³⁰ – e resultou na última guerra civil suíça, o *Sonderbund*, em 1847. O conservadorismo, nesse período da história suíça, refere-se àqueles que propunham a recuperação do federalismo, com soberania dos cantões, além de aspectos restaurativos e semifeudais, principalmente em cantões rurais e católicos. Já o liberalismo se impulsionava devido ao sistema constitucional nos vários cantões, baseado em igualdade jurídica, separação de poderes por documentos constitucionais e liderança política. Os radicais se diferenciavam dos liberais por exigirem o sufrágio universal masculino em vez do censitário “[...] e, quando isto se tornou realidade em 1848, uma democratização mais abrangente na forma de plebiscitos,

⁴²⁶ REINHARDT, Volker. **Geschichte der Schweiz**. Munique: C.H. Beck, 2006, p. 95.

⁴²⁷ Uma periodização na historiografia atribui à Suíça um período de Revolução entre 1798 a 1814, seguido pela Restauração até o Estado federal considerado democrático, de 1815 a 1848. Divisão similar à historiografia francesa, justamente pelas relações ao fim do período de Napoleão Bonaparte.

⁴²⁸ SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização europeia**. Coleção “História Geral das Civilizações”. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958, p. 278.

⁴²⁹ REINHARDT, *op. cit.*, p. 95-96.

⁴³⁰ *Ibidem*, p. 96.

ou seja, controle direto e conexão do parlamento com a vontade do povo”⁴³¹. Havia “um dualismo cidade/campo entre forças progressistas e conservadoras, que foi congruente ou pelo menos sobreposto pelo dualismo entre forças católicas e reformadas”⁴³², quer dizer, “grupos capitalistas protestantes contra as oligarquias e comunidades latifundiárias, ‘senhores’ de Berna e pequenos cantões católicos”⁴³³.

No ano de 1848, a Suíça assumiu seu caráter de Estado livre e dito “democrático”, regido por uma Constituição, expandindo o número de cidadãos por meio do sufrágio universal masculino. Essa Constituição ainda hoje se mantém na Suíça, com várias adições, a partir dela se deu a construção da noção do país enquanto um “paraíso de liberdade” para exilados revolucionários e liberais vindos de toda a Europa.⁴³⁴ Entretanto, parece que essa liberdade não se destinava às mulheres.

Ao se considerar o republicanismo na Europa, não há como defender a permanência efetiva do Antigo Regime na Suíça após 1848, pois foi chamada de “a inveterada Confederação Helvética”⁴³⁵. O país se industrializava, com suas particularidades ante o processo de urbanização, principalmente pelas características geográficas do território. O liberalismo econômico estava ascendendo pela Suíça desde as décadas de 1820 e 1830, o que gerou uma pressão para que houvesse um enquadramento político mais favorável a esses grupos liberais.

O sistema político não mais qualificava automaticamente os membros das velhas elites fundiárias, ainda que houvesse elites, sua composição era outra. Nascida em 1855, Meta von Salis-Marschlins viveu com a lembrança – e um possível “ressentimento” – do que considerou “injustiças” com sua família ao perder terras e influência política, após tanto sacrifício de seus antepassados, quer dizer, após tantos anos de serviços prestados. Seu pai também teria se sacrificado para recuperar a fortuna da família, da qual ela desfrutaria posteriormente.

Na época de Meta, a Suíça parecia estar transformando a política em direção a um progressismo liberal democrata. “Os partidos liberais e radicais garantiram maioria em ambas as câmaras legislativas por setenta anos.”⁴³⁶ A partir da década de 1860, os radicais foram “o motor para uma revisão constitucional que fortaleceu a coesão nacional em 1874 e promoveu a

⁴³¹ REINHARDT, Volker. **Geschichte der Schweiz**. Munique: C.H. Beck, 2006, p. 97.

⁴³² MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 46.

⁴³³ SCHNERB, Robert. **O século XIX**: o apogeu da civilização europeia. Coleção “História Geral das Civilizações”. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958.

⁴³⁴ MEILIER, *op. cit.*, 2005, p. 47.

⁴³⁵ MAYER, Arno J. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁴³⁶ REINHARDT, *op. cit.*, p. 103.

democratização”, ao centralizar os poderes no governo federal, o que se distanciava da autonomia quase total dos cantões.

O governo federal, fortalecido financeiramente, recebeu poderes militares adicionais e responsabilidades ampliadas na área da justiça (tribunal federal permanente com sede em Lausanne) e na política escolar. A transformação interna mais importante, no entanto, foi o estabelecimento do referendo opcional para leis federais e resoluções federais obrigatórias em geral.⁴³⁷

A possibilidade de controlar a elite política por meio dos plebiscitos favoreceu as reivindicações das parcelas católicas e conservadoras. O clima era de *Kulturkampf*, guerra cultural pelo poder entre a Confederação e a Igreja Católica, pois as decisões da Igreja estavam se tornando dependentes da aprovação federal, o que diminuía o poderio de séculos das instituições católicas no país. As restrições aos jesuítas e aos mosteiros foram um dos aspectos do debate. Os referendos representaram uma derrota para o eleitorado masculino da cidade de Zurique em 1891, quando a incorporação de comunidades independentes foi aprovada, o que se referia às comunidades rurais vizinhas à cidade, que tinham um domínio por parte do centro urbano. Essa “recente derrota” fez parte do contexto do processo Farner-Pfrunder-Salis (ver item 2.3 Enfrentamentos públicos: direitos e justiça), pois o caso assumiria maior atenção por representar um conflito entre o “domínio” dos homens e a luta por participação social das mulheres.⁴³⁸ O Estado federal suíço contribuiu para a industrialização, que se acelerou a partir de 1848, em conjunto com a expansão de corporações e capitalistas, bem como de movimentos de resistência dos trabalhadores, que originalmente eram marxistas, mas se tornaram moderados e cada vez mais se aproximaram da social-democracia de esquerda.⁴³⁹

Ao olhar para os finais do século XIX, identifica-se um período de ebulição amplo, pois atravessou variados aspectos da sociedade e se consubstanciou em novas experiências, individuais e de grupos, e em tensões sociais. Devido à desintegração social e política, também entendida como uma fragmentação generalizada ou crise, considera-se que houve uma mudança de perspectiva filosófica geral.⁴⁴⁰ Transformações marcantes na industrialização, na urbanização, na comunicação e nos transportes, além dos movimentos sociais e políticos. Por causa da expansão das forças produtivas e do rompimento das organizações corporativas,

⁴³⁷ REINHARDT, Volker. **Geschichte der Schweiz**. Munique: C.H. Beck, 2006, p. 103.

⁴³⁸ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche**. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 298. STADT ZÜRICH. **Zürich wird zur Grossstadt**. s/d. Disponível em: https://www.stadt-zuerich.ch/portal/de/index/portraet_der_stadt_zuerich/digitale-zeitreise/zuerich-wird-zur-grossstadt.html.

⁴³⁹ REINHARDT, *op. cit.*, p. 104.

⁴⁴⁰ SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siècle**: política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

emergiu o que se pode considerar uma “categoria social”: os “intelectuais”, caracterizados por uma “pluralidade de posições a respeito de uma mesma temática pública”⁴⁴¹. A fim de compreender a sociedade do seu tempo, os intelectuais se posicionavam para legitimar ou criticar a ordem vigente a partir da observação dos problemas do presente com base na experiência passada para uma projeção de expectativas futuras. Uma das intelectuais preocupadas com o futuro inseridas nesse debate era Meta von Salis-Marschlins. Em seus textos transparece uma preocupação social e política, especialmente a questão das mulheres e a defesa da nobreza, que surgiu a partir da realidade Suíça, mas refletia debates comuns a toda Europa do mesmo período.

Se, por algum momento, os escritos de von Salis são compreendidos como pontuais, no sentido de defender questões do acesso à universidade ou apenas questionar o casamento, não se está olhando como uma crítica bem mais ampla. Há um projeto de sociedade em seu pensamento, quer dizer, uma crítica que abarca toda a dinâmica social que ela tem observado em seu tempo e em seu espaço. As discussões da agenda comum de movimentos das mulheres se articulam com seu contexto mais específico na Suíça.

As transformações sociais observadas, de acordo com a intelectual, constatavam haver uma “decadência”, conforme expôs em *Para compreensão: uma tentativa* (1894) ao citar Gustave Le Bon (1841-1931): “Uma decadência visível ameaça seriamente a vitalidade da maioria das grandes nações europeias”, ao ter como “único ideal” as “necessidades materiais” ao mesmo tempo que há um “declínio da moralidade”. Também as considerações de Nietzsche sobre a “decadência” da cultura foram assimiladas no pensamento de von Salis. Talvez o trabalho que melhor indique as concepções de von Salis sobre o aristocratismo seja o livro *Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche*, de 1897. A nobreza, ou aristocracia, para von Salis, deveria permanecer para a manutenção de uma sociedade hierárquica, que não resultou na “mediocratização”, “degeneração” e “decadência”.

Para se buscar uma compreensão da crítica que von Salis constrói, cabe entender que sua relação com a nobreza possui mais de um significado, já que vem de uma aristocracia legalmente reconhecida por séculos e atribuiu os novos - ou nem tanto - significados de nobreza à sua família. Portanto, a fim de entender como se configurou o cenário suíço criticado por von Salis, volta-se para um breve panorama da história da Suíça, intimamente vinculado à história de sua família da baixa nobreza. Assim, delineia-se um contexto de sua origem e alguns aspectos de sua suposta “distinção”.

⁴⁴¹ WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, 1º sem. 2015, p. 63-79.

Meta von Salis-Marschlins iniciou seu livro *Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche*, de 1897, com a seguinte “sentença”: “A partir da grande onda de lama da democratização, que no início do nosso século se colocou em movimento e neste momento quase inundou a Europa, uma onda contrária de aristocratização começou lentamente a se opor.”⁴⁴² Mais do que em transformação, havia na Europa uma disputa, conforme a autora, entre duas “ondas”: a aristocracia e a democracia, ou seja, uma corrente tradicional, por ser dominante há alguns séculos, e outra vinculada aos ideais de progresso e transformações capitalistas. A adjetivação “de lama” feita pela autora evidencia ao lado de qual “onda” se posicionou. Portanto, propõe-se uma análise de como seria construída a crítica à democracia por von Salis, cuja base dependia de uma definição de aristocracia ou nobreza. Aliás, destaca-se o caráter de reação dessa onda de aristocratização, o que se difere de uma permanência. E continuou:

Assim como é de sua natureza não querer governar através das massas, também não lhes ocorre apelar para as massas. Seus arautos convocam os poucos, os pouquíssimos, os espíritos a eles relacionados, para lutar contra as caretas dos deuses da época: o estado democrático, a mediação da inteligência, o enforcamento do caráter. Eles sabem muito bem que a felicidade do alvorecer de uma era aristocrática está muito longe e talvez sejam chamados apenas para carregar a bandeira ilesos durante a batalha, que só levará herdeiros tardios à vitória.⁴⁴³

A relevância de pontuar algumas das particularidades da configuração suíça se deve à presença delas na obra de von Salis. Em especial, no livro *Filósofo e nobre* (1897), em que sistematiza ainda mais a crítica ao seu contexto, von Salis recuperou a história da Suíça e distinguiu a população a partir de aspectos racialistas. A autora justificou ser necessário que se entendessem aspectos pessoais de sua vida, como do seu cantão de origem – Grisões –, para tornar a relação entre Nietzsche e ela compreensível.

Nesse “desvio”, como chamou em seu texto, abordou seu local de origem – o cantão Grisões (*Graubünden*)⁴⁴⁴, na Suíça –, assumindo um tom comum em sua época ao falar de

⁴⁴² “Der grossen Schlammwelle der Demokratisierung, die sich zu Anfang unseres Jahrhunderts in Bewegung gesetzt und zur Stunde Europa nahezu überfluthet hat, beginnt eine Gegenwelle der Aristokratisierung sich langsam entgegenzustemmen.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 1.

⁴⁴³ “Wie es in der Natur derselben liegt, nicht durch die Massen herrschen zu wollen, so fällt es ihr auch nicht ein, sich an die Massen zu wenden. Ihre Herolde berufen die Wenigen, Wenigsten, die ihnen verwandten Geister zum Kampfe gegen die Götterfratzen des Tages: den demokratischen Staat, die Vermittelmässigung der Intelligenz, das Aushängen des Charakters. Sie wissen sehr wohl, dass das Glück des Anbruchs eines aristokratischen Zeitalters in weiter Ferne liegt und sie vielleicht nur berufen sind, die Fahne unverletzt durch den Kampf zu tragen, die erst späte Erben zum Siege führen wird.” *Ibidem*, p. 1.

⁴⁴⁴ A região montanhosa, em suas configurações atuais, faz fronteira com a Áustria, a Itália e o principado Liechtenstein, abrigando uma população diversa, em que “metade dos habitantes fala alemão, nos vales domina a língua romanche em três dialetos distintos, e nos três vales voltados para o sul a língua materna é o italiano”.

“degeneração”, “nivelamento” e “amolecimento” da sociedade pela centralização e burocracia decorrentes da “grande onda de lama da democratização”⁴⁴⁵. Esse pensamento de elite assumiu aspectos racialistas ao recuperar o “tipo rético”, ao qual pertencia por sua ascendência, “anteriormente forte”, devido às condições geográficas e políticas, e que estaria desaparecendo por causa da propagação dos “inferiores alamanos suíços” (*minderwerthigen des schweizerische Alamanen*)⁴⁴⁶ – provavelmente se referindo aos cantões de Zurique, Berna e Basileia. Orgulhosa de suas origens, pois acreditava em uma variedade de sangue e caráter, afirmou: “Considero uma distinção pertencer em parte aos antigos Grisões [*Graubünden*], em parte ao meu país natal, a Itália, com os quais compartilho um inconfundível atavismo.”⁴⁴⁷

Até recentemente, os grisões tinham uma personalidade particularmente forte. Desde que o proletariado intelectual e social se tornou decisivo na vida pública suíça e a burocracia fez sua desastrosa entrada na esteira da centralização também em nosso cantão, a peculiaridade da maneira de ver a vida e como ela era conduzida retrocedeu cada vez mais.⁴⁴⁸

O “tipo rético” se refere à antiga configuração regional em Raetia (*Rätien*) – hoje o cantão suíço Grisões (nome que será usado para manter uma uniformidade no texto) –, unificada pelo bispado de Chur na Idade Média e, depois, configurada em Estado Livre de Três Ligas: Liga da Casa de Deus, Liga Cinza e Dez Cortes (*Gotteshausbund*, *Graue Bund* e *Zehn Gerichte*), conforme exposto na Figura 3. Da figura, cabe destacar as regiões de “terras súditas” Chiavenna, Valtellina e Bormio e os vizinhos Milão, Veneza e Império Austro-Húngaro.

JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis: Vozes, 2016, p. 233.

⁴⁴⁵ “- auf die Schweiz bezogen - ihre eigene Modernitätskritik in einem Ton, wie er in der zeitgenössischen deutsch-völkischen Bewegung üblich war. Sogennante <Verfallserscheinungen> wie Verweichlichung und Verflachung, Zentralismus und Bürokratie werden zusammengesehen zum Bild der <grossen Schlammwelle der Demokratisierung>, zu der unter vielen andern Übeln auch gehörte, dass <Millionen Menschen sich und Andern zum Fluch lesen und schreiben lernen.>” ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. *Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde*, v. 101, 2001, p. 246.

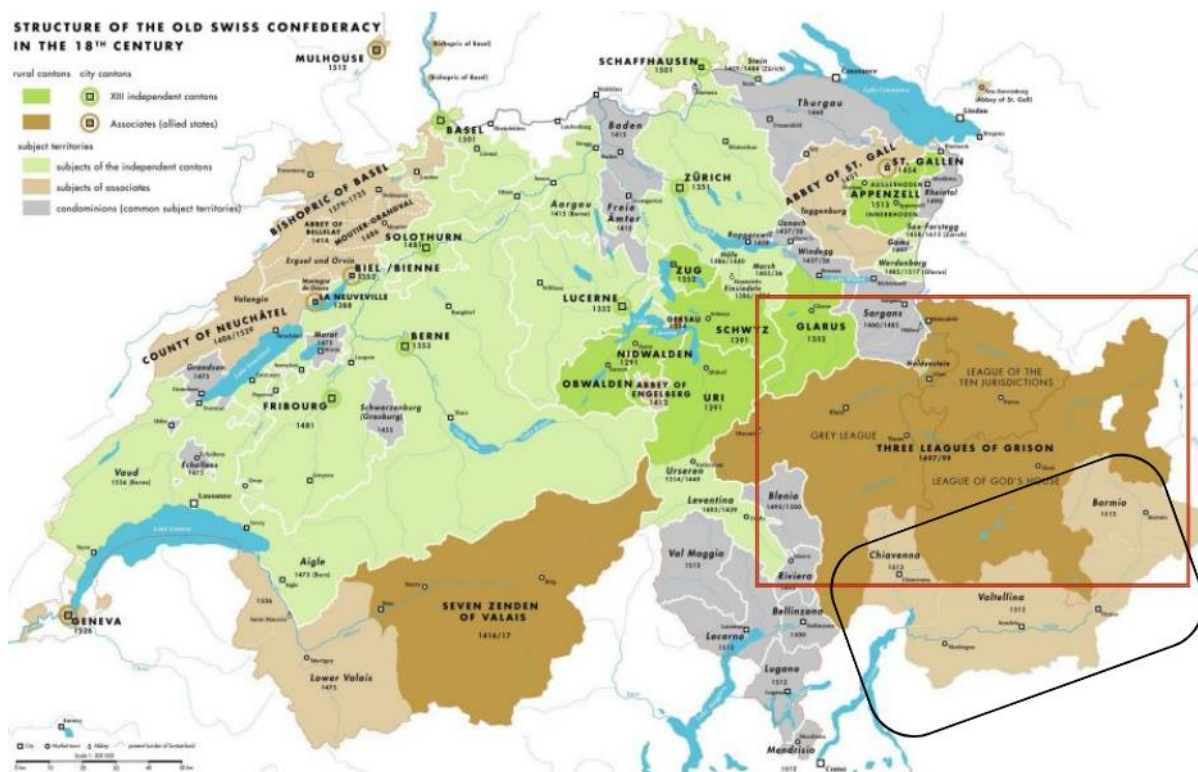
⁴⁴⁶ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsches. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 16.

⁴⁴⁷ *Ibidem*, p. 16. De acordo com o dicionário, atavismo é um termo empregado na biologia, que assume o sentido figurativo de “Herança de características (psicológicas, intelectuais e comportamentais) dos antepassados”. MICHAELIS. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Atavismo. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atavismo>.

⁴⁴⁸ “Bis vor Kurzem hat der Graubünden ein individuell besonders stark ausgeprägtes Wesen besessen. Seitdem das intellektuelle und soziale Proletariat im schweizerischen öffentlichen Leben massgebend geworden ist und die Bürokratie im Gefolge der Centralisation auch in unserem Kanton ihre unheilvollen Einzug gehalten hat, tritt das Eigenartige der Lebensanschauung und -führung mehr und mehr zurück.” SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 15-16.

cidades fortificadas”⁴⁵¹. A marcação em quadrado indica Grisões, localizado a Oeste da Suíça, e a outra marcação se refere às “terras súditas”.

Figura 5 – Mapa da Antiga Confederação (Suíça) - 1536-1798.⁴⁵²



Fonte: WIKIPEDIA. The Free Encyclopedia. **Old Swiss Confederacy**. s/d. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Early_modern_Switzerland#/media/File:Old_Confederacy_18th_centur.png

Apesar de conflitos internos políticos e religiosos, a Confederação manteve seus aliados para defesa contra as incursões de potências vizinhas⁴⁵³ em diversos momentos. Afinal, localizada no centro da Europa Ocidental, a região esteve entre os interesses de Impérios, Reinos, Principados, Ducados, Cidades-Estados e da Igreja Católica. “A partir da Guerra dos Trinta Anos, durante a Revolução Francesa e até a Restauração, o destino europeu afetou politicamente a região de nascente do Reno [Grisões].”⁴⁵⁴ Por suas particularidades, a aristocracia suíça se formou a partir das famílias patricias, que se consolidaram como cidadãos ainda nos princípios dessas formações, e de uma pequena nobreza, cujos títulos foram

⁴⁵¹ ZIEGLER, Jean. **A Suíça acima de qualquer suspeita**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 94.

⁴⁵² WIKIPEDIA. The Free Encyclopedia. **Old Swiss Confederacy**. s/d. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Early_modern_Switzerland#/media/File:Old_Confederacy_18th_centur.png.

⁴⁵³ SCHNERB, Robert. **O século XIX: o apogeu da civilização europeia**. Coleção “História Geral das Civilizações”. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958.

⁴⁵⁴ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis: Vozes, 2016, p. 233.

provenientes de cortes vizinhas ou pontifícias, além dos títulos militares. Na história suíça, grupo com atuação nessas relações internacionais foram os mercenários. O excedente numérico de homens possibilitou um contingente de emigrantes para servir em exércitos estrangeiros.

Em suma, para as classes dominantes da antiga Confederação, o mercenariato é o instrumento principal de sua política estrangeira. Os filhos “excedentes” das famílias pobres das montanhas da Suíça central morrem, pois, para defender os interesses do rei de França, dos duques da Itália, dos imperadores alemães e, em massa, para o Sumo Pontífice em Roma (notadamente quando do saque de seus tesouros em 1527). Perto do fim do século XVIII, 70.000 Confederados e sujeitos alugados da Confederação são incorporados permanentemente aos exércitos estrangeiros.⁴⁵⁵

O destaque militar abrangeu diversas camadas sociais. Os homens von Salis tiveram notável atuação militar, servindo em vários exércitos, em especial à França, como generais, marechais de guerra e ministros. Com origem na região de Bergell sotto Porta (ao Sul de Grisões, próximo à fronteira com a Itália) no século XIII, depois da emigração para o bispado de Chur (ao Norte de Grisões), a família obteve cidadania já na formação do Estado Livre da comunidade rética e permaneceu fortemente influente até o século XIX, ocupando diversos cargos políticos. “Esta não é uma daquelas famílias que não se destacaram nas ligas, nas cortes da Europa ou nos exércitos do Antigo Regime!”⁴⁵⁶ Além de alguns membros se destacarem na história suíça, como o poeta, capitão e político Johann Gaudenz von Salis-Seewis (1762-1834), a influência no governo era maior do que a das outras famílias até 1829.⁴⁵⁷

Os Salis, sem dúvida, apareceram no XIII século como “servos e vassalos da Igreja de Chur” na relação feudal com a diocese de Chur e, portanto, pertenciam com o governo catedral [Domkapital] e os ministeriales ao conselho constitucional do estado episcopal de Chur. Mais tarde, com o surgimento do Estado Livre completamente democrático das 3 Ligas no início do século XVI. No final do século XIX perderam, como “toda a nobreza ministerial com pouquíssimas exceções, esta posição constitucional e privilégios; mas como a antiga nobreza em geral, os Salis continuam muito fortemente representados nos “mensageiros” do parlamento [Bundestag], nos escritórios, tanto nas terras governantes quanto nas terras dos súditos, nas fileiras militares e especialmente também nas embaixadas. Inúmeras vezes, às vezes por décadas, o Salis ocupou o cargo de pódio e governador de Bergell, ob e sotto Porta e muitas vezes do governador de Samaden, Bivio, Seewis e Grüşch, as quatro aldeias; ocuparam 10 vezes o reduto do senhorio de Maienfeld, cerca de 12 vezes o reduto de Fürstenu; foram 33 vezes Presidente da Associação Casa de Deus 1693-1800 (e 13 vezes 1800-1850); 26 vezes Deputado Federal [Bundeslandmann] 1642 a 1859; 38 vezes Prefeito de Chur 1742-1859; além disso, 16 vezes Presidente do Sindicato (autoridade de supervisão dos funcionários públicos de Valtellina); 25 governadores provinciais (governadores) de Valtellina 1541 — 1797; 20 comissários

⁴⁵⁵ ZIEGLER, Jean. **A Suíça acima de qualquer suspeita**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 94.

⁴⁵⁶ BEERLI, André. **Graubünden/ Grischun**. 42 - Reisevorschläge (Unbekannte Schweiz). Touring-Club der Schweiz, 1955, p. 3.

⁴⁵⁷ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 49-50.

(governadores) de Chiavenna 1512 — 1797; 16 vezes vigário (“juiz de sangue”) de Valtellina e 44 vezes status de pódio nos escritórios de Toglio, Tirano, Trahona e Morbegno em Valtellina e em Plurs e Bormio; eles contaram três generais na Suíça, incluindo um em serviços réticos e 15 coronéis federais ou estaduais da Liga dos Deuses, etc.⁴⁵⁸

Os von Salis e as outras famílias da elite, como os von Planta e os von Sprecher, não apenas acompanharam a trajetória de Grisões, mas a direcionaram. De modo que cabe narrar acontecimentos da história da Suíça a partir desses personagens, principalmente sobre as terras sujeitadas de Valtellina e de Chiavenna. A presente narrativa se atém aos representantes da ramificação Marschlins, uma série de Ulysses, que possuíam grandes propriedades nessas regiões dominadas e foram afetados pelas transformações de fins do século XVIII, como a Revolução Francesa.

Por mais que Meta não tenha descrito tanto sobre seus antecedentes em *Filósofo e nobre*, fez referência à origem geográfica, ao fundador da linhagem e ao castelo para indicar a genealogia do seu “bom sangue”. A família quase dispensava apresentações, por ter sido influente por tanto tempo em cargos políticos e ter propriedades espalhadas pelo cantão, assim como por uma presença no espaço público por meio de periódicos. A própria Meta já era conhecida no espaço público. No entanto, para trabalhar com essa protagonista atualmente, é preciso fazer uma recuperação tanto da história da sua família como da história da Suíça, a fim de identificar os aspectos de nobreza antigos e os aspectos de nobreza na definição nietzschiana.

O complemento ao sobrenome de família refere-se à localidade onde tem direitos de cidadão e propriedades adquiridas. No caso da linhagem Marschlins, o castelo que complementou o sobrenome de Meta foi adquirido em 1633 por Ulysses von Salis⁴⁵⁹ (1594-1674), o marechal do rei francês Luís XIII. “Marschlins é um castelo de água impressionante, ele possui quatro torres organizadas em torno de um pátio”⁴⁶⁰, conforme Figura 5, localizado “onde o Reno, unindo-se ao Rio Landquart, desemboca no amplo vale que o leva até o Lago de Constança”. Esse castelo, assim como outros, tem suas origens medievais e

[...] é, antes de tudo, uma casa, uma residência aristocrática que abriga um homem, que é um senhor, um *dominus*, com sua família, com as pessoas de sua *domus*, parentes, oficiais, familiares, criados. É necessariamente, portanto, uma grande morada: isso já a distingue de outras.⁴⁶¹

⁴⁵⁸ LENDORFF, C. F. **Schweizerisches Geschlechterbuch/ Almanach Généalogique Suisse**. Erster Jahrgang. Basileia: Kommissionsverlag von C. F. Lendorff, 1905, p. 470.

⁴⁵⁹ BERGER, Ric. **Bürgen und Schlösser in der Schweiz I**. Neuenburg: Avanti Club, 1961.

⁴⁶⁰ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis: Vozes, 2016, p. 233.

⁴⁶¹ LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. Vol. I. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 173-174.

Ainda atua como uma demonstração de poder, com funções de proteção e de ofensa.⁴⁶² Logo, um componente basilar do nobre no sentido antigo. A propriedade permaneceu quase 300 anos com a família Salis-Marschlins, até ser vendida por Meta, em 1904, para um parente da linha Salis-Maienfeld.⁴⁶³

Figura 6 – Castelo Marschlins, Igis-Landquart, Grisões (Suíça).



Fonte: TERRA GRISCHUNA: Natur, Kultur und Freizeit in Graubünden, 05/2013.

A venda da propriedade tinha sido mencionada pela autora, pelo menos desde 1886, após a morte do seu pai, a Nietzsche em seus encontros presenciais. Na carta de 1º de janeiro de 1887 – citação presente no livro –, Nietzsche escreveu: “[...] me alegra saber que o castelo Marschlins não foi vendido, embora não seja difícil dizer porquê. Deve-se manter o que é velho: ele nos mantém.”⁴⁶⁴ Em seguida, ainda destacou uma citação de Paul Bourget (1852-1935)⁴⁶⁵:

⁴⁶² LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. Vol. I. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 173-174.

⁴⁶³ STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit**: Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988, p. 247.

⁴⁶⁴ “[...] dass Schloss Marschlins nicht verkauft ist, mich gefreut zu hören, obwohl es mir schwer fallen möchte, zu sagen, warum. Man soll sein Altes alten: es hält uns.” *Apud*: SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 34. Carta a Meta von Salis de 1º de janeiro de 1887 [eKGWB/BVN-1887,786].

⁴⁶⁵ Paul Bourget (1852-1935) foi um escritor francês com obras de teor psicológico, como “Novos ensaios de psicologia contemporânea” e “Sensações da Itália”.

“[...] nosso mundo moderno, que está se tornando cada vez mais improvisado e espontâneo”⁴⁶⁶, quer dizer, não se deveria seguir o rumo progressista-liberal do mundo, mas conservar aspectos da velha ordem. O filósofo teria comentado com von Salis sobre seu interesse em conhecer mais do fundador da linhagem Marschlins, o marechal Ulysses:

Não é de estranhar que um pensador, para quem o problema da criação era tão importante, se interessasse por uma linhagem que desempenhou um papel importante em tempos turbulentos de um país importante por sua localização geográfica⁴⁶⁷. [...] “Eu admiro homens que sabem conduzir a espada e a pena”, ele disse.⁴⁶⁸

A ideia da espada e da pena remete a uma noção de homem que abarca a força, não somente física, e o espírito, no sentido de detentor de cultura letrada e de sensibilidade. Elementos que podem parecer contrários, porém são complementares. Pode inclusive remeter ao que Nietzsche definiu como “graça”, ao comentar sobre a sociabilidade: “a posse da força e da leveza num mesmo gesto, ou o esforço existente por trás de um gesto aparentemente tão leve.”⁴⁶⁹ Essa figura militar pode representar alguns aspectos analisados neste estudo, como a honra, a disciplina e as superações, também a sensibilidade das letras para levar “a cultura dos homens superiores ao mundo”.

Além disso, para Nietzsche, é imprescindível que haja um trabalho acumulado entre gerações para existirem os indivíduos “elevados”. Talvez, nesse ponto, a família von Salis, pelas descrições de Meta, funcione como exemplar e até ilustrativa das ideias nietzschianas, já que o filósofo teve menos elementos para construir a árvore genealógica de sua própria família. Deve-se manter atenção à narrativa autobiográfica de Meta em *Para compreensão* (1984) e em *Filósofo e nobre* (1897) (ver item 3.2 Entre Nietzsche e von Salis: a nobreza).

Na época do marechal, houve uma nova dominação por grisões, que haviam acabado de se livrar de poderes estrangeiros austríacos e franceses, sobre os territórios de Valtellina, Bormio e Chiavenna. O acordo de controle grisão da região foi assinado com vizinhos e a Igreja Católica. Passados muitos anos, outro Ulysses (1728-1800), o Ministro a serviço da França,

⁴⁶⁶ “[...] notre monde moderne, quis se fait de plus en plus improvisateur et spontané.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 34.

⁴⁶⁷ “Dass sich ein Denker, für den das Problem der Züchtung so wichtig war, für ein Geschlecht interessierte, welches in einem durch seine geographische Lage bedeutend gewesenen Lande in bewegten Zeiten eine Rolle gespielt hat, ist nicht zu verwundern.” *Ibidem*, p. 33.

⁴⁶⁸ “‘Mir gefallen Männer, die den Degen und die Feder zu führen wissen’, sagte er.” *Ibidem*, p. 34.

⁴⁶⁹ SILVA, Vitor Henriques Marques da. **A filiação de Nietzsche ao Iluminismo**: uma revisão do lugar do seu pensamento na historiografia contemporânea. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2020, p. 145. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6402/2/2020%20-%20Vitor%20Henriques%20Marques%20da%20Silva.pdf>.

teve a vida marcada por sua relação com as terras dominadas. Ele ficou conhecido por sua atuação pela educação e questões escolares em um instituto para jovens aristocratas⁴⁷⁰, que funcionou no castelo Marschlins entre 1772 e 1777 em nome da Filantropia (*Philantropin*)⁴⁷¹. Ele “se inflamava por tudo que é belo, alto, pela liberdade e pela dignidade humana, que se embriagava com o hino da humanidade, o entusiasmo do século”⁴⁷².

O ministro esteve em contato com defensores do Iluminismo e da pedagogia na Suíça e na Alemanha. Em uma viagem para Dessau, encontrou Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) em Weimar. A visita está mencionada no livro “Poesia e Verdade”, em que o autor diz: “Recebemos também a visita do Sr. von Salis, que naquela ocasião fundava um grande instituto em Marschlins. Era um homem grave e sábio.”⁴⁷³ Quando Goethe passou por Marschlins em 1788, o instituto já estava morto e vazio, por causa das revoltas populares em Grisões e nas terras dominadas, o que resultou no confisco de bens e no banimento de Ulysses von Salis.

O final do século XVIII trouxe tempos turbulentos, uma torrente de lutas apaixonadas do partido Grisão, uma alta revolta popular. Os «blasfemadores do Estado» deviam ser combatidos. Um “tribunal imparcial” puniu os oponentes por supostos ataques violentos, recebimento de pensões secretas e outras más condutas. As famílias Salis em particular foram perseguidas, sendo o caso do ministro de Salis o mais severo e injusto. Com base em acusações justificadas e não comprovadas, o tribunal condenou-o ao confisco de todos os seus bens e baniou-o para sempre.⁴⁷⁴

Herdando Marschlins endividada, Carl Ulysses (1760-1818) ocupou cargos políticos na região e desempenhou funções intelectuais ao ser membro de associações de agricultura, economia e ciências naturais. Casou-se com Anna Paula von Salis-Seewis (1773-1840), de quem a herança não ajudou a socorrer a situação financeira deixada pelo confisco, pela falha do instituto e pela perda das terras de Valtellina.⁴⁷⁵ A ideia de liberdade, que circulava pela Europa, afetou particularmente as áreas que não eram politicamente livres, como as áreas sob domínio patricio. Entre 1797 e 1803, houve a invasão e as guerras napoleônicas, auxiliando na revolta dessas terras e resultando no fim do domínio de Grisões. O Estado Helvético, mediado por Napoleão, “só conseguiu sobreviver por um curto período na estrutura profundamente

⁴⁷⁰ Em 1928, recuperando essa memória, fundaram um instituto para meninas, o Töchter-Institut Schloss Marschlins.

⁴⁷¹ FETZ, Reto. *Seminare für junge Adelige. Terra Grischuna: Natur, Kultur und Freizeit in Graubünden*, 05/2013, p. 40-44.

⁴⁷² SCHMID, Martin. Marschlins. In: *Idem et al. Graubündens Schlösser und Paläste*. 1. Teil. Chur, Suíça: Calven, 1969, p. 10.

⁴⁷³ GOETHE, Johann W. v. *Memórias: Poesia e verdade*. 2. v. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 505.

⁴⁷⁴ SCHMID, *op. cit.*, p. 13.

⁴⁷⁵ *Ibidem*, p. 16.

federal de uma Suíça”: de 1798 até 1803.⁴⁷⁶ Somente após a centralização e demarcação de fronteiras por Napoleão Bonaparte (1769-1821), Grisões se tornou um cantão suíço e abandonou o caráter de Estado livre.

Na brochura *Para compreensão: uma tentativa* (1894), Meta escreveu sobre sua ancestralidade, destacando as “injustiças” cometidas contra alguns de seus antecedentes, como o bisavô Ulysses, o Ministro, e seu avô Carl Ulysses, que haviam “se sacrificado por suas crenças” – possivelmente em valores “elevados”, também passível de atribuir o comentário de Nietzsche de que é a “fé” que fixa a hierarquia “para retomar uma velha fórmula religiosa num sentido novo e mais profundo: [...] A alma aristocrática tem respeito por si”⁴⁷⁷.

O último, Ulysses Adalbert (1795-1886), pai de Meta, “também era um estudioso, dedicado aos estudos botânicos, meteorológicos, filológicos”⁴⁷⁸. Estudou Direito na Universidade de Tübingen, antes de ingressar como funcionário público em Württemberg (estado-região alemã) e depois teve uma carreira militar na França.⁴⁷⁹ Da sua inserção na intelectualidade, uma carta guardada em seu arquivo familiar se destaca por causa do remetente: Arthur de Gobineau⁴⁸⁰. Conhecido por sua obra “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1855), o francês Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) “emprestava sua erudição tanto a trabalhos literários como a poesia, romances, novelas e também a antropologia social, e, já em idade avançada, passou a atuar como escultor, produzindo algumas obras por encomenda do imperador brasileiro”. Em sua obra mais conhecida, defendeu a tese de que a razão da ascensão e queda de “grandes civilizações” seria a questão étnica. “Esse fato se dava porque uma raça originalmente pura ao misturar-se com outras se tornava degenerada, perdia as suas qualidades essenciais, levando essa civilização ao declínio.”⁴⁸¹

O papel da carta sugere uma possível visita oficial, por indicar “Legation de France en Suisse”, tendo Gobineau atuado como diplomata por anos, inclusive no Brasil. O conteúdo da missiva para Ulysses é de teor intelectual, já que nela Gobineau agradeceu uma referência bibliográfica. Trata-se de uma resposta, o que indica que Ulysses havia encaminhado uma carta anteriormente. As evidências da comunicação, desvendadas com dificuldades a partir da

⁴⁷⁶ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 45.

⁴⁷⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre política**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008, p. 315.

⁴⁷⁸ SCHMID, Martin. Marschlins. In: *Idem et al. Graubündens Schlösser und Paläste*. 1. Teil. Chur, Suíça: Calven, 1969, p. 17.

⁴⁷⁹ MEILIER, *op. cit.*, p. 20.

⁴⁸⁰ Carta do Conde Arthur de Gobineau de 13 de janeiro de 1850. StAGR D VI MA VII.J. Archiv v. Salis-Marschlins. Dauer depositum des Familienverbandes der von Salis. Staatsarchiv Graubünden.

⁴⁸¹ SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan./jun. 2013, p. 23. Disponível em: https://www.sbhcc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=993.

transcrição paleográfica e da tradução do francês, apontam para a brochura do Conte Giovanelli, possivelmente Conte Benedetto Giovanelli (Trento, 1776-1846), que escreveu obras sobre a população que habitou as terras das regiões alpinas nas eras pré-romana e romana. Não se pode identificar a qual obra de Giovanelli se refere.⁴⁸² Também há comentários, na carta, sobre o idioma romanche (um dos quatro oficiais da Suíça nos dias atuais) em comparação à linguagem dos antigos habitantes da Itália. Gobineau ainda mencionou ter escrito para outra pessoa, o que se supõe ser um conhecido de ambos, o “Sr. ch. de Mohr”, que não pode ser identificado. Essa manifestação de estudos sobre grupos antigos e suas línguas alinha-se às teses do intelectual francês, principalmente pelo fato de o Império Romano ser considerado uma “grande civilização”.

A correspondência entre esses intelectuais exemplifica as trocas de referências e o estabelecimento de redes. No caso, a relação direta entre Ulysses von Salis e Gobineau se destaca pela contribuição que Meta daria às obras de Gobineau, mesmo anos após o falecimento dele. Na década de 1880, havia pouca recepção da obra de Gobineau na Alemanha, por isso surgiu um projeto de recuperação das “obras esquecidas de Gobineau” a partir da tradução do francês para o alemão e da fundação da Associação Alemã-Gobineau, em 1894. Meta von Salis se tornou apoiadora por volta de 1901, contribuindo financeiramente para as publicações. Também se mostrou uma leitora dele ao utilizar uma citação na abertura de seu livro de poemas “Aristokratika” (1902): “A independência da minha mente, a mais plena liberdade nas minhas opiniões são os privilégios inabaláveis das minhas nobres origens. O céu me deu isso em meu berço e vou mantê-lo enquanto viver.”⁴⁸³

O envolvimento de Meta com membros da Associação Alemã-Gobineau, analisado por meio das correspondências trocadas e visitas, pode ser visto de modo um tanto surpreendente, ao se considerar o antifeminismo disseminado pelo grupo, ou seja, completamente contrário à emancipação das mulheres, o que Meta defendia. Em conjunto havia o antissemitismo, do qual Meta pareceu se distanciar em trechos de *Filósofo e nobre* (1897), porém é possível que tenha se aproximado nos anos seguintes, já que há estudiosos que lhe atribuem um “virulento antissemitismo”⁴⁸⁴, e a rejeição à social-democracia, que costumava estar presente nos seus escritos.

⁴⁸² CAGOL, Franco. Benedetto Giovanelli. *Società di Studi Trentini di Scienze Storiche*, s/d. Disponível em: <https://www.studitrentini.eu/benedetto-giovanelli/>.

⁴⁸³ ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. *Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde*, v. 101, 2001, p. 251.

⁴⁸⁴ BOLLINGER, Andrea. Frauenwahlrecht und Edelmenschen. Meta von Salis – das Dilemma einer konservativen Feministin. *Neue Zürcher Zeitung*, 26 fev. 2005. Disponível em: <https://www.nzz.ch/articleCME8Q-ld.334101>. Acesso em: 6 dez. 2023.

Uma questão de ressalva seria o momento em que von Salis teve conhecimento da obra de Arthur de Gobineau, pois afirma-se que seria por volta da virada do século – do XIX para XX. Entretanto, ao se recuperar a carta que evidencia um contato direto entre seu pai e o intelectual francês, é possível suspeitar de que o nome, pelo menos, não fosse de todo desconhecido. Talvez não se consiga precisar a data, porém se encontram aspectos étnicos como “justificativa” para diferenciação e hierarquização social em diversos momentos da obra de Meta von Salis, ainda que se perceba certo aumento da centralidade desses aspectos em seus trabalhos do século XX. Sua crítica à decadência da cultura encontrou eco no livro de Gobineau, pois:

No “Essai sur l'Inégalité des Races Humaines” do conde francês Arthur de Gobineau (1816-1882), a história humana é entendida como um processo cujo curso é influenciado pelo que o autor chama de “raça” de grupos étnicos individuais. está determinado. As três raças básicas que ele presumiu, branca, preta e amarela, estão sujeitas a constante mistura. No entanto, a cultura só pode surgir onde existe uma proporção da raça branca, que é considerada a única raça “capaz de cultura” e, portanto, líder, porque a cultura só é possível com a sua participação. No entanto, ao ceder constantemente a sua substância a grupos inferiores, a sua força esgotou-se e está agora ameaçada de extinção.⁴⁸⁵

Cabe mencionar que esses intelectuais – Gobineau e Giovanelli – são referenciados por sua titulação de conde, em relação com Ulysses von Salis, ainda que com título militar de capitão descendente de um barão⁴⁸⁶, também faziam parte de uma elite política e intelectual, o que permite pensar na participação dessa aristocracia na cultura letrada. A fim de se posicionar contra “essa sociedade massificada, formada por indivíduos sem hierarquia ou tradição”, Gobineau publicou escritos que buscavam comprovar seu caráter nobre, ainda que recorrendo a mitologias:

De acordo com um dos biógrafos do conde, a partícula “de” no nome do conde, que caracterizaria sua origem nobre, tão cara a Gobineau, não seria advinda da pia batismal. Talvez por isso ele tenha, aos 55 anos, escrito um romance chamado *Histoire d'Ottar-Jarl*, um viking normando descendente do deus Odin. No citado romance, o próprio Gobineau, por linhagem de sangue aristocrática e cavalheiresca seria descendente direto de Ottar-Jarl.⁴⁸⁷

⁴⁸⁵ ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. **Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde**, v. 101, 2001, p. 247.

⁴⁸⁶ Meta von Salis-Marschlins aparece mencionada como baronesa em alguns textos, como em: PANFILI, Sibilla. *Villa Helios, una delle meravigliose residenze dell'isola di Capri*. **Isola di Capri**, s/d. Disponível em: <https://isoladicapriportal.com/villa-helios-una-delle-meravigliose-residenze-dellisola-di-capri/>. Contudo, não há menções à manutenção do título de barão na linhagem Marschlins.

⁴⁸⁷ SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan./jun. 2013, p. 22. Disponível em: https://www.sbhcc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=993.

Diversas teorias, no século XIX, apresentavam elementos racialistas em suas concepções, sendo comuns nas de cunho aristocrático, e esse é um aspecto crucial do estudo da história das ideias, particularmente no que concerne à relação entre raça, biologia e hierarquia social. Autores como Arthur de Gobineau e Houston Stewart Chamberlain foram expoentes nessa propagação de ideologias racialistas. Esses autores embasavam suas teorias em uma leitura da biologia e da eugenia, promovendo a noção de uma hierarquia inata entre as raças, ideia que servia para alicerçar práticas colonialistas e segregacionistas. O principal a ser assimilado desse contexto histórico é que existiram diversos intelectuais, de diferentes matizes ideológicos, que, mesmo construindo críticas à sociedade, invariavelmente esbarravam em elementos ora racialistas, ora do aristocratismo, como os que aparecem nos escritos de Nietzsche e de Meta – elementos inatos e transmitidos aos descendentes, atavismos que conferem o caráter nobre ou elevado.

A linhagem aristocrática de Meta chegaria ao fim. Aos 52 anos, Ulysses casou-se com sua parente Ursula Margareta (1819-1895), que tinha 28 anos. Sua vida acabou marcada pela perda, ainda na infância, de seus filhos homens, ou seja, do seu herdeiro e responsável pela continuidade da linhagem. Por isso, Meta von Salis foi a última dos Marschlins. Afastando-se ainda mais da família, “ele se tornou um pai rígido, impaciente e provavelmente também injusto com suas filhas Pauline e Meta”⁴⁸⁸. Enquanto uma família, na qual os homens ocupavam, tradicionalmente, cargos políticos e militares, a falta de filhos homens afetava a honra e a manutenção da linhagem.

Cabe destacar duas menções, por Meta von Salis, ao patrimônio material familiar. Em *Para compreensão* (1894) comentou sobre o pai: “[...] retirou-se para suas ciências com orgulhoso desprezo pelos seres humanos e aumentou sua riqueza com extrema parcimônia e prudência, estimando o dinheiro apenas nessa medida, do que torna o homem independente do homem.”⁴⁸⁹ Em *Filósofo e nobre* (1897), ela pareceu se referir a um momento posterior, em que “ele negligenciou os interesses do patrimônio da família porque passaria para mãos femininas, eu já estava na tenra juventude em contraste com meu ambiente doméstico”⁴⁹⁰.

⁴⁸⁸ SCHMID, Martin. Marschlins. In: *Idem et al. Graubündens Schlösser und Paläste*. 1. Teil. Chur, Suíça: Calven, 1969, p. 17.

⁴⁸⁹ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *Zur Verständigung*: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmüller & Meyn, 1894, p. 13.

⁴⁹⁰ “[...] die Interessen des Stammgutes vernachlässigte, weil es in weibliche Hände übergang, befand ich mich schon in zarter Jugend im Gegensatz zu meiner häuslichen Umgebung.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *Philosoph und Edelmensch*: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 17. Também sobre o tema: SCHMID, Martin. Marschlins. In: *Idem et al. Graubündens Schlösser und Paläste*. 1. Teil. Chur, Suíça: Calven, 1969, p. 17. Meta procurou mais sobre o tema do patrimônio familiar no artigo sobre acordos nupciais do passado familiar.

A exposição de seus ancestrais visa cumprir uma função em seu texto: comprovar que se mantiveram fiéis aos seus “valores elevados” e independentes do poder institucionalizado, ainda que tivessem feito parte e houvesse alguma “injustiça” cometida contra eles posteriormente. Assim como von Salis quis mostrar que não se curvou ao poder exercido pelos homens, em especial quando a acusaram de não agir com “boa-fé” no caso Farner-Pfrunder-Salis.⁴⁹¹ Há certo posicionamento dessa família acima das instituições do Estado, que podem ser entendidas como “representantes da cultura decadente”, por não preservarem os “valores elevados”, como a justiça. Também pode-se considerar que a autora atribuiu uma idoneidade à família, um “caráter adequado” para ser governante, inclusive por se manter independente das instituições.

A última dos Marschlins reivindicou uma “herança moral e cultural”, mais do que material. O modo como justificou parte de sua personalidade a partir do que chamou de “atavismo” destaca aspectos de sua época, como a associação das ciências da natureza com as humanidades. Assim, quando mencionou o “tipo rético”, estabeleceu uma relação entre aspectos fisiológicos, psicológicos, comportamentais e morais com a geografia e a cultura em que se inseria. O mesmo pode ser pensado quando recuperou seus antepassados, ao propor uma distinção social para sua família que não se baseava no econômico.

A maior riqueza seria a “elevação do espírito para perpetuar ou recuperar a cultura”. Segundo essa concepção, aqueles que sofreram profundamente saberiam mais que os sábios e os inteligentes, se esses estivessem inseridos no pensamento de rebanho. Conceber a inteligência – que não foi conceitualizada nos escritos de von Salis, porém parece se referir às capacidades mentais separadas da moral – enquanto um elemento de nobreza seria equivocado, pois “não é a inteligência, mas a ancestralidade que está no caminho de entender uma natureza nobre de primeira ordem”⁴⁹². A autora atribuiu um lugar secundário à inteligência, também não se fundamentou nas divisões econômicas da sociedade: “As pessoas de elite são para mim pessoas de todas as classes que, por bondade, pureza de espírito, têm dons espirituais colocados a serviço de objetivos nobres, refinamento, grandeza e assim por diante, o que significa que sobressaem através do caráter. A inteligência é secundária.”⁴⁹³

⁴⁹¹ MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 300.

⁴⁹² “[...] denen nicht die Intelligenz, sondern die Abstammung im Wege steht, eine Edelnatur ersten Ranges zu verstehen.” SALIS-MARSHLINS, Meta von. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmüller & Meyn, 1894, p. 94.

⁴⁹³ “Elitemenschen sind für mich die Menschen aller Stände, die durch Güte, Reinheit der Gesinnung, in den Dienst edler Zieler gestellte Geistesgaben, Vornehmheit, Größe, d. h. durch den Charakter hervorragen. Die Intelligenz ist Nebensache.” *Ibidem*, p. 14-15.

Quando se fala em nobreza, ainda que se reconheçam transformações ao longo do tempo, deve-se atentar para uma conservação secular de valores. No caso, von Salis compreendeu que a distinção social baseada na riqueza material não contemplaria o centro de seu pensamento, pois permitiria uma aproximação com os parvenus, ou arrivistas. Essa distinção entre nobres e arrivistas pode ser localizada no século XIII “como reação diante da ascensão social dos novos ricos”. A literatura da Idade Média condenou o nobre ao luxo e à dissipação, pois, “Para se distinguir dos vulgos, é preciso superá-los, mostrando-se mais generoso do que eles. [...]. O que opõe o cavaleiro ao arrivista? O segundo é avaro, o primeiro é nobre porque gasta alegremente tudo que tem, e porque está coberto de dívidas”⁴⁹⁴.

Já no século XIX, com uma predominância ainda maior do dinheiro, pela ascensão do pensamento liberal, Meta von Salis precisou de mais elementos distintivos para restringir o que seriam as pessoas nobres em seu pensamento, associando-as à conservação da cultura. O pensamento para além da materialidade pressupôs simplicidade, conforme defendido por Meta ao criticar a predominância do dinheiro e do mercado de luxo nos artigos “Sobre simplicidade” (1889) e “Sobre um problema do nosso tempo” (1891) e em *Filósofo e nobre* (1897). Nesse último, citou o seguinte aforismo de Nietzsche:

Se a vida o tratou de maneira realmente predatória e lhe tirou todos os tipos de honras, alegrias, apegos, saúde, posses de todos os tipos, então você pode descobrir depois, depois do primeiro choque de sendo mais rico do que antes. Porque só agora você sabe o que é tão especial para você que nenhuma mão de ladrão pode tocá-lo: e assim você pode sair de todos os saques e confusões com a distinção de um grande proprietário de terras.⁴⁹⁵

A distinção social estabelece uma “classificação coletiva” a partir da apresentação de si e de determinado grupo, que se propõe a negar ou reforçar as distâncias entre camadas sociais. A ordem social resulta de um “confronto de estratégias simbólicas visando mudar a posição pela manipulação das representações da posição”, que ocorre de maneira contínua, podendo ser analisada pela “objetividade das diferenças materiais” e pela “subjatividade das representações”⁴⁹⁶.

Mesmo recusando admitir que as diferenças existam apenas porque os agentes creem ou fazem crer que elas existem, devemos admitir que as diferenças objetivas, inscritas nas propriedades materiais e nos lucros diferenciais que elas trazem, se convertem em

⁴⁹⁴ DUBY, Georges. Senhores e camponeses: homens e estruturas da Idade Média. Teorema, 1989. *Apud*: BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos**, n. 96, jul. 2013, p. 109.

⁴⁹⁵ SALIS-MARSHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 89.

⁴⁹⁶ BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos**, n. 96, jul. 2013, p. 109.

distinções reconhecidas nas e por meio das representações que fazem e que formam delas os agentes.⁴⁹⁷

As práticas e as propriedades podem funcionar como “símbolos de distinção”, quando postas no universo simbólico, de modo a retraduzir “as diferenças econômicas em marcas distintivas, signos de distinção ou em estigmas sociais”⁴⁹⁸, podendo ser “corpo correto, língua, roupa, mobília” ou ainda “castelos ou terras, títulos de propriedade, de nobreza ou de ensino superior”. Esses símbolos “são ainda assim percebidos como atributos inatos de uma ‘distinção natural’” pela “crença coletiva”, o que encerra a justificação dos privilégios e contribui para a legitimação da dominação.

A crença define-se pelo desconhecimento do crédito que ela confere a seu objeto e que contribui para os poderes que esse objeto tem sobre ela, nobreza, notoriedade, prestígio, reputação, honra, renome, ou ainda dom, talento, inteligência, cultura, distinção, gosto - projeções da crença coletiva que a crença crê descobrir na *natureza* de seus objetos.⁴⁹⁹

A intelectual suíça propôs uma justificativa legitimadora de poder para seus antepassados, fundamentando-o na distinção social por “caráter nobre” e “moral elevada” de sua família, aspectos fortemente relacionados ao nascimento, mas ainda passíveis de desenvolvimento por meio de uma disciplina rígida. A disciplina seria a responsável por conferir autonomia e independência de pensamento e posicionamento social, que afastaria a dependência do dinheiro e do luxo ostentatório. Considerar aspectos inatos para distinção social sustenta características fisiológicas e de seleção natural, podendo ser aproximado de teorias racialistas.

3.2 Entre Nietzsche e von Salis: a nobreza

Aproximações teóricas de Friedrich Nietzsche e Meta von Salis-Marschlins aparecem nos escritos da intelectual, ainda que com poucas menções nominais ao filósofo. A amizade, que começou em 1884 com um primeiro encontro presencial em Zurique, foi marcante para ambos. Meta von Salis encontrou uma referência fundamental para seu pensamento, e Nietzsche, além de uma amiga, uma apoiadora de seu trabalho. A relação é detalhada no livro *Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche*, de 1897.

⁴⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos*, n. 96, jul. 2013, p. 111

⁴⁹⁸ *Ibidem*, p. 112.

⁴⁹⁹ *Ibidem*, p. 114.

Caracterizar Meta como amiga de Friedrich Nietzsche gera o questionamento sobre o que seria uma amizade no século XIX, ainda mais uma entre um homem e uma mulher. Há uma história da amizade como “invocação” (*Anrufung*) e há amizades na história. Quando se fala de itinerários, gerações e redes de sociabilidade de intelectuais, não se deve pressupor que sejam limitados ao racional e ao profissional, pois há afinidades, afetos e desafetos, quer dizer, há presença do âmbito emocional. Entretanto, as amizades podem conter significado político, já que comportam o significado de conexão entre livres e iguais. Rastreando discursos sobre amizade, Nietzsche diz que: “Há companheirismo: que haja amizade”⁵⁰⁰, num sentido de não existir amizade ainda. Outros pensadores também localizam a amizade no futuro, como Derrida com “experiência da espera, da promessa ou da obrigação”, que mantém relações com o passado, mas nunca está no presente. Podendo ser entendida como “esperança (*Hoffnung*) e melancolia (*Melancholie*)”⁵⁰¹.

Dentro desses textos, o “amigo” de von Salis, Nietzsche, escreveu em “Assim falou Zaratustra” (1891) que as mulheres não eram capazes de ter amizades por estarem numa situação de igualdade, já que “na amizade, não se pretende nenhum igualamento, pois a verdadeira igualdade é aquela que reconhece a pura desigualdade das posições”⁵⁰². “Por muito tempo houve um escravo e um tirano escondido na mulher. Por isso a mulher ainda não é capaz de amizade: ela só conhece o amor.”⁵⁰³ Ao usar “ainda não”, o filósofo abria uma possibilidade de no futuro existir. A noção de amizade no século XIX pode ser percebida em relação ao conceito de amor do romantismo, pois a “verdadeira felicidade” estaria no amor em vez de na amizade. Pensamento que Nietzsche criticou ao atribuir importância à amizade, enquanto crítica à moral da paixão e à “modernidade”, estando relacionada com a perspectiva de autossuperação de si.⁵⁰⁴ Meta von Salis, não se dedicando ao amor romântico, teve a amizade como um “valor elevado” em sua vida, inclusive defendendo a possibilidade dessa relação entre homem e mulher.

Já que, nesse verão [1887], ela [Meta] e sua amiga [Hedwig] eram as únicas pessoas mais próximas de Nietzsche em Sils, de cuja companhia ele gostava, o convívio com elas foi bastante intenso, tão intenso que logo se espalhou o boato de um casamento

⁵⁰⁰ “Es gibt Kameradschaft: möge es Freundschaft geben!”

⁵⁰¹ ARNI, Caroline. *Jahrhunderte der Freundschaft - ein Essay*. In: STIEHLER, Steve (org.). **Zur Zukunft der Freundschaft: Freundschaft zwischen Idealisierung und Auflösung** [Para o futuro da amizade]. Berlin: Frank&Timme, 2019, p. 19-32.

⁵⁰² OLIVEIRA, Jelson R. de. A amizade para Nietzsche: uma arena de mal entendidos. **Philosophos**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 315-342, jul./dez. 2011.

⁵⁰³ “Allzulange war im Weibe ein Sklave und ein Tyrann versteckt. Deshalb ist das Weib noch nicht der Freundschaft fähig: es kennt nur die Liebe.” *Ibidem*.

⁵⁰⁴ *Ibidem*.

iminente de Nietzsche e Meta von Salis. Meta von Salis ficou tão irritada com o fato de que: “mulheres conseguem ver uma amizade entre homem e mulher apenas sob esta perspectiva”. Ela acreditava que Nietzsche nunca ficou sabendo desses boatos ridículos, pelo menos nunca foi tema de suas conversas. Nada perturbou as sete semanas de convívio intelectual em alto nível, e Meta von Salis nos deixou suas valiosas lembranças desse tempo.⁵⁰⁵

Conforme indicado no título de seu livro, *Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche*, de 1897, von Salis escreveu uma contribuição para caracterizar o filósofo Friedrich Nietzsche, cuja amizade e ideias tiveram impacto em sua concepção de mundo. O livro, publicado em Leipzig, Alemanha, pela editora C. G. Naumann⁵⁰⁶, mesma editora de diversos livros de Nietzsche como autor ou objeto, teve maior alcance e destaque na produção de von Salis, justamente por se centrar no renomado filósofo. Aliás, superou a contemporaneidade de sua produção e continuou sendo lido por estudiosos de Nietzsche até os dias atuais. Embora ela já fosse reconhecida como intelectual antes dessa publicação, por sua atuação em periódicos e associações filantrópicas, *Filósofo e nobre* (1897) teria um maior potencial de perpetuar sua memória – enquanto aristocrata e intelectual – por estar vinculado a um projeto mais amplo de memória do filósofo.

Com o objetivo de preservar uma memória de Nietzsche enquanto nobre e “homem superior”, a ideia de escrever o livro surgiu num contexto de contato com a irmã do filósofo, Elisabeth Foerster-Nietzsche, e o editor C. G. Naumann. “Ela se decidiu a escrever um livro sobre seu relacionamento com F. N., sobre a influência que ele pessoalmente e também em escritos teve e ainda tinha”⁵⁰⁷. A partir de 1893, Elisabeth Foerster-Nietzsche começou a montar o arquivo pessoal do filósofo e, entre 1891 e 1898, publicou a biografia em três livros “A vida de Friedrich Nietzsche” (“*Das Leben Friedrich Nietzsche's*”), pela editora de Naumann, cuja “saúde financeira dependia extremamente dos textos de Nietzsche”⁵⁰⁸. No mesmo ano do início do Arquivo-Nietzsche, Elisabeth retomou o contato com von Salis por cartas e alguns encontros para pedir diversos auxílios, em especial financeiros.⁵⁰⁹ Esse projeto

⁵⁰⁵ JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis: Vozes, 2016, p. 401.

⁵⁰⁶ Ao final, são indicadas outras publicações da mesma editora: “*Das Leben von Friedrich Nietzsche's*”, por Elisabeth Förster-Nietzsche, “*Von Darwin bis Nietzsche*” e “*Deutsche Lyrik von Heute und Morgen*”, por Dr. Alexander Tille.

⁵⁰⁷ Do original: “Sie hatte sich entschlossen, ein Buch über ihre Begegnung mit F. N. zu verfassen, über den Einfluss, den er persönlich, aber auch seine Schriften auf sie hatten und noch haben.” MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005, p. 332.

⁵⁰⁸ YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

⁵⁰⁹ O projeto do Arquivo-Nietzsche, dirigido por Elisabeth Foerster-Nietzsche, envolveu vários amigos do filósofo e uma proposta ambiciosa, pois Elisabeth resolveu transferir o arquivo de Naumburg para Weimar, cidade em que havia os Arquivos de Goethe e de Schiller, uma maneira de equiparar Nietzsche aos dois. Meta von Salis teve uma importante participação na compra da casa que se tornou o arquivo.

de memória para o filósofo, encabeçado pela irmã e apoiado por von Salis e outros amigos, reforçou sua fama enquanto “gênio” e, posteriormente, como símbolo nacional alemão, equiparado a Goethe e Schiller.

Dentro desse contexto, é preciso se ater à participação da editora nesse projeto de memória, o que possibilitou a publicação do livro de von Salis. A autora conseguiria se inserir no espaço público com maior alcance, o que pode ter sido utilizado como estratégia para manifestar suas próprias ideias, principalmente aquelas divergentes de Nietzsche. Além disso, outra possível estratégia para legitimidade foi utilizar uma narrativa autobiográfica, que revelava sua convivência íntima com o filósofo e construiu sua própria memória enquanto aristocrata e intelectual. Os escritos biográficos ou autobiográficos circulavam pelo mercado editorial no período, entretanto, o livro parece ocultar esse teor de escrita de si em um primeiro momento.

Meta von Salis-Marschlins não teve como objetivo escrever uma biografia propriamente dita, pois fez uma menção elogiosa à biografia escrita por Elisabeth Foerster-Nietzsche, em que diz se tratar de uma biografia íntima, que formou uma obra-prima amorosa, fortemente subjetiva e criou um “retrato verdadeiro”. A partir desse ponto, von Salis apresentou a própria escrita como subjetiva e, de certo modo, fez um chamado: “[...] para quem conheceu Nietzsche de perto depois de 1879, é quase uma obrigação fazer um testemunho sobre ele.”⁵¹⁰ O período depois de 1879 corresponde ao de maior atuação de Nietzsche, de suas publicações, e a memória do filósofo deveria ser fundamentada no legado cultural deixado, não pelos acontecimentos de sua vida, com destaque para sua saúde. Percebe-se a admiração e a preocupação com o legado do filósofo, que havia sofrido um “colapso mental” no começo de 1889 e viveu recluso até o fim da vida, em 1900. Justamente para cumprir sua obrigação de testemunho, von Salis escreveu sua contribuição biográfica, que não se resume a uma apresentação de acontecimentos, mas parte de um projeto bem delimitado, conforme indicado em seus objetivos:

Subjetiva é também a minha escrita. Eu não me esforcei para fazer diferente disso. Deixe ela te mostrar, que Nietzsche causou um forte impacto em mim e o mais claro possível, o que eu vi nele e qual significado convém a ele enquanto nobre e filósofo do aristocratismo aos meus olhos para a parte da humanidade digna de futuro.⁵¹¹

⁵¹⁰ “Angesichts dieser Sachlage ist es für Jeden, der Nietzsche nach 1879 näher kannte, beinahe Pflicht, Zeugnis über ihn abzulegen.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 4. O ano de 1879 parece ter representado um marco na vida do filósofo e de sua obra.

⁵¹¹ Tradução livre de: “Subjektiv ist auch meine Schrift. Ich habe mich gar nicht bemüht, sie anders zu halten. Soll sie doch eben darthun, dass Nietzsche stark auf mich gewirkt hat und möglichst deutlich machen, was ich in ihm gesehen habe und welche Bedeutung ihm als Edelmenschen und Philosophen des Aristokratismus in meinen

A proposta da autora, exposta na introdução do livro, possui dois pontos centrais, que confluem: o esclarecimento da confusão acerca do conceito de aristocracia na perspectiva nietzschiana (*die Begriffsverwirrung über die Aristokratie*) e o conhecimento da personalidade do filósofo como condição para a compreensão de suas ideias⁵¹², que corroboraram essa crítica que fez ao contexto suíço e europeu a partir da defesa do aristocratismo. O traçado da personalidade do filósofo, assim como o esclarecimento do conceito de aristocracia resultam na construção de Nietzsche nobre, mesmo tendo como origem uma família de pastor⁵¹³, sem títulos nobiliárquicos ou muitas posses. Ao longo de suas 110 páginas, Meta von Salis não corresponde apenas à autora e à narradora, constitui-se enquanto uma protagonista, que encontra com o filósofo ao longo de sete capítulos.

Compreender a forma narrativa de von Salis se faz necessário por ser um elemento da estratégia para empregar legitimidade e verossimilhança ao texto. Portanto, ao se identificar o narrador e o personagem principal do livro com o autor, que é o referente fora do texto, tem-se uma definição de autobiografia⁵¹⁴: “[...] resulta que a autobiografia é principalmente uma narrativa (*récit*), com perspectiva retrospectiva e cujo assunto tratado é a vida individual; e implica necessariamente a identidade entre autor, narrador e personagem.”⁵¹⁵ Devido à perspectiva retrospectiva, entre a autora e a personagem existe apenas semelhança, pois houve uma distância temporal do enunciado e dos acontecimentos. Justamente para, de algum modo, superar possíveis falhas, esquecimentos e omissões, o elemento fundamental para uma autobiografia seria o pacto com o leitor, com um quê de “sinceridade”, de assumir que se trata de um escrito de si, limitado pela própria memória e por outros elementos sociais e intenções. Assume-se também a narração em primeira pessoa, afirmada por von Salis como um recurso

Augen für den Theil Menschheit, der einer Zukunft werth ist, zukommt.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 4.

⁵¹² “[...] ist die Kenntniss seiner Persönlichkeit eine wesentliche Voraussetzung zum Verständniss seiner Ideen.” *Ibidem*, p. 3.

⁵¹³ Mayer afirma que: “Pessoalmente, Nietzsche não estava acima das pretensões aristocráticas, a começar pela sua dúbia reivindicação de uma ascendência polonesa nobre. Admirava o seu pai por ter sido o preceptor das quatro princesas da Casa Sachsen-Altenburg e ter sido investido como pastor pelo rei Frederico Guilherme IV, em cujo aniversário Nietzsche nasceu e cujo ‘nome Hohenzollern’ sustentava com orgulho.” MAYER, Arno. **A força da tradição**: a persistência do antigo regime, 1848-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 277.

⁵¹⁴ Apesar de o livro de Meta von Salis apresentar uma proximidade com a noção moderna de autobiografia, cujo modelo seria “As Confissões” (1782), de Jean-Jacques Rousseau, alguns estudiosos poderiam caracterizá-lo enquanto outro gênero. Georges May distinguia autobiografia de biografia, memórias, crônicas, diários íntimos e romances, enquanto Philippe Lejeune rompeu com essas fronteiras, concentrando-se em um elemento fundamental para autobiografia: o pacto com o leitor.

⁵¹⁵ ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 76.

para a construção de uma imagem de si, pois, “se alguém se põe a escrever uma autobiografia, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese”⁵¹⁶.

Devido à sua narrativa autobiográfica e, portanto, autocentrada, Nietzsche surgiu como um personagem sob o olhar de von Salis, sendo apresentado em um estrito recorte temporal, de 1879 a 1888. A estrutura do texto parte do que Meta von Salis sabia de Nietzsche antes de se conhecerem pessoalmente, apresentado na introdução, devido ao “círculo” social comum, em que conheceu antes amigos, a mãe e a irmã do filósofo. O livro segue uma ordem cronológica baseada nos encontros presenciais entre von Salis e Nietzsche entre 1884 e 1888, cada capítulo representa um encontro, com exceção dos dois últimos, que discutem a obra e os conceitos da filosofia nietzschiana. Em 1884, o encontro ocorreu em Zurique, depois foram as semanas de verão passadas em Sils-Maria em três anos consecutivos, de 1886 a 1888. A Suíça corresponde ao espaço central do relacionamento com Nietzsche e da vida de von Salis, porém se devem considerar as relações com Alemanha, Itália e França, em especial as regiões de Sils-Maria, Zurique, Basel, Naumburg, Turim, Capri e Nice.

Em seu livro *Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche*, de 1897, Meta von Salis, para começar a descrever a aristocracia, afirma haver uma confusão com a partícula “von”, referente aos nobres, a qual “alguns confundem com o conceito antigo de nobreza, outros com o das classes proprietárias de hoje [1897]. A definição do tipo nos escritos de Nietzsche é inexistente para eles”⁵¹⁷. Propondo uma recuperação desses escritos, von Salis justificou que a falsa compreensão dos escritos nietzschianos ocorreu por ser um texto “forte, extraordinário, novo, como é a Bíblia, ou Goethe, Shakespeare ou Michelangelo”, que não deve estar em mãos medíocres. “Nas mãos de muitos, Nietzsche nunca desejou ver seus livros.”⁵¹⁸ A leitura e, especialmente, a compreensão de Nietzsche deveria ser algo para poucos, pois sua densidade não poderia, segundo von Salis, ser captada pela mediocridade.

A incompreensão seria um caráter intrínseco à obra nietzschiana, pois não se destina a todos, como pode ser observado na passagem em que Nietzsche disse observar com diversão os olhares de moradores de Sils-Maria sobre ele, chamado na imprensa por “perigoso dinamite”⁵¹⁹. Também a compreensão da personalidade do filósofo seria uma condição

⁵¹⁶ ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 78.

⁵¹⁷ “Ohne zu prüfen, was derselbe im Munde seines Verkündigers bedeutet, verwechseln ihn die Einen mit dem früheren Begriff des Adels, die Anderen mit dem der besitzenden Klassen von heute. Die Bestimmung des Typus in Nietzsche's Schriften ist für sie anscheinend nicht vorhanden.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 2.

⁵¹⁸ *Ibidem*, p. 3.

⁵¹⁹ “Durante a temporada de verão, quando as resenhas equivocadas conseguiam chegar até Sils e o médico, o professor e o pastor, com os quais Nietzsche costumava conversar na cafeteria, os liam, ele se alegrava com falta

essencial para entender suas ideias, por isso a importância de recuperá-lo enquanto o homem que formulou o pensador. Já questionando as ideias sobre a aristocracia: “Quantos deles [seguidores de Nietzsche], que agora se vangloriam com o nome dele, estão conscientes de que seu nobre tem como base as premissas de bom sangue, rígida disciplina e uma série de superações?”⁵²⁰ A autora afirmou que ela mesma não entenderia os escritos nietzschianos se tivesse os conhecidos anteriormente⁵²¹ e agradeceu ao seu destino por isso não ter acontecido.

Ao se considerar que a “nobreza” em Nietzsche, de acordo com von Salis, surgia a partir dessas premissas, supõe-se encontrá-las no livro que considerou o filósofo nobre, de um modo que articulassem a vida com os escritos. A primeira premissa, o “bom sangue”, passa quase despercebida, são poucas e rápidas as menções à família dele: mãe e irmã. Talvez seja um elemento subentendido pelos contemporâneos, e von Salis poderia saber que Nietzsche alegava uma ascendência nobre de origem polonesa e relações com meios aristocráticos, conforme escreveu em carta a Georg Brandes (1842-1927):

Meus ancestrais eram nobres poloneses (Niezky); parece que o tipo está bem preservado, apesar de três "mães" alemãs. No estrangeiro sou normalmente considerado polaco; Neste inverno, fui incluído na lista de estrangeiros comme Polonais de Nice. Disseram-me que minha cabeça aparece nas pinturas de Matejko. Minha avó pertencia ao círculo de Willm-Goethe em Weimar; seu irmão tornou-se o sucessor de Herder no cargo de superintendente geral em Weimar.⁵²²

Em todo caso, a ancestralidade não transparece no livro, o que também poderia ser dito da “rígida disciplina” nos primeiros capítulos. A segunda premissa assumiu importância somente nos capítulos finais, ao ser explicada e associada à vida do filósofo como constituinte da sua personalidade. Por fim, a terceira premissa, a “série de superações”, mesmo sem se pautar

de curiosidade impertinente desses senhores e se divertia quando o observavam discretamente para ver se conseguiam detectar o ‘perigoso dinamite’.” JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis: Vozes, 2016, p. 366. Também em: SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 27.

⁵²⁰ “Wie viele derer, der sich jetzt mit seinem Namen brüsten, sind sich bewusst, dass seim Edelmensch auf den Prämissen guten Blutes, strenger Zucht und einer Kette von Überwindungen fusst?” *Ibidem*, p. 2.

⁵²¹ A autora menciona que não teria conseguido compreender Nietzsche aos 23 anos. Parece ter lido cerca de três anos depois, aos 26 anos, após conversas com o pintor dalmácio Robert Rascovich. *Ibidem*, p. 7, 10.

⁵²² “Meine Vorfahren waren polnische Edelleute (Niëzky); es scheint, dass der Typus gut erhalten ist, trotz dreier deutscher »Mütter«. Im Auslande gelte ich gewöhnlich als Pole; noch diesen Winter einzeichnete mich die Fremdenliste Nizza's comme Polonais. Man sagt mir, dass mein Kopf auf Bildern Matejko's vorkomme. Meine Grossmutter gehörte zu dem Willm-Goethe'schen Kreise Weimars; ihr Bruder wurde der Nachfolger Herders in der Stellung des Generalsuperintendenten Weimars.” BRANDES, Georg. Friedrich Nietzsche: eine Abhandlung über aristokratischen Radicalismus. In: *Idem. Menschen und Werke: Essays*. Frankfurt am Main: Literarische Anstalt Rütten & Loening, 1894. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/brandes/menschen/chap005.html>. Acesso em: 4 jul. 2023. Carta a Georg Brandes de 10 de abril de 1888 [eKGWB/BVN-1888,1014].

pela descrição de exemplos nominados, apareceu desde a breve apresentação de Nietzsche no início do livro, constituindo-se em uma característica notável.

Qual foi a impressão que eu tive de Nietzsche em 14 de julho de 1884? [...] Nietzsche se chamava ‘Alciônio’⁵²³ [Halkyonier], e os tempos de nosso convívio foram para mim dias alciônios, que estenderam um brilho dourado sobre o resto da minha vida. Já a primeira impressão era incomparável à qualquer anterior. Os traços estranhos, não alemães, de seu rosto correspondiam com sua aparência nada professoral. Uma autoconsciência forte dispensava qualquer pose. O homem, que reconhecia na vaidade um resquício de escravidão, [...] não tinha nada do pedantismo afetado dos estudiosos. A voz baixa suave e melodiosa e sua fala muito tranquila surpreendiam num primeiro momento [...]. Quando um sorriso iluminava seu rosto queimado pelo sol do sul, ele adquiria uma expressão comovente, quase infantil. Seu olhar parecia voltado para dentro [...] ou, refugiado nas profundezas, à procura de algo que já não esperava mais encontrar, mas eram sempre os olhos de uma pessoa que sofrera muito e que, apesar de ter permanecido vitorioso, se ergue com melancolia sobre os abismos da vida. Olhos inesquecíveis, que brilhavam com a liberdade do vencedor, olhos acusadores e entristecidos com o fato de que o sentido e a beleza da terra haviam sido transformados em feiura e insensatez.⁵²⁴

Se, por um lado, as premissas da nobreza não parecem tão marcantes durante o texto todo para Nietzsche, por outro, estão bem evidentes quando von Salis fala de si: de sua família, sua infância, seu posicionamento sobre a questão das mulheres e o movimento delas, sobre a aristocracia, suas leituras, sua formação, suas experiências no trabalho, suas viagens, suas amizades. Ao longo do texto, utilizou marcos pessoais para indicar o período dos encontros, como a morte do pai, a viagem com a mãe, o ingresso na universidade e as provas finais de semestre. Cabe pensar que o texto configura uma autobiografia, tanto no sentido moderno como nas definições que partem do “pacto autobiográfico”. Com uma descrição do cenário (espaço e tempo) desses encontros – o que era uma característica difundida da literatura do século XIX –, toda a narrativa foi construída em torno dessa relação. Aliás, as relações pessoais presentes em todo o livro correspondem à parte constituinte da identidade, portanto, uma noção fundamental para análise. Por ora, a análise se atém aos aspectos vinculados ao aristocratismo, o centro da obra⁵²⁵, para compreender a definição de nobre para von Salis e Nietzsche e de que modo fundamenta a crítica feita pela autora.

⁵²³ Relativo a Dionísio e ao Lago Alciônio, sem fundo, onde Dionísio encontrou o caminho para ir e voltar do Hades.

⁵²⁴ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. *Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's*. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 12-13. *Apud*: JANZ, Curt P. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia. Vol. II - Os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis: Vozes, 2016.

⁵²⁵ Von Salis inseriu seu posicionamento sobre a questão das mulheres junto da narrativa sobre a Suíça e sua infância, família e formação, porém os trechos serão discutidos mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

A definição que Meta von Salis apresentou, e atribuiu à obra de Nietzsche, concebe que o nobre não corresponde à antiga conceituação nem às classes proprietárias⁵²⁶, mas depende das premissas interrelacionadas de “bom sangue, pela rígida disciplina e pela série de superações”. “O sangue é decisivo, apoiado pela disciplina.”⁵²⁷ Sobre a rígida disciplina, Meta von Salis até comentou brevemente sobre sua formação nos institutos para meninas de orientação protestante, porém essa premissa supera os limites de estudos formais, referindo-se a comportamentos em geral. Sobre as superações, há um conjunto de comentários ao longo do livro sobre sua infância, a morte do irmão e o desprezo do pai, o trabalho para comprar sua liberdade, o ingresso na universidade, a questão das mulheres e outros aspectos. A ideia nietzschiana de superação ficou imortalizada na citação “o que não me mata, me fortalece”. Para von Salis, as três premissas podem ser identificadas na personalidade, pois “a filosofia de Nietzsche é a filosofia da personalidade – assim se solucionam as aparentes contradições”⁵²⁸.

Os últimos capítulos do livro, que não descrevem um encontro presencial específico, abordam elementos da filosofia nietzschiana em uma exposição mais nítida da personalidade do homem Nietzsche, que formulou o filósofo. De certo modo, houve uma conclusão para o objetivo de compreender a personalidade como pressuposto para se entender sua filosofia, ainda que a vida não seja um limitante à obra, como em: “Nietzsche conheceu a sujeira apenas por ouvir falar, não experienciou ele mesmo.”⁵²⁹

Dos elementos da filosofia nietzschiana, a descrição da autora começou pela recusa de um sistema, que “arredondaria o horizonte ao seu entorno”, limitando o conhecimento. Assume-se que “nenhum método científico é o único a poder dar acesso ao conhecimento!” e que os pesquisadores são “de uma moralidade audaciosa e devem estar preparados para passar, no fim de tudo, por maus”⁵³⁰, afinal, “os espíritos que impedimos de mudar de opinião deixam de ser espíritos”. Aliás, percebem-se transformações no pensamento de Meta von Salis a respeito da questão das mulheres. Nesse livro, von Salis “encontrou em Nietzsche um ideal corporificado, ao lado do qual sua anterior visão de ‘humanidade feminina’ [*Frauen Menschenthums*] desapareceu”⁵³¹. A propósito, neste estudo, trabalha-se com a observação de trajetórias do

⁵²⁶ Apesar de haver certa relação com o dinheiro, como escrito no livro “Humano, demasiado humano”, no aforismo “A riqueza na origem de uma nobreza de raça”.

⁵²⁷ “Das Geblüt ist massgebend, unterstützt durch die Zucht.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 73.

⁵²⁸ “Nietzsche’s Philosophie ist Persönlichkeits-Philosophie - so lösen sich die scheinbaren Widersprüche.” *Ibidem*, p. 69.

⁵²⁹ *Ibidem*, p. 72.

⁵³⁰ *Ibidem*, p. 68. NIETZSCHE, F. **Aurora**. São Paulo: Editora Escala, 2013 [Aforismos 318 e 432 - Tradução de Antonio Carlos Braga].

⁵³¹ “[...] benutzte die Einleitung zu einer persönlichen Standortbestimmung: Im <Edelmenschen> Friedrich Nietzsche findet sie ein Ideal verkörpert, neben dem ihre frühere Vision des <Frauenmenschenthums> verblasst.”

pensamento a fim de fugir da “ilusão biográfica”, por observar os sujeitos históricos por uma noção de trajetória de vida, em que se pressupõe movimento.

De todo modo, algumas das ideias nietzschianas apropriadas por von Salis – como “nobreza”, “homem superior”, “moral dos senhores e dos escravos” – aparecem em vários textos do filósofo, indicando uma permanência desses elementos nos livros “Para além de bem e mal” (1886) e “Assim falou Zaratustra” (1883-1885), acompanhados de “Humano, demasiado humano” (1878-1880), “Aurora” (1880), “A gaia ciência” (1881), “Crepúsculo dos ídolos” (1888), “O viajante e sua sombra” (1879) e “Genealogia da moral” (1887).

Compartilhando do mesmo “amor fanático pela independência”⁵³² que o filósofo, von Salis se concentrou em falar do egoísmo, considerado um grande mal pela moral cristã, porém com um papel benéfico em Nietzsche: “[...] o egoísmo são, saudável, que flui da alma poderosa” se protege por meio do “banir de si tudo que é desprezível”, sendo esse ruim “tudo que é dobrado e servilmente dobrável [...] e aquele falso modo de ser condescendente que beija com lábios largos e covardes”. O egoísmo, em contraposição ao altruísmo e à compaixão, é fundamental para distinguir a humanidade, entre o que seria considerado “homem superior” e os “mediócras”, ou ainda o “senhor” e o “escravo”. “A defesa do egoísmo como necessário para a geração dos fenômenos morais” seria um elemento de distanciamento de Nietzsche em relação à “herança” dos “mestres da sentença psicológica e dos anatomistas da moral”⁵³³.

Com a pergunta retórica “Por que ele continua enfatizando a desigualdade dos homens, os diferentes significados da mesma palavra e do mesmo ato no caso de duas naturezas diferentes, senão para tornar impossível um mal-entendido entre ele e os ‘porcos’?”⁵³⁴, Meta von Salis retomou o esclarecimento do conceito de aristocracia, que estaria vinculado a uma hierarquia social. Por mais que Nietzsche tenha descrito mais de um tipo de “pessoa elevada”, sob denominações variadas – nobre, homem superior, gênio, filósofo –, pode-se considerar uma base comum que sustenta a divisão dual entre “senhores” e “escravos”. A crítica social de Meta von Salis, ainda que com particularidades, ecoava a defesa do aristocratismo a partir do pensamento nietzschiano.

ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. **Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde**, v. 101, 2001, p. 246.

⁵³² “die fanatische Liebe zur Unabhängigkeit”. SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 66.

⁵³³ ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. **Dissertatio**, n. 27-28, p. 33-51, inverno/verão 2008, p. 36.

⁵³⁴ “Warum betont er immer und immer wieder die Ungleichheit der Menschen, die verschiedene Bedeutung desselben Worts und derselben That bei zweierlei Naturen, wenn nicht um zwischen ihm und den ‘Schweinen’ ein Missverständniss unmöglich zu machen?” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 72-73.

A hierarquia social pode ser conceitualizada em termos de “independência” e “dependência”, sendo mais complexo do que a oposição binária senhores e servos, pois “não é se isolar dos outros, mas criar relações particulares na qual as escolhas de alguém dominam”⁵³⁵. Nesse sentido, Nietzsche teria uma independência, tanto por sua filosofia de “transvaloração dos valores”, superando a moral vigente e rompendo com convenções seculares e com a emergência de ideias como nacionalismo, liberalismo e democracia, como pela fama alcançada ainda em vida. Ideias parecidas dentro dessa noção de hierarquia aparecem em Nietzsche, citadas por von Salis, como no aforismo 293 de “Além do bem e do mal”⁵³⁶:

O homem que diz: ‘Eu gosto disso, tomo-o para mim e pretendo guardá-lo e protegê-lo de todos’; o homem que pode levar adiante uma causa, tomar uma decisão, ser fiel a uma opinião, conservar uma mulher, punir e derrotar um audacioso; o homem que tem sua raiva e sua espada, e para quem os fracos, agoniados, os sofredores e até mesmo os animais desejam se submeter e pertencer; em resumo, o homem é senhor por natureza - quando sente compaixão! Mas o que importa a compaixão dos que sofrem!⁵³⁷

Nietzsche, ao trabalhar com a oposição do egoísmo com a compaixão, recuperou que vários pensadores – Platão, Spinoza, La Rochefoucauld e Kant – concordaram em um aspecto: o desprezo pela compaixão, pois ela acaba com a responsabilidade do indivíduo por si mesmo e atribui essa obrigação ao Estado, à comunidade ou à sociedade. A compaixão dos fracos, “sintoma mais inquietante da cultura europeia” propagado fortemente pelo Cristianismo, consolidou a “moda moral da sociedade mercantil”. Nas palavras do filósofo:

“As ações morais são as ações de simpatia para com os outros” [...] é necessário retirar da vida o caráter perigoso que possuía outrora e que cada um deve ajudar nisso com todas as suas forças. É por essa razão que unicamente as ações que visam à segurança coletiva e ao sentimento de segurança da sociedade podem receber o atributo de “bom”!⁵³⁸

“Nietzsche abomina o altruísmo”⁵³⁹, diz von Salis, que retira todo o perigo que configura obstáculos para superação e para elevação dos espíritos, como nos exemplares homens da Renascença – portadores de alta cultura, enquanto os apóstolos humanitários são os

⁵³⁵ HANDLER, Richard. Is “Identity” a useful cross-cultural Concept? In: GILLS, John R (ed.). **Commemorations: the politics of national identity**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994, p. 36-37.

⁵³⁶ Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte em: NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

⁵³⁷ Vale indicar a leitura da Nona Parte de “Além do bem e do mal”, intitulada “O que é nobre?”.

⁵³⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Escala, 2013 [Aforismo 174].

⁵³⁹ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche’s**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 84.

destruidores. “Nossos sentimentalistas e nossos bestiais ignoram o fato de que a exuberância da vontade de viver naqueles surgiu da exuberância da personalidade.”⁵⁴⁰ Os valores nobres renascentistas foram identificados por Nietzsche como opostos aos valores cristãos.⁵⁴¹

No pensamento nietzschiano, as premissas se complementam, indicam um caminho da elevação do espírito, pois, se “A procriação é o pré-natal - para que o nobre se aperfeiçoe, é preciso também de criação disciplinar”, sendo que “a educação é a continuação da procriação”. Parece que Nietzsche assumiu o nascimento como elemento de nobreza, contudo, atribuindo uma menor importância, pois afirmou em fragmentos póstumos: “O que não é hereditário é ainda mais importante para a cristalização do caráter do que aquilo que é hereditário. Um caráter nobre quer dizer: não ter para si uma série de hábitos e pontos de vista que sejam convenientes para os outros.”⁵⁴²

Esse “caráter nobre”, tão fundamentado na disciplina, isto é, na autocoação, marcaria o que Nietzsche concebeu como “cultura”:

Para Nietzsche, os gregos “permanecem o primeiro acontecimento cultural da história”, porque foi com eles que pela primeira vez se moldou uma guerra inteligente em relação às paixões: em vez de extirpá-las ou dar livre curso às mesmas, os gregos as enquadram e as disciplinam, o que ele chamou de “espiritualização” ou, em outros momentos, como vamos ver, de autocoação. A questão da disciplina é fundamental em Nietzsche. Para ele, há uma diferença entre sujeição e disciplina, já que esta última promove autonomia e liberdade.⁵⁴³

Talvez melhor sintetizado pela ideia de que cultura seria “[...] ‘o enobrecimento ou refinamento de todas as forças mentais e físicas de um homem ou de uma nação’”, que seria o “sentido geralmente aceito no século XIX”.⁵⁴⁴ A “grandeza de caráter” estaria relacionada a não ceder a um sentimento no calor do impulso, tendo Nietzsche considerado como “maior referência” a Grécia, “no período que marcou os helenos de Homero até Sócrates, visto que com este último, para Nietzsche, começa a decadência do que até então significava o verdadeiro

⁵⁴⁰ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 84.

⁵⁴¹ SILVA, Vitor Henriques Marques da. **A filiação de Nietzsche ao Iluminismo**: uma revisão do lugar do seu pensamento na historiografia contemporânea. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2020, p. 124. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6402/2/2020%20-%20Vitor%20Henriques%20Marques%20da%20Silva.pdf>.

⁵⁴² NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre política**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008, p. 297.

⁵⁴³ SILVA, Vitor Henriques Marques da. **A filiação de Nietzsche ao Iluminismo**: uma revisão do lugar do seu pensamento na historiografia contemporânea. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2020, p. 110. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6402/2/2020%20-%20Vitor%20Henriques%20Marques%20da%20Silva.pdf>.

⁵⁴⁴ MARTON, Scarlett. “Educar os educadores!” Nietzsche e o problema da educação. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 43, n. 3, p. 11-28, set./dez. 2022.

mundo grego”⁵⁴⁵. “Para ele, há uma continuidade histórica entre a Antiguidade greco-romana, o Renascimento italiano e a Ilustração francesa, e o filósofo enxerga Voltaire, seu modelo de Iluminismo no século XVIII, inserido nessa família espiritual.”⁵⁴⁶

Desse modo, aconselha que o nobre não olhe para trás, mas para frente⁵⁴⁷, que se concentre no novo e no futuro. O homem que busca elevar seu espírito, por meio da superação da moral, precisa estar disposto a pagar seu preço, assim como von Salis relatou os sacrifícios de Nietzsche por sua obra, como a solidão e o celibato – sacrifícios também realizados por ela. Esses comportamentos fazem parte da “rígida disciplina”, inclusive a religião teria desempenhado um papel de modelo disciplinar para elevar, além da hereditariedade⁵⁴⁸, pois partilha de práticas de autocontrole. Na obra nietzschiana, há um entendimento do método genealógico da história da moral em três fases: “longo processo do surgimento, desenvolvimento e auto-superação da moral”⁵⁴⁹.

Meta von Salis se concentrou em destacar aspectos do que seria a última fase, a “auto-superação da moral”, mesmo que sem um projeto completamente definido pelo filósofo. Conforme constatado, “há a progressiva identificação do filósofo com o *tipo* espírito livre, que passa a ser porta-voz de seus novos pensamentos, e assume uma conotação mais positiva: a de **legislador**, de filósofo do futuro”. Nietzsche diz no aforismo 211 de “Além do bem e do mal”: “Mas os *filósofos propriamente ditos são os homens comandantes e legisladores*: eles dizem ‘assim *devem ser*’.”⁵⁵⁰ Portanto, “A crítica da moral é a instância central para o ‘ataque’ a todas as esferas normativas da modernidade, no direito, na sociedade, na religião e na cultura como um todo”⁵⁵¹.

O passo para a fase pós-histórica [no período extra-moral] é pouco esclarecido por Nietzsche, uma vez que não são analisadas as condições necessárias para a libertação de todas as normas e coerções, do indivíduo que quer se assumir como sujeito ético (egoísta), de suas próprias leis e condutas. Para engendrar o tipo nobre futuro é preciso, de qualquer modo, uma nova disciplina e educação.⁵⁵²

⁵⁴⁵ SILVA, Vitor Henriques Marques da. **A filiação de Nietzsche ao Iluminismo**: uma revisão do lugar do seu pensamento na historiografia contemporânea. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2020, p. 111. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6402/2/2020%20-%20Vitor%20Henriques%20Marques%20da%20Silva.pdf>.

⁵⁴⁶ *Ibidem*, p. 124.

⁵⁴⁷ “Die Erziehung ist die Fortsetzung der Zeugung.” SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsches. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 107. “Oh meine Brüder, nicht zurück soll euer Adel schauen, sondern hinaus! Vertriebene sollt ihr sein aus allen Vater- und Urvaterländer.” (p. 95)

⁵⁴⁸ *Ibidem*, p. 102.

⁵⁴⁹ ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. **Dissertatio**, n. 27-28, p. 33-51, inverno/verão 2008, p. 41.

⁵⁵⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre política**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008, p. 302.

⁵⁵¹ ARALDI, *op. cit.*, p. 38.

⁵⁵² *Ibidem*, p. 42.

Em relação à disciplina, como “contenção das emoções”, Nietzsche comentou em seus escritos sobre a sociedade de corte, pois a honra da pessoa estaria vinculada à opinião alheia, o que, no caso dos “elevados”, seria mais um reconhecimento da distinção autodeterminada pela “moral dos senhores”. Deve-se saber como manter uma conversação adequada, qual “o gestual distinto e a conduta calculada”, que “compõem um cenário de formas artificiais que definem a essência da sociedade de corte e a própria desnaturalização do homem”⁵⁵³. A cortesia aparece como necessária à sociabilidade e demanda do “espírito”, uma vez que “Ser cortês é ter sociabilidade, e esta, para Nietzsche, só é plenamente desenvolvida quando se possui espírito e graça [força e leveza]”⁵⁵⁴.

“As boas maneiras desaparecem à medida que se reduz a influência da corte e de uma aristocracia fechada”. Para Nietzsche, portanto, o gestual exemplar se encontra no mundo da etiqueta e das cerimônias, e em todo manancial de convenções e coerções da sociedade de corte do século XVII francês. Convenções e coerções que, em última instância, tinham de convencer e disciplinar o corpo, porque era através dele, de seu gestual, que essa sociedade se via e se reconhecia. Como exposto no início desta seção, a manutenção desses gestos significativos e seletos bastaria para que eles fossem internalizados pelas gerações futuras, e o corpo assim finalmente convencido através do trabalho acumulado de gerações inteiras.⁵⁵⁵

A propósito, a educação ampliada, cada vez mais democrática, impediria a propagação dos “gênios” por causa da mediocrização. “O homem superior é um fim em si mesmo na medida em que (como Leonardo ou Goethe) acima de tudo deseja e deve satisfazer a si mesmo. Mesmo assim ele produz algo que de alguma forma beneficia inúmeras gerações”⁵⁵⁶, o que se entende por cultura. Esse “homem superior” (*Übermensch*), que não é supérfluo por suas grandes obras à cultura, só existe longe do Estado⁵⁵⁷, pois “todas as situações políticas e sociais não merecem que sejam justamente os espíritos mais dotados que tenham o direito de se ocupar delas e que sejam forçados a isso [...] dissipa o que há de mais precioso: o espírito”⁵⁵⁸. A intelectual suíça

⁵⁵³ SILVA, Vitor Henriques Marques da. **A filiação de Nietzsche ao Iluminismo**: uma revisão do lugar do seu pensamento na historiografia contemporânea. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2020, p. 144. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6402/2/2020%20-%20Vitor%20Henriques%20Marques%20da%20Silva.pdf>.

⁵⁵⁴ *Ibidem*, p. 145.

⁵⁵⁵ *Ibidem*, p. 146.

⁵⁵⁶ BRANDES, Georg. Friedrich Nietzsche: eine Abhandlung über aristokratischen Radicalismus. In: *Idem*. **Menschen und Werke**: Essays. Frankfurt am Main: Literarische Anstalt Rütten & Loening, 1894. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/brandes/menschen/chap005.html>. Acesso em: 4 jul. 2023.

⁵⁵⁷ “Dort, wo der Staat aufhört, da beginnt erst der Mensch, der nicht überflüssig ist...Dort, wo der Staat aufhört, so seht mir doch hin, meine Brüder! Seht ihr ihn nicht, den Regenbogen und die Brücken des Übermenschen?” *Apud*: SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 87.

⁵⁵⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Escala, 2013 [Aforismo 179]. SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 86-87.

parece ter feito questão de inserir na íntegra o Aforismo 203 de “Além do bem e do mal” de Nietzsche. A seguinte citação sintetiza a relação entre os “novos filósofos”, que seriam uma categoria elevada a compor uma “nova aristocracia”, e a “degeneração da cultura”, como uma crítica ao movimento democrático.

Nós, que vemos o movimento democrático não apenas como uma forma de decadência das organizações políticas, mas como equivalente a uma decadência do homem comum, como que envolvendo sua mediocrização e seu valor decrescente: onde é que temos de colocar nossas esperanças? Para NOVOS FILÓSOFOS, não há alternativa: em espíritos suficientemente fortes e originais para dar impulso a valorações opostas, transvalorar e inverter “valores eternos”; em precursores e homens do futuro que fixam restrições e apertam o nó no presente e que impõem aos milênios novos caminhos. Ensinar ao homem o futuro da humanidade como sua VONTADE, como dependente da vontade humana, e prepará-lo para empreendimentos perigosos e experimentos coletivos de criação e de educação e pôr fim à terrível dominação do absurdo e ao acaso que até agora foi chamado de “história” o absurdo do “maior número” é apenas sua última forma: - para tanto será necessário em algum momento uma nova espécie de filósofo e comandante para os quais tudo o que existiu em segredo na Terra de espíritos terríveis e benevolentes possa se tornar enfraquecido e minorado. [...] mas aquele que tem a rara visão do perigo universal de que “o homem” por si mesmo se DEGENERARE [...] Ele aprende a ver num só olhar tudo o que ainda PODERIA SER CULTIVADO NO HOMEM através de um acúmulo favorável de forças e tarefas humanas [...] sabe ainda melhor através de suas lembranças mais dolorosas, quais obstáculos lamentáveis prometiam a evolução para um nível mais elevado e que o fez em pedaços, o destruiu, o fez naufragar e o tornou desprezível. A DEGENERACÃO UNIVERSAL DO HOMEM que até hoje os bobalhões socialistas tolos e superficiais veem como rumo ao “homem do futuro” [...] essa degeneração e diminuição do homem ao patamar de um animal absolutamente de rebanho (ou, como eles chamam, a um homem de uma “sociedade livre”), essa animalização do homem em bicho anão com direitos e deveres iguais é POSSÍVEL, sem dúvida! Aquele que pensou nessa possibilidade até suas últimas consequências sabe de outra repugnância desconhecida pelos outros homens - e, também, talvez até de uma nova TAREFA.⁵⁵⁹

A conservação da aristocracia teria uma relação direta com o objetivo de impedir a “degeneração” da cultura e, em von Salis, assumiu um caráter racista, pelo menos posteriormente. Quando mencionou o “tipo rético” desaparecendo do moderno Grisões, permitiu uma associação entre aristocracia e raça, o que influenciou sua posição sobre a questão das mulheres. Assumiu como “novo dogma” o nobre, relegando às mulheres um “degrau inferior” em seu pensamento. Também em Nietzsche é possível encontrar aspectos racistas:

Como os seus contemporâneos franceses, ele acreditava na hereditariedade dos caracteres adquiridos, no eugenismo, na possibilidade de se formar raças humanas como as raças animais. Ele retoma os critérios da antropologia física na classificação das raças humanas: cor da pele, dos cabelos, forma alongada ou arredondada do

⁵⁵⁹ NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015 [Aforismo 203]. SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 104-105.

crânio, a decadência racial da Europa. Tudo isso retomou de Gobineau, Taine, Renan. Essas considerações raciais eram bastante difundidas na Europa.⁵⁶⁰

A preocupação nietzschiana com a cultura não exclui o pensamento filosófico acerca da política, ainda que não tenha um projeto tão delimitado, comenta-se que:

Nietzsche formulou a questão política alemã e europeia em novos termos. Para ele, a política não se restringe ao Estado, às questões sociais, à justiça, à administração pública. A sua teoria política é a sua teoria da vontade de potência, do poder presente e disseminado nas relações entre todos os grupos humanos. A sua discussão da moral é política. [...] A sua “grande política” respondia ao niilismo europeu, que marchava para a democracia e o socialismo. Ele esperava a formação de novas raças supranacionais e nômades na Europa, onde os senhores serão cada vez mais fortes. A sua nova política funda o vínculo social nos valores dos senhores. A sua política não é a busca da felicidade para o maior número, o encaminhamento da vontade geral. Ele é também crítico do liberalismo, que representa a vitória da mediocridade do meio termo. O socialismo e o liberalismo, ele os abomina. Para ele, a moral e a política da igual dignidade de todos os homens significou a deterioração da raça européia, o niilismo europeu. Ele propunha o retorno à amoralidade grega e aos valores do hierarquizado, orgulho e nobre Antigo Regime.⁵⁶¹

Assim, assume-se que a “autossuperação da moral” corresponde a um pensamento político, ainda mais quando os “indivíduos elevados” deveriam ocupar um local superior na sociedade. “Ser inimigo do aristocrata de Nietzsche significa falar de algo que não se preocupou em compreender, ou ser hostil ao melhor.”⁵⁶² Meta von Salis apresentou a mesma ideia sobre ser parte da nobreza em “Para a compreensão” (1894): “A beleza da nossa terra exerce sobre mim uma magia maravilhosa, principalmente a natureza e a arte e o convívio com as pessoas de elite, que a estrela da minha vida me concedeu cedo e ricamente”⁵⁶³; e em *Filósofo e nobre* (1897): “Eu me alegro, que minha juventude ainda não tivesse caído no período de nivelamento e amolecimento, que meus olhos ainda se prenderam em algum representante inabalável de sua autenticidade e eu pude respirar com narinas gananciosas o forte ar da tradição familiar.”⁵⁶⁴

Nos trechos supracitados, o aspecto de relações pessoais também se mostrava um constituinte da nobreza de Meta von Salis, a última da linhagem dos Marschlins, que cresceu em uma República de 22 cantões, cada vez mais democrática para os homens. As premissas de

⁵⁶⁰ REIS, José Carlos. **História da “Consciência Histórica” Ocidental Contemporânea** - Hegel, Nietzsche, Ricoeur. São Paulo: Autêntica, 2013, p. 141.

⁵⁶¹ *Ibidem*, p. 140.

⁵⁶² SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch**: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 110.

⁵⁶³ *Idem*. **Zur Verständigung**: ein Versuch [Para compreensão: uma tentativa]. München: Rischmöller & Meyn, 1894, p. 14-15.

⁵⁶⁴ Do original, em alemão: “Ich freue mich, dass meine Jugend noch nicht in die Periode der Verflachung und Verweichlichung fiel, dass mein Auge noch an manchem unerschütterlichen Vertreter seiner Ichheit gehaftet hat und ich mit gierigen Nüstern die stärkende Luft der Familientraditionen athmen durfte.” *Idem*, *op. cit.*, 1897, p. 16.

“bom sangue, rígida disciplina e uma série de superações” do que seriam os nobres a compor uma “nova aristocracia” assumem o “direito à filosofia” e a atuação como “novos filósofos”, a fim de conservar ou recuperar a cultura. Citando o final do aforismo 213 de “Além do bem e do mal”:

As pessoas têm que ter nascido para ocupar uma posição elevada, ou, para falar mais claramente, tem de ter sido CRIADAS para isso: o direito à filosofia - tomando essa palavra em sua mais ampla acepção - graças à sua ascendência; seus ancestrais e o seu “sangue”, que é também decisivo. Muitas gerações devem ter preparado o caminho para a chegada do filósofo; cada uma de suas virtudes deve ter sido adquirida separadamente, alimentada, transmitida e incorporada; não só o fluxo do curso claro, fácil, delicado de seus pensamentos, mas acima de tudo a disposição para assumir grandes responsabilidades, a soberania da visão que domina e que olha o que está embaixo, o sentimento de separação da multidão e seus deveres e virtudes, o carinhoso amparo e a defesa de tudo o que é mal entendido ou caluniado, seja Deus, seja o diabo, o prazer e a prática da justiça suprema, a arte de comandar, a amplidão da vontade, o olhar vagaroso, que raramente se admira, que raramente se ergue, que raramente ama.⁵⁶⁵

Vale ressaltar que von Salis se caracteriza enquanto nobre ao mesmo tempo que caracteriza Nietzsche desse modo, quer dizer, define-se a partir e em conjunto com o outro, sendo fundamental pensar que, ainda nesse período, conforme indicado por alguns estudiosos: “Quem uma pessoa é claramente refere a uma rede de relações sociais que coloca o indivíduo em questão com respeito à família, conexões e posição social.”⁵⁶⁶ Dentro da crítica à democratização e da defesa de uma sociedade hierárquica – que pode ser entendida como tradicional no ocidente europeu –, o aristocratismo emergiu na obra de Nietzsche, e foi apropriado por von Salis, enquanto uma possibilidade de permanência de uma determinada sociedade e cultura, o que também afetou sua visão sobre as mulheres.

Pessoalmente, eu só estava interessada em homens de alto nível como gênios (*Geister*) ou de caráter (*Charaktere*), que tem cultura suficiente em carne e osso para não trair os modos cavalheirescos e para quem uma mulher é, no pior dos casos, mais do que cozinheira e babá.⁵⁶⁷

A intelectual suíça teria priorizado a defesa do aristocratismo, assumido como essencial para uma “cultura superior”, em detrimento do movimento das mulheres, que se

⁵⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015, p. 133. SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 103-104.

⁵⁶⁶ HANDLER, Richard. Is “Identity” a useful cross-cultural Concept? In: GILLS, John R (ed.). **Commemorations: the politics of national identity**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994, p. 35.

⁵⁶⁷ SALIS-MARSCHLINS, *op. cit.*, p. 19.

mostrou diversificado e atravessado por princípios democráticos. No entanto, não excluiu de suas reivindicações o espaço que considerou adequado às mulheres, longe do restrito a serem “cozinheiras e babás”. Aliás, definiu os homens por quem se interessaria em conviver como os que possuem essa visão ampla sobre o gênero feminino. Ao propor uma distinção e hierarquia social, que culminaria na defesa do aristocratismo, Meta von Salis igualou mulheres e homens a partir de seus “gênios e caráter”, aqueles que teriam “cultura suficiente”. Sua defesa se assentou nas iguais condições para mulheres e homens que, nascidos com “bom sangue”, pudessem por meio da “rígida disciplina” e das “superações” se “elevar intelectual e moralmente”.

3.3 Uma intelectual da aristocracia

Ao se compreender toda a distinção de grupo que Meta realizou, com influência do pensamento nietzschiano, surgem alguns questionamentos: se Meta von Salis-Marschlins reconheceu, em um artigo publicado em 1887⁵⁶⁸, que “a nobreza como casta legalmente reconhecida deixou de existir” em 1848, como seria possível caracterizá-la enquanto uma intelectual da aristocracia? Ainda mais, quais são as considerações de uma possível relação conflituosa entre ser nobre e se envolver politicamente no modelo de governo vigente? Essa última questão se refere à noção percebida no “processo civilizador” da Alemanha, que, considerando-se os escritos de von Salis e de Nietzsche, pode ser ampliada para outros cenários baseados no pensamento aristocrático de valores seculares, como o ócio.

Esta intelligentsia constituía um estrato muito distante da atividade política, mal pensava em termos políticos, e apenas experimentalmente em termos nacionais; sua legitimação consistia principalmente em suas realizações intelectuais, científicas ou artísticas. Em contraposição a ela há uma classe superior que nada “realiza”, no sentido em que as outras o fazem, mas para cuja autoimagem e autojustificação a modelagem de seu comportamento característico e diferente é fundamental.⁵⁶⁹

Uma possível associação se deve ao aspecto intelectual atribuído aos seus ancestrais – e a ela mesma.⁵⁷⁰ No caso dos homens von Salis, podem-se perceber os dois aspectos: por um

⁵⁶⁸ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). *Die unerwünschte Weiblichkeit*: Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

⁵⁶⁹ ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*: investigação sobre a sociologia da riqueza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 28.

⁵⁷⁰ Ao ter como embasamento a discussão sobre intelectuais de Antonio Gramsci, concebe-se como inicial o questionamento sobre se “os intelectuais constituem um grupo social autônomo e independente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais”. Há duas formas principais de processo histórico

lado, há intelectuais que representam um grupo social específico quando se trata dos ocupantes de cargos militares; por outro – talvez mais considerado por Meta –, surge a concepção dos intelectuais como autônomos e independentes, inclusive ao ocupar cargos administrativos, científicos ou filosóficos. Meta von Salis destacou o conflito entre seus familiares e as instituições do Estado suíço em diferentes momentos, de modo que a independência de sua família seria um ponto fundamental, em especial para reforçar o “caráter nobre”. A exposição dos ancestrais ocorreu num texto crítico ao sistema judiciário suíço, porém, mais do que isso, a autora formulava uma crítica à democracia e à cultura do período, representado pelo “caráter típico do *parvenu*”.

Além disso, a possível associação entre o caráter nobre atribuído à família e o trabalho intelectual se distingue de um trabalho “manual”, o que remete ao expresso por Nietzsche sobre uma “cultura superior” depender da separação da sociedade em duas castas: “a casta dos trabalhadores e a casta dos ociosos” ou, respectivamente, a de “trabalho forçado” e a de “trabalho livre”.⁵⁷¹ Novamente surge a noção de independência, referente ao trabalho e possibilitada a um grupo social restrito: à aristocracia, que não se define pelo trabalho, mas pelo ócio.

Para Meta, a independência era um aspecto fundamental, inclusive em relação a grupos. Sobre o movimento das mulheres, em *Filósofo e nobre* (1897) a autora expôs uma percepção individualista, ao afirmar que: “A questão das mulheres, como uma questão sobre a capacidade e o direito do gênero feminino para assumir novas tarefas, é melhor respondida quando a mulher individual consegue em seu lugar alcançar e provar que está firmemente sustentada pelos seus próprios pés”⁵⁷², justamente pela heterogeneidade de interesses. Continuou em seu escrito atribuindo a um pequeno grupo de mulheres independentes de associações a ajuda na promoção da “cultura, não a felicidade de rebanho”⁵⁷³. Por mais que a autora defenda a autonomia e a independência para seu pensamento, ainda é possível articulá-

de formação das categorias intelectuais: na primeira, cada grupo social tem uma função na produção econômica, tendo a aristocracia atuado como detentora do monopólio da “capacidade técnico-militar” até meados do século XIX; na segunda, analisam-se as “categorias intelectuais preexistentes”, chamadas “tradicionais”, por representar uma “continuidade histórica”, cujos representantes típicos são os eclesiásticos, ligados à aristocracia fundiária, que “se consideram autônomos e independentes do grupo social dominante”. Dessa relação, conflituosa em diversos momentos, entre eclesiásticos e aristocratas “foi-se formando a aristocracia togada, com seus próprios privilégios, bem como uma camada de administradores, etc.; e também cientistas, teóricos, filósofos não eclesiásticos, etc.”. GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 6.

⁵⁷¹ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre política**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008, p. 285.

⁵⁷² SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Philosoph und Edelmensch: ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's**. Leipzig: C. G. Naumann, 1897, p. 20.

⁵⁷³ *Ibidem*, p. 20.

lo dentro de um grupo social, mesmo que mais restrito, e considerar que possa expor valores particulares de um grupo enquanto universais.

A proposta de descrever tanto o contexto ao qual von Salis tece críticas contundentes como suas origens em uma família aristocrática num sentido “antigo” não visa reduzir as possibilidades de visões de mundo da autora, mas identificar elementos de conservação ou de reação expressos em seus textos, que, associados ao seu contexto – dentro de sua historicidade –, podem a caracterizar enquanto uma intelectual da aristocracia. Essa constatação não anula de modo algum sua atuação pelas mulheres, porém assenta qual a perspectiva que atribuía à questão feminina, já que defendia a formação e o trabalho intelectual para mulheres.

Meta von Salis deve ser entendida como uma intelectual distinta dos seus antepassados, pois, enquanto eles estavam relacionados a uma função técnica, no caso, trabalho militar e de funcionalismo público, ela se aproxima mais de uma nova categoria de intelectual. A nova noção se estabeleceu no século XIX, com suas diversas transformações, distinguindo-se dos intelectuais tradicionais por não se basear mais na eloquência, mas na atuação na vida prática. “Deve-se elevar da técnica-trabalho para a técnica-ciência, deixando de ser um especialista para se tornar dirigente.”⁵⁷⁴ Sobre o “esforço muscular-nervoso”, “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”⁵⁷⁵. As funções dos intelectuais assumem caráter “diretivo e organizativo, isto é, educativo, intelectual”, seja a partir de um “consenso espontâneo” ou de um “aparato de coerção”.

Percebe-se uma proximidade do que von Salis apontou como nobres e o que está sendo entendido como intelectual, no quesito de direcionar a sociedade. Ao se recuperar a ideia de “processo civilizador” da Alemanha, aqui em exercício de aproximação do cenário da Suíça de língua alemã, nota-se que os valores e a moral nacionais foram forjados pela *intelligentsia*. Esse seria “o germe do contraste nacional”:

[...] o contraste entre a nobreza cortesã, que usava predominantemente a língua francesa e era “civilizada” segundo o modelo francês, e um estrato de *intelligentsia* de classe média que falava alemão, recrutado principalmente entre os “servidores dos príncipes”, burgueses, ou funcionários públicos no sentido mais amplo, e ocasionalmente também em meio à nobreza proprietária de terras.⁵⁷⁶

⁵⁷⁴ GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 8.

⁵⁷⁵ *Ibidem*, p. 7.

⁵⁷⁶ ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da riqueza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 27.

A defesa de uma *Kultur*, que seriam “fatos intelectuais, artísticos e religiosos” separados de “políticos, econômicos e sociais”, em detrimento da *Zivilisation*, que se refere à cortesia entendida como comportamento, aparência e superficialidade, no século XVIII parece ter influenciado o século XIX. As referências de Meta aos ancestrais evidenciaram esse pensamento ao concebê-los como independentes da política e da economia, ainda que se identifiquem elementos de ligação às propriedades fundiárias e aos cargos políticos, eles estariam sendo guiados por “valores elevados” e questionando as instituições.

A corte⁵⁷⁷ (*Hof*), a cortesia (*Höflichkeit*) e o homem cortês (*Hofmann*) têm suas origens em meados do XVIII e marcam “o contraste entre cultura e civilização: ‘cortesia’ enganadora vs. ‘virtude’ autêntica”⁵⁷⁸, o que se aproxima da realidade do século XIX expressa por von Salis, pois, ainda que não rechaçasse a cortesia, criticava a vida das aparências, em detrimento de “virtudes”. Goethe havia sido um dos poucos a reconhecerem o valor social da cortesia.⁵⁷⁹ Modos de pensar variados emergiram no século XIX, tanto Meta como Nietzsche não são hostis à cortesia, originada da vida e etiqueta na corte, pelo contrário, talvez seja possível associá-la às noções de disciplina defendidas por ambos. Contudo, há uma firme crítica de von Salis contra o mercado do luxo e uma vida de aparências, principalmente que evidencie a predominância de dinheiro e se define pelo trabalho.⁵⁸⁰

Afirmar mulheres enquanto intelectuais se mostra relevante ao se considerar que não são – ou poucas são – associadas aos compêndios de História Intelectual. Além disso, costumam ser mais definidas pelo engajamento do que pelas profissões, o que destaca sua atuação política no espaço público em “traduzir”, propagar, articular ideias, pois nenhuma produção de conhecimento é neutra, implica sentidos políticos, por mais objetiva que seja. Para conceber Meta von Salis enquanto intelectual orgânica, faz-se necessário associá-la à política, o que é um tanto contrário ao que ela discutia por ser crítica ao modelo de governo vigente, assim como Nietzsche. Ambos o entendiam como “decadente”, tendo Nietzsche expressado: “[...] de que se

⁵⁷⁷ “‘Corte’ tem um sentido distinto, dependendo da época a que nos referimos. [...] Na Alemanha, sobretudo na parte ocidental, por vezes algumas famílias de nobres com uma posição menos elevada (por exemplo condes) têm caráter de corte em certos aspectos. E, como nesse país não existe uma concentração de todo o poder em uma corte real, essas formações de pequenas cortes, incluindo até mesmo as da nobreza rural abastada, possuem um significado social e cultural muito diferente daquele atribuído a formações análogas na França.” ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da riqueza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 292.

⁵⁷⁸ *Ibidem*, p. 28.

⁵⁷⁹ *Ibidem*.

⁵⁸⁰ SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre simplicidade [Ueber Einfachheit]. **Comunicação da Associação Suíça de Mulheres**: Suplemento mensal grátis “Jornal Suíço da Mulher”, n. 7, 8 e 10, Ano II, jan. 1889.

deve ocupar agora a nobreza, já que parece cada dia mais evidente que não é *decente* meter-se em política?”⁵⁸¹

A referência de Nietzsche à política compreende a sua institucionalização pelo Estado em sua época, não necessariamente a política com sentido de relações sociais. Considera-se que “A sua discussão da moral é política”⁵⁸². Ao assumir o campo político como um campo de forças, “e um campo de lutas para transformar as relações de força”, é necessário incluir “categorias de agentes” que produzem efeitos nesse campo, como os intelectuais.⁵⁸³ Contudo, os intelectuais enfrentam o problema de como “entrar na política sem se tornarem políticos”, já que participam das disputas. “As disputas do mundo político são sempre duplas; são combates por ideias, mas, como estas só são completamente políticas se se tornam ideias-força, são também combates por poderes.”⁵⁸⁴

Eles [os intelectuais], por vezes, desejariam entrar no mundo político, que é um jogo de ideias-força. Mas, como dar força às ideias sem entrar no campo e no jogo político? Penso que esta é uma maneira absolutamente séria de colocar o problema dos intelectuais. Não se trata de um problema abstrato. Penso ser importante que os pesquisadores possam ter algo a dizer sobre os problemas de visão e de divisão, sobre o mundo social que eles passam a vida a estudar para produzir um conhecimento.⁵⁸⁵

A força a ser atribuída às ideias perpassa pelo “monopólio da verdade”, isto é, a “verdade” está em disputa e associada à produção de conhecimento pela ciência. De modo que os políticos impõem sobre crenças “a aparência de uma marca de verdade, de uma garantia científica”. A atuação intelectual de Meta von Salis e dos movimentos das mulheres trabalhou contra uma “ciência” que atestava a inferioridade feminina, porém, quando von Salis discutiu o aristocratismo, também procurando embasamento científico, não parece ter percebido um “golpe de força exercido em nome da ciência, mas com todos os meios fornecidos pelo poder econômico”⁵⁸⁶. No processo Farner-Pfrunder-Salis, Meta percebeu o funcionamento do poder político enquanto “um capital de reputação, ligado à notoriedade, ao fato de ser conhecido e reconhecido, notável”⁵⁸⁷, no caso do juiz Wittelsbach. Entretanto, ao defender o aristocratismo,

⁵⁸¹ NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre política**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008, p. 292.

⁵⁸² REIS, José Carlos. **História da “consciência histórica” ocidental contemporânea**: Hegel, Nietzsche, Ricoeur. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 140.

⁵⁸³ BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, Brasília, jan./jul. 2011, p. 193-216.

⁵⁸⁴ BOTTOMORE, T. B. **As elites e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965, p. 206.

⁵⁸⁵ *Ibidem*, p. 207.

⁵⁸⁶ *Ibidem*, p. 207.

⁵⁸⁷ *Ibidem*, p. 204.

afastou-se de reconhecer a relação entre poder político e poder econômico, bem como de questionar a notoriedade dos intelectuais que fundamentavam essas teorias.

Por sua participação no movimento das mulheres, ela esteve inserida diretamente no debate público, em especial, pelos direitos das mulheres. Pode-se considerá-la uma intelectual desse movimento, porém a predominância do aspecto aristocrático em sua atuação se evidencia pela fundamentação de seu pensamento, já expresso em *A filantropa*, e pela ênfase no aristocratismo posteriormente. A mudança de “dogma” da “efêmera questão das mulheres” para a discussão da nobreza.⁵⁸⁸ Nesse período de sua vida, Meta von Salis priorizou a questão aristocrática. Se inicialmente parecia haver uma contradição marcante em seu pensamento entre a questão das mulheres e a aristocracia, com uma análise dos seus escritos é possível compreender que, ainda que houvesse uma flexibilização sobre princípios democráticos – quando dos métodos de reivindicação, voto etc. –, a maior parte se assentava sobre princípios aristocráticos.

Em Meta, mais que em Nietzsche, houve uma atuação política ante os direitos civis e políticos, ou seja, ela se aproximou da atuação política institucionalizada de decisões legislativas e judiciárias. No entanto, em nome de valores elevados, como a amizade e a justiça, mas principalmente a liberdade feminina. O motivo de se aproximar da política que criticava pode ser levantado pela defesa do fim da dependência e escravização de mulheres. De modo que, para essa intelectual mulher, havia uma questão latente que precisava ser trabalhada, o que difere da atuação da intelectualidade masculina do período, já detentora de liberdade. Ela precisaria estar politicamente ativa e propôs que as mulheres se inserissem cada vez mais na política por meio do voto. Pelo “valor elevado” da liberdade, von Salis participou de um grupo por entender que defendia interesses individuais maiores, não se submetendo nem considerando o grupo homogêneo.

Já que se entendia como independente, agindo por “valores elevados” e pela “cultura”, Meta manteria seu “caráter nobre”, isto é, ela defendeu a premissa de igualdade entre mulheres e homens em uma “camada superior”. Em seus escritos, sustentou a igualdade da capacidade do *Geist* e do caráter feminino e masculino. A autora não se colocou como inferior aos homens e posicionou-se contra as diversas formas de tutela masculina sobre as mulheres de sua época. Todas as injustiças com o gênero feminino deveriam acabar para o desenvolvimento do que ansiava em sua perspectiva de futuro: uma dita “cultura superior”.

⁵⁸⁸ ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. *Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde*, v. 101, 2001.

A distinção que Meta von Salis defendeu, em especial do parvenu, e sempre em oposição ao socialismo, dialoga com a chamada “teoria das elites”, desenvolvida em sua contemporaneidade. Não se pode afirmar se houve efetivamente uma leitura dessas obras, porém as ideias sistematizadas por esses intelectuais se aproximam das dela e indicam uma difusão mais ampla no cenário europeu de uma “reação aristocrática”. Também faz sentido recuperar esses estudos de intelectuais italianos pelo próprio deslumbramento de von Salis com suas raízes italianas e por algumas proximidades dos países vizinhos – atualmente, Suíça e Itália – em relação à nobre e aos tipos de corte existentes nesses locais, distintos do contexto de corte real da França e da Áustria.

Uma das primeiras considerações é do italiano Vilfredo Pareto, que defendeu que, se houvesse a distribuição dos indivíduos por critérios de riqueza ou por “grau de poder ou influência política e social, verificar-se-ia, na maioria das sociedades, que todos ocupariam os mesmos lugares nessa hierarquia que na hierarquia de riquezas”⁵⁸⁹, o que se aproxima da noção de distinção comentada anteriormente (ver item 3.1), em que há uma base material com representações simbólicas que conferem um poder a ser percebido como “inato”. Esse poder direciona para a divisão proposta por outro italiano, Gaetano Mosca, que afirmou existirem “duas classes de pessoas – uma classe que dirige e outra que é dirigida”. “Tanto Mosca como Pareto, portanto, preocupavam-se com as elites no sentido de grupos de pessoas que exercem diretamente o poder político, ou que estão em condições de influir sobre seu exercício.”⁵⁹⁰

As elites são compostas por grupos sociais distintos nos diferentes períodos históricos, como “ricos, nobres, aristocracia guerreira e clero” no contexto do século XIX.⁵⁹¹ Talvez uma contribuição dos estudos de Arno Mayer sobre a “força da tradição” seja a complexificação que expôs nas “classes dominantes e governantes” ao indicar a heterogeneidade de grupos: diferencia nobres e aristocracia (baseado em nascimento, promoção pessoal, títulos, fundiária, militar), assim como distingue os setores burgueses (banqueiros, mercadores, manufatureiros, industriais, artes, profissionais liberais).⁵⁹² Por mais que seja difícil defender a permanência do modelo do Antigo Regime como predominante até 1914, é válido pensar que houve movimentos de resistência ou de reação de aspectos oriundos desses grupos, ainda que supostamente repaginados.

⁵⁸⁹ BOTTOMORE, T. B. **As elites e a sociedade**. Tradução: Otávio Guilherme C. A. Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p. 9.

⁵⁹⁰ *Ibidem*, p. 11.

⁵⁹¹ *Ibidem*.

⁵⁹² MAYER, Arno. **A força da tradição: a persistência do antigo regime, 1848-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

A imposição das elites não ocorre apenas pela força, mas por “representar” interesses de grupos influentes, de modo que estaria “intimamente ligada à sociedade”, sendo dependente do “nível de moralidade, inteligência e atividade” de um grupo maior, que seria toda a “nova classe média”: “funcionários públicos, gerentes e empregados de loja e escritório, cientistas e engenheiros, estudiosos e intelectuais”. Essa “classe política” seria, para Gramsci, o “setor intelectual do grupo dominante” e corresponde a “mais uma tentativa de interpretação do fenômeno histórico da intelligentsia e sua função na vida política e social”⁵⁹³. Assim como apresentado sobre a sociedade de corte no “processo civilizador”, destaca-se a necessidade de analisar “a influência social da elite intelectual, que normalmente não faz parte do sistema de poder político”⁵⁹⁴.

O embate central estabelecido em *Filósofo e nobre* (1897) seria entre a “onda de lama da democratização” e a “onda de reação da aristocratização”, o que também transparece na teoria das elites: a oposição entre democracia e as elites, fundamentada pelos mesmos aspectos basilares expressos por Nietzsche, e apropriada por von Salis – a desigualdade dos indivíduos e a “ideia de uma minoria governante”.

O conceito de elite política foi apresentado por Mosca e Pareto como um termo-chave em uma nova ciência social, mas possuía outra faceta, um pouco menos evidente em suas obras; isto é, fazia parte de uma doutrina política que se opunha ou tomava uma atitude crítica em relação à democracia moderna, e ainda mais em relação ao socialismo moderno. C. J. Friedrich chamou a atenção para o fato de que as doutrinas européias do século XIX acerca da supremacia de uma elite de indivíduos superiores - doutrinas que abrangiam a filosofia do herói de Carlyle e a visão do super-homem de Nietzsche, assim como os estudos mais prosaicos de Mosca, Pareto e Burckhardt - eram “tôdas fruto de uma sociedade contendo ainda muitos vestígios feudais” e representavam diferentes tentativas para reviver antigas noções de hierarquia social e erigir obstáculos contra a propagação de idéias democráticas. O ambiente social em que surgiram tais doutrinas é definido de forma ainda mais categórica por G. Lukács, que sugere ter sido o problema da liderança política levantado por sociólogos precisamente naqueles países que não tiveram sucesso no estabelecimento de uma autêntica democracia burguesa (i.e., onde os elementos feudais eram especialmente resistentes).⁵⁹⁵

A noção de elite pressupõe mais do que distinção, superioridade e domínio devido “às qualidades superiores de seus membros”. Contudo, uma teoria de elites pode ainda ser compatível com a democracia quando se pensa em “igualdade de oportunidades”, não igualdade

⁵⁹³ BOTTOMORE, T. B. **As elites e a sociedade**. Tradução: Otávio Guilherme C. A. Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p. 13.

⁵⁹⁴ *Ibidem*, p. 15.

⁵⁹⁵ *Ibidem*, p. 16-17.

entre os indivíduos, em que pessoas de “diferentes estratos sociais podem ser recrutadas com base no mérito individual”⁵⁹⁶. Em todo caso:

[...] os primeiros expoentes das teorias das elites eram sem dúvida hostis à democracia [...], e essa hostilidade é ainda mais pronunciada no caso daqueles, como Carlyle e Nietzsche, que apresentaram mitos sociais, e não teorias políticas científicas. Como se explica isso? Em primeiro lugar, há o fato de que êsses pensadores do século XIX concebiam a democracia de maneira diferente, como um estágio na “revolta das massas”, levando necessariamente, ao que tudo indicava, para o socialismo. Criticando a democracia, estavam, portanto, de forma indireta, combatendo o próprio socialismo.⁵⁹⁷

As décadas finais do século XIX foram marcadas pela democratização, um “problema político fundamental” refletido pela existência da Comuna de Paris em 1871. Havia um “desvio antidemocrático” por parte das constituições e assembleias, “excluindo a maioria dos cidadãos do sexo masculino dos Estados, para não mencionar a totalidade das mulheres que neles habitavam, excluídas do direito ao voto e de serem eleitas”⁵⁹⁸, o que, após 1870, estava sendo questionado por grande parte da Europa. A observação da sociedade por Meta von Salis na brochura *Para compreensão: uma tentativa* (1894) encerrou com a seguinte citação de Gustave Le Bon:

O verdadeiro perigo para a civilização moderna reside precisamente no facto de os homens terem perdido toda a confiança no valor absoluto dos princípios em que se baseiam. Não sei se poderíamos citar desde a origem do mundo uma única civilização, uma única instituição, uma única crença que conseguiu manter-se apoiando-se em princípios considerados de valor apenas relativo... Uma decadência visível ameaça seriamente a vitalidade da maioria das grandes nações europeias. A satisfação de um crescimento cada vez maior das necessidades materiais tendem a se tornar seu único ideal. A família dissocia-se, as forças sociais relaxam... Um egoísmo sem limites desenvolve-se por toda a parte... As consciências capitulam, a moralidade geral é reduzida e gradualmente extinta. (A este respeito, há uma nota estatística sobre o declínio moral da magistratura e do cartório na França, onde a integridade já foi universal, assim como a bravura no exército...). É a Rússia, sem dúvida, que fornecerá um dia a inundação irresistível de bárbaros destinados a destruir as antigas civilizações do Ocidente, cujo fim terá sido preparado pelas lutas econômicas e pelo socialismo!⁵⁹⁹

A preocupação com a “visível ameaça” de uma “decadência” na maioria das “grandes nações europeias” retratava as transformações na “ordem social”, nas quais von Salis e outros intelectuais identificavam uma perda de valores ou uma alteração prejudicial, uma relativização desses valores, dessa moralidade. Por isso, a intelectual suíça teria estabelecido como seu

⁵⁹⁶ BOTTOMORE, T. B. **As elites e a sociedade**. Tradução: Otávio Guilherme C. A. Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p.18.

⁵⁹⁷ *Ibidem*, p. 20.

⁵⁹⁸ HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**, 1875-1914,. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022, p. 136.

⁵⁹⁹ *Ibidem*, p. 26-27.

objetivo “subordinar os fatores inferiores aos superiores, combater o terrível materialismo” dos sociais-democratas.

Quando Meta fala em “social-democracia” é possível que esteja falando diretamente do Partido Social Democrata da Alemanha (SPD), um partido marxista, que assumiu esse nome em 1890, após anos com o nome de Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (SAD). O nome assumido na última década do século XIX foi chancelado por Friedrich Engels em 1894, por representar a continuidade e a tradição mais radical das lutas por democracia política desde a “Primavera dos Povos”, em 1848. Os ideais de sufrágio universal conquistados através de um processo revolucionário levavam a programas políticos que tinham em vista a construção de assembleias eleitas com poder efetivo sobre a produção de bens necessários à vida, isso significava, “como meta final, a extensão da democracia à vida social como um todo”⁶⁰⁰.

Do que aparece como “crítica à modernidade” por Nietzsche, baseada nas críticas contra o instinto gregário e o espírito mercantil, faz parte “seu enaltecimento da vontade de poder, da alta cultura e da aristocracia” e “seu apelo a uma limpeza moral baseada num ‘radicalismo aristocrático’”⁶⁰¹, que também pode ser encontrado nos escritos de Meta. Outra corrente alinhada às teorias das elites corresponde ao darwinismo social, que fundamentou teorias racialistas ao se considerarem aspectos inatos aos seres humanos:

O darwinismo social se adequava à sua mentalidade elitista, onde a idéia de desigualdade estava profundamente enraizada. Em sua concepção, os homens eram desiguais por natureza, e o mesmo ocorria quanto à estrutura da sociedade, para sempre destinada a ser dirigida pela minoria dos mais aptos a governá-la.⁶⁰²

Esse “radicalismo aristocrático”, expressão do dinamarquês Georg Brandes⁶⁰³, correspondente e divulgador de Nietzsche, agradou ao próprio filósofo e “faz jus à necessidade de mudanças radicais, pois não basta apenas tocar em problemas que necessitam ser tratados, curados, mas é necessário saná-los, nem que para isso se o faça com sangue”⁶⁰⁴. Recupera-se a menção de von Salis sobre ser um “fraco moral” quem não consegue passar por uma cura dolorosa. Manifestada na guerra, na arte e no intelecto, a aristocracia teria uma “originalidade

⁶⁰⁰ BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2013 [versão digital], p. 528.

⁶⁰¹ MAYER, Arno J. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 277, 279.

⁶⁰² *Ibidem*, p. 276.

⁶⁰³ O texto de Brandes apresenta sua relação com o filósofo e articula o pensamento nietzschiano com o de outros intelectuais, sendo uma leitura com possibilidades de aprofundamento de análises. Teve um impacto na divulgação de Nietzsche na Dinamarca.

⁶⁰⁴ FEILER, Adilson F. Nietzsche e Brandes: a memória de um radicalismo aristocrático. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, n. 2, p. 13-38, abr./jun. 2022, p. 20.

do espírito”. “Assim, a originalidade de um povo e de uma raça constitui um passo a mais no sentido de elevação cultural aristocrática, tendo, portanto, o conhecimento um espaço privilegiado.”⁶⁰⁵

Desse modo, o problema da educação em Nietzsche e em von Salis é central, ainda que para ela tenha existido uma luta pela ampliação desses espaços de formação para as mulheres. Conforme Marton, Nietzsche, “Partidário da ‘aristocracia do espírito’, [...] defende a tese de que todo esforço cultural deve visar a engendrar homens excepcionais”⁶⁰⁶, ideia ampliada por von Salis ao defender a inclusão das “mulheres excepcionais”. Ambos defendem a liberdade interior e a rigorosa disciplina: “A liberdade interior conduz à rebelião contra toda autoridade e à revolta contra toda crença; a disciplina rigorosa leva a desfazer-se de hábitos, abandonar comodidades, renunciar à segurança. Da sua perspectiva, o aprimoramento de si é uma tarefa de bem poucos.”⁶⁰⁷

As percepções de von Salis sobre a educação se baseiam também em Herbert Spencer, como mencionado (ver item 2.2 Aspectos da moral: problema em seu tempo), e a crítica social também parte de Gustave Le Bon. Essas são referências dela. Cabe destacar tanto as redes de sociabilidade de von Salis como as referências de leituras, por permearem essa noção de intelectual. Aprofundar os estudos das relações entre seus escritos e suas referências nominadas ou não seria enriquecedor para diversas análises, principalmente, por ela ter destacado leituras distintas das de Nietzsche e outras compartilhadas. Houve uma ênfase de von Salis em traçar as referências contemporâneas e conhecidas de Nietzsche e as extemporâneas no livro *Filósofo e nobre* (1897). Aquelas menções de amigos e conhecidos talvez figurem num sentido de identidade, já que as relações marcam quem a pessoa seria e por quais espaços circulava. No entanto, também podem ser pensados como representantes dessa “cultura superior”. Nesse ponto, o compartilhamento das mesmas obras e das mesmas ideias, originadas de “espíritos livres”, reforçam as distinções sociais e um cosmopolitismo europeu.

Caracterizar Meta von Salis enquanto uma intelectual da aristocracia resulta das próprias transformações que ela descreveu: não se referir à aristocracia no sentido antigo, ainda que se conservem elementos, e questionar, em especial, a situação das mulheres. O passado, representado pela memória e pela história, não se mantém conservado intacto. Considera-se a “memória” essencial para pensar essa aristocracia, porém “a dimensão de continuidade,

⁶⁰⁵ FEILER, Adilson F. Nietzsche e Brandes: a memória de um radicalismo aristocrático. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, n. 2, p. 13-38, abr./jun. 2022, p. 24.

⁶⁰⁶ MARTON, Scarlett. “Educar os educadores!” Nietzsche e o problema da educação. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 43, n. 3, p. 11-28, set./dez. 2022.

⁶⁰⁷ *Ibidem*, set./dez. 2022.

constância, harmonia e dedicação” se constrói a partir de “incessante embate, conflitos e guerras”, que inspiram originalidade.⁶⁰⁸ Em seus escritos, Meta von Salis-Marschlins se apresentou como intelectual, como original, como “espírito livre”, como detentora de “cultura”, como filósofa, como aristocrata e como nobre.

⁶⁰⁸ FEILER, Adilson F. Nietzsche e Brandes: a memória de um radicalismo aristocrático. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, n. 2, p. 13-38, abr./jun. 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caracterizar Barbara Margaretha “Meta” von Salis-Marschlins (1855-1929) enquanto uma intelectual tem como objetivo atribuir visibilidade ao protagonismo que desempenhou. Um protagonismo que esteve na penumbra, pois sua característica mais destacada é a amizade com Friedrich Nietzsche. O conhecimento de seu nome se deve, atualmente, à relação mantida com esse homem, contudo, sua trajetória e seu pensamento não são limitados ao filósofo. Sua obra não corresponde a uma mera divulgação da obra de Nietzsche, pois possui características próprias, referências e críticas diferentes das dele. Ao se cogitar que pudesse ser uma estratégia dela criar uma autobiografia a partir de uma contribuição biográfica a Nietzsche, não deve ser entendido que ela se colocava em uma posição “inferior”. Ela caracteriza a si e a Nietzsche como indivíduos “nobres”.

A intelectual suíça enxergou que as mulheres não estavam em condições sociais igualitárias às dos homens, porém não defendeu que todas as mulheres são iguais a todos os homens, já que a sociedade se organiza hierarquicamente/verticalmente. A sociedade não seria composta por iguais, o que se deveria buscar seriam condições iguais para tornar possível um resultado comum. Tem-se a defesa da igualdade de oportunidades para homens e mulheres de caráter “nobre e elevado”, que tenham nascido assim e trabalhem seus espíritos a partir da disciplina.

Existe a percepção de que Meta von Salis pode ter se apresentado enquanto intelectual quase que por aproximação aos “grandes homens” que eram referências em sua época, sejam anteriores ou contemporâneos. No entanto, ela buscou referenciais femininos, inclusive em sua pesquisa de doutorado, porém o tratamento recebido pelas mulheres deveria ser justo, nada além disso. Enquanto uma pensadora de seu tempo, assumiu diversas ideias com criticidade, em especial, sobre a questão das mulheres, ainda que outras permanecessem com uma visão mais conservadora.

O protagonismo que cabe a Meta von Salis não precisa ser medido pelo alcance de seus escritos ou pelo reconhecimento de seu nome em muitos espaços e épocas. Trata-se de perceber uma vida atuante dentro da intelectualidade com características próprias, com uma crítica social própria. Há um projeto de sociedade em seu pensamento, quer dizer, uma crítica que abarca toda a dinâmica social observada em seu tempo e em seu espaço. Por mais que se identifique uma influência expressiva do pensamento nietzschiano, principalmente, na concordância sobre o aristocratismo, a intelectual construiu sua trajetória defendendo o que

considerava importante aos seus olhos. Afinal, ela se entendia como nobre e, como tal, deveria ter sua independência bem demarcada.

A fim de complexificar Meta von Salis-Marschlins enquanto sujeito histórico, questionou-se o enquadramento cristalizado de sua memória, manifestado em atuais representações. As marcas de “pioneirismo” que são lhe atribuídas e que, quando se recuperam seus escritos, ela mesma se atribuiu evidenciam uma protagonista entre rupturas e continuidades. Contudo, a ênfase recaiu sobre as rupturas, por se tratar de uma recuperação advinda dos feminismos suíços da década de 1970, que buscou no passado experiências e protagonismo dos movimentos das mulheres. Longe de se querer perceber von Salis e seu pensamento como algo “pronto”, compreende-se a trajetória de vida permeada de movimentos e de mudanças de opinião, porém aspectos centrais do seu pensamento se mantiveram presentes em seus escritos dentro do recorte temporal estudado, entre 1884 e 1897, além de algumas indicações da presença de certos pontos antes e depois desse período.

A partir da apresentação dos aspectos centrais do seu pensamento, tem-se a questão das mulheres e do aristocratismo em relação. Tratou-se de uma tentativa de articulação dessas facetas que pareciam contraditórias em um primeiro momento, já que o movimento de mulheres defendia a igualdade entre mulheres e homens, o que parecia se aproximar de princípios democráticos, até mesmo pela defesa do voto feminino. Além disso, a liberdade de imprensa e de associação ocorreu em relação com a expansão da democracia. Contudo, independentemente da possibilidade de o aristocratismo – entendido enquanto uma “teoria das elites” – funcionar com a democracia, ao se considerar a “igualdade de oportunidades” em vez da “igualdade entre todos”, Meta se posicionou contra a democracia por entendê-la como uma “onda de lama”, em que a centralização e a burocracia proporcionavam “degeneração”, “nivelamento” e “amolecimento” da sociedade, que encaminharia para o socialismo. Ainda que a ideia de “igualdade de oportunidades” aparecesse em seus escritos sobre a competição por trabalho entre mulheres e homens.

A emancipação feminina, para von Salis, estava fundamentada no fim da tutela familiar, nos sentidos jurídico e social, pois as mulheres estavam condicionadas à tutela do pai e dos irmãos, primeiro, até o casamento, quando passava ao marido. De modo que, não reconhecidas como cidadãs e consideradas inferiores, não possuíam seus direitos civis e políticos, mantendo-se dependentes em diversos aspectos. A questão da dependência fez com que von Salis tivesse a noção de uma “escravidão da mulher”. A defesa do estudo do Direito, para a autora, tem peso nessas questões, pois muitas não conhecem a legislação matrimonial,

repleta de “abusos brutais e violações unilaterais”. A concepção de liberdade ou emancipação para Meta também estava de algum modo vinculada à independência econômica.

Ao perceber, desde jovem, conforme relatou, quais funções as mulheres deveriam cumprir na sociedade e o quão limitadas eram, restritas à “máquina doméstica” e afastadas dos “interesses espirituais”, Meta von Salis considerou que ser apenas esposa e mãe não seria uma posição digna dela. A autora reforça que se sacrificar ou enfrentar dificuldades relacionadas ao ambiente acadêmico ou profissional, dedicando-se ao conhecimento e ao desenvolvimento intelectual, seria mais “útil” e menos “ignóbil” do que o tradicionalmente atribuído às mulheres e entendido como “obrigação natural”. Ingressou no mundo do trabalho, para “comprar sua liberdade”, como educadora e depois desempenhou outras funções como intelectual: escritora, ativista, tradutora e historiadora. Suas preferências não se referiam apenas a escolhas individuais de vida, mas compunham sua crítica social, pois compreendia que, se a mulher não pudesse “elevar à nobreza de espírito”, haveria um prejuízo da cultura. Aliás, sua visão do “futuro do casamento” perpassava pelo encontro de uma mulher e um homem “elevados”.

O acesso à formação e à educação fazem parte da noção de emancipação de Meta von Salis. O conhecimento deveria ser acessado pelas mulheres, e seu ingresso na Universidade de Zurique teve também como propósito “abrir caminhos” para outras estudantes, já que eram poucas as universidades no Ocidente que aceitavam alunas. Meta publicou textos sobre as condições das universitárias dentro do espaço acadêmico e pela cidade, o que pode contribuir para estudar a entrada das mulheres nas universidades e a formação de uma historiadora no final do século XIX, inclusive em comparação com outras partes do mundo, pois é possível observar similaridades com o restante do Ocidente. As moças que decidiam por uma carreira universitária eram aquelas de “cabeça inteligente e autônoma”, que se tornavam “estranhas na casa dos pais” e não havia proteção de sua individualidade.

No centro das defesas de von Salis estavam as mulheres solteiras – aquelas que não se casavam e decidiam por outros modos de existir –, novamente não se tratou apenas de uma defesa por sua escolha pessoal em não se casar, mas uma crítica maior à sociedade, por entender que os moldes do casamento em sua época não eram favoráveis às moças, que acabavam por cumprir uma função de “instrumentos econômicos da família”. A autora identificava a dominância dos homens em espaços de poder e a “posição inferior”, uma “escravidão”, à qual as mulheres foram submetidas. Além de estarem sujeitas a sacrifícios por sua família, já que, sendo solteiras, recebiam a responsabilidade de cuidar dos pais, dos sobrinhos em caso de morte da irmã casada e não haveria espaço para seus interesses pessoais, diferentemente do que acontecia com homens não casados. A solteirice acabou permitindo outros tipos de

relacionamentos, como o que teve com Hedwig Kym, uma companheira de muitos anos, cuja relação se enquadra no “fenômeno dos casais femininos por volta de 1900”, em que nem todas, necessariamente, eram solteiras ou lésbicas. Assim, novas perspectivas de análise para além da heterocentrada surgem.

Defensora da emancipação feminina, Meta von Salis não deixou de alertar para o “grande perigo” que existia, assim como em qualquer outra emancipação. Percebe-se certa atenção à possibilidade de que as mulheres não tivessem “elevação moral suficiente”, porém o perigo maior seria continuar mantendo-as dependentes dos homens. Uma preocupação de não ser previsível o que poderia acontecer, além de que poderia incentivar a emancipação de outros grupos oprimidos. Talvez por pensar em um modo de essas transformações ocorrerem de uma maneira positiva, concentrou-se em descrever o problema moral de seu tempo e em como solucioná-lo. O centro da questão seria o caráter, pois sem o caráter não se sabe quais os “bens elevados da vida” – tal constatação não se refere a uma visão religiosa cristã. “A amizade, o entusiasmo, a lealdade, o sacrifício, o altruísmo” aparecem como “bens elevados” para von Salis, mas dependendo da fundamentação. O sacrifício em nome do conhecimento e da ciência, o trabalho em nome do prestígio social, em vez dos “profissionais seduzidos pelo dinheiro”, esses são elementos do “caráter nobre”.

Para von Salis, aqueles que não têm caráter e presumem que apenas a formação profissional seria o suficiente para alguma “elevação” subestimam os conhecimentos e desvalorizam a ciência por a reduzirem à comerciabilidade. A competição entre mulheres e homens por cargos no funcionalismo público deveria ser justa e igualitária, tendo, além da formação técnica, o caráter e o estilo de vida da candidata ou do candidato avaliados. No entanto, a cultura ainda não teria atingido esse ponto, em que haveria a “competição das melhores cabeças e do caráter mais sério”. Em diversos textos, Meta von Salis atribuiu aspectos distintos às pessoas, separando em grupos diferentes, como sobre as mulheres “autônomas-criativas” e “dependentes-casantes” e também sobre o caráter de trabalhadores, pois entendia que se deviam “combinar talentos, capacidades mentais mais fracas com necessidades menores e aspirações mais modestas”.

Pode-se perceber uma orientação de comportamentos e uma descrição de um “caráter nobre ou enobrecedor” que deveria ser trabalhado pelos indivíduos. Esse caráter seria o ponto de distinção e hierarquização da sociedade. No caso, tratava-se de um problema moral de seu período, recaindo sobre os indivíduos e sendo de responsabilidade deles o reconhecimento e a solução. A intelectual identificou como problema moral as mudanças que observava na sociedade, em especial a ascensão de uma camada burguesa, liberal e democrata, em que

considerou o “parvenu” como “caráter típico”. Von Salis, assim como Nietzsche, reconhecia nesses aspectos uma decadência da cultura, bem como na propagação de ideias do socialismo. A democracia era percebida por alguns intelectuais enquanto um estágio que levaria ao socialismo. A “decadência da cultura” que Nietzsche e von Salis percebiam se devia ao “fenômeno da gregriedade”, no qual o grupo – “o rebanho, a massa” – prevaleceria sobre o indivíduo em nome da proteção (estabilidade social e política). Não existindo a individualidade, só restaria a conservação desse modelo social ao qual eram críticos, pautado pela obediência de uma moral que não aprovavam.

Durante os anos de participação mais ativa no movimento das mulheres, entre 1884 e 1894, parecia se identificar com alguns princípios democráticos ou, pelo menos, indicá-los em nome da Associação, pois mencionou que o tratamento recebido por mulheres na prisão e nos interrogatórios não seria “compatível com a humanidade e muito menos com os princípios democráticos”. Também escreveu sobre o tratamento hostil dispensado pela imprensa no caso Farner-Pfrunder-Salis, desde o início lançando suspeitas sobre a personalidade individual das acusadas, inclusive insinuando que não se deveria ter abertura de novas áreas de emprego para o gênero feminino e questionando a capacidade intelectual de von Salis para ser autora das brochuras, provavelmente por ser uma mulher.

O caso Farner-Pfrunder-Salis levou pontos como a união de mulheres, a recorrência desse tipo de ação judiciária e na imprensa contra mulheres na história, a necessidade de defender que as mulheres se valem da reflexão, e não apenas do sentimento, para lutar por algo, a percepção de que para a sociedade “as palavras das mulheres não são tão válidas quanto as dos homens, nem a honra tão importante”, o fato de as autoridades considerarem aceitável insultar as mulheres no judiciário e na imprensa. Todos os aspectos levantados sobre a questão das mulheres por von Salis culminaram na defesa do direito feminino ao voto e à eleição.

A amizade com Friedrich Nietzsche também deve ter contribuído para o enquadramento de memória mais voltado às rupturas, porém, ao analisar seus escritos mais atentamente, percebe-se a defesa de algumas continuidades, que inclusive compõem os aspectos centrais de seu pensamento. Apesar de Nietzsche falar de uma “nova aristocracia” a partir dos dissidentes do que chamou de “modelo de sociedade burguesa”, e de von Salis também diferenciar um tipo anterior de aristocracia, a intelectual suíça tem raízes profundas no sentido antigo da aristocracia, do qual permaneceu vasto patrimônio, não só material, mas moral, nos modos de pensar, de se perceber dentro da hierarquia social e das funções que caberiam aos indivíduos. Portanto, ainda que recusem, há uma continuidade na definição de aristocracia, ainda mais quando se consideram aspectos como o ócio, o comportamento e a

ideia de assumir responsabilidades diante da sociedade. Esses aspectos distanciam as elites do restante da população, fundamentando uma distinção social.

A intelectual suíça propôs uma justificativa legitimadora de poder para seus antepassados, fundamentando-o no “caráter nobre” e na “moral elevada” de sua família, aspectos fortemente relacionados ao nascimento, mas ainda passíveis de desenvolvimento por meio de uma disciplina rígida. A disciplina seria a responsável por conferir autonomia e independência de pensamento e posicionamento social, fator que afastaria a dependência do dinheiro, que se referia aos “parvenus”. A definição, que pode ser considerada uma síntese do pensamento de von Salis, concebeu, a partir do pensamento nietzschiano, que o nobre tem como base as premissas de “bom sangue, rígida disciplina e uma série de superações”. A suposição de aspectos inatos, fisiológicos e atávicos possibilitou que se assumisse um teor racista. O conceito de aristocracia, que se baseia em uma distinção e hierarquização social, também pode ser conceitualizado em termos de “independência” e “dependência”, ou seja, “moral dos senhores” e “dos escravos”. Por isso, a emancipação, ou independência feminina, foi uma pauta central, pois atuava por ser mulher e aristocrata. Meta von Salis ocupava uma posição de independência social e financeira, atuando enquanto intelectual da aristocracia.

Meta von Salis deve ser entendida como uma intelectual distinta dos seus antepassados, pois, enquanto eles estavam relacionados a uma função técnica, no caso o trabalho militar e de funcionalismo público, ela se aproxima mais da noção de intelectual vinculada à atuação pública. A nova noção se estabeleceu no século XIX, com suas diversas transformações, e teve como distinção aos intelectuais tradicionais não se basear mais na eloquência, mas na atuação na vida prática. Já que se entendia como independente, agindo por “valores elevados” e pela “cultura”, Meta manteria seu “caráter nobre”, isto é, ela defendeu a premissa de igualdade entre mulheres e homens em uma “camada superior”. Em seus escritos, sustentou a igualdade da capacidade do *Geist* e do caráter feminino e masculino. A autora não se colocou como inferior aos homens e posicionou-se contra as diversas formas de tutela masculina sobre as mulheres de sua época. Todas as injustiças com o gênero feminino deveriam acabar para o desenvolvimento do que ansiava em sua perspectiva de futuro: uma dita “cultura superior”.

REFERÊNCIAS

FONTES DOCUMENTAIS

● Livros/Brochuras:

SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Der Prozess Farner-Pfrunder**: nach den Akten und nach dem Leben mitgeteilt [O Processo Farner-Pfrunder em Zurique: comunicado de acordo com os arquivos e a vida]. São Galo: Ostschweiz, 1893, 204p.

SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Philosoph und Edelmensch**: Ein Beitrag zur Charakteristik Friedrich Nietzsche's. [Filósofo e nobre: uma contribuição para caracterizar Friedrich Nietzsche]. Leipzig: C. G. Naumann, 1897.

SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Zur Verständigung: ein Versuch**. [Para compreensão: uma tentativa]. Munique: Rischmöller & Mehn, 1894, 27p.

● Artigos em periódicos:

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre simplicidade [Ueber Einfachheit]. **Comunicação da Associação Suíça de Mulheres**: Suplemento mensal grátis "Jornal Suíço da Mulher", n. 7, 8 e 10, Ano II, jan. 1889.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre um problema do nosso tempo [Ueber ein Problem unserer Zeit]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, Ano II, jan. 1891.

SALIS-MARSCHLINS, Meta. Uma perspectiva [ein Ausblick]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 10, ano III, out. 1892, p. 2-3.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Disciplina e independência [Zucht und Unabhängigkeit]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, ano III, out. 1892, p. 2-5.

SALIS-MARSCHLINS, Meta v. Die Moral der Geschichte [A moral da história]. **Festnummer der Philanthropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation im Namen des Schweizer-Frauenverbandes Fraternité** [Edição especial de A filantropa para comemorar a absolvição e reabilitação em nome da Associação Suíça de Mulheres]. 2. ed. Zurique, 1893.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Zum Prozess Farnern-Pfrunder [Para o processo Farner-Pfrunder]. **Die Philanthropin**: Organ des "Schweizer-Frauenverbandes Fraternité", ano IV, n. 7, juli 1893, p. 50-51.

SALIS-MARSCHLINS, Meta. v. Unter neuen Fahnen (1884). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

SALIS-MARSCHLINS, Meta. v. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte,**

Feministische Schriften [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

- **Documentos familiares e pessoais:**

NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe**. Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari. Edited by Paolo D'Iorio. Berlin/New York: De Gruyter, 1967. Disponível em: www.nietzschesource.org/#eKGWB. Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

ÖFFENTLICHE BIBLIOTHEK DER UNIVERSITÄT BASEL. **Findbuch zum Nachlass Meta von Salis-Marschlins** (1855-1929). Signatur NL 61. Basileia, 2008, 116p.

STAATSARCHIV GRAUBÜNDEN. StAGR D VI Ma. Inventar und Register. **Archiv v. Salis-Marschlins**: Dauerdepositum des Familienverbandes der von Salis. StAGR CB II 1360 e 03. Chur, 1990. 114p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991.

ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. **Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX**. 2016, 191p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016.

ALLEN, Ann Taylor; COVA, Anne. Introduction: transnational women's activism. **Women's History Review**, v. 32, n. 2, p. 165-171, 2023.

ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. **Dissertatio**, n. 27-28, p. 33-51, inverno/verão 2008.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARNI, Caroline. Jahrhunderte der Freundschaft - ein Essay. *In*: STIEHLER, Steve (org.). **Zur Zukunft der Freundschaft**: Freundschaft zwischen Idealisierung und Auflösung [Para o futuro da amizade]. Berlin: Frank&Timme, p. 19-32, 2019.

BARROS, Fernando R. de Moraes. A wagneriana. **Cadernos Nietzsche**, v. 38, n. 1, p.26-57, 2017.

BEERLI, André. **Graubünden/ Grischun**. 42 - Reisevorschläge (Unbekannte Schweiz). Vernier: Touring-Club der Schweiz, 1955.

BERGER, Ric. **Bürgen und Schlösser in der Schweiz I**. Neuenburg: Avanti Club, 1961.

BIETENHOLZ, Peter G. Jacob Burckhardt: Swiss historian. **Encyclopedia Britannica**, 4 ago. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Jacob-Burckhardt>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BOLLINGER, Andrea. Frauenwahlrecht und Edelmenschen. Meta von Salis – das Dilemma einer konservativen Feministin. **Neue Zürcher Zeitung**, 26 fev. 2005. Disponível em: <https://www.nzz.ch/articleCME8Q-ld.334101>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BOLLINGER, Andrea. Meta von Salis (Marschlins). **Historische Lexikon der Schweiz** (HLS), 13 mar. 2017.

BOTTOMORE, T. B. **As elites e a sociedade**. Tradução: Otávio Guilherme C. A. Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2013 [versão digital].

BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, Brasília, p. 193-216, jan./jul. 2011.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos**, n. 96, jul. 2013.

BRANDES, Georg. Friedrich Nietzsche: eine Abhandlung über aristokratischen Radicalismus. In: *Idem*. **Menschen und Werke: Essays**. Frankfurt am Main: Literarische Anstalt Rütten & Loening, 1894. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/brandes/menschen/chap005.html>. Acesso em: 4 jul. 2023.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 5, n. 8-9, p. 35-68, 1985.

BRIDEL, Louis. **La femme et le droit**. Paris: F. Pichon, 1884. Disponível em: <https://archive.org/details/lafemmeetledroi00bridgoog/page/n10/mode/1up?view=theater>. Acesso em: 2 out. 2023.

BRITANNICA. Gertrudis Gómez de Avellaneda: cuban spanish playwright. s/d. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gertrudis-Gomez-de-Avellaneda>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BRITANNICA. Herbert Spencer. s/d. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Herbert-Spencer>.

BRITTO, Augusto C.; CORRADI, Analaura. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 32, n. 2, p. 98-129, 2018.

BRODTBECK, Karl Adolf. **Geistesblitze grosser Männer: für freie Denker gesammelt**. C. G. Naumann, 1889. Disponível em: <https://archive.org/details/geistesblitzegro00brod/page/95/mode/2up>.

CAGOL, Franco. Benedetto Giovanelli. **Società di Studi Trentini di Scienze Storiche**, s/d. Disponível em: <https://www.studitrentini.eu/benedetto-giovanelli/>.

CARVALHO, Maria da Penha F. dos S. **O homem é um animal racional. E a mulher?** Reflexões sobre filosofia, gênero e feminismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

CHARLE, Christoph; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

COLBERT, Benjamin. Sarah Austin. **Bristish Travel Writing**, University of Wolverhampton, c. 2023. Disponível em: <https://btw.wlv.ac.uk/authors/1183>. Acesso em: 9 jun. 2023.

CONFEDERAÇÃO SUÍÇA. Eidgenössische Büro für die Gleichstellung von Frau und Mann (EBG). **Marie Goegg-Pouchoulin**. c.2023. Disponível em: <https://www.ebg.admin.ch/ebg/de/home/dokumentation/persoennlichkeiten-aus-der-schweizer-gleichstellungsgeschichte/marie-goegg-pouchoulin--1826-1899-.html>. Acesso em: 9 jun. 2023.

COSTA, Isadora de M. E.; REIS, Laura J. de M. Arquivos de imprensa: possibilidades e desafios para o estudo de jornais da segunda metade do século XIX, seus novos públicos, interesses e a figura da mulher leitora e escritora. **História e Cultura**, v. 11, n.1, p. 247-268, jul. 2022.

DAFLON, Verônica T.; SORJ, Bila. **Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DAUPHIN, Cécile. Mulheres sós. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

DIE BUNDESVERSAMMLUNG. Das Schweizer Parlament. **Doris Stump**: Biografie. c.2023. Disponível em: <https://www.parlament.ch/de/biografie/doris-stump/358>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DIETHE, Carol. **Nietzsche's Women: Beyond the Whip**. Berlin; New York: de Gruyter, 1996.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993.

DUDEN. **Geist, der**. s/d. Disponível em: https://www.duden.de/rechtschreibung/Geist_Verstand.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da riqueza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

E-NEWSPAPER ARCHIVES.CH. Disponível em: <https://www.e-newspaperarchives.ch/?a=d&d=OSZ18760114-01.2.13&srpos=12&e=-----187-de-20--1--img-txIN-Schweizerischen+Dichterhalle-----0----->. Acesso em: 15 jul. 2023.

ERTL, Katharina. **Die Frauenbewegung von 1848 bis 1933**. Eine rechtshistorische Darstellung im Ländervergleich Deutschland, Österreich und Schweiz. 2012, 96p. Diplomarbeit (Magistra der Rechtswissenschaften) – Fakultät der Karl-Franzens-Universität Graz, Graz, 2012.

EUGSTER, David. A longa luta pelo sufrágio feminino. **swissinfo.ch**, 7 fev. 2021. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/por/a-longa-luta-pelo-sufrágio-feminino/46348236>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FEILER, Adilson F. Nietzsche e Brandes: a memória de um radicalismo aristocrático. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, n. 2, p. 13-38, abr./jun. 2022.

FETZ, Reto. Seminare für junge Adelige. **Terra Grischuna**: Natur, Kultur und Freizeit in Graubünden, 05/2013.

FIGES, Orlando. **Os europeus**: o século XIX e o surgimento de uma cultura cosmopolita. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Modernidades. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Gertrudis Gómez de Avellaneda entre Cuba e Espanha relatos de viagem e ambivalências em torno da questão da identidade nacional. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p. 315-333, jul./dez. 2007.

FROMKIN, David. **O último verão europeu**: quem começou a grande guerra em 1914? Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GATTI JUNIOR, Décio; SANTOS, Leonardo Batista dos. Ciência, evolução e educação em Herbert Spencer. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 105, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/198603/183355>.

GOETHE, Johann W. v. **Memórias**: Poesia e verdade. 2. v. Porto Alegre: Globo, 1971.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

HANDLER, Richard. Is “identity” a useful cross-cultural concept? In: GILLIS, John R. (org.). **Commemorations**. The politics of national identity. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

HERVOT, Brigitte M. Georges Gusdorf e a autobiografia. **Lettres Françaises**, p. 95-110. 2013.

HISTORISCHE LEXIKON DER SCHWEIZ (HLS). **Caroline Farner**. 24 mar. 2021. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/009296/2021-03-24/>.

HISTORISCHE LEXIKON DER SCHWEIZ (HLS). **Hedwig Kym**. 12 abr. 2021. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/009511/2021-04-12/>.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**, 1875-1914. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

JABLONKA, Ivan. Quando o historiador é pai e filho. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p.532-552, maio/ago. 2020.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia**, volume II: os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1993.

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL DA UFJF. **Ciclo de Conferências História das Mulheres** - Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos. Youtube, 21 jun. 2023, 1h46. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yp0bS_rBWY4. Acesso em: 21 jun. 2023.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. Vol. I. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LENDORFF, C. F. **Schweizerisches Geschlechterbuch/ Almanach Généalogique Suisse**. Erster Jahrgang. Basileia: Kommissionsverlag von C. F. Lendorff, 1905.

LUDI, Regula. Caroline Farner. **Historisches Lexikon der Schweiz (HLS)**, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/009296/2021-03-24/>. Acesso: 9 jun. 2023.

MAIA, Cláudia. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral** Minas Gerais (1890-1948). Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2011.

MARTON, Scarlett. “Educar os educadores!” Nietzsche e o problema da educação. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 43, n. 3, p. 11-28, set./dez. 2022.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. [introdução de Jacob Gorender]. Tradução Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013.

MATOS, Maria Izilda Santos de; PEREIRA, Bruna S. Beserra. “Prontuários femininos do Sanatório Pinel/SP (1929-1944)”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, e76044, 2022.

MAYER, Arno J. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MEEGEN, Manoella de V. van. **A escrita de si no pacto epistolar**: percurso pelas cartas de Clarice Lispector. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia e Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MEILIER, Brigitta K. **Hochsaison in Sils-Maria**: Meta von Salis und Friedrich Nietzsche. Zur Geschichte ihrer Begegnung. Basileia: Schwabe AG, 2005.

MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. Apresentação. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre política**. Organização, tradução, apresentação e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007.

META von Salis: dunna libra. Produção de RTR Cuntasts. (26’28’’). Suíça, 2013. Disponível em: <https://www.rtr.ch/play/tv/cuntrasts/video/meta-von-salis-freie-frau-die-schweizer?urn=urn:rtr:video:28003780-7ccd-483f-a65f-5ff0f9c4fce7>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Atavismo. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atavismo>.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Pavenu. 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/parvenu/>.

NIETZSCHE, Friedrich. **Menschliches, Allzumenschliches** [Humano, demasiado humano]. Leipzig: Verlag von E. W. Fritsch, 1886. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/VM-343>.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre política**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Escala, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

OLIVEIRA, Jelson R. de. A amizade para Nietzsche: uma arena de mal entendidos. **Philosophos**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 315-342, jul./dez. 2011.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. Pavenu. s/d. Disponível em: <https://www.etymonline.com/pt/word/parvenu>.

PACHECO, Juliana. Onde estão as filósofas na filosofia? In: *Idem* (org.). **Mulher & Filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

PANFILI, Sibilla. Villa Helios, una delle meravigliose residenze dell’isola di Capri. **Isola di Capri**, s/d. Disponível em: <https://isoladicapriportal.com/villa-helios-una-delle-meravigliose-residenze-dellisola-di-capri/>.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. A palavra Übermensch nos escritos de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, n. 23, 2007.

PASOLINI, Pier D. **Die Saekularjahre**: eine historische Vision. München/Leipzig: Georg Müller, 1907. *Idem*. **Ravenna und seine großen Erinnerungen**. Strassburg: Heitz, 1930.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, 1989.

PERROT, Michelle. Sair. *In*: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento/ São Paulo: EBRADIL, 1993.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, n. 4, p. 9-28, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRESENÇA SUÍÇA. **A Suíça em Resumo**. Ministério das Relações Exteriores (EDA), ed. 2010/2011. Disponível em: <https://www.eda.admin.ch/aboutswitzerland/en/home.html>. Acesso em: 7 abr. 2023.

REDOLFI, Silke M. Meta von Salis-Marschlins: erste Ansiedlerin im Urwald. **Schweiz am Sonntag**, n. 235, 30 ago. 2015.

REINHARDT, Volker. **Geschichte der Schweiz**. Munique: C.H. Beck, 2006.

REIS, Dennys; FONSECA, Luciana. Mulheres tradutoras do século XIX no Brasil: do Romance à Narrativa Historiográfica. **Em favor de igualdade racial**, Rio Branco, v. 4, n. 2, p. 176-200, 2021.

REIS, José Carlos. **História da “Consciência Histórica” Ocidental Contemporânea** - Hegel, Nietzsche, Ricoeur. São Paulo: Autêntica, 2013.

RHÄTISCHES BAHN. **Allegra-Triebzüge**. s/d. Disponível em: <https://www.rhb.ch/de/unternehmen/projekte-dossiers/allegra-triebzuege>. Acesso em: 2 abr. 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos Gays**: gênero e sexualidades, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

ROSSATTI, Gabriel Guedes. Da igualdade das inteligências à igualdade humana: a revolução política na revolução científica de Bacon e Descartes. **Argumentos**, Ano 1, n. 2, 2009.

ROTH, Dorothea. “Wer Rasse sagt, sagt Aristokratie”: Meta von Salis und Deutschland, 1900-1923. **Basler Zeitschrift für Geschichte und Altertumskunde**, v. 101, 2001.

RTR. Cuntrasts. **Meta von Salis**: dunna libra. (26’28’’). Svizra Rumantscha – Cuntrasts: Ils Svizzers, 2013. Disponível em: <https://www.rtr.ch/play/tv/cuntrasts/video/meta-von-salis-freie-frau-die-schweizer?urn=urn:rtr:video:28003780-7ccd-483f-a65f-5ff0f9c4fce7>. Acesso em: 10 abr. 2023.

RUBIRA, Luís. A tarefa da transvaloração: esclarecimentos a partir da correspondência de Nietzsche em 1888. **Discurso**, v. 48, n. 2, p. 135-154, 2018.

RÜSEN, Jörn. O que é a cultura histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, E. **Jörn Rüsen**: Contribuições para uma Teoria da Didática da História. Curitiba: W.A. Editores, p. 53-82, 2016.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Gedichte**. Zurique: L. Schmidt, 1881.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Die Zukunft der Frau**. Zurique; Munique: Rischmöller & Meyn, 1886. Disponível em: https://www.e-rara.ch/bau_1/content/titleinfo/11961592. Acesso em: nov. 2022.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Agnes von Poitou**: Kaiserin von Deutschland. Eine historisch-kritisch-psychologische Abhandlung. [Inês da Aquitânia, imperatriz da Alemanha: um tratado histórico-crítico-psicológico]. Zurique, 1887, 91p.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre simplicidade [Ueber Einfachheit]. **Comunicação da Associação Suíça de Mulheres**: Suplemento mensal grátis “Jornal Suíço da Mulher”, n. 7, 8 e 10, Ano II, jan. 1889.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Die Schutzengel**. München: Merhoff, 1889.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Furchtlos und treu**. München: Merhoff, 1891.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. **Präludien und Phantasien**. München: Buchholz & Werner, 1891.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Sobre um problema do nosso tempo [Ueber ein Problem unserer Zeit]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, Ano II, jan. 1891.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Uma perspectiva [ein Ausblick]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 10, ano III, p. 2-3, out. 1892.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Disciplina e independência [Zucht und Unabhängigkeit]. **A filantropa**: órgão da Associação Suíça de Mulheres, n. 1, ano III, p. 2-5, out. 1892.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. Zum Prozess Farnern-Pfrunder [Para o processo Farner-Pfrunder]. **Die Philanthropin**: Organ des “Schweizer-Frauenverbandes Fraternité”, ano IV, n. 7, p. 50-51, juli 1893.

SALIS-MARSCHLINS, Meta v. Die Moral der Geschichte [A moral da história]. **Festnummer der Philanthropin zur Feier der Freisprechung und Rehabilitation im Namen des Schweizer-Frauenverbandes Fraternité** [Edição especial de A filantropa para comemorar a absolvição e reabilitação em nome da Associação Suíça de Mulheres]. 2. ed. Zurique, 12 set 1893.

SALIS-MARSCHLINS, Meta v. **Aristokratika II**. Zurique: Bopp, 1919.

SALIS-MARSCHLINS, Meta von. The Position of Woman in Europe/Switzerland (1887). In: STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit**: Autobiographie, Gedichte,

Feministische Schriften [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

SANTOS, Dulce O. A. Mulheres: o cruzamento de dois imaginários. In: SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). **O Imaginário em debate**: gênero, música, pintura, boêmia. 2ª. ed. São Paulo: Olho d'água, 1998.

SCHELBERT, Leo. Sisters in Battle: Five Portraits. **Swiss American Historical Society Review**, v. 44, n. 2, p. 49-63, 2008.

SCHERER, Adrian. Züricher Post. **Historisches Lexikon der Schweiz (HLS)**, 27 mar. 2014. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/043061/2014-02-27/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SCHLEICHER, Berta. **Meta von Salis-Marschlins**: das Leben einer Kämpferin. Rotapfel, Erlenbach/Leipzig, 1932.

SCHMID, Martin. Marschlins. In: *Idem et al.* **Graubündens Schlösser und Paläste**. 1. Teil. Chur, Suíça: Calven, 1969.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História. **Intelligere**: Revista de História Intelectual, v. 3, n. 2, p. 60-76, out. 2017.

SCHNERB, Robert. **O século XIX**: o apogeu da civilização europeia. Coleção “História Geral das Civilizações”. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958.

SCHNURRENBERGER, Regula. Freundinnen und Gefährtinnen: Annäherungen an das Phänomen >Frauenpaare um 1900<. **Jung Journal**, Heft 48, Forum für Frauen- und Geschlechtergeschichte, p. 50-57, nov. 2005.

SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siècle**: política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCHWARZ, Gisela. Meta von Salis - Streben nach Gerechtigkeit. In: PILZ, Elke (org.). **Bedeutende Frauen des 19. Jahrhunderts**: elf biografische Essays, Würzburg: Königshausen & Neumann, 2010.

SCHWEIZER FRAUEN-ZEITUNG: Blätter für den häuslichen Kreis. Zur Frauen-Frage. São Galo, ano I, n. 1, p. 1, 5 jul. 1879. Disponível em: <https://www.e-periodica.ch/digbib/volumes?UID=sfz-001>. Acesso em: 21 janeiro 2023.

SCHWEIZERISCH EIDGENOSSENSCHAFT. Bundesamt für Statistik. Konsumentenpreise. Neues im Thema. 13 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/preise/landesindex-konsumentenpreise.html>.

SCOTT, Joan; TILLY, Louise A. El trabajo de la mujer y la familia en Europa durante el siglo XIX. In: NASH, Mary (ed.). **Presencia y protagonismo**: aspectos de la historia de la mujer. Ediciones del Serbal: Barcelona, 1984.

SILVA, Vitor Henriques Marques da. **A filiação de Nietzsche ao Iluminismo**: uma revisão do lugar do seu pensamento na historiografia contemporânea. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2020. Disponível em: [https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6402/2/2020 %20-%20Vitor%20Henriques%20Marques%20da%20Silva.pdf](https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/6402/2/2020%20-%20Vitor%20Henriques%20Marques%20da%20Silva.pdf).

SILVA, Wilton C. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. **MÉTIS: história & cultura**, v. 15, n. 30, p. 44-67, 2016.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 231-269, 2003.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=993.

SOUTO, Bárbara F. **Mulheres e imprensa no século XIX**: projetos feministas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.

SPENCER, Herbert. **De la educación intelectual, moral y física**. Madrid, 1884. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sQ9dAAAcAAJ&oi=fnd&pg=PA2&dq=herbert+spencer+e+disciplina&ots=hjRDelKIZY&sig=wflP4_HAIsIEj8yojVXm_acDesY&redir_esc=y#v=onepage&q=herbert%20spencer%20e%20disciplina&f=false.

STADT ZÜRICH. **Zürich wird zur Grossstadt**. s/d. Disponível em: https://www.stadt-zuerich.ch/portal/de/index/portraet_der_stadt_zuerich/digitale-zeitreise/zuerich-wird-zur-grossstadt.html.

STOSS, Carl. **Schweizerischen Strafgesetzbücher zur Vergleichung**. Basel/Genf: Comissionsverlag von H. Georg, 1890.

STUMP, Doris. **Sie töten uns - nicht unsere Ideen**: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, Schweizer Schriftstellerin und Frauenrechtskämpferin. [Eles nos matam - não nossas ideias: Meta von Salis-Marschlins, 1855-1929, escritora e “feminista” suíça]. Thalwil/Zurique: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1986.

STUMP, Doris (org.). **Die unerwünschte Weiblichkeit, Autobiographie, Gedichte, Feministische Schriften** [A feminilidade indesejada: autobiografia, poesia, escritos feministas]. Thalwil/Zürich: Paeda-Media-Genossenschaftsverlag, 1988.

SUIÇA TURISMO. **Fatos Gerais:** População. c2023. Disponível em: <https://www.myswitzerland.com/pt/ planejamento/sobre-a-suica/fatos-gerais/facts-about-switzerland/populacao/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

SVICERO, Thais J. **Construindo um lugar na história:** o arquivo pessoal de João Antônio (1937-1996). 2012, 106p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2012.

SWAIN, Tania Navarro. “Mulheres indômitas e malditas: a loucura da razão”. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **O mesmo e o outro - 50 anos de História da Loucura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SWISTOVAL. The Swiss Historical Monetary Value Converter. Einzelwert. Disponível em: <http://swisstoival.ch/content/einzelwerte.de.html>.

TERRA GRISCHUNA: Natur, Kultur und Freizeit in Graubünden, 05/2013.

THE GOETHE- UND SCHILLER-ARCHIV. The Archive. s/d. Disponível em: <https://www.klassik-stiftung.de/en/goethe-and-schiller-archive/the-archive/>

TRECCANI. Enciclopédia italiana. **Pasolini, Pier Desiderio**. c.2023. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/pier-desiderio-pasolini_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Acesso: 9 jun. 2023.

UNIVERSITÄT BERN. **Geschichte des Frauenstudium**. c2023. Disponível em: https://www.unibe.ch/universitaet/portraet/geschichte/geschichte_des_frauenstudiums/index_ger.html. Acesso em: 15 fev. 2023.

UNIVERSITÄT ZÜRICH. **Historische Vorlesungsverzeichnisse**. c2021. Disponível em: <http://www.histvv.uzh.ch/benutzungshinweise.html>. Acesso em: 20 jan. 2023.

VASCONCELOS, Maria C. C.; FRANCISCO, Ana C. B. L. Aias, governantas e preceptoras: mulheres com a atribuição de educar. **Rev. FAEEBA - Ed. e Comtep.**, v. 30, n. 63, Salvador, p. 239-256, 2021.

VEREIN FEMINISTISCHE WISSENSCHAFT SCHWEIZ (org.). **Ebenso neu als kühn:** 120 Jahre Frauenstudium an d. Univ. Zürich. Zúrique: eFef, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/ebensoneualskuhn0000unse/page/8/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2023.

VOCALKA, Karl. **Geschichte der Neuzeit:** 1500-1918. Viena, Colônia, Weimar: Böhlau Verlag. 2010.

VON MEYSENBUG, Malwida. **Memoiren einer Idealistin**. Erster Band. Berlin/Leipzig: Schuster/Loeffler, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/memoireneineride00meysuoft/page/n285/mode/2up>. Acesso em: 15 jul. 2023.

VON MEYSENBUG, Malwida. **Memoiren einer Idealistin + Der Lebensabend einer Idealistin**. Hofenberg, 2015. *E-book*.

WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, p. 63-79, 1. sem 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIKIPEDIA. The Free Encyclopedia. **Old Swiss Confederacy**. s/d. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Early_modern_Switzerland#/media/File:Old_Confederacy_18th_centur.png

WIRZ, Claudia. Elise Honegger (1839 - 1912): eine republikanische Verlegerin. *In*: EPP, Verena Parzer; WIRZ, Claudia (orgs.). **Wegbereiterinnen der modernen Schweiz**. Frauen, die die Freiheit lebten. Zürich: Verlag Neue Zürcher Zeitung, 2014.

WÖRTERBUCH. Grammatisch-Kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart (Ausgabe letzter Hand, Leipzig 1793–1801), digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities. Geist. Version 01/23. Disponível em: <https://www.woerterbuchnetz.de/Adelung?lemid=G00948>.

YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

ZEITGESCHICHTE AARGAU. **Doris Stump, Verlegerin und Politikerin**. s/d. Disponível em: <https://www.zeitgeschichte-aargau.ch/zeitzeugen-3/doris-stump/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

ZIEGLER, Jean. **A Suíça acima de qualquer suspeita**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.